

GLADYS LLAJARUNA HUAYHUA

**PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO DE JOVENS
IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E
PERUANOS EM SÃO PAULO: UM ESTUDO
PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE E ACULTURAÇÃO**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO

2007

GLADYS LLAJARUNA HUAYHUA

**PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO DE JOVENS
IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E
PERUANOS EM SÃO PAULO: UM ESTUDO
PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE E ACULTURAÇÃO**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO

2007

BANCA EXAMINADORA

AOS MEUS AMORES:

MANUEL E LUIS

AGRADECIMENTO

Ao auxílio de bolsa CNPq, sem esta ajuda teria sido impossível ter realizado esta tese.

Ao meu orientador, Salvador Sandoval, por ter me ajudado no desenvolvimento da pesquisa, por nossas discussões e reflexões como imigrantes que somos neste país o Brasil.

A Sylvia DeBiaggi, pelo tanto que me ajudou para apropriar a escala de aculturação.

A meu amigo Dreyf, pelo apoio de elaboração de gráficos e tabelas, assim como pela ajuda de reflexão de metodologia quantitativa.

A meu filho motivador desta pesquisa e ao Luis, meu marido, pela ajuda de nossas reflexões como imigrantes que somos neste país.

A minha amiga Bruna, pela revisão da redação da tese em português.

A todos os jovens imigrantes que colaboraram para esta pesquisa, aos pais dos jovens, da mesma forma às organizações e consulados boliviano e peruano que ajudaram em dar informações. Da mesma maneira à igreja de Imigrantes “Nossa senhora da Paz”.

RESUMO

Esta pesquisa analisou o estudo psicossocial da identidade e o processo de aculturação dos jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e segunda geração que moram em São Paulo. Foram considerados os jovens que tinham entre 17 a 30 anos de idade, e que morem neste país há pelo menos dois anos.

O estudo baseou-se na teoria de estratégias de aculturação e a psicologia intercultural de Berry, da mesma forma à teoria de grupo e o preconceito de Tajfel, reflexões de Martin-Baró, e o desenvolvimento da identidade segundo Antonio Ciampa, assim como de outros autores.

Utilizou-se a metodologia quantitativa descritiva da escala de aculturação e o questionário de informação geral. Para a coleta de dados nos baseamos nestes dois instrumentos, a escala de aculturação do modelo de Berry e o questionário de informações gerais de imigrantes no Brasil, de Tito Valencia que foram apropriados pela pesquisadora para a população de jovens de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos que morem no Brasil.

Este estudo nos permitiu conhecer como se mobilizam estes imigrantes na sociedade brasileira, assim como as estratégias que usam para se inserir a este país da mesma forma a adaptação. Os sessenta jovens estão integrados à sociedade brasileira, porém apresentam diferenças nos usos das estratégias nas atividades diárias do seu cotidiano no Brasil. Estas estratégias vão depender dos fatores prévios e durante o processo de aculturação à sociedade brasileira, de igual maneira de como os brasileiros recebem aos imigrantes latino-americanos. Este processo mostrou o movimento que todo imigrante passa de desconstrução e reconstrução da identidade cultural.

ABSTRACT

The purpose of this study analyzed the Social Psychology study of the identity and the process of acculturation of the young Argentine, Bolivian and Peruvian immigrants of first and second generation that lives in São Paulo. The young had been considered that had between 17 the 30 years of age, and that they live in this country it has at least two years.

The study it was based on the theory of acculturation strategies and the intercultural psychology of Berry, in the same way to the theory of group and the preconception of Tajfel, reflections of Martin-Baró, and the development of the identity according to Antonio Ciampa, as well as of other authors.

It was used descriptive quantitative methodology of the scale of acculturation and the questionnaire of general information. For the collection of data in them we base on these two instruments, the scale of acculturation of the model of Berry and the questionnaire of general information of immigrants in Brazil, of Bolivian and Peruvian Tito Valencia who had been appropriate for the researcher for the population of young of Argentine immigrant, that lives in Brazil.

This study in it allowed them to know as if they mobilize these immigrants in the Brazilian society, as well as the strategies that use to insert to this country in the same way the adaptation. The sixty young is integrated to the Brazilian society, however they present you differentiate in the uses of the strategies in the daily activities of its routine in Brazil. These strategies go to depend on the previous factors and during the process of acculturation to the Brazilian society, in equal way of as the Brazilians receive to the Latin American immigrants. This process showed the movement that all immigrant passes of desconstrução and reconstruction of the cultural identity.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
PRIMEIRO CAPÍTULO	
A Imigração, as estratégias de aculturação e o preconceito	
Os movimentos Sociais e a Migração	8
A Psicologia e o Processo de Imigração	8
A Psicologia e o Processo de Aculturação	14
A Psicologia e as Relações Interculturais	25
O preconceito	30
SEGUNDO CAPÍTULO	
Adolescência e Juventude	
O que dizem os teóricos sobre Adolescência ou Juventude.....	37
Como é vista a Adolescência na Psicologia	37
Como é vista a Juventude na Sociologia	41
TERCEIRO CAPÍTULO	
Aspectos Psicossociais da Juventude	
A inter-relação do Indivíduo com a Sociedade.....	48
O indivíduo Constrói sua Realidade Social	51
Socialização Primária e Secundária	53
Identidade Social	56
Identidade Cultural	57
Identidade Nacional	58
Cultura Global & Cultura Local	60
Identidade étnica	63
Identidade Grupal	65
Identidade Pessoal	67
Identidade do Jovem	73

Considerações sobre o ser argentino	75
A juventude argentina	83
Jovens imigrantes argentinos de primeira e segunda geração em São Paulo.....	86
Considerações sobre o ser boliviano	87
A juventude boliviana.....	90
Jovens imigrantes bolivianos de primeira e segunda geração em São Paulo	93
Considerações sobre o ser peruano	95
A juventude peruana	104
Jovens imigrantes peruanos de primeira e segunda geração em São Paulo	108

QUARTO CAPÍTULO

Metodologia de Pesquisa

Procedimentos	110
Instrumentos	116
Pesquisa de Campo	116
Participantes	119
Procedimento para codificação da escala de aculturação e análise	122
Procedimento para codificação do questionário de informação geral	123
Procedimento de Análise	148

QUINTO CAPÍTULO

Semelhanças e diferenças na inserção dos jovens imigrantes de primeira e segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos à sociedade brasileira	151
Fatores prévios da imigração	154
Costumes e comidas	161
Linguagem	167
Amizade, viagens e lazer	173
Namoro e casamento	176
Como caracterizam o Brasil	179
Como caracterizam o país de origem	184
Vantagens e desvantagens da imigração	185

Conclusão	186
Processo de aculturação, identidade cultural e adaptação à sociedade brasileira	191

SEXTO CAPÍTULO

Semelhanças e diferenças entre os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos da segunda geração	198
Fatores prévios da imigração	199
Costumes e comidas	203
Linguagem	209
Amizade, viagens e lazer	215
Namoro e casamento	218
Como caracterizam o Brasil	220
Como caracterizam o país de origem	223
Vantagens e desvantagens da imigração.....	226
Conclusão	229
Aculturação, identidade cultural e adaptação à sociedade brasileira	238

SÉTIMO CAPÍTULO

Semelhanças e diferenças entre os imigrantes de primeira e segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos	240
Fatores prévios de imigração	241
Linguagem	243
Costumes e comida	247
Amizade, viagens e lazer	254
Namoro e casamento	256
Como caracterizam o Brasil	257
Como caracterizam o país de origem	259
Vantagens e desvantagens da imigração	261
Conclusão	264
Considerações finais	271

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	290

Anexos

Escala de aculturação e questionário	298
Escala de acultuación e questionário.....	307
Codificação da escala aculturação.....	317
Escala de aculturação de Berry	320
Quadros de dados do questionário	322

INTRODUÇÃO

O meu interesse em estudar a problemática da imigração começa desde o momento que eu sai do Peru e me tornei também numa imigrante, uma pessoa fora de seu país de origem, quando fui convidada pelo professor Sergio Ozella para cursar mestrado no programa de Psicologia Social desta digníssima instituição Universidade Pontifícia Católica de São Paulo. Em outras oportunidades eu já tinha saído de meu país para fazer turismo, mas desde o momento que cheguei ao Brasil, sabia que não era turismo, era para ficar uns anos. A nossa esperança como imigrante é que vamos voltar a nosso país, só viemos a estudar, e logo voltaríamos, essa esperança fazia com que continuemos à nossa luta de adaptação e de inserção nesta nova sociedade.

A primeira impressão que tivemos ao chegar ao Brasil é que era grande, bonita, verde, os brasileiros muito carinhosos, alegres, não tem como um imigrante não gostar dos brasileiros, porém no dia a dia vamos sentindo certas rejeições dos brasileiros por ser imigrante latino-americana e sobretudo por ter característica indígena.

Como imigrante peruana eu também estava passando por uma série de adaptações e acomodações a esta nova cultura que, no começo, nos parecia difícil. Começamos a nos perguntar o que teria acontecido com as crianças que vieram para o Brasil já falando espanhol, ao encontrarem aqui outra língua, outros costumes, outra cultura, estando elas agora na fase da adolescência, nos colocamos como problema de pesquisa. Como essas crianças se identificam culturalmente?

Isto nos levou a elaborar um projeto de imigração no mestrado, cujo tema ainda nos era totalmente desconhecido, mas que buscamos explicitá-lo com as disciplinas do programa de Psicologia Social. A idéia ia amadurecendo no transcorrer do desenvolvimento das disciplinas, ao fim decidimos trabalhar com adolescentes peruanos que chegaram no Brasil com a família, mais ou menos aos oito anos de idade, tendo cursado pelos menos os primeiros anos de primário no Peru, e que hoje se encontrassem na fase da adolescência.

Fizemos uma pesquisa de método qualitativa com seis adolescentes, cujo instrumento foi relato de vida, gravamos três entrevistas com cada adolescente, mais ou menos de três a seis horas e o transcrevemos e o analisamos, isto nos levou mais ou menos quatro a cinco meses. E como nos queríamos estudar a inserção à sociedade brasileira destes adolescentes, no percurso de nossa análise conhecemos à pesquisadora Sylvia Dantas DeBiaggi que tinha trabalhado aculturação com imigrantes brasileiros em Boston, nos sugeriu a teoria de Berry que infelizmente no momento de análise da dissertação não tínhamos mais tempo de estudá-lo, e o deixamos para o doutorado.

Quando estávamos preparando o projeto de doutorado para a seleção na PUC/SP, o Instituto de Psicologia da USP realizou um simpósio organizado pela doutora Sylvia DeBiaggi “Psicologia, E/Imigração e Cultura” onde convidou ao professor Berry e a doutora Phinney, ocasião em que nos proporcionaram uma escala de aculturação baseado no modelo de Berry. Na qual consideravam as categorias de linguagem, tradições culturais, amizade, atividades sociais, namoro, casamento e grupo musical.

Porém esta escala não tinha medidas de pontuação o que dificultou nosso andamento do projeto, pelo que decidimos continuar, apropriando-a com a experiência do mestrado, e acrescentando alguns itens a mais. Como os adolescentes peruanos nos manifestaram que sofreram discriminação dos brasileiros, e esta rejeição ocasionou problemas de identidade a um adolescente, optamos por estudar se há ou não preconceito aos imigrantes de características indígenas como os peruanos e bolivianos e para contrastar optamos pegar o grupo dos jovens argentinos, cujos traços raciais são brancos. Aproveitando que naquela época este país Argentina estava passando por uma crise

econômica e os argentinos migravam para outros países como o Brasil. E muitos dos peruanos e bolivianos que moravam na Argentina tiveram que sair por esta crise, e vieram para o Brasil. E outros peruanos e bolivianos migravam direto para o Brasil, não iam mais para Argentina, esta situação fez com que aumentasse a migração destes três países para o Brasil, nos anos que desenvolvemos a pesquisa.

As perguntas que nos colocamos no projeto de doutorado foram as seguintes: Como os jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos se inserem na sociedade brasileira?. Como desconstruem e reconstruem sua identidade cultural em outro país?. Existe preconceito no Brasil a imigrantes latino-americanos?

Logo quando o professor Salvador Sandoval nos aceita orientar o projeto de doutorado nos sugere o questionário de informação geral de imigrantes para a sociedade brasileira que construiu o orientando dele, o chileno Tito Arturo Valencia Monárdez (dissertação de mestrado em Psicologia Social sob orientação dele). Então decidimos utilizar a escala de aculturação baseada no modelo de Berry e o questionário de informações gerais para imigrantes latino-americanos em Brasil.

A nossa proposta era trabalhar com uma população que possa representar a população de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos que morem em São Paulo, uns 30 jovens de cada grupo de primeira e segunda geração dos três países latino-americanos, somando um total de 240.

Primeiro passo foi apropriar a escala de aculturação e o questionário de imigração de informações gerais para os jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos que moram em São Paulo, procuramos estes imigrantes para testar a escala que tínhamos apropriado para esta pesquisa. Porém foi aí que começou o problema da pesquisa, o grupo dos peruanos rejeitavam ser entrevistados, o grupo dos argentinos mais ainda, quem se mostravam mais colaboradores era o grupo dos bolivianos (apresenta uma população maior que dos outros dois países de nossa pesquisa).

Por esse motivo decidimos escolher os sujeitos que tínhamos a disposição para testar os dois instrumentos que já tínhamos feito as modificações, eram três filhos de bolivianos e três jovens imigrantes peruanos, cujo método de amostragem usado foi de bola de neve. Optamos por não testá-los com os imigrantes argentinos porque não gostavam colaborar com a pesquisa, e é um grupo muito reservado, não gostam de ser incomodados, os poucos que tínhamos entrado em contato os deixamos para a pesquisa. O nosso número da amostragem mudou de 240 para 60, porque os jovens imigrantes tanto da primeira quanto da segunda geração, mormente estudam e trabalham e final de semana namoram, não tem tempo para cooperar com a pesquisa, tornou-se uma pesquisa muito difícil de atingir nossa proposta de projeto de doutorado.

O nosso objetivo geral da pesquisa ficou:

- Como se inserem os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos na sociedade brasileira.

Os objetivos específicos da pesquisa foram:

- Quais são as semelhanças e diferenças dos jovens imigrantes da primeira geração de argentinos, bolivianos e peruanos para se inserir à sociedade brasileira.
- Quais são as semelhanças e diferenças dos jovens imigrantes da segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos para se inserir à sociedade brasileira.
- Existem semelhanças e diferenças de inserção à sociedade brasileira dos imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de primeira geração com os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de segunda geração.
- Como se agrupam os argentinos, bolivianos e peruanos na cidade de São Paulo.
- Que estratégias de aculturação usam para se inserir à sociedade brasileira os argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e segunda geração.
- Que tipo de adaptação apresentam os argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e segunda geração.
- Como se identificam culturalmente os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e segunda geração.

- Que fatores influem para determinar a estratégia de aculturação dos jovens imigrantes pesquisados.

Os tópicos que consideramos para análise foram as seguintes:

- Quais são os fatores prévios da imigração
- Costumes e comidas
- Linguagem
- Amizade, viagens e lazer
- Namoro e casamento
- Como caracterizam o Brasil
- Como caracterizam o país de origem
- Vantagens e desvantagens da imigração

Para nossa reflexão, fundamentamo-nos nas teorias de processo de aculturação de Berry, teorias de grupo de Tajfel e também as reflexões de Martín-Baró, as referências teóricas de socialização de Berger & Luckmann e a teoria de processo de identidade de Antônio da Costa Ciampa.

Com essa preocupação, procuramos dez jovens imigrantes de nacionalidade argentina, dez jovens bolivianos e dez jovens peruanos de primeira geração que estejam há mais ou menos dois anos morando no Brasil, e que tenham entre 17 anos de idade a 30 anos (consideramos esta idade tardia de juventude pela dificuldade de encontrar jovens que queiram colaborar com a pesquisa). E dez jovens imigrantes argentinos, dez bolivianos e dez peruanos de segunda geração, que nasceram no Brasil, e que tenham entre 17 e 30 anos de idade, totalizando 60 jovens entre mulheres e homens.

Para nos organizar com os dados da escala de aculturação e o questionário de informações usamos o método quantitativo descritivo. Não conseguimos validar a escala de aculturação de Berry para o Brasil porque não usamos a amostragem de probabilidades, já que esta população de jovens não gostam colaborar, e estas comunidades de imigrantes não

tem organizações estáveis em São Paulo onde possamos encontrá-los, eles se encontram dispersos e não querem ser identificados.

Os dois instrumentos foram usados para organização dos dados para poder analisá-los, além do mais o processo de aculturação é um processo muito complexo de ser analisado e compreendido. Os jovens imigrantes pesquisados argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e segunda geração estão todos integrados à sociedade brasileira, apresentando o desenvolvimento de uma identidade bi-cultural. Apesar de estarem integrados estes imigrantes à sociedade brasileira, apresentam diferenças na utilização de estratégias nas atividades rotineiras para se inserir no novo país.

Uns dos fatores que influencia para o desenvolvimento da inserção é o estereótipo negativo que os brasileiros tem dos peruanos e bolivianos, estes imigrantes não são bem recepcionados pelos brasileiros, a diferença dos argentinos, que são bem recebidos. A recepção dos brasileiros aos imigrantes e a falta de organizações culturais dos países pesquisados são os fatores principais para o desenvolvimento de certas estratégias de aculturação nas atividades diárias do cotidiano nesta sociedade. O que não conseguimos analisar foi o processo de aculturação individualmente, no qual nos levaria a saber o porque? Das mudanças de estratégias que usam os imigrantes de uma atividade diária a outra.

Não obstante, apesar que a escala não pode ser adaptada para todos os imigrantes latino-americanos que moram no Brasil, nos ajuda a levantar as questões e os sujeitos que deveriam ser entrevistados e analisados através de uma pesquisa qualitativa, para observar como desenvolve este processo de inserção à sociedade brasileira, processo de aculturação e a identidade cultural. Seria importante conhecer o porque da utilização de certas estratégias por parte do imigrante, fica como sugestão para outras pesquisas.

Esta tese ficou dividida em sete capítulos:

No primeiro, A imigração, as estratégias de aculturação e o preconceito.

No segundo, Adolescência e Juventude

Num terceiro, Aspectos psicossociais de juventude, dentro desse capítulo desenvolvemos a identidade social, cultural, nacional, de grupo, étnica, pessoal, jovem, considerações de ser argentino, boliviano e peruano, e os jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e segunda geração em São Paulo.

Num quarto, Metodologia de pesquisa.

No quinto, Semelhanças e diferenças na inserção dos jovens imigrantes da primeira e segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos.

No sexto, semelhanças e diferenças entre os imigrantes da primeira e segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos.

No sétimo, semelhanças e diferenças entre os imigrantes de primeira geração e os imigrantes de segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos. Finalmente apresentaremos nossas considerações finais.

PRIMEIRO CAPÍTULO

A IMIGRAÇÃO, AS ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO E O PRECONCEITO

Os Movimentos Sociais e a Migração

A migração, como fenômeno essencialmente social, é derivada dos problemas político-econômicos de cada país, causados pelas mudanças econômicas mundiais, que ocasionaram a mundialização dos mercados de produção. Em decorrência desse quadro econômico, intensificou-se a busca de força de trabalho barata em todos os cantos do mundo, o que promoveu o aumento das migrações em todas as direções, afetando algumas regiões; nesse caso, nos referimos à América Latina.

Até meados do século XX, o Brasil caracterizou-se por receber um grande contingente de imigrantes de diversas nacionalidades, sendo eles preponderantemente europeus e asiáticos. Ainda que a chegada de imigrantes de diversas partes do mundo propiciasse uma multiplicidade de identidades, havia na elite brasileira a tentativa de impor a eles e à população em geral a idéia de uma identidade brasileira na qual as diferenças étnicas não estavam presentes. Tal tentativa não se efetivou, visto que, como aponta Lesser (2001), os imigrantes e seus descendentes

(...) desenvolveram maneiras sofisticadas e bem-sucedidas de tornarem-se brasileiros, alterando a idéia de nação, tal como proposta pelos que ocupavam posições de domínio. A tese de que as concepções de identidade nacional da elite foram formuladas com base na eliminação das distinções étnicas deve, portanto, ser modificada, de modo a incluir os desafios progressivamente incorporados nos conceitos de brasilidade (Lesser, 2001:20).

Importa lembrar que o ciclo imigratório para o Brasil cresceu consideravelmente ainda no século XIX. Após a abolição da escravidão, decretada em 13 de maio de 1888, o país encontrou na imigração a resposta para suas necessidades de mão-de-obra. Assim, muitos italianos, alemães, árabes e japoneses desembarcaram no país a fim de trabalhar, entre outros lugares, nas lavouras de café paulistas. Contudo, os novos habitantes do Brasil não se submeteram pacificamente aos desejos das oligarquias para as quais trabalhavam.

Desde a criação do Mercado Comum dos Países do Cone Sul – MERCOSUL –, o Brasil tem se integrado cada vez mais com os países que dele fazem parte, a saber, Argentina, Uruguai e Paraguai como membros efetivos ao lado do Brasil, Chile e Bolívia como potenciais candidatos. Vale salientar que o Mercosul beneficiou não apenas países limítrofes como Bolívia e Chile, que hoje são candidatos a ingressar neste mercado, mas também outros países como o Peru.

Por outro lado, o Mercosul também fez com que o número de imigrações para o Brasil, advindas da Bolívia, Chile e Peru, crescesse. Os imigrantes têm chegado em grande quantidade a São Paulo. Entretanto, os contingentes de imigrantes oriundos da América Latina se inserem no mercado de trabalho brasileiro através de atividades periféricas, não regulamentadas pela legislação trabalhista (Brito, 1995). Em outras palavras, eles normalmente permanecem no país de forma clandestina e, para sobreviver, acabam, muitas vezes, prisioneiros das máfias coreanas, as quais, por sua vez, também constituem importante grupo de imigrantes. Eles trabalham nas indústrias de confecção, totalmente controladas pelos coreanos, e não têm proteção da legislação trabalhista brasileira, já que estão ilegais no país.

Portanto, tendo em vista as considerações anteriores, observa-se um aumento do fluxo migratório dos países sul-americanos, o que podemos constatar com base nos dados não oficiais obtidos dos consulados boliviano, argentino e peruano em São Paulo. Segundo esses dados, vivem em São Paulo 51.985 bolivianos, 14.000 argentinos e 19.000 peruanos.

Devemos ressaltar que esta movimentação envolve problemas culturais, religiosos, lingüísticos e raciais, além de problemas sociais, econômicos e políticos. A reação do país receptor, ao receber os imigrantes, pode ser de preconceito, xenofobia, etnocentrismo, racismo, fundamentalismo, etc.

Segundo Mármora (1995), devido ao desenvolvimento da tecnologia, as empresas de produção utilizam mais maquinarias eletrônicas e precisam de pouca mão-de-obra qualificada e, por isso, estão dispensando a mão-de-obra braçal. Este problema ocasionou altas taxas de desemprego entre os nativos dos países que são alvo de migração. Tanto pela falta de estabilidade de emprego quanto pela própria sobrevivência, os nativos do país receptor discriminam os imigrantes, como o caso do Brasil, pois sentem que eles chegam para tirar-lhes os poucos empregos existentes.

Consequentemente, o imigrante é visto como uma pessoa que ameaça o emprego dos nativos, utiliza ilegalmente os serviços de saúde e educação, pode estar envolvido em focos de delinquência ou, às vezes, aparece como agressor cultural diante da sociedade receptora. Não obstante, há políticos que aproveitam esta situação para aumentar os votos eleitorais, como acontece nos Estados Unidos.

Outro motivo do aumento da migração na América do Sul nas últimas décadas, segundo aponta Nuñez (2005), foi que Brasil, Argentina, Chile e Uruguai possuem desenvolvimento industrial e urbano expressivo e espaço territorial amplo com pouca população. No Paraguai e na Bolívia, a situação é distinta; ambos os países têm maior crescimento da população e, além disso, possuem uma economia muito precária e empobrecida.

O maior pólo de atração de migrações limítrofes dos países do Cone Sul era a Argentina com salários muito altos. Em outras épocas, esse país foi atrativo para migrações limítrofes. Na metade da década de 70, a Argentina ofereceu aos migrantes as maiores oportunidades de trabalho e os melhores salários do que aqueles que recebiam nos seus países de origem. Por essa razão, quase metade dos imigrantes da América latina vivia em

Buenos Aires. O segundo pólo de atração era o Paraguai, para onde se dirigiu um grande fluxo de brasileiros. (Llajaruna, 2001).

Por outro lado, o Brasil também começou a ser o foco de migrações limítrofes na década de 70. As políticas de estímulo ao desenvolvimento científico e tecnológico tiveram como consequência a imigração latino-americana para o Brasil (Sales, 1999). Aproveitando os conflitos militares latino-americanos, os Estados Unidos voltam a intervir na América do Sul, pressionando o Brasil a liderar o combate às ações revolucionárias. Bonassi (1999) esclarece:

Os conflitivos e dramáticos anos da década de 70 assistem à instalação, em diversos países, de regimes ditatoriais, altamente repressivos: Bolívia (1972), Uruguai e Chile (1973), enquanto o Brasil já estava sob ditadura militar desde 1964 bem como o Paraguai, desde 1954. Cabe lembrar o papel dirigente das Forças Armadas brasileiras na coordenação de ações repressivas no Cone Sul, sendo que os Estados Unidos, no fim dos anos 60, lançaram sobre o país a responsabilidade da luta contra-revolucionária na região, permitindo-lhe em troca tornar-se pólo a partir do qual o imperialismo organizava seu plano de integração econômica e de exploração do continente (Freire-Ceda;/Cedetim, 1978:11, citado por Bonassi, p. 23).

Com estes movimentos fronteiriços, muitos dos países sul-americanos perderam os melhores elementos profissionais e técnicos, ocasionando a redução do desenvolvimento nos países afetados.

Nessa época, os movimentos fronteiriços entre os países da América do Sul apresentam os maiores níveis de emigração como, por exemplo, da Colômbia em direção à Venezuela e do Uruguai em direção à Argentina. O Paraguai apresenta em sua história as mais altas taxas de emigração da América do Sul, dirigida quase exclusivamente para a Argentina (Pellegrino, 1995).

A década de 80 no Brasil foi chamada de década perdida. Foi uma época de recessão econômica, inflação, ajustes econômicos e financeiros mal-sucedidos, que deram origem a uma crise econômica de profunda dimensão social. As taxas de desemprego atingiram aproximadamente de 15 a 20 % da população, ocasionando a mobilidade espacial dos brasileiros para países mais desenvolvidos, como Estados Unidos, Portugal e Japão (Brito, 1995).

O Brasil é um país sul-americano que apresenta espaço trabalhista para os imigrantes, assim temos que o fluxo de migrantes bolivianos vêm para o Brasil para trabalhar na área da costura. Já que o Brasil, tem como característica o consumo de roupas pelo que desenvolveu a indústria têxtil, e precisa de mão-de-obra de costureiros, e os bolivianos o preenchem. Apesar de que estes imigrantes ocupam um espaço secundário do mercado de trabalho, cujas atividades laborais não são regulamentadas pela legislação trabalhista. Podemos dar o exemplo dos bolivianos que trabalham em confecções cujos chefes são coreanos até mesmo os próprios bolivianos. Trabalham sem a proteção da legislação trabalhista, por causa de sua situação de ilegalidade no Brasil, tornando-se vantajosos aos seus empregadores (Llajaruna, 2001). A Bolívia apresenta sérios problemas econômicos e por conseguinte de emprego, os jovens não tem trabalho, e para poder sobreviver tem que sair ao país mais perto em busca de subsistência, que seu país não oferece.

Os imigrantes argentinos que entrevistamos vieram ao Brasil a partir da crise econômica de 2001, este país apresentava problemas de desemprego e estabilidade social e econômica. Estes jovens imigrantes trabalhavam como garçons ou como barman, nos próprios restaurantes argentinos chamados de “Parrilladas argentinas”. Nestes restaurantes apresentam dança ou tocam música de “tangos” que são apreciados pelos brasileiros. E outro grupo de jovens trabalhavam dando aulas de espanhol, já que a partir da formação do bloco econômico do Mercosul, o Brasil era o único país sul-americano que se encontrava afastado economicamente dos outros países irmãos por causa da língua, e se viram obrigados a aprender o espanhol, cujo espaço de emprego foi ocupado pelos argentinos, peruanos e bolivianos.

O incentivo da educação por parte das instituições como a Cnpq, Capes ou Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa em Educação de São Paulo), motivou a vinda dos peruanos para o Brasil, por questões de estudos de graduação e pós-graduação. Como o governo peruano não tem recursos econômicos para incentivar à educação, e ao mesmo tempo, a falta de emprego os pais também não possuem recursos para educar os filhos, pelo que o jovem encontra-se desamparado e não tem outra opção que sair para adquirir conhecimentos acadêmicos fora do país, mesmo refazer sua vida em outro lugar, em outro país.

Atualmente, as migrações fronteiriças com a Argentina, a Bolívia e o Peru persistem devido à falta de demanda de seus respectivos mercados de trabalhos, como tínhamos comentado lá acima. O Brasil, neste ano, estabeleceu um acordo de relações com a Bolívia, através do qual concedeu anistia a todos os bolivianos ilegais que se encontravam no país. A Argentina e o Uruguai também fizeram um acordo de anistia com o Brasil, atualmente, para regularizar a permanência dos argentinos e uruguaios em território brasileiro.

A Psicologia e o Processo de Imigração

Berry (2001) sustenta que a psicologia estuda o processo de imigração através de dois enfoques: por um lado, o *processo da aculturação* e, por outro lado, as *relações intergrupais*. A antropologia foi a primeira disciplina a estudar a aculturação, conceito que atualmente é central para a psicologia intercultural. Da mesma forma, a sociologia procura compreender as relações intergrupais, que hoje em dia constituem o principal objeto de estudo da psicologia social.

Estes dois domínios referem-se aos imigrantes e à sociedade receptora, como à conservação das características do grupo de origem e ao contato entre os grupos. Ao mesmo tempo, ambos os domínios contribuem para descobertas importantes em relação à

política de gestão das relações dos grupos nas sociedades culturalmente plurais, como é o caso do Brasil. Começaremos apresentando os fatores que influenciam o processo de aculturação para logo em seguida discutir a questão das relações intergrupais de contato intercultural.

A Psicologia e o Processo de Aculturação

O estudo de imigrantes e imigração teve origem em diversas áreas como a antropologia, demografia, economia, etc., enquanto que a psicologia não o considerava como foco de estudo. No Brasil, devido à chegada de grande fluxo de imigrantes europeus, asiáticos e orientais durante as primeiras décadas do século XX, foram temas de estudos aculturação e assimilação como processo de imigração, por parte da antropologia, sociologia, história, etc.

O termo de aculturação semanticamente foi cunhado pelos antropólogos, Redfield, Linton e Herskovits citado por Cuche (1999), como *“conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos culturais iniciais de um ou dos dois grupos.”* (p. 115). E o termo assimilação foi considerada como a última fase da aculturação, aclarando que não sempre é alcançada pelo imigrante. Para o etnólogo Cuche, assimilação é o desaparecimento total da cultura de origem de um grupo ou de um indivíduo e a interiorização total da cultura da sociedade anfitriã.

Por outro lado temos o estudo do antropólogo William, (1976), no qual aponta que a assimilação é um processo subjetivo de ajustamento de personalidade e expectativas socioculturais de comportamento, no qual o imigrante assume valores da nova sociedade onde está se localizando.

Durante o processo de assimilação o imigrante passa por uma desorganização pessoal cuja duração e intensidade variam em função de vários fatores. Uns deles é quando os valores culturais da sociedade anfitriã e da de origem são totalmente diferentes, o

imigrante entra numa série de conflito tanto mais intensos quanto maiores forem as divergências culturais envolvidas. O imigrante adquire os valores da nova sociedade gradualmente, porque não pode perde-los de um momento para outro, o que levaria a desintegração da personalidade do indivíduo.

Por outro lado, se o imigrante encontrasse isolado na nova sociedade terá que assumir as novas atitudes de valores, por questão de sobrevivência. Porque o novo sistema da sociedade anfitriã controlará aos recém chegados, e como o imigrante está a salvo das sanções da comunidade originária, reduzirá o conflito de lealdade a ela, e poderá assumir os valores da nova sociedade. Da mesma forma, a incorporação dos novos valores não são simultâneos senão em séries, pelo que o imigrante age com os valores antigos e os valores novos. A adoção de novos valores escapam à previsão e à vontade do imigrante.

Portanto assimilação no Brasil é sinônimo de caldeamento, e ao mesmo tempo de nacionalidade brasileira, conhecida como abasileiramento que foi imposta como campanha entre 1937-1945, para homogeneizar a nação brasileira e evitar quistos raciais e étnicos nas comunidades estrangeiras como alemães e japoneses. Todos os estrangeiros eram obrigados a se alfabetizar em português, sem importar sua língua nativa.

Neste trabalho estudaremos o processo de aculturação dentro da psicologia intercultural, cuja disciplina foi desenvolvida a partir das décadas dos 60s e 70s, no qual se comparava os estudos americanos com os estudos brasileiros, nisseis, japoneses, porém esta área de estudo foi abandonado pelos acadêmicos Ressurgindo na década dos 80s, pela emigração brasileira fora do país, no qual volta a ser importante tema de pesquisa para os estudiosos da psicologia, segundo DeBiaggi (2003).

De tal forma que, antes de discorrer sobre o processo de aculturação, consideramos importante explorar o conceito de cultura. Esta noção aparece com o desenvolvimento do ser humano, que lhe permitiu se adaptar ao meio ambiente e transformá-la, como também o relacionamento entre os homens através dos valores, desta maneira se conseguiu organizar a sociedade. Os interacionista concebem a cultura como a um conjunto de

significações produzidas mediante o processo de interação social, comunicadas através da linguagem aos indivíduos nas suas interações sociais, Cuche, (1999). Ela forma parte da história das relações dos grupos sociais em si.

Pelo que a cultura não permanece estável e sem modificações, ela está sempre influenciada pelo meio externo que também se encontra em constante mudança, da mesma forma a cultura está em permanente construção, desconstrução e reconstrução. As culturas nascem das relações sociais que não sempre são iguais, existe uma hierarquia social entre as culturas de uma sociedade, no qual há uma cultura dominante e uma cultura chamada de dominada em relação de dominação e de subordinação. Na sociedade latino-americana se considera como verdadeira cultura, a que corresponde as elites sociais, e como resposta a essa cultura apareceu a cultura popular dos pobres que seriam apenas subprodutos inacabados, segundo Cuche, (1999).

Podemos pensar em pluralidade de culturas, entre as quais destacamos a cultura dos imigrantes, como ressalta Cuche (1999). Segundo Bernardes & Hoenisch (2003), a cultura dos imigrantes é tudo o que os faz parecer diferentes. A migração cultural produz novas combinações, como se fosse um terceiro espaço diferente de qualquer outro, uma outra produção, uma nova forma.

A aculturação na psicologia intercultural é definida como um processo de mudança cultural de dois ou mais grupos culturais distintos, que ocorre como resultado do contato intercultural contínuo entre eles (Berry, Kim, Mind & Mok, 1987). Ambos os grupos podem mudar nesse processo. Porém, um domina o outro, suscitando uma diferenciação, de modo que se denomina a um grupo dominante e ao outro grupo, em processo de aculturação, não dominante.

Por outro lado, existe outra definição não muito importante, mas que deve ser acrescentada. A aculturação pode incluir mudanças indiretas (ecológicas), pode ser mais demorada (ajustes internos, o psicológico e o cultural ao mesmo tempo) e pode ser de ‘reação’ (rejeita-se a influência e as mudanças culturais, conservando-se a mais tradicional

forma de vida, e não se deixa influenciar pela cultura dominante). Apesar disso, Berry e seus colegas (2001) aclaram que também no grupo dominante ocorrem mudanças, tendo em vista que a aculturação implica expansão populacional, diversificação cultural, reações de atitudes como preconceitos e discriminação, xenofobia e fenômenos correlacionados.

Dessa forma, a aculturação pode ser definida tanto no nível individual quanto no nível grupal. No primeiro nível, observamos a *aculturação psicológica*. Trata-se da mudança psicológica de ajuste que ocorre no indivíduo que está participando de uma situação de contato cultural, sendo influenciado pela cultura externa e pelas mudanças culturais decorrentes do contato com a nova sociedade da qual é membro. Esse ajuste se dá de diferentes maneiras por parte do imigrante com relação ao grupo dominante. A psicologia intercultural insiste em que a conduta humana individual é muito interessante e responde de forma diferente em um contexto cultural em que ocorre a negociação individual, participando de uma ou várias mudanças no mesmo contexto. Ao mesmo tempo, existem muitas diferenças individuais no processo de aculturação psicológica, mesmo entre aqueles que compartilham de uma só arena de aculturação.

Tanto os indivíduos que estão se aculturando quanto os indivíduos da sociedade anfitriã sofrem as mudanças psicológicas no nível individual, as quais ocorrem durante o processo de adaptação de ambos os grupos às novas situações. Uma vez localizadas as mudanças, pode-se estudar os indivíduos que estão envolvidos no processo de aculturação. Conforme Berry (1987), os imigrantes e os membros da sociedade receptora podem passar por mudanças de conduta, língua, comida, vestimenta e valores ou por mudanças mais problemáticas, produzindo até estresse (sempre acontece dependendo do grau, situacional/contexto receptora, individual imigrante, gênero) de aculturação como manifestação da ansiedade e da depressão. As transformações psicológicas são formas de adaptação interna ou psicológica dos indivíduos (no sentido de bem-estar e boa auto-estima). A boa adaptação individual pode ser observada na competência das atividades diárias da vivência intercultural (Berry, 2001).

O engajamento de indivíduos na sociedade anfitriã ou de grupos no processo de aculturação possui diferentes caminhos ou apresenta diferentes estratégias de adaptação, que vai depender da variedade de fatores (psicológico e cultural) que antecedem ao contato intercultural e de fatores (psicológico e cultural) conseqüentes ao contato. As estratégias utilizadas nos encontros interculturais têm dois componentes: *atitudes e condutas* que são desenvolvidas no dia-a-dia desse contato. Berry (2001) designou o componente “*atitude*” a partir do termo “*atitude relacional*”, para logo depois chamá-lo de “*atitude de aculturação*” (Berry, 1987). Da mesma forma, o componente “*conduta*” foi usado para validar as preferências de atitude (Berry, 1989). Esse autor conclui que atualmente se permite utilizar o termo “estratégias de atitudes de aculturação” para avaliação.

Berry (1989) propõe que o processo cultural e a aculturação psicológica, para serem conceituados, não podem ser medidos através de uma simples dimensão (unidimensional ou unilinear), com grupos ou indivíduos se movendo de um pólo a outro, uma vez que existem outros caminhos que acompanham esses processos. A preferência do autor é utilizar o modelo bi-dimensional que se refere à opção de manter sua herança e sua identidade cultural e/ou relacionar-se com a sociedade anfitriã e com outros grupos etnoculturais.

Estas duas verdades podem ser respondidas por meio de uma dimensão atitudinal, representada por respostas bipolares ou bi-culturais, que podem ser positivas ou negativas (responde-se sim ou não), as quais vão definir quatro estratégias de aculturação. Berry (2001) considerou que as duas dimensões criaram um ‘espaço de atitude’, em que as preferências individuais podem ser localizadas. Localiza-se a pessoa nesse espaço através de uma avaliação que envolve a eleição de alternativas de medição. As escolhas consistem em avaliar duas verdades fundamentais (usando uma escala múltipla do próprio grupo e outra do grupo de preferência) ou avaliar os quatro setores (usando um item para cada atitude: assimilação, integração, separação e marginalização).

Este modelo considera não só a relação do imigrante com a cultura da sociedade hospedeira, mas também sua relação com a própria cultura de origem. Portanto, a adaptação à nova cultura é multidimensional, levando em duas direções, que não ocorrem

necessariamente no mesmo ritmo. Segundo o enfoque bi-cultural, o indivíduo pode se aculturar de diversas formas, com relação à cultura hospedeira e à sua própria cultura. Essa reflexão nos conduz à seguinte questão: se o indivíduo valoriza manter sua identidade cultural e/ou se estabelece relações e mantém características e valores da cultura da sociedade receptora, como afirma DeBiaggi (2003).

Estas estratégias carregam diferentes nomes, dependendo do grupo etnocultural (dominante ou não dominante) que está sendo considerado. Primeiramente, mencionaremos as estratégias desde o ponto de vista dos grupos não dominantes, para em seguida analisarmos a influência do grupo dominante nesse processo.

Primeiro, para avaliar as estratégias de aculturação, cabe questionar se o imigrante ao inserir-se na nova sociedade hospedeira valoriza mais os costumes de origem ou os novos costumes. Ele apresenta estratégias de valorização e de adaptação ao novo ambiente, que Berry (2001) organizou em quatro variedades de estratégias de aculturação: *separação*, *marginalização*, *integração* e *assimilação*.

Quando o indivíduo tem interesse em manter sua cultura original e ao mesmo tempo se inter-relacionar com os outros grupos no cotidiano, mantendo sua própria identidade cultural e adotando os valores culturais da sociedade hospedeira, para poder ser aceito, a *integração* é a opção. Quando o grupo não dominante não quer manter sua identidade cultural renunciando-a, e procura se inter-relacionar diariamente com outras culturas aceitando-as, a estratégia adotada é a *assimilação*. Por outro lado,. Essas duas estratégias são consideradas formas positivas de adaptação tanto para o indivíduo que está se aculturando quanto para a sociedade hospedeira.

Pelo contrário, se o processo de adaptação for negativo, apresenta duas modalidades. Primeiro, quando os indivíduos valorizam sua cultura original e evitam se inter-relacionar com os outros, conservando sua cultura de origem e não aceitando a cultura da nova sociedade, a *separação* é a estratégia escolhida. Segundo, quando há pouca possibilidade ou interesse de manter sua cultura e pouco interesse de se relacionar com os

outros, o indivíduo não se identifica com a cultura receptora assim como não se identifica com sua própria cultura de origem. Seja pela frustração decorrente da tentativa de inserção seja pela frustração experimentada ao participar da sociedade anfitriã, em função de algumas práticas do grupo dominante (discriminação), a *marginalização* é a estratégia utilizada.

O indivíduo apresenta essas estratégias de aculturação sempre que tem liberdade para escolher como quer se aculturar. Porém, nem sempre essa premissa é verdadeira, segundo Berry (2001). A estratégia de integração deveria ser escolhida livremente por parte dos grupos não dominantes, quando a sociedade anfitriã se abre e se orienta em direção à diversidade cultural (2001). Dessa forma, a acomodação deve ocorrer nos dois grupos – dominante e não dominante. Portanto, para que a *integração* seja alcançada, é necessária a aceitação por parte dos dois grupos, implica a tolerância de viver com pessoas de diferentes culturas.

A estratégia de integração requer que o grupo não dominante adote os valores básicos da sociedade anfitriã, enquanto o grupo dominante se prepara para adaptar suas instituições nacionais (educação, saúde e trabalho) à finalidade de melhor satisfazer as necessidades de todos os grupos que vivem juntos numa sociedade plural.

De acordo com Berry (2001), para que os grupos não dominantes alcancem a estratégia de *integração*, deve haver na sociedade multicultural uma pré-condição psicológica: a) aceitação ampla dos valores da diversidade cultural e social; b) mínimo nível de preconceito; c) atitudes positivas mútuas entre grupos etnoculturais e d) identificação com a sociedade anfitriã por parte de todos os indivíduos e grupos.

Berry (2001) considera que as estratégias de *integração* e *separação* são utilizadas quando os membros não dominantes compartilham o desejo de conservar sua herança cultural de origem. Por tal motivo, essas duas estratégias são mais coletivas, enquanto a *assimilação* é mais individualista. Apesar da *integração* ser a estratégia de aculturação mais escolhida por parte dos imigrantes, nem todos agem ou seguem o mesmo modelo para

chegar ao mesmo curso de aculturação, comenta Berry (2001). Por outro lado, quando o indivíduo que está se aculturando apresenta um fenótipo muito diferenciado em relação aos membros dominantes, pode experimentar preconceito e discriminação e, por isso, não se encontra disposto a perseguir a *assimilação* para evitar ser rejeitado. (1989).

A política nacional da sociedade anfitriã pode promover o incentivo para o imigrante escolher uma ou outra estratégia. Às vezes, o choque ideológico que se dá na interação diária com os membros da sociedade dominante pode reforçar certas preferências em relação às estratégias de aculturação. A estratégia de *assimilação* é adotada quando o grupo não dominante encontra-se num ‘caldeirão’, chamado por Seyferth (1997) de ‘caldeamento’, situação em que os grupos de imigrantes, apesar de circularem livremente pelo país hospedeiro, são induzidos a adotar os códigos culturais e a língua da sociedade anfitriã, o que caracteriza uma política assimilacionista.

A estratégia de *separação* imposta por parte do grupo dominante é denominada *segregação* e leva os grupos não dominantes a se separar em guetos fora da sociedade anfitriã. Quando a estratégia de *marginalização* é exigida por parte do grupo dominante, chama-se *exclusão* e mantém os imigrantes excluídos do seu próprio grupo e da sociedade receptora. Por fim, a estratégia de *integração* é utilizada quando a sociedade anfitriã aceita a diversidade, o que recebe o nome de multiculturalismo (2001).

A adaptação do imigrante à nova sociedade receptora e o desenvolvimento de diferentes estratégias de aculturação dependerão de outros fatores, além dos que já mencionamos. Os motivos prévios ao contato dos dois grupos podem influenciar a escolha das estratégias de adaptação e determinar a relação do imigrante com a sociedade hospedeira. É mais provável que os indivíduos que imigraram voluntariamente procurem participar de forma ativa da sociedade anfitriã (*assimilação* ou *integração*), diferentemente dos que imigraram involuntariamente, como é o caso dos refugiados (Berry, 2001).

Da mesma forma, existem outros fatores que interferem na relação intercultural e na escolha das estratégias, como os traços físicos dos imigrantes, diferentes daqueles presentes

na sociedade dominante, que caracterizam uma ‘raça’. Essa situação pode tornar menos atrativa, para os imigrantes, a utilização da assimilação e pode contribuir para que eles fiquem isolados a fim de evitar ser discriminados, o que os faz escolher a estratégia de *separação* ou *marginalização*.

Outro fator que influi na opção por uma ou outra estratégia de aculturação por parte dos grupos não dominantes é a situação de contato entre os dois grupos. Berry menciona os estudos de Moise e Bourhis (2001) para analisar a escolha de estratégias a nível grupal. Estes autores apontam que se o grupo não dominante apresentar características físicas muito parecidas com as do grupo dominante, a estratégia de *integração* provavelmente será escolhida. Por outro lado, se o próprio grupo não dominante não possuir uma ótima rede e a eficácia do senso coletivo intragrupal, então a preferência será a estratégia de *assimilação*. Logo, as estratégias de aculturação somente são conseqüências da correlação de fatores de nível grupal e da pouca influência individual.

As estratégias de aculturação influenciadas por fatores individuais (psicológicos), segundo Borhis, Moise & Pointkowski, citado por Berry, 2001, seguem a seguinte lógica: se o indivíduo possuir uma clara identidade ‘étnica’ e ‘cultural’, adotará a estratégia de *separação*; se tiver uma identidade ‘nacional’ definida, preferirá a estratégia de *assimilação*; se possuir as duas identidades, optará pela estratégia de *integração*.

Prosseguindo com os fatores individuais, podemos afirmar que acontecem prováveis mudanças de conduta quando não existe problema no próprio processo de aculturação, as quais encerram três sub-processos: a perda cultural, a aprendizagem cultural e o conflito cultural (Berry, 2001). Na perda cultural, observa-se uma perda acidental ou deliberada de condutas e o indivíduo apresenta uma conduta de recolocação que melhor se acomoda às determinações da sociedade anfitriã.

De modo geral, a adaptação do indivíduo à nova sociedade está em constante mudança. O imigrante está sempre se aculturando, mas na sociedade majoritária observam-se poucas mudanças. Quando não existe problema de aculturação, as adaptações ocorrem

com pouca dificuldade, em harmonia. Às vezes, pode acontecer algum conflito que a própria pessoa, em fase de aculturação, resolve, adotando as normas de conduta do grupo dominante. Logo, a *assimilação* é a escolha mais provável.

No entanto, quando os níveis de conflito são grandes e as experiências são muito problemáticas, porém suportáveis, o imigrante desenvolve um quadro de estresse *acultural*. (Berry, Kim, Minde & Mok, 1987). Os indivíduos não conseguem negociar com facilidade o contato intercultural, seja um simples ajuste seja a assimilação da sociedade. Este estresse é a reação em resposta das difíceis experiências de aculturação.

As mudanças de conduta não acompanham a estratégia de *separação*, mas caracterizam a estratégia de *assimilação*. A *integração* envolve a adoção de novas condutas, próprias da sociedade anfitriã, assim como a importante retenção de valores da herança cultural. A *marginalização*, por sua vez, é associada à perda da herança cultural e ao aparecimento de inúmeras disfunções e condutas desviantes (por exemplo, a delinquência).

Por fim, a psicologia está preocupada com a adaptação do indivíduo imigrante à nova sociedade hospedeira, o qual desenvolve várias estratégias de aculturação com a finalidade de se acomodar ao novo ambiente. A adaptação pode ser positiva (bem adaptado) ou negativa (adaptação insuficiente). Portanto, concluiremos que a adaptação é multifacética. A adaptação psicológica refere-se ao bem-estar físico e psicológico do indivíduo, enquanto a adaptação sociocultural diz respeito às possibilidades do novo contexto cultural favorecer a aculturação individual.

Uma boa adaptação psicológica do indivíduo depende da sua personalidade, enquanto que uma boa adaptação sociocultural é marcada pelo conhecimento, pelo grau de contato intercultural e pela atitude intergrupar positiva. Ambas as adaptações são resultado do sucesso da estratégia de aculturação de *integração* e também da pouca distância entre as culturas. Um terceiro tipo de adaptação é a ‘econômica’ (Berry, 2001). Esse autor demonstra que a adaptação psicológica e a sociocultural foram resultado das mesmas variáveis, enquanto que a adaptação econômica foi resultado da motivação da migração, da

percepção da pobreza e da perda de *status* dentro do mundo do trabalho, por parte do imigrante.

Todos estes fatores vão influenciar a formação da identidade cultural, considerada um conjunto complexo de crenças e atitudes que asseguram aos indivíduos serem membros de um determinado grupo cultural. As questões sobre identidade cultural entram em jogo, sobretudo quando as pessoas estão em contato com outra cultura (Phinney, 1990). As estratégias de aculturação estão baseadas em duas dimensões (a manutenção da própria cultura e/ou a aceitação da outra cultura receptora), que constituem a identidade cultural. (Por isso), é importante investigar como a pessoa se identifica e se define, processo que se dá a partir dessas duas dimensões. A primeira dimensão corresponde à identificação do imigrante com seu grupo cultural de origem e a outra está associada à sua identificação com a sociedade receptora. Ao mesmo tempo, esses dois aspectos da identidade cultural têm sido apresentados como identidade étnica e identidade cívica (Berry, 2004). Segundo este autor, essas dimensões são independentes e podem estar contidas em uma identidade maior, como a nacional.

Concluimos que, apesar de Berry e outros autores terem categorizado o processo de aculturação (o que foi feito só para fins de estudo), ele é muito complexo e mediado por diferentes fatores, envolvendo os aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais do indivíduo. Esses fatores envolvem o grupo que está passando pela aculturação e as condições específicas do próprio processo de migração, em termos de características do grupo imigrante, como: nível educacional, sexo, classe social e idade, que influenciam a forma como se dá a adaptação à nova sociedade.

Quanto às características do imigrante, outro aspecto importante é sua motivação, isto é, a disposição do sujeito em relação ao novo ambiente cultural. As motivações predominantes do recém-chegado podem ser de ordem econômica, política, pessoal e familiar. DeBiaggi (2003), citando Mendoza e Martinez (1981), ilustra este fenômeno ao considerar que quando o indivíduo deixa o país de origem por descontentamento, sem intenções de para lá retornar, sua disposição em face da nova cultura provavelmente será

positiva e distinta daqueles que emigraram por necessidade econômica e mantêm forte desejo de retornar.

Como constatamos, o processo de aculturação também depende das características cruciais da sociedade anfitriã, isto é, como ela provê oportunidades de mobilidade social, econômica e profissional. Outros fatores importantes a considerar seriam a política de imigração governamental do país anfitrião, assim como as pressões sociais informais, que podem ser baseadas em uma política multicultural, de acordo com a qual as características de grupos diferentes são valorizadas, pautando-se numa política que promove o ‘caldeamento’.

A Psicologia e as Relações Interculturais

O primeiro enfoque da psicologia da migração é o processo de aculturação cuja ênfase dirige-se aos grupos não dominantes, enquanto no segundo enfoque as pesquisas das relações intergrupais têm como foco principal o estudo do grupo dominante. (Berry, 2004). Levando em conta esses enfoques, estudaremos a importância da ideologia multicultural das sociedades que recebem os grupos imigrantes, a qual pode influenciar a receptividade aos novos membros, às vezes dando origem à atitude de preconceito e discriminação, o que definirá uma ótima ou péssima adaptação do indivíduo ao novo ambiente.

Nas relações intergrupais, a psicologia estuda, em primeiro lugar, os grupos que são normalmente de cultura definida (incluindo aspectos da língua, religião, *status* e “raça”) e, geralmente, as relações intergrupais, dando destaque às “minorias”. Em segundo lugar, os imigrantes são menos familiares que a população residente, tornando mais evidentes as relações bem estabelecidas entre familiaridade e atração. Quando os imigrantes formam as suas comunidades culturais específicas, eles são considerados desfavoráveis. Em terceiro lugar, os imigrantes não são parecidos com a população residente, dando-se as relações de

similaridade e atração. Aqueles que demonstram atitudes de integração não serão discriminados pela sociedade receptora.

Nas relações intergrupais, verifica-se a presença de estereótipos étnicos, atitudes étnicas e preconceitos étnicos que podem ser estudados em relação à sociedade receptora e aos imigrantes. A tendência das pesquisas sobre estereótipo étnico é considerar apenas a visão dos grupos dominantes sobre os demais e, às vezes, sobre os auto-estereótipos. Outras pesquisas levam em conta os auto e os hetero-estereótipos mantidos pelos grupos não dominantes (Berry, 2002).

Nas relações intergrupais complexas, são de especial importância os estudos dos imigrantes por dois motivos: é importante estudar o reconhecimento e *status* do imigrante na sociedade receptora; deve-se analisar a questão da imigração sob a perspectiva dos imigrantes, visto que muitos países atraem imigrantes e, como consequência, sua atitude em relação à sociedade receptora interfere na conduta mantida pela ampla sociedade.

Berry (2004) sustenta que, em pesquisas de relações étnicas, existe uma tradição de se considerar as visões dos grupos dominantes em relação aos demais e, em alguns casos, a respeito de si mesmos. No entanto, poucos estudos têm examinado as visões mútuas dos vários grupos de forma recíproca.

Por outro lado, é muito importante conhecer a ideologia multicultural da sociedade receptora e analisar se ela está apta à diversidade cultural, o que beneficiará a sociedade e seus membros de modo geral. Tal diversidade deve ser compartilhada e acomodada de forma equitativa. A ideologia multicultural está relacionada às práticas para gerenciar as relações intergrupais em grupos culturalmente diversos.

Para entender a ideologia multucultural da sociedade brasileira, vamos lembrar a política de nacionalização implantada nos anos 1937-1945, no qual assimilação era sinônimo de caldeamento, se mas ampla que o termo “melting pot”, incluindo o caldeamento por integração racial. Motivado pela campanha de nacionalização que visava o

caldeamento de todos os estrangeiros em nome de uma unidade nacional, chamada de “abrasileiramento”, nos anos 1937-1945, segundo Seyferth (1997). A assimilação como questão nacional teve a proposta de substituir os símbolos étnicos de origem por outros que representavam a brasilidade. A nacionalização de brasilidade só podia ser atingida pela educação. No qual a língua portuguesa aparece como um instrumento fundamental da nacionalidade brasileira.

Segundo Lesser (2000), foi a partir do debate de 1934 durante a campanha de nacionalização, que começaram as negociações de identidade nacional entre a maioria e minoria estrangeira no Brasil, no qual a cidadania brasileira implicava ser estrangeiro branco e europeu, os imigrantes que não se encaixavam dentro dessas características deviam negociar sua identidade nacional sob um panorama de preconceito e discriminação. Pelo que a identidade nacional brasileira teve que ser ampliada para incluir os sírios-libaneses e os nikkeis que nasceram em terras brasileiras apesar de contrarias aos ideólogos racistas brasileiros.

Porém a negociação de identidade nacional dos estrangeiros no Brasil não chegou ao fim após da Segunda Guerra Mundial, existia preconceito popular aos imigrantes não brancos. Por outro lado, esses imigrantes não brancos se integraram à sociedade brasileira depois de ter alcançado sucesso nas arenas econômicas, política, militar e artística, a comparação dos pobres poloneses que vivem no Paraná. A partir de 1950, os brasileiros de etnicidade hifenizada se estabeleceram nas classes média e altas. E o meio que os imigrantes conseguiram se impor na sociedade brasileira para ascender socialmente foi através da educação universitária dos filhos.

No Brasil, enquanto o índio, negro e o migrante estivera exercendo sua função de trabalhadores serão considerados dessa forma um simples trabalhador mas não será considerado como um cidadão brasileiro, e se for um trabalhador será considerado de um marginal. Nos institutos jurídicos está escrito que todos são iguais perante a lei brasileira, independentemente de raça, sexo, religião, classe e outra diversidade social. Porém essa igualdade é muito abstrata na prática existe desigualdade racial entre outras desigualdades

sociais, A questão nacional brasileira sob o aspecto racial, regional e cultural continua em processo de busca, a história do Brasil é vista como uma nação que está em transformação à procura de sua fisionomia em concreto, conforme Ianni (2004).

A desigualdade regional no Brasil o encontramos com os nordestinos em São Paulo. No qual a elite brasileira como a classe social média assustou-se pela migração interna dos nordestinos ao sul do Brasil porque significava uma ameaça pobre e racial “indesejável” para os brancos brasileiros. Em São Paulo, os nordestinos se transformaram de brasileiros em estrangeiros, no qual a identidade nacional brasileira ainda continua em construção, apesar de ser uma terra multicultural, as negociações sobre identidade nacional brasileira estão em andamento, conforme Lesser (2000).

Se para os imigrantes não brancos, como os de oriente médio e os asiáticos foi um desafio nos anos 30,40, e 50, ser aceitos pelos brasileiros brancos, hoje em dia conseguiram se integrar a esta sociedade, porque adquiriram ascender social e economicamente. Atualmente esta problemática racial brasileira, de não aceitar imigrantes que não fossem brancos continua no Brasil, tal é assim que para os imigrantes não brancos como os sul-americanos bolivianos e peruanos de origem indígenas é um desafio ser aceitos pela sociedade brasileira. Cujo estereótipo é de ser indígenas pobres que vêm a trabalhar de escravos nas oficinas de costura porque nos seus países de origem no têm como sobreviver. A diferença dos argentinos que são aceitos pela sociedade brasileiros dentro dos países sul-americanos, por serem brancos e por possuir o estereótipo de europeizados no Brasil ao qual os brasileiros respeitam.

Se no Brasil existe desigualdade racial, social, regional e cultural com os próprios cidadãos brasileiros, não resolvida até hoje, seria impossível, que este país desenvolva políticas públicas e programas de ação destinadas ao bem-estar de imigrantes e migrantes internos que estão em processo de aculturação, as quais poderiam garantir que, em alguns anos, a nova geração deixasse de ser imigrante para fazer parte da cultura receptora.

Teoricamente, Berry (2002), nos aponta a importância numa sociedade multicultural (como o caso do Brasil) o conhecimento das duas abordagens de pesquisa de aculturação e das relações inter-grupais, porque nos forneceria informações e subsídios para a criação de políticas e programas de desenvolvimento, ajudar a orientar as relações humanas na medida em que evita o conflito intergrupal e o estresse aculturativo assim como favorecer a mútua acomodação e adaptação positiva. A estratégia de integração é considerada a mais apropriada tanto no plano individual como no plano coletivo e o multiculturalismo é a política pública mais positiva, pois promove a aceitação à diversidade cultural e a participação equitativa de todos os grupos na sociedade em geral.

Como comenta Berry (2002), existe um dilema na migração. E aqui no Brasil observamos através deste trabalho que muitos brasileiros orgulham-se da sua tolerância abertura à diferença; por outro lado, temem que os imigrantes se tornem uma ameaça ao bem-estar econômico e à coesão social. A ameaça é sentida, porque os imigrantes são considerados pessoas que não têm nada a oferecer, uma vez que possuem recursos limitados, como no caso dos peruanos e dos bolivianos.

A sociedade brasileira com poucos recursos compete com os imigrantes esses recursos limitados, que são os serviços sociais e os empregos. Porque os brasileiros pensam que se compartilhassem com os imigrantes os poucos recursos de serviço social existentes, eles se tornariam mais precários ainda; se compartilhassem com os sul-americanos os poucos empregos disponíveis, os imigrantes certamente se tornariam uma ameaça para o brasileiro. Novamente, o autor sustenta que a ideologia multicultural é o elemento base da rede intergrupal. A rejeição da percepção do imigrante como ameaça e a disponibilidade em aceitá-lo foram previstas por visões integracionistas/multiculturais.

Por outro lado, os estudos do ICSEY têm evidenciado que o imigrante jovem apresenta ótimas orientações para lidar com as diferenças culturais (do ponto de vista psicológico e acadêmico), eles conciliam suas vidas com a herança cultural do seu país e a cultural nacional (às vezes, multinacional) dos seus pares. Com relação à adaptação, a

identidade bicultural e as atitudes integracionistas chegaram a ser a melhor forma de adaptação psicológica e de ajustamento escolar.

Tajfel (1982) aponta que o preconceito e a discriminação fazem parte dos sintomas socialmente compartilhados nas relações intergrupos a nível psicossocial. Conforme Berry (2002), o preconceito étnico está obviamente nas pesquisas das relações intergrupais, que adotam uma base psicológica mais ampla e profunda para a rejeição extragrupo (incluindo a rejeição ao imigrante), teoricamente baseada no etnocentrismo, no autoritarismo ou na dominação social.

Cabe questionar porque as pessoas alimentam uma profunda e generalizada rejeição ao ‘outro’, além das variações de atitude e dos estereótipos relativos a grupos específicos. É isso que explicaremos a seguir.

O Preconceito

Para esclarecer nosso trabalho de pesquisa, apresentaremos as definições do preconceito ao estrangeiro, com o intuito de melhor compreender a problemática da adaptação dos imigrantes bolivianos, peruanos e argentinos na cidade de São Paulo.

O preconceito é um pré-juízo ou pré-conceito elaborado em nosso pensamento antes de nos comportarmos de determinada forma, o que refletirá a nossa aceitação ou rejeição em relação aos outros. Quando o indivíduo possui uma atitude de rejeição, ele se torna desfavorável para com o outro grupo e seus membros. O preconceito é caracterizado por crenças estereotipadas. A atitude preconceituosa resulta de processos internos do portador e não dos atributos reais do grupo.

Ao mesmo tempo, o preconceito é parte integrante das relações intergrupais e das relações raciais em particular, como explicita Tajfel (1982): *“Não há dúvida de que, em certas condições, todos os homens podem manifestar, e manifestam de fato, hostilidade, em relação a outros grupos, que não o seu próprio, sejam eles sociais, nacionais, raciais, religiosos, ou quaisquer outros”* (146).

O preconceito ao estranho, ao estrangeiro, não é novo; faz-se presente desde a Antiguidade. Segundo Adorno & Horkheimer (1997), o estrangeiro era considerado louco, porque seu costume era desconhecido e diferente. Ele era visto como um estranho e, por isso, era excluído, em função do medo que se tinha do desconhecido. Da mesma forma, nessa época, o estrangeiro era tido como alguém inferior aos nativos. Conforme Crochick (1997), *“quanto maior é a necessidade de nos defendermos ao estranho, maior é o preconceito. Medo de não nos identificar com o outro, que é diferente”* (p. 14).

É importante ressaltar que o preconceito ao estranho sempre existiu; porém, no século XX, foi canalizado às raças em virtude dos interesses daqueles que tinham o poder. O preconceito é uma das armas mais potentes para o exercício da dominação. Chauí (1996) defende que o dominado a deseja interiormente e não sabe viver sem ela, porque ela se tornou uma forma de segurança num mundo onde o preconceito é natural e transparente. Por volta das décadas de 20 e 40, mudou-se o fenômeno do medo. Procurou-se mostrar a inferioridade das outras raças, o que levou os brancos a supor que eram superiores. Com relação a esse aspecto, Crochik (1997) faz o seguinte comentário: *“Em 1920 os psicólogos acreditavam na existência de diferenças mentais entre raças, em 1940 eles estavam pesquisando as fontes de preconceito irracional”* (p. 104). Houve momentos em que os preconceitos foram considerados tão irracionais que se deu ênfase ao indivíduo como portador de preconceito.

A forma irracional da concepção do preconceito, segundo a qual o indivíduo era portador do pensamento preconceituoso, foi assumida e cristalizada como modo de pensar e de sentir, primeiramente, da cultura e logo depois da escola, da família e da sociedade. O indivíduo portador de uma visível característica discriminada, também chamado de defeituoso, é associado a atributos fixos que a sociedade produz, transmitindo os estereótipos negativos através da mídia.

O preconceito étnico é universal (todos os grupos e todos os indivíduos o evidenciam), mas é altamente variável entre grupos e indivíduos (existem diferenças individuais e grupais). O problema é explicar sua universalidade e sua variabilidade.

Chauí (1996) aponta que os preconceitos têm quatro marcas. Primeiro, pode-se dizer que o estereótipo é uma simplificação de idéias acerca de coisas, pessoas e fatos mediante os quais se julga tudo o que ainda não tinha sido visto. A segunda marca do preconceito é que nada surpreende. Nesse caso, admira-se apenas o que é considerado único e extraordinário; tudo deve ser familiar, compreensível e transparente, uma vez que não se tolera a complexidade. A terceira marca do preconceito é seu aspecto conservador, que evita qualquer possibilidade de transformação. Por fim, o preconceito é contraditório, uma vez que afirma a igualdade entre os seres humanos e, ao mesmo tempo, é racista e sexista.

Essa autora manifesta que o preconceito tem como base a ideologia dos dominantes, de tal forma que torna natural e aceitável a exploração econômica e a dominação política. Todos aceitam o ponto de vista dos dominantes, que é transmitido por meio da educação e dos meios de informação e comunicação, sendo em alguns aspectos contraditório aos valores da sua classe social.

Segundo Chauí (1996), o preconceito ao brasileiro provém da época do descobrimento do Brasil e se expressa através de afirmações como “o povo brasileiro é pacífico e não-violento por natureza”, “país abençoado por Deus” e povo cordial, generoso, pacífico, sem preconceitos de classe, raça e credo.

O grupo dominante brasileiro, aproveitando-se desse preconceito, utiliza mecanismos que ocultam a realidade e justificam sua ação. Por exemplo, quando há violência no Brasil, afirma-se que foi praticada por pessoas que não fazem parte da nação. Outra máscara mais sutil é o paternalismo branco que mascara a discriminação racial, enquanto a máscara do machismo elogia a fragilidade feminina.

Por outro lado, a máscara da sagrada família tornou naturais as torturas contra crianças, o estupro das filhas, as surras nas esposas e toda forma de violência física e psíquica contra os membros da família, tidos como ‘desviantes’ sexuais. Finalmente, a máscara do preconceito ‘puro’, como chama Chauí (1996), se expressa em vários modos de pensamento e conduta na sociedade brasileira: a mulher favelada é irresponsável porque gera filhos na rua, favorecendo sua inserção na delinquência; o migrante nordestino que se deslocou para os grandes centros urbanos ameaça a ordem, a limpeza e a beleza das cidades; os imigrantes latino-americanos que moram em São Paulo enfrentam cotidianamente o preconceito e a intolerância dos brasileiros; o desempregado é entendido como um preguiçoso. Todas as formas de preconceito são mascaradas pela culpa que imprime às vítimas.

Joaquim (2005) assevera que o homem disposto ao preconceito rotula tudo o que vê, criando modelos gerais de coisas, fatos e pessoas por meio dos quais julga tudo que ainda não havia visto, enquadrando numa estereotipia negativa as pessoas, sendo incapaz de corrigir o juízo provisório que fez delas com base na experiência anterior e de investigar a profundidade da integração dos indivíduos em seus respectivos grupos.

Conforme Joaquim (2005), a estereotipia negativa, o desprezo pelo ‘outro’ e a antipatia pelo diferente são tão antigos quanto à humanidade. Na história, observa-se que até a sociedade burguesa mobilizou sociedades inteiras contra outras sociedades mediante os sistemas de preconceito.

Como percebemos, a estereotipia do pensamento fortalece o preconceito, por ser uma das máscaras ou um de seus elementos. O estereótipo, segundo Tajfel (1982), é uma forma comum de percepção que o indivíduo utiliza para representar o meio ambiente através de categorias. Com a finalidade de simplificar, o indivíduo atribui características generalizadas a grupos de pessoas, qualificando-os verbalmente. Esses atributos podem ser estereótipos negativos ou positivos. O estereótipo negativo é uma categoria usada pelo homem, geralmente carregada de emoção pejorativa, que modifica a verdade da realidade

de forma a deturpá-la e tem sua origem nas tradições culturais de cada comunidade social. (p. 147)

De acordo com Montero (1991), o estereótipo do indígena sul-americano o apresenta como um ser passivo, preguiçoso, inculto, pródigo, que não respeita às leis. A auto-imagem nacional do sul-americano através de sua história se caracteriza pela violência, indolência, falta de criatividade e falta de reflexão, características estereotipadas que foram transmitidas pelos ancestrais indígenas e impostas pelos grupos dominantes. Os estereótipos positivos são: igualitarismo, generosidade e coragem. O humorismo e a alegria aparecem no século XX.

A preguiça dos latino-americanos, segundo Montero (1991), se expressa como uma conduta de inanição, passividade, incapacidade para o trabalho contínuo e construtivo ou inconstância no labor. A preguiça e a indolência são associadas à incapacidade de atuar e de transformar idéias em ações produtivas. O sentimento de negação se estende de igual forma à desigualdade.

A passividade é outra característica do indígena que Montero (1991) destaca, cuja atitude correspondente é a abulia, às vezes definida como falta de vontade, falta de iniciativa e espontaneidade. O estado de depressão que os indígenas manifestam é resultado da escravidão que sofreram no período da colonização. Há dois tipos de pessoas passivas: as fleumáticas, pessoas que falam lentamente, que são obsessivas e perseverantes a ponto de cansar o interlocutor; as indiferentes e insensíveis, que são frias, preguiçosas, incapazes de amar e não têm desejos de se superar.

Por outro lado, quanto ao preconceito ao imigrante no processo de deslocamento, observa-se que, nas últimas décadas, a reação do país receptor é de rejeição e discriminação, motivada pelos sentimentos de insegurança em relação às mudanças econômicas e sociais que podem ser geradas pela imigração. O sentimento de rejeição e a reação no sentido da exclusão podem se manifestar como *xenofobia*, *exofobia* ou *endofobia*. A xenofobia é expressa pela rejeição ao estranho, ao estrangeiro. Porém, o sentimento

xenófobo só aparece na Europa ou na África, por razões relacionadas à desgovernabilidade e à crise econômica que enfrentam diferentes nações, discriminando a seus membros por causa de seu origem.

Por outro lado, a *exofobia* é uma reação de rejeição ao estrangeiro em relação aos membros da sociedade que o recebe. Pode se dar quando os imigrantes chegam à sociedade receptora (como no caso dos colonizadores em relação aos nativos) ou pode se dar por parte dos imigrantes em relação à sociedade que os recebe (Mármora, 1995).

A *endofobia*, por sua vez, não está relacionada ao próprio imigrante; pelo contrário, a rejeição é contra as pessoas do grupo a que pertence, seja por um desejo de integração à sociedade global – às vezes, as minorias se identificam com a cultura dominante e negam sua identidade de origem – seja por escapar de uma situação de discriminação. Esses casos são mais comuns entre migrantes de segunda geração, ou porque pertencem à sociedade global ou porque conseguiram algum *status* social. Por isso, buscam ocultar suas origens e expressam rejeição ao grupo do qual faz parte.

Os meios de comunicação também prejudicam e aumentam a reação de preconceito contra os imigrantes, com a finalidade de obter mais audiência e impacto. No caso dos bolivianos aqui em São Paulo, a mídia mostra a forma subumana e anti-higiênica de como eles vivem. Chiarello (2005) comenta que a população residente na região da Mooca, Pari e Belém, onde se localiza a maior parte dos peruanos, bolivianos e paraguaios, manifestam intolerância e preconceito contra os povos imigrantes. Todos estes fatos e outros que ocasionam um pensamento antimigratório, que criam um *imaginário coletivo* (Mármora, 1995), são expressões da reação de preconceito e discriminação.

Mármora (1995) comenta que, por causa do imaginário coletivo acerca das pessoas latino-americanas, o imigrante é visto como depredador, pois utiliza os serviços que o Estado brinda ao nativo e não faz nada para mantê-los. Na Argentina, a rejeição é alimentada pelos preconceitos raciais e sociais contra os migrantes provenientes de países limítrofes, que ocasionaram mais desemprego entre os argentinos.

Depois de discorrer sobre o processo de imigração e o que dele decorre, apresentaremos os conceitos de adolescência e juventude, desde o ponto de vista da sociologia e da psicologia, porque trabalhamos com os jovens imigrantes da primeira e da segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo.

SEGUNDO CAPÍTULO

ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

O que dizem os teóricos sobre Adolescência ou Juventude

Abordaremos o tema da adolescência e da juventude através da perspectiva da Psicologia e da Sociologia, para logo depois defini-la desde a perspectiva da Psicologia Social. Calazans (2000, apud Sposito, 1997) indica que a Psicologia costuma adotar o termo adolescência, enquanto a Sociologia utiliza a categoria de juventude. Essas considerações dos teóricos estão presentes desde o começo do desenvolvimento de tais tópicos, ao longo do século XX.

O ponto de partida da Psicologia para desenvolver o conceito de adolescência é o sujeito tanto em sua forma particular quanto os fatores que envolvem seu processo de transformação para chegar a ser adulto. E na sociologia, para desenvolver o conceito de juventude, os teóricos baseiam-se nas relações sociais do jovem e nas suas formações sociais, assim como nos vínculos ou nas rupturas que se encontram nelas. Porém, os conceitos de adolescência e juventude tendem a ser usados como sinônimos na psicologia social, clínica e educacional. No entanto, não ocorre o mesmo na sociologia, segundo Dávila (2004).

Como é vista a Adolescência na Psicologia

Segundo Moral (2006), o conceito de adolescência nasceu no Ocidente e vincula-se às sociedades industriais. A partir dessa época, os jovens eram vistos como um grupo social de *status*, sobretudo com a Revolução Industrial. Moral (2006, apud Marriane Seyter, 1972), aponta que, como o século XVIII criou um rótulo para o processo de desenvolvimento da criança, chamando-o de “infância”, viu-se imediatamente obrigado a inventar a “adolescência”. O estado da adolescência passa a ser um estágio diferenciado e

uma condição. Ao final do século XIX e começo do século XX, a educação obrigatória até as idades mais avançadas, a promulgação das leis que proibiam o trabalho infantil e a responsabilidade limitada dos jovens motivaram a invenção de uma etiqueta para designar o estágio da adolescência que aparece como necessidade das sociedades ocidentais.

Ao final do século XIX e começo do século XX, aparece o primeiro conceito de adolescência na Psicologia evolutiva, sob a influência do psicólogo Stanley Hall, que escreveu um tratado da adolescência, tornando-se a base a partir da qual se fundou o estudo da adolescência. Este tipo de estudo caracteriza a adolescência como um processo natural, o que a classificou de “naturalização”, já que não considera as influências sociais que sofre o adolescente, como afirma Ozella (2003). Stanley Hall define a adolescência como:

...uma idade especialmente dramática e tormentosa, na qual se produzem inumeráveis tensões, com conduta instável, entusiasmo e paixão, pelo que o adolescente se encontra dividido entre forças opostas. Além disso, a adolescência propõe um corte profundo com a infância; a partir desse momento o jovem consegue alcançar atitudes humanas mais elevadas,... comenta Dávila (2004, apud Delval, 1998).

A partir daquela definição e graças aos meios de comunicação, foi que se generalizou esse tipo de concepção, considerando o adolescente como indomável e rebelde. E logo veio a se discutir, com a teoria de Erikson, a questão da crise de identidade do adolescente. Este autor afirma que a adolescência é um período crucial para a formação da identidade. Ele insiste que neste estágio o indivíduo pode localizar seu “eu” no tempo e no espaço, reconhecendo, ao mesmo tempo, que teve um passado único e vislumbrando um futuro também pessoal para si próprio. Ele aponta que “o que ocorre precisamente durante a adolescência é, em muitos aspectos, determinado por aquilo que ocorreu antes, mas também determina muito do que se seguirá” (1968, p. 23).

Consideramos que Erickson era uns dos teóricos da psicologia que mais se aproximava da psicologia social, porque ressaltava que o adolescente para desenvolver sua

identidade era influenciado pelo passado (o que foi na sua infância) e pelo futuro (o que será depois como adulto), enfatizando a categoria de tempo na sua teoria. Em alguns momentos, comenta sobre a influência dos outros indivíduos para a formação da personalidade do jovem, porém se perde ao definir a adolescência como uma fase bem naturalista. Mas não podemos deixar de reconhecê-lo pelos aportes conceituais da adolescência, como “a crise normativa” e a “moratória”.

Erickson, através de seus estudos, percebeu que o adolescente passa por crises de identidade até amadurecer, até chegar ao que ele realmente vai ser. Nesse processo de crise, o adolescente apresenta a moratória; é o tempo de espera, no qual o jovem se prepara para a vida adulta, ou o período dilatado de espera vivido pelos que já não são mais crianças, mas ainda não se incorporam à vida adulta, segundo Kehl (2004). Como Erickson apresentou no seu primeiro livro casos clínicos, ficou conhecido como teórico da “tempestade e tormenta” (Gallatin, 1978).

De acordo com esse panorama, a adolescência era considerada um período de grande turbulência, tensão e agitação. Os adultos consideravam-na uma idade difícil de lidar. Abramo (1994), citado por Calazans, postula a existência de três esferas de *crise potencial*, na fase do ciclo vital: a crise de puberdade, associada às transformações corporais (principalmente o desenvolvimento das características sexuais secundárias), a crise da adolescência, relacionada ao processo de desenvolvimento da identidade, e a crise da juventude, relacionada às dificuldades de adequação ao mundo do adulto, questionando as normas e instituições sociais.

Foi por causa da divulgação do termo crise juvenil que se tornou difícil a relação do adolescente com os adultos, suscitando a ruptura da integração social do jovem, e além disso, dificultou a transmissão da herança cultural e da própria ordem social vigente aos jovens. Este problema teve conseqüências tanto para o jovem quanto para a sociedade. Para o jovem, o temor e a insegurança diante das possibilidades de desorganização social e, para a sociedade, ter de enfrentar a resposta do jovem através da formação da cultura juvenil negativa como a formação de delinqüentes, gangues, narcotráfico, etc.

A adolescência na atualidade é definida por Kehl (2004) como a incompatibilidade entre a maturidade sexual e o despreparo para o casamento; entre a aquisição de força física e a falta de maturidade emocional e intelectual para o mundo do trabalho. Por outro lado, o aumento progressivo da escolaridade, do mundo competitivo do mercado de trabalho nos países capitalistas e da escassez de empregos obriga o jovem a viver mais tempo na condição de ‘adolescente’, dependente da família, incapaz de decidir o seu destino. Por esse motivo, a economia capitalista aproveita-se dessas circunstâncias: para que o adolescente seja considerado cidadão é preciso que se torne um consumidor em potencial. Os adolescentes parecem conformados em fazer da luta pela cidadania uma simples afirmação dos direitos do consumidor, cuja imagem é difundida pela televisão e pela publicidade, possibilitando a identificação de todas as classes sociais.

O consumo e a adolescência favoreceram o aparecimento de uma cultura adolescente muito hedonista, sobretudo da classe média, segundo Kehl (2004). Ele se transformou num modelo de beleza, liberdade e sensibilidade. Da mesma forma, o adolescente pós-moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades. A sensualidade do adolescente transmitida pela mídia, a busca de prazeres e novas sensações do corpo e a liberdade incluem todos os adolescentes.

O consumo abriu um paradoxo no campo das identificações imaginárias, a cultura jovem convoca pessoas de todas as idades. O fato de continuar sendo jovem é ótimo e rentável para a indústria e a publicidade. Pelo menos, nas últimas décadas vimos jovens perenes, comenta Kehl (2004).

Como é vista a Juventude na Sociologia

Segundo Dávila (2005), a juventude é uma invenção do pós-guerra, no qual os vencedores, por interesse econômico, impunham um novo estilo e novos valores sociais às crianças e aos jovens para dessa forma se tornarem sujeitos de consumo. (Reguillo, apud, 2000). Na sociologia, a juventude sempre foi concebida como consequência de uma construção social, histórica e cultural. Ao mesmo tempo, existe uma dinâmica permanente dentro do mesmo conceito, que decorre da mudança social e histórica.

A categoria juventude é uma construção histórica que aparece como emergência do capitalismo, o qual criou um espaço simbólico que fez possível o surgimento da juventude. A partir desse momento, a juventude é vista como uma categoria etária (sócio-demográfica), como etapa de maturação (área sexual, afetiva, social, intelectual e física) e como sub-cultura.

Segundo Dávila (2005), a faixa etária dos adolescentes e dos jovens considerada nos países ibero-americanos é a seguinte: para adolescentes entre os 12 e 18 anos. Para a juventude argentina entre os 14 e 30 anos de idade. A juventude peruana e a juventude boliviana estão entre os 15 e 24 anos de idade (cepal apud ?, 2004). No Brasil, a juventude está entre 15 e 24 anos (Instituto Cidadania, apud, 2004).

O conceito de juventude tem adquirido inumeráveis significados. Enquanto uns apóiam-se na faixa etária para defini-lo, outros se apóiam no período de vida, no qual o indivíduo se desenvolve fisicamente, e acontece transformações psicológicas e sociais, que o fazem abandonar a infância para entrar na vida adulta. Porém, a noção de juventude é muito variável socialmente; cada sociedade rotula as qualidades específicas da juventude, num determinado momento da história, as quais dependerão ainda do lugar e do estrato social de onde vem o jovem. Por exemplo, o jovem da zona rural não tem a mesma concepção que um jovem da cidade; da mesma forma, o jovem marginal em relação ao jovem com recursos econômicos altos. Essa é uma das razões que não se pode estabelecer

uma idade e uma concepção para todos os jovens, a qual só se torna válida como referente demográfico.

Por outra parte, caracterizaremos a juventude a partir de sua condição de *transitoriedade*. Entende-se a juventude como um momento de passagem de uma situação de heteronomia e irresponsabilidade à autonomia e responsabilidade. O processo de *transitoriedade* está relacionado à diversidade social com a qual o jovem deve aprender a lidar, como a formação da família, a inserção no mercado de trabalho, a inclusão no universo público, entre outras. (Calazans, 2000 apud Abramo, 1994).

Outra característica para definir a juventude é a condição de *relatividade* (apud, Abramo, 1994), segundo a qual os direitos, deveres e responsabilidades dos jovens são definidos de acordo com as outras faixas etárias do meio onde ele se encontra. Estas responsabilidades são mais amplas que as das crianças, mas não tão extensas quanto as dos adultos.

Outras características para definir a juventude são *ambigüidade*, *negatividade* e *indeterminação*. A fase da juventude não tem um início e um término claro; ela muda conforme estipula cada sociedade. Encontra-se entre não ser mais uma criança e não ser ainda um adulto. Outra característica importante da juventude é a *preparação* e o treinamento para a vida social futura. Nessa passagem anterior à vida adulta, o jovem procura sua independência com a família de origem, tanto com relação às normas e valores como às experiências concretas de vida. (Calazans, 2000 apud Salem, 1986).

Definindo *cultura juvenil*, Pais (2003) nos menciona que é um conjunto de significados compartilhados, é um conjunto de sinais específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo. Possui uma linguagem específica do grupo, uma forma particular de ritos e eventos, através dos quais a vida adquire um outro sentido, diferente das outras gerações. Alguns comportamentos dos jovens (forma de vestir, jeito de falar, etc.) são vistos por esta corrente como “forma de resistência”. Essa conduta de resistência é igual para todos os jovens; nesse sentido, não existe diferença decorrente do estrato social ou da

condição social. Cabelo vermelho, piercing, etc. são sinais da “cultura juvenil” que são usados para desafiar a “ideologia dominante”. Estes jovens procuram sempre um significado político para manifestar a resistência e ao mesmo tempo criam espaços culturais.

Esses significados compartilhados fazem parte de um conhecimento comum, cotidiano. É no cotidiano e nas suas interações que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, pensamento, percepção e ação. De fato, as crenças e representações sociais fazem parte do contexto do cotidiano dos jovens, sem eles haver presenciado sua elaboração.

Não obstante, atualmente existem duas discussões com relação à noção conceitual da juventude, uma delas são “as novas condições juvenis” e a outra é “a situação social dos jovens”. As novas condições juvenis são causadas pelas grandes transformações sociais* experimentadas a nível global nas últimas décadas. Por este motivo, tornou-se difícil definir juventude para os pesquisadores da área. As mudanças econômicas, sociais e culturais foram se dando rapidamente, afetando a estrutura social na qual a juventude está submersa. Por essa razão, modificaram-se a compreensão da etapa e a categoria juvenil, como tradicionalmente tinha sido compreendida na sua construção social-histórica. (Dávila, 2004).

Contudo, Peralva (1997), citado por Calazans (2000), atribui aos jovens maior capacidade de adequação a esse mundo aceleradamente transformado. Essa capacidade de fácil adequação dos jovens em relação aos adultos associa-se ao fato de que a experiência dos adultos tem sido pautada por um modelo de sociedade em decomposição, enquanto os jovens estão se formando submersos naquelas vivências aceleradas do novo modelo social em formação.

Por outro lado, as discussões para definir a juventude giram em torno da “situação social dos jovens”, as quais analisam o espaço e o tempo determinado em que o jovem experimenta a sua realidade social juvenil. Por exemplo, atualmente testemunhamos o

alongamento da juventude causado pela maior permanência no sistema educativo, o atraso da sua inserção no mercado de trabalho e da formação de sua própria família, maior dependência com respeito a seu lar de origem e menor autonomia e emancipação residencial.

O prolongamento da escolaridade do jovem estaria promovendo a desconexão do jovem com a maturidade, dizem alguns autores. Antes, o processo da moratória do jovem para a vida adulta se apresentava da seguinte forma: o término da escolaridade levava ao ingresso na vida profissional e só depois teria as experiências sexuais e a reprodução, possibilitando a formação de um novo núcleo familiar. Atualmente, porém, o aumento da escolaridade, a maior liberalização dos costumes em relação à sexualidade e à disponibilidade de métodos contraceptivos constituem novos percursos da transição do jovem à fase adulta.

Este problema da escolaridade levou os jovens a ficarem mais vinculados a suas famílias de origem para poder concluir sua escolarização. Além disso, outro problema que o jovem enfrenta é a falta de emprego, o que contribui para que ele continue morando mais tempo com a família. Estes problemas não impedem que os jovens passem a exercer ou experimentar a sua sexualidade, muitas vezes independentemente da reprodução e da possibilidade de formar um novo núcleo familiar. Às vezes já tendo filhos, eles se mantêm junto a suas famílias de origem, configurando núcleos familiares em que se observa uma dupla hierarquia parental: os jovens pais apresentam dois papéis diferentes, são filhos e ao mesmo tempo são pais. Por estar na casa dos pais, devem se submeter às regras deles, apesar de impor novas regras a seus filhos. Este problema sociocultural é chamado de descristalização por Chamboredon (1985), citado por Calazans (2000).

Por outro lado, Chamboredon (1985) menciona que os jovens têm outra forma de experimentar o alongamento do período de escolarização, a manutenção de estatutos pré-matrimoniais e pré-parentais, quer dizer, o retardamento das idades do casamento e da reprodução, experiência que o autor chamou de estabelecimento. A vida dos jovens como solteiros e sem filhos permitiria maior flexibilidade em seus planos.

Como consequência de todas estas mudanças, os pesquisadores tiveram que reformular a condição juvenil sob este novo contexto, e concebê-la como um conjunto de mudanças nas vivências e relações dos jovens em outro cenário social, com novas condições juvenis.

No entanto, para definir a juventude deve-se levar em conta a discussão da “trajetória de vida”, tanto individual como social. Este processo se caracteriza pelo tempo de espera da transição do jovem à vida adulta e, sobretudo, pela relevância da passagem da formação profissional à inserção no mundo do trabalho e tudo o que envolve este processo de inserção. No plano individual, a trajetória do jovem refere-se não somente às experiências passadas senão também ao projeto de futuro; o presente vê-se condicionado pelos projetos de futuro. O plano social, aponta Dávila (2005), é visto pela pluralidade de juventudes e condições juvenis possíveis que são reflexos das estruturas e processos sociais.

Não obstante, a experiência é raramente transmissível na atualidade, é uma realidade construída com representações e relacionamentos, é algo para se ‘ter’ e algo para se ‘fazer’ (Melucci, 1996). Porque o futuro se apresenta como algo incerto, não só inclui a incerteza da idade senão as incertezas das possibilidades sociais.

Este autor defende que a consciência do limite do tempo é muito importante para o adolescente. Caso contrário, ele pode se perder em um presente ilimitado, sem raízes, devido a pouca esperança em relação ao futuro como efeito de um desencanto. A experiência se dissolve e produz frustração, tédio e perda de motivação. Por esse motivo, o limite se tornou uma condição de sobrevivência de sentido. Dessa maneira, o adolescente consegue ter consciência do outro, como a dimensão de estar-na-terra, dos significados e de manter relação com os outros. Por outro lado, o tempo como possibilidade de limitação é uma forma de cuidar da continuidade e da duração, para evitar que o tempo seja destruído numa seqüência fragmentada de pontos, como uma soma de momentos sem tempo.

Na atualidade, o adolescente constrói sua experiência de uma forma mais fragmentada. Ele pertence a uma pluralidade de redes e grupos, entra e sai de diferentes grupos de participação e o tempo que demora em cada um deles é reduzido. A informação que ele manda e recebe está crescendo de forma muito acelerada e descontrolada pelo adulto e pela sociedade, segundo Melucci (1996).

Hoje em dia, a pluralidade das participações e o aumento das possibilidades de mensagens que são oferecidas ao adolescente contribuem para debilitar os pontos de referência através dos quais formará sua identidade, como acontecia antigamente. A construção de uma biografia contínua torna-se cada vez mais incerta. Sobretudo os adultos se espelham em idéias *teens* e os jovens ficam sem parâmetros para pensar no futuro, não encontram adultos em quem se espelhem.

Da mesma forma, os movimentos juvenis também se tornaram fragmentados, as redes pertencem a diferentes grupos. Os jovens se mobilizam para o controle de suas próprias ações e pelo direito de definir a si mesmos contra os critérios de identificação que vêm de fora. Sua voz é ouvida com dificuldade porque fala pelo particular. A juventude deixa de ser uma condição biológica para ser uma definição simbólica. As pessoas não são jovens pela idade senão porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança da transitoriedade.

Segundo Melucci (1996), movimentos juvenis se dividem em virtude do ambiente sombrio que está ao seu redor e declinam-se à marginalidade das drogas. Só quando a democracia for capaz de garantir um espaço para que as vozes juvenis sejam ouvidas, poderão tornar-se importantes atores na inovação política e social.

Depois de haver visto as definições de juventude e adolescência através dos diferentes teóricos tanto da sociologia quanto da psicologia, entraremos a conhecer as características das juventudes argentina, boliviana e peruana, que são o foco desta trabalho de pesquisa, para logo entender o resultado final de análise.

Após explicar o que é juventude e adolescência na área da sociologia e da psicologia, no capítulo seguinte desenvolveremos o processo de identidade psicossocial, explicando as considerações sobre o que é ser argentino, boliviano e peruano para entender a identidade cultural dos jovens imigrantes que vieram para o Brasil.

TERCEIRO CAPÍTULO

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA JUVENTUDE

A identidade é um processo que se constitui na relação do indivíduo com a sociedade. Para analisá-la, precisaremos nos apoiar na Psicologia Social que estuda o ser humano e suas relações sociais dentro de um sistema social. A Psicologia Social é uma área de conhecimento que tenta abranger a análise da ordem social enquanto estrutura do sistema (nível macrossocial) e ao mesmo tempo busca entender como esse sistema regula o comportamento dos indivíduos (nível microssocial). Os dois níveis estão interligados e, por isso, Martín-Baró (1999) afirma: “*cada sistema social é fruto de uma história e a história é feita pelos seres humanos*” (p. 49). Dentro deste processo de relações sociais, o ser humano constrói sua socialização e sua identidade tanto social quanto individual. Explicaremos o desenvolvimento da socialização do ser humano, para em seguida entrar no processo de identidade social e o que abrange este tópico para finalizar com a identidade individual, que é o propósito deste trabalho.

A Inter-relação do Indivíduo com a Sociedade

Martín-Baró (1999) aponta que a sociedade para ser considerada um sistema deve manter a unidade, desde que possua uma ordem social. A sociedade conseguirá essa ordem através do processo de socialização. Ao mesmo tempo, esse processo ajudará o homem a desenvolver sua identidade pessoal e a identidade social. Este autor assinala que o processo de socialização precisa de três afirmações: “*A socialização é um processo de*

desenvolvimento histórico; é um processo de desenvolvimento da identidade pessoal; e é um processo de desenvolvimento da identidade social” (2001: 115).

Para manter a ordem numa sociedade, ela se baseou nos valores porque ajudam a fixar no indivíduo as normas sociais. Os valores regulam os comportamentos dos indivíduos, permitindo satisfazer as necessidades do sistema cultural e social, aclara Martín-Baró (1999). Existem quatro elementos que todo sistema utiliza para controlar as regras, normas e valores: a adaptação, o logro de objetivos, a integração e a manutenção de esquemas.

Dessa forma, a sociedade utiliza o sistema econômico para a adaptação do indivíduo, para o qual desenvolveu as tecnologias com a finalidade de satisfazer suas necessidades. Para que o sistema social logre seus objetivos, é necessário concretizar seus valores a partir do sistema político, no qual se tomam as decisões para o bem-estar dos indivíduos e da coletividade. Mas o sistema social, que tem por função a integração dos indivíduos, se constitui seja pelo parentesco seja pela estratificação, resultando na separação ou na união dos membros de uma sociedade. A sociedade também utiliza a cultura para conservar os valores, conjuntos de simbolismos e códigos que justificam sua legitimidade. Tanto as normas como os papéis definem a identidade.

A integração dos indivíduos numa sociedade se dá através das relações “estruturais” que, segundo Martín-Baró (1999), são determinadas pelos modos de produção e configuram os comportamentos dos sujeitos. A relação é independente da vontade do sujeito. O conjunto das relações de produção forma a estrutura econômica de uma sociedade, sobre a que se levanta a superestrutura jurídica e política e da qual deriva a consciência social.

O que legitima e mantêm os valores e normas de uma sociedade é a ideologia, utilizada pela classe dominante para satisfazer seus próprios interesses econômicos, como se fossem interesses da coletividade, passando por universais e naturais. A naturalização é um produto histórico do que constitui a reificação ou coisificação da realidade social. Sass

(1999) acrescenta que *“a realidade social se expressa para nós através do desenvolvimento do capitalismo e a interpretação subjetiva dessa realidade através do contrato social. O Estado, quando falamos da fase do capitalismo concorrencial, é o depositário da realidade tanto na sua expressão subjetiva quanto na objetiva”* (p. 2). Ao mesmo tempo, no sistema conflitivo, apresentado por Martín-Baró (2001), o indivíduo interioriza os valores do sistema sem ter consciência dele (alienação) ou por medo de sanção social.

Como a classe dominante que detém o poder em uma sociedade é minoritária, o que acontece com o resto da sociedade, que corresponde à maioria da população, como no caso da sociedade latino-americana? Fica à margem do sistema econômico, tendo que enfrentar o desemprego, o subemprego e a pobreza. Por conseguinte, esse bloco de gente é excluído, não sendo integrado socialmente. Como diz Martín-Baró (1999), a pessoa pobre não possui nem sequer recursos necessários para a sobrevivência no interior de um sistema e a marginalidade é uma deficiência que resulta da falta de um papel econômico no sistema social.

O problema da marginalidade na sociedade latino-americana constitui um fenômeno que ocasiona a desintegração da identidade cultural. Atualmente, as maiorias excluídas não se identificam nem com seu país nem consigo mesmas. Segundo Martín-Baró (1999), elas são incapazes de integrar-se ativamente à sociedade; suas deficiências culturais, a carência de valores e normas adequadas à vida contemporânea e suas atitudes as impedem de inserir-se no sistema social moderno.

Porém, este grupo encontrou outra forma de sustentação das referências sociais, que é a localidade onde se socializa e interage, formando redes com seus vizinhos. Surge, então, o desenvolvimento de uma identidade cultural local, a qual Castells (2002) se refere:

“... os movimentos urbanos estão voltados a objetivos de necessidade urbana de condições de vida e consumo coletivo; afirmação de identidade cultural local; e conquista da autonomia política local e participação na qualidade de cidadãos. (...) tais movimentos representam a última reação à dominação e à exploração renovada nas quais nosso mundo se

encontra submerso. (...) Eles produzem novos significados históricos - a ponto de fingir que constroem, sob a proteção das 'muralhas' da comunidade local, uma nova sociedade que eles próprios reconhecem ser inatingível.” (p. 79-80)

A seguir, analisaremos como o homem interioriza as normas sociais. Este processo se dá através da ordem social, sendo considerado um processo histórico que não pára. O ser humano é produto e produtor da ordem social e é externalizando sua atitude como ser humano que consegue produzir, manter ou mesmo mudar a ordem social.

O Indivíduo Constrói sua Realidade Social

Os autores Berger & Luckmann (1995), adotando o conceito de Mead de Outro generalizado, apresentam a realidade e os fenômenos que a ela pertencem (os quais estão fora do alcance da nossa vontade) assim como desenvolvem o conhecimento de que os fenômenos são reais e possuem características específicas. Eles adotam a tese marxista, segundo a qual o ser social determina a consciência, quer dizer, os homens conhecem como realidade sua vida cotidiana.

A realidade social é construída por um processo dialético no qual se observam três momentos essenciais do mundo social: a sociedade é um produto humano; a sociedade é uma realidade objetiva; o homem é um produto social. A cada momento correspondem os processos de exteriorização, objetivação e interiorização.

O primeiro momento, a exteriorização, é o momento no qual o homem exterioriza para o âmbito social sua produção da atividade humana, que pode ser observada através do hábito (é atividade automática). Ciampa (1977) aclara: *“embora a existência humana sempre suponha uma ordem social, esta decorre da constante e contínua exteriorização do homem”*. Martín-Baró (2001) acrescenta que o hábito de uns está relacionado ao hábito de outros, gerando novos papéis.

O segundo momento, a objetivação, é a transmissão das regras, valores, crenças, etc., da realidade social, que aparece como um mundo objetivo a outras gerações. Esse mundo objetivo se expressa através dos papéis sociais. Os papéis têm como base a divisão do trabalho, que é derivada da distribuição social do conhecimento. Segundo Ciampa (1977), os atores passam a identificar-se com seus papéis, quer dizer, colocam sentido objetivado nas ações. Esse autor acrescenta: *“o homem deixa assim de compreender que o mundo é a atividade humana objetivada. O homem não experimenta o mundo como um produto humano”* (p. 26). Esta situação traz conseqüências prejudiciais para o homem como a chamada “reificação”. Ele não tem consciência de que o mundo é produto dele, sentindo-se, desse modo, produto da natureza das coisas. Contudo, seria capaz de produzir uma realidade que o nega como humano.

O terceiro momento, a interiorização, se dá quando o indivíduo interioriza a realidade objetiva do mundo social, apreendendo ou talvez interpretando um acontecimento objetivo. Para interiorizá-la, ele lhe dá sentido simbólico (torna-se subjetivamente significativo para ele). O indivíduo apreende o mundo do outro como realidade social, tornando-o parte dele. Este momento é muito importante para a formação da identidade do indivíduo, a partir da ação dos outros significativos. Ciampa (1977) aponta que ao se identificar com os outros, a criança torna-se capaz de se identificar consigo mesma. O círculo social da criança vai se ampliando e vai sendo formada a noção de “outro generalizado” que, juntamente com a linguagem, desenvolveria a abstração dos papéis e atitudes dos outros significativos concretos. Logo, a identidade se forma a partir do outro generalizado, ou seja, da sociedade. A identificação consigo mesmo adquire estabilidade e continuidade.

Estes três momentos (a exteriorização, a objetivação e a interiorização) estão interligados; um influencia o outro. Eles explicam o processo de socialização do homem, para o qual a sociedade previamente tem se organizado através de uma ordem, embora a ordem social tenda a ser o produto e a canalização dos interesses da classe que detém o poder, transmitindo determinados valores e formas de vida que lhe convêm.

Socialização Primária e Secundária

No processo de socialização primária, a criança internaliza o único mundo que está ao seu redor, sem questionar, convertendo-se dessa forma em membro de um grupo social concreto. A criança, ao se localizar no mundo objetivo e ao se relacionar com as outras pessoas, se apropria de esquemas que definem a sua realidade como objetiva e exterior a ela, de maneira que ao conhecer a realidade poderá também conhecer a si mesma. O processo que explica o conhecer-se a si mesma é a internalização que já foi analisada anteriormente (Martín-Baró, 2001).

A criança, para interiorizar o mundo social dos outros e torná-lo o único mundo existente, precisa de pessoas que se encarreguem de sua socialização, as quais são parte do seu ambiente familiar e são chamadas de “outros significativos” pelos autores Berger & Luckmann (1995). Segundo esses autores, este processo é muito importante porque é carregado de alto grau de emoção. A criança assimila o mundo social e começa a desenvolver sua identidade pessoal identificando-se com os outros significativos, não tendo escolha.

Nessa fase de socialização, a criança cria em sua consciência uma abstração progressiva dos papéis e das atitudes dos outros particulares, transformando-os em seus papéis e atitudes em geral. Essa abstração do papel e da atitude do outro significativo concreto é chamada pelos autores de “outro generalizado” (conceito originário de George Mead). Dessa maneira, a criança se identifica consigo mesma, alcançando estabilidade e continuidade.

A interiorização do outro generalizado na consciência aponta para uma fase muito decisiva da socialização. A sociedade e a realidade objetiva são interiorizadas enquanto tal, resultando em uma identificação coerente e contínua. Desse modo, ocorre uma inter-relação cristalizada entre a sociedade, a identidade e a realidade no mesmo processo de interiorização.

O processo de socialização secundária caracteriza-se pela razão e pela apreensão do “outro generalizado” (ligado à divisão de trabalho, ou seja, à distribuição de conhecimento) e pela interiorização de submundos institucionais, como realidades segmentadas. Esta fase deixa de ser inevitável e se torna superficial. Somente uma situação muito forte pode destruir a maciça interiorização da realidade primária. O indivíduo reage de certa forma, conforme seja interessante, e abandona as formas de agir assim que não forem mais necessárias. O interessante é perceber que nesse processo as regras podem ser mudadas interna ou externamente sem afetar a integridade físico-psicológica, mas a sua interiorização não se dá com forte emoção, como ocorre na socialização primária.

Os submundos interiorizados na socialização secundária são, quase sempre, realidades parciais, ao contrário do que acontece na socialização primária, na qual a realidade é apresentada como única, completa e inevitável. O mundo institucional é transmitido como um corpo de conhecimento, justificado pela legitimação. Os indivíduos não apresentam um alto grau de emoção, visto que a identificação se dá em seqüências racionais, emocionalmente controladas, sendo, portanto, mais facilmente descartadas e substituídas. Não há o forte apego emocional nem a interiorização profunda, que caracterizam a socialização primária.

No processo de socialização secundária, pode acontecer a “alternação”, que consiste na transformação quase total da identidade (realidade subjetiva) e se caracteriza pela anulação do passado. Acontece quando o indivíduo muda de mundo ou neste caso de país que é o tema deste trabalho. O estrangeiro consegue fornecer novas significações de legitimação à transformação do presente lugar onde se encontra, “reinterpretando” radicalmente o significado das vivências passadas no país de origem. Esta transformação do presente é da realidade subjetiva total do indivíduo, a qual pode ser modificada, já que não é estática.

O indivíduo não tem outra escolha a não ser identificar-se com esse último processo. Segundo os autores, esses processos ocorrem em condições especiais de “re-

socialização” e apresentam uma estrutura similar à socialização primária, na qual os outros significativos são muito fortes e de alta carga emocional. Os indivíduos interiorizam um novo universo plausível, como, por exemplo, a conversão religiosa.

A *alternação* caracteriza-se pela anulação do passado e consegue dar novas significações de legitimação à transformação do presente, “re-interpretando” radicalmente o significado das vivências e das ações da vida passada. A alternção bem-sucedida requer a possibilidade de dispor de uma estrutura efetiva de plausibilidade, como Berger & Luckmann (1995) dizem: “*uma base social que sirva de ‘laboratório’ da transformação*” (p. 208).

Socialmente, a interação do indivíduo com os outros significativos é carregada de elevado grau de afetividade, dentro do grupo social que corporifica a estrutura de plausibilidade para o sujeito a quem é atribuída a tarefa de re-socialização. No processo de re-socialização, o passado é reinterpretado com a finalidade de harmonizá-lo com a realidade presente, cuja tendência é a reintrojetar no passado aqueles aspectos subjetivos que não foram muito acessíveis naquela época.

Na socialização secundária, a interiorização da realidade social pelo indivíduo pode dar-se interiorizando-a sem se identificar com ela. O indivíduo pode assumi-la como tática. A essa interiorização os autores chamam de *alternância fria*, que garante ao indivíduo interiorizar a nova realidade, utilizando-a como finalidade de subsistência, mas não se identificando com ela. O indivíduo assume e desempenha papéis com caráter manipulador de tática, de tal forma que Berger & Luckmann (1995) nos dizem: “*que ele representa ser aquilo que não se propõe que seja*” (p. 228). Em oposição, temos a *alternância quente*, segundo a qual o sujeito representa ser aquilo que supõe ser, ele representa o papel acreditando ser o que representa. Na *alternância fria*, o sujeito representa o papel sabendo que não é.

Quando o mundo objetivo é muito claro e a organização é muito simples, é mais provável se alcançar um ótimo grau de socialização, já que a legitimação se torna mais

controlável na medida em que se processa uma socialização bem-sucedida, em que há simetria entre a realidade objetiva e realidade subjetiva.

O problema se coloca quando essa simetria não se dá, como, por exemplo, na sociedade onde se encontra um grande número de indivíduos que por alguma razão inesperada se afastam do padrão do grupo, sendo considerados desviados pela sociedade.

Porém, Sass (1999) discorda dessa definição, porque esses autores mantêm a relação dicotomizada entre o indivíduo e a sociedade. Assim, também consideram a objetividade como resultado da institucionalização da sociedade e a subjetividade como resultado da socialização do indivíduo. Com esta posição interacionista, não há superação da dicotomia. A relação, segundo os autores, se dá através do mecanismo em que o externo influencia o interno e vice-versa.

Identidade Social

Identidade social envolve o conjunto de todas as relações que o indivíduo tem em seu sistema social, como podem ser as relações de classe sexual, idade, classe social, uma nação, etc. Ao mesmo tempo a identidade permite que o homem se localize em um sistema social e seja localizado socialmente, segundo Cuche (1999).

Como a identidade é um processo consciente pelo indivíduo, a identidade social é a consciência que o indivíduo tem de pertencer socialmente a um grupo (com seus devidos valores), que o diferencia de outro grupo, Tajfel, (1982). Para desenvolver esse conceito de consciência, Jenkins (1996) utiliza a teoria da interação simbólica de Mead. Não somente nós identificamos a nós mesmos, mas dependemos também de como nos identificam os outros para depois nos reconhecermos, numa dialética interna e externa. Esse conhecimento de pertença ao grupo é carregado de emoção e valor.

O que motiva o indivíduo a continuar pertencendo psicológica e objetivamente ao grupo é o sentir-se bem e satisfeito nele, o que só vai perceber ao se comparar com outro

grupo. Se o grupo não fornece condições adequadas para a preservação da identidade social positiva, ele o abandona psicologicamente e/ou objetivamente.

A identidade social também é definida como o produto último de localizar-se no sistema de papéis desempenhado simbolicamente. Ao mesmo tempo, é o resultado das posições sociais validadas, segundo Sarbin & Scheibe (?). Essas posições são validadas quando as pessoas desempenham apropriadamente ou não o papel social. Os meios de comparação com os diferentes padrões de papéis são específicos para os diferentes indivíduos ou para o mesmo indivíduo nas diferentes épocas. Jenkins (1996) acrescenta que a constituição e a distribuição de posições são o resultado de relações e lutas políticas com ou sem organização.

Como a identidade social é um processo que abrange os diferentes papéis que o homem assume no seu meio social para se relacionar com os outros, analisaremos a seguir o papel da cultura que o homem assume mesmo desde que nasce, e a identidade cultural.

Identidade Cultural

Retomamos o conceito de cultura para logo explicitar o que é identidade cultural. Como tínhamos aclarado no primeiro capítulo, cultura são os valores, normas, crenças e costumes que são referências que o grupo social tem de si próprio em relação à sua existência social-histórica, como partícipe e dono dela. A cultura é transmitido ao indivíduo através da linguagem pelas instituições responsáveis de sua socialização, tanto primária ou secundária. Cuche (1999), nos aclara que o ser humano internaliza a cultura em forma inconsciente, não pode desafiá-la, caso contrário a sociedade o exclui, marginalizando-o. Porém a identidade é consciente, baseada em oposições de nós/eles, na diferença cultural aponta Cuche (1999).

Llajaruna (2001), manifesta que o universo da cultura constitui as diferentes áreas de significações sociais dentro de uma ordem institucional. Todos os acontecimentos da história da sociedade e da biografia dos indivíduos se dão dentro deste universo simbólico.

Esse sistema simbólico é formado pelas significações produzidas e que são desenvolvidas e representadas pelos papéis sociais, que posicionam o sujeito e explicam como ele é.

Segundo Cuche (1999), a identidade cultural é aquilo que define ao indivíduo como autêntico que remeteria ao grupo original de vinculação. Se relaciona com a raiz, a imagem comum dentro de um grupo cultural e se questiona ao entrar em contato com outra cultura, e é nesse momento que o indivíduo toma consciência de sua identidade cultural e o assume sem questionar, porque já estava dada mesmo antes dele nascer, mas como a cultura é inconsciente a partir daquele momento se transforma em consciente. A representação é quase genética da identidade, o que leva ao conceito de enraizamento cultural.

O indivíduo é levado a interiorizar os modelos culturais que lhe são impostos durante o processo de socialização, até se identificar com seu grupo de origem cultural. E logo o transmite a outras gerações e assim sucessivamente. Porém a identidade cultural também está em processo de construção constante, assim como a história social, tudo está em renovação, de tal forma que não se pode falar de identidade cultural pura invariável, mas ainda no tempo de globalização que estamos vivendo, tudo está em transformação, até a cultura.

Uma das particularidades da identidade cultural é a identidade nacional o que analisaremos a seguir, já que o objeto de estudo deste trabalho, as diferentes nacionalidade com as quais trabalhamos.

Identidade Nacional

Conforme Martín-Baró (1999), a sociedade, com a finalidade de organizar as pessoas e os grupos, dividiu seu território em países e nações, dando origem ao que os cientistas sociais chamam de identidade nacional. A nação/estado, como toda instituição, produz sentidos e símbolos que são representados pelos valores da cultura nacional. Seus sentidos, porém, precisam ter significações. Cada país tem seus próprios valores, sentidos e significações que o diferenciam de outro país. Por isso, cada nação, para poder concretizar

suas legitimações, precisa de um domicílio e de uma comunidade local, em um espaço territorial. (Hall, 1999)

A nação precisa de um instrumento pelo qual seja transmitido o discurso ideológico, que constrói a hegemonia cultural da nacionalidade. Essa ideologia tece a forma como é imaginada a comunidade nacional.

Martín-Baró (2001) acrescenta que a identidade nacional está formada por dois fatores: objetivo e subjetivo. Os fatores objetivos são as características étnicas, econômicas, políticas e culturais e os fatores subjetivos estão relacionados ao fato de que a pessoa assumir como própria a identidade nacional e se sentir parte desse grupo, ou seja, possuir a consciência da sua identidade nacional.

Porém, a identidade nacional foi criada pelas pessoas que possuem o poder de um respectivo país para benefício de seus interesses de classe. Martín-Baró (2001) comenta a respeito:

“(...) Ideologizar as características comuns e transformá-las em esquema ideo-afetivo interiorizados pelas pessoas que são levadas em função dos interesses dominantes de seu grupo nacional. Estimulada pelas pessoas que têm o poder em cada país para seus interesses de classe” (p.103-104).

A ideologização da imagem nacional é transmitida pelo sistema escolar, pelos meios de comunicação de massa, pelas pessoas que possuem o poder em um país, e tende a ocultar as características negativas da representação da identidade nacional, mostrando apenas sua parte superficial.

Mas com a economia global que está perpassando as fronteiras dos países sem limite sobretudo os mais afetados são da população do Terceiro Mundo, por um lado aumentado o fluxo de migração/imigração, e deslocando as pessoas em busca de sobrevivência e por outro lado, deixando em conflito a questão da identidade nacional, o

qual ressurgiu com muita força causado pelos conflitos raciais e do aumento do sentimento de xenofobia, dos países do Primeiro Mundo que recebem em massa os migrantes.

Cultura Global & Cultura Local

A globalização trouxe como consequência dois problemas que apontaremos por ser tema de nosso estudo, por um lado, o Estado-nação estão perdendo a nacionalização de sua economia e de sua política, o que está ocasionando desemprego, e dessa forma excluindo seus cidadãos que sem perspectivas de vida, emigram sobretudo do Terceiro Mundo com direção ao Primeiro Mundo. Por outro lado, o Estado ao não garantir a identidade nacional dos cidadãos, eles estão ficando desorientados da sua representação social e individual. E como resistência a essa desorientação que causa a globalização (aceleração do tempo e do espaço) o indivíduo começou criar suas representações simbólicas no espaço e no local onde vive se desenvolve em prol de sua sobrevivência. ele está se sujeitando até de suas raízes como raça e etnia, para evitar ser excluído da sociedade.

O processo da globalização entende-se como uma expansão do capitalismo permeando as relações sociais dos indivíduos a nível global. No qual as grandes empresas detentoras do capital fizeram e fazem investimentos em nível global com vistas a adquirir maiores lucros. Todavia, esta estratégia ocasiona a desnacionalização da economia e, muitas vezes, promove crises econômicas sérias nos mercados em desenvolvimento. Observa-se que os Estados perdem, em decorrência destes processos, o controle da economia nacional, não podendo mais influenciar politicamente nas decisões das empresas globais, diminuindo, dessa forma, as receitas tributárias e tornando-se meros gerentes daquilo que sobra no seu território.

Ainda, segundo Habermas (2002), a desnacionalização da economia ocasionou que a política perca o domínio das condições de produção. As empresas tomam suas decisões de investimentos em um universo globalmente estruturado. Os governos, sem o dinheiro da receita tributária, não conseguem mais concorrer no mercado internacional gerando o aumento do desemprego. Nesse processo orientado pelas premissas do pensamento

neoliberal, os que mais sofrem são as maiorias do Terceiro Mundo, abandonadas por seus governos e sem poder solucionar por si mesmas os problemas sociais que lhes afligem, saem de seus respectivos países à procura de melhores condições de sobrevivência, até barateando a sua mão-de-obra, deslocando-se tanto para países do Primeiro Mundo quanto para países limítrofes aumentando as correntes migratórias e imigratórias. Dessa forma, acabam intensificando o fenômeno chamado de “subclasse”, ou seja, aumentando o número dos marginalizados.

Devido aos processos da globalização e da desnacionalização da economia, o Estado está perdendo espaço como agente que garante a identidade nacional de um país. Em função de seu enfraquecimento, também os significados de nacionalidade estão se tornando mais distantes de seus cidadãos. Tristemente, temos observado que as nações do Terceiro Mundo cada vez mais perdem sua soberania por causa da globalização, processo que ultrapassa as fronteiras nacionais, sem respeitá-las.

Assim, a decadência da legitimação do Estado como nação está ocasionando transformações na identidade dos indivíduos (Hall, 1999). Por esse motivo, os indivíduos não se encontram mais integrados como sujeitos pertencentes a uma nação. Agora, todos são integrados numa só cultura globalizada, o que está promovendo a *perda de sentido de si* (Hall, 1999) e, assim, o indivíduo enfrenta o problema de encontrar-se fragmentado social e psicologicamente. A esse respeito, lê-se:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de

si mesmo – e constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo.
(Hall, 1999:9).

A rede global impõe uma racionalidade comum a todos, dessa forma cria uma ilusão de uma totalidade que não existe. Smith (1990) aponta que a cultura global usa embalagem uniformemente aerodinâmica destinadas às massas. Os produtos como moda, aparelhos, roupas, tênis, música, etc. são padronizados e comercializados como se fossem estilos tradicionais desnacionalizados, como uma série de valores e interesses generalizados, que se transformam como interdependentes no processo de comunicação.

Ao tratar da globalização e de seus aspectos sócio-econômicos, Habermas (2002) discute a questão da inclusão do outro na realidade atual. Segundo este autor, uma das questões referentes às necessidades de inclusão está relacionada aos processos migratórios e imigratórios. O que motivou os habitantes dos países do terceiro mundo a migrar foi a busca de oportunidades reais de emprego e sobrevivência.

Assim, observa-se que a globalização afeta de forma marcante tanto os processos individuais de formação da identidade individual como os de caráter coletivo vinculado às identidades coletiva e cultural.

As pessoas em defesa da globalização estão valorizando mais a inter-relação que tem no seu ambiente local, onde se desenvolve solidariedade entre os vizinhos que participam num local, pode ser, uma vila, bairro, subúrbio, formando redes sociais. Os indivíduos desenvolvem suas identidades locais se protegendo do meio externo que é hostil para eles. Estas identidades possuem outras fontes de significados e o que buscam estas pessoas é o reconhecimento social como grupo ou como comuna, com a finalidade de alcançar a participação como cidadãos brasileiros, e não como indivíduos soltos, que é o mecanismo da globalização, deixar o homem fragmentado, isolado socialmente, e se ele não participa do movimento econômico global de consumo, simplesmente é excluído da sociedade.

Identidade étnica

Phinney (2004) nos esclarece que o jovem não se depara com sua própria etnicidade até o ato de migrar, já que no seu país todos são etnicamente homogêneos, não há diferença. Porém, quando migra se defronta com o fato de que os outros jovens da nova sociedade são de outra etnia, possuem outras características físicas e, por esse motivo, precisa desenvolver sua identidade étnica. No começo da migração, o jovem se vê como estrangeiro. Com o decorrer do tempo, ao querer fazer parte da nova sociedade, ele sente que o vêem como diferente, sobretudo pela sua etnia. Cardoso Oliveira (?) aponta essa relação: *“a situação que engendra a identidade étnica é o contato interétnico, sobretudo quando esta tem lugar como fricção interétnica”* (1976: 6).

Como explicita Cardoso de Oliveira (1976), a consciência da etnia está pautada pelos valores que são assumidos pela influência da ideologia da sociedade. Por outro lado, Erickson (1968) apresenta as três questões – identidade, valor e ideologia – como cruciais para que o jovem consiga adquirir sua maturidade individual. Quando a ideologia da nova sociedade – que tem o poder de influenciar nossas ações e escolhas – não aceita os valores que os imigrantes trazem de seus países de origem, isso pode ocasionar no jovem uma confusão de valores.

Esse autor nos aclara que para o indivíduo adquirir consciência de sua etnia, ele precisa analisar sua identidade étnica contrastando-a com a etnia da nova sociedade hospedeira. Ele utiliza a outra etnia como referência, jamais se afirmando isoladamente. O confronto de etnias se dará num sistema de representação de conteúdo ideológico e ajudará o indivíduo a afirmar tanto sua identidade individual como coletiva.

Sandoval (2002) acrescenta as condições para o desenvolvimento da identidade étnica: primeiro, o imigrante não conseguiria adquirir a consciência de sua etnicidade isoladamente, ele precisa pertencer a um grupo étnico, através do qual se sinta resguardado diante de qualquer rejeição da sociedade hospedeira. O imigrante desenvolve a sua identidade étnica depois de fazer parte de uma comunidade. A formação dessa comunidade

dependerá do aumento da migração, que se organizará formando as redes sociais, redes de ajuda mútua, redes de localização em um lugar específico, que possam garantir a mobilidade e o emprego. Só dessa forma o indivíduo poderá constituir uma identidade como grupo étnico. Os imigrantes isolados não formam grupo étnico. “*Os imigrantes só criam raízes na nova sociedade quando constituem uma comunidade*” (p. 21).

Segunda condição, a sociedade anfitriã, ao se mostrar muito fechada aos grupos imigrantes, facilita a formação da auto-identificação étnica. Este tipo de sociedade impossibilita a mobilidade social e ao mesmo tempo discrimina os imigrantes, afirmando a rígida identidade étnica. Quando a sociedade é mais aberta a recebê-los, há menos possibilidade dos grupos se fecharem em uma comunidade étnica, o que os ajudará a se relacionar com outros grupos étnicos. Uma vez que as comunidades étnicas estão consolidadas na sociedade hospedeira, elas impõem suas regras de dominação e exploração para os recém-chegados, determinando o lugar desses novos imigrantes.

Cabe ressaltar que as crianças que são expostas a estereótipos negativos acerca de seu próprio grupo podem viver uma situação conflitiva ou criar um sentimento negativo em relação a sua própria etnicidade (Phinney, 1989). As crianças também são influenciadas por mensagem recebida da própria família ou da comunidade. A socialização primária considera que os jogos de etnicidade desempenham um papel muito importante na criança no que tange ao significado de sua própria etnicidade. As crianças são influenciadas também pelas mensagens de outros adultos e da própria comunidade étnica. É vital que a comunidade proporcione às crianças um sentimento positivo em relação a seu próprio grupo.

Identidade Grupal

Segundo Martín-Baró (1989), o grupo é uma estrutura social, uma realidade total, e não a soma dos membros que o constituem. Porém, ele surge como produto da necessidade dos membros de possuir uma referência. Desde o ponto de vista da Psicologia Social, o grupo canaliza tanto as necessidades pessoais quanto os interesses coletivos. Existem grupos que resultam das necessidades especiais dos indivíduos que os compõem, assim como existem grupos que são a expressão e a materialização dos interesses coletivos, sejam interesses conflitivos de um povo ou de uma classe social. O grupo pode ser analisado por meio: 1) da identidade do grupo e 2) do poder que dispõe o grupo nas suas relações com os outros grupos e, ainda, da significação social do que produz sua atividade social.

A identidade do grupo precisa ser uma totalidade, uma unidade de conjunto, que possua uma característica particular para poder diferenciá-lo de outro grupo, ou seja, que tenha alteridade com respeito a outro grupo. As características do grupo são: 1) a forma de organização; 2) as relações com outros grupos; 3) a consciência de seus membros.

- 1) O grupo se organiza pela determinação das condições para pertencer a ele. As normas de pertença podem ser formais ou informais; sempre haverá critérios para aceitar quem pode fazer parte dele. Por outro lado, a organização de um grupo precisa de uma definição dos seus membros, da regulação das relações entre eles e da repartição de funções. Por último, o nome do grupo constitui o “cartão de visita” diante da consciência coletiva. A identidade de um grupo será tanto mais clara e seu enraizamento histórico tanto mais profundo quanto mais vinculado estiver dos interesses de uma classe social.
- 2) As relações com outros grupos, que os processos históricos concretos configuram, mantêm a identidade de cada grupo humano. A identidade objetiva dos grupos surge da sua conexão com alguns interesses sociais (pessoais e/ou coletivos). Martín-Baró (1989) aponta Billig para distinguir entre os grupos-em-si e os grupos-para-si. Os grupos-em-si são objetivos, porém carecem de consciência que os permita adequar sua

identidade ativa e seu fazer aos interesses da classe social. Os grupos-para-si adquirem a consciência e tratam de adequar sua identidade e seus projetos aos vínculos objetivos.

- 3) Consciência de pertença a um grupo: trata-se de uma pertença subjetiva. O fato de que um indivíduo pertença a um país, a uma raça, a uma classe social objetivamente não quer dizer que tenha consciência daquilo. A pertença subjetiva de um grupo corresponde ao indivíduo optar por tomá-lo como referência para sua própria identidade ou vida. O indivíduo utiliza o grupo para desenvolver a identidade social ou para conseguir determinados projetos.

A compreensão psicossocial de um grupo enfatiza o seu poder. O poder aparece para diferenciar pessoas, grupos ou povos que possuam diversos recursos. O grupo se considerará poderoso se tiver mais recursos disponíveis (material, cultural e pessoal) em relação a outros grupos, o que lhe permite atingir seus objetivos e se impor a outros grupos sociais. O poder de um grupo é um dos elementos constitutivos de sua identidade.

Um grupo que não tenha recursos, para se impor na sociedade da qual faz parte, tenderá a se fechar consigo mesmo e a desenvolver uma dinâmica intragrupal. Esta situação se dá pelo diferencial negativo de recursos do grupo e pela carência de poder social diante de outros grupos. Cada grupo deve ter a capacidade de produzir uma ação real na vida social para afirmar sua identidade, satisfazendo os interesses individuais ou grupais.

Concluindo, Martín-Baró (1999) comenta que, para definir um grupo, é importante conhecer sua identidade, poder e atividade. O grupo é a materialização da consciência coletiva, é o reflexo – verdadeiro ou falso – da demanda de interesses pessoais e/ou coletivos. A sociedade, pois, apresenta uma pirâmide de grupos que se misturam entre si como partes de um todo que está em constante atividade.

Identidade Pessoal

A identidade pessoal é adquirida durante o processo de socialização primária. Segundo Berger & Luckmann (1995), a identidade, uma vez cristalizada, é mantida ou remodelada pelas relações sociais, definindo um eu pessoal, para o qual convergem todas as suas ações, o seu pensar e o seu sentir. Segundo Martín-Baró (2001), a identidade pessoal possui quatro características fundamentais: 1) refere-se ao mundo; 2) afirma-se na relação pessoal; 3) é relativamente estável e 4) é produto tanto da sociedade quanto da ação do próprio indivíduo.

1) O eu pessoal sempre se encontra num contexto objetivo e se refere ao mundo como uma realidade que tem sentido, é conhecida e é valorada. A identidade é o enraizamento da pessoa em um mundo de significações, a qual pertence a uma rede de relações sociais. Ciampa (1984) menciona que a primeira noção de identidade está relacionada à idéia de que ela se constitui por diferença e igualdade. O primeiro grupo a que pertencemos é o núcleo familiar, que nos dá o nosso nome (sobrenome) e a noção de identidade por igualdade, nos diferencia dos outros membros da família consanguínea e nos fornece o primeiro nome (prenome) e a noção de identidade por diferença.

A pessoa pertence a um grupo ou vários grupos e cada um deles possui um sentido muito especial: é parte de uma família, de um grupo escolar e de trabalho, pertence a uma raça, a uma comunidade étnica, a uma classe social, etc. É nessa realidade que o eu adquire consistência para o indivíduo, assumindo diferentes identidades (com relação aos papéis sociais) formadas no processo social, como apontam Berger & Luckmann (1995). Assumir uma identidade é assumir o mundo do qual faz parte ou fez parte. Os diferentes tipos de identidades são produtos sociais e ao mesmo tempo o conjunto de identidades constitui a sociedade (Ciampa, 1995).

Por outro lado, esses autores dizem que *“as identidades produzidas pela interação do indivíduo com a sociedade, reagem sobre a estrutura social dada mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a”* (p. 229). Ciampa (1977) acrescenta que para ser

entendida, a identidade deve ser localizada num lugar do mundo social. Portanto, a identidade é objetivamente definida como localização em um lugar do mundo e só pode ser subjetivamente apropriada juntamente com esse mundo. Ao mesmo tempo, o interacionismo simbólico afirma que a identidade se constitui ou reconstitui segundo a realidade onde o indivíduo se inter-relaciona. A identidade é puramente circunstancial.

2) A identidade da pessoa é de natureza social: possui um mundo de significações (mundo objetivado), constituído pelas pessoas mais significativas, ou seja, os “outros significativos”. A identidade da pessoa se forma a partir da identidade dos outros. Cada pessoa tem um “eu” que se afirma diante de outros “eu” que são diferentes do meu “eu”.

A identidade do indivíduo se forma nas identificações que os outros fazem dele. Isto se dá pela identificação dos outros através das atitudes do indivíduo como participante da interação, argumenta Habermas (2002).

3) O “eu” ou a identidade pessoal é relativamente estável. A identidade pessoal sempre se refere ao mundo, à evolução do “eu” que acompanha as mudanças do próprio mundo, sejam conscientes ou não. Por exemplo, quando o indivíduo rompe com seu cotidiano ao se mudar de cidade ou ao se mudar para um mundo institucional diferente como a escola, ocorrem as mudanças das relações pessoais e o eu transforma-se junto.

Porém, Ciampa (1984) aclara que a identidade não é estável, ela está em constante movimento, em transformação. A identidade não deve ser vista como um “dado” a ser pesquisado, como um produto preexistente a ser conhecido. A questão principal é como se produz esse produto, como se dá esse dado. Segundo, torna-se importante partir da representação como um produto, para analisar o próprio processo de produção, de forma que a identidade passe a ser entendida como um permanente processo de identificação, como um dar-se constante que expressa o movimento social. Este processo é determinado pelas condições históricas e surge em um momento originário. A transformação implica o projeto de futuro do indivíduo ou o que ele pretende ser.

A identidade é considerada por Ciampa (1977) um processo que está em constante identificação, em constante metamorfose, em constante transformação. Esse processo de metamorfose significa a relação do sujeito com sua história de vida e, ao mesmo tempo, com o contínuo processo de mudança. A metamorfose da vida de um indivíduo se concretiza, em cada momento, de uma forma específica, dadas as condições históricas e sociais determinadas. Ao estudar as ações concretas da história de vida dos sujeitos, pode-se observar a dinâmica da objetividade e da subjetividade numa constante interação. Lane (1994) comenta que Ciampa aponta a contradição da identidade como metamorfose e cristalização, como vida e morte, como criação e destruição.

4) A identidade pessoal é produto da sociedade e produto da própria ação do indivíduo. Ela se forma na interação das forças sociais que influem no indivíduo e diante das quais ele age e forma a si mesmo. Ao agir, ele cria uma realidade que conhece como tal e, ao mesmo tempo, essa ação é determinada pelas forças sociais específicas daquele momento.

Qualquer teorização de identidade deve estar inserida numa interpretação mais ampla da realidade e, ao mesmo tempo, deve considerar que este processo está em constante movimento. O homem é produto e produtor do social, num mundo onde natureza e sociedade encontram-se dialeticamente e se manifestam em cada indivíduo (Berger & Luckmann, 1995).

A identidade será entendida como um processo dialético, o que nos permitirá um conhecimento mais concreto da personalidade, abrangendo a compreensão da totalidade do indivíduo, enquanto ser ontológico. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, cuja unidade é de contrários, de multiplicidade e de mudança: “sou eu que sou assim” (p. 61).

A identidade é definida como uma categoria científica e concebida, segundo Ciampa (1995), como um processo de transformação, de metamorfose dentro de uma abordagem dialética da psicologia social que entende o indivíduo em suas múltiplas inter-relações sociais.

A metamorfose é entendida no sentido dialético da negação da negação, da unidade dos contrários, que surge como possibilidade de superação da dialética da evolução do ser humano, já que o homem não é um ser acabado, mas em constante processo de mudança, inserido em uma realidade que é sempre contraditória.

Lane (1984) ressalta que a psicologia social precisa recuperar o indivíduo na interseção de sua história com a história da sociedade, o que permitiria compreender o homem como produtor da história. Na medida em que a história se produz dialeticamente, cada sociedade, na organização da sua produção dentro da vida material, gera uma contradição fundamental que, ao ser superada, produz uma nova sociedade, que é qualitativamente diferente da anterior. *“... para que esta contradição não negue a todo momento a sociedade que se produz, é necessária a ideologia, ou seja, os valores são explicações verdadeiras que reproduzam as relações sociais necessárias para a manutenção das relações de produção”* (Lane, 1984: 13).

Segundo Ciampa (1995), para entender a lógica da dialética dos contrários que caracteriza o processo de identidade, deve-se analisar as categorias que fazem parte desse processo: identidade, atividade e consciência estão relacionadas reciprocamente, tornando-se fundamentais para a psicologia social estudar o homem. As *“três coisas justapostas, mas presença de todos em cada uma delas, numa unidade que é o sujeito”* (p. 13).

A categoria Identidade entende o movimento de transformação do indivíduo no seu processo de tornar-se homem, em outras palavras, a sua hominização, entendida por Ciampa (1995) como metamorfose. O contrário, ou seja, o ser estático, a não-metamorfose, é a cristalização da identidade, dada como condição quase que inexorável da sociedade capitalista.

A categoria Atividade corresponde ao agir, ao fazer do homem, através do qual ele representa personagens, que estão em constante movimento. Nestas ações, a vida mostra-se numa luta constante pela sobrevivência, negando em todo momento a morte tanto física quanto psicológica.

Por último, a categoria Consciência é considerada por Ciampa (1995) a capacidade que todo ser humano tem para raciocinar e refletir. Lane (1995), ainda, comenta que a reflexão se processa na consciência do indivíduo, sendo indissociável dele, e da sociedade em que se insere. A consciência é desenvolvida pela atividade realizada e essa atividade gera o repensar das ações, produzindo, portanto, consciência de si mesmo e dos outros envolvidos.

Para Ciampa (1984), a identidade se forma na relação recíproca com os outros, no grupo em que está inserido. São vários os grupos com os quais se compartilha as experiências na sociedade. Assim, o sujeito se determina pelo reconhecimento dos outros; estes sujeitos ao mesmo tempo adquirem a sua identidade pela resposta dos outros. Entretanto, as relações recíprocas são mantidas pelas atividades dos indivíduos, pelo seu fazer, produzir e criar. É importante saber, sobretudo, como se dá a elaboração do processo de produção da identidade. Considera-se que ela se desenvolve por meio do processo de identificação, que está sempre se reconstruindo. Freitas (1997) aponta que este processo de reconstrução se dá a partir de um momento anterior, de quase dissolução da identidade. Dessa forma, a identidade deixa de ser concebida como um objeto último a ser atingido e passa a ser entendida de forma mais dinâmica, pois através da dialética eu - outros, a identidade é mantida, modificada ou mesmo remodelada.

Nesse processo de identificação, o indivíduo se apresenta diante do outro representando um papel social, através de um personagem, que se desenvolve pela ação no sentido da criação, tornando-se o sujeito um ator. A identidade é entendida pelo movimento das várias personagens. Os papéis sociais são impostos mesmo antes do sujeito nascer e, durante a vida, ele só tem que representar através de uma personagem. Por exemplo, um bebê, quando nasce, é reconhecido pela família como integrante dela e, por isso, tem que assumir essa personagem, re-pondo o que foi pressuposto pela sociedade como filho de Rosa e João. A sociedade normatiza e controla as atividades de seus membros, com a finalidade de manter a estrutura social. A identidade como reposição de uma pressuposição

aparece como algo dado e não como algo que vai se dando, de uma forma estática e atemporal (no sentido da não-transformação), dando lugar à mesmice.

Fernando, filho de Rosa e João, quando se tornar adulto, casar-se-á e deixará de representar o papel de filho para assumir um outro papel social, marido de Ana e, como possibilidade de futuro, pai de um filho. Não se está dizendo que não é mais filho de Rosa e João, só que não precisa mais re-apresentar o papel de filho em seu novo lar e só poderá fazê-lo na presença dos pais. Dessa maneira, a produção da identidade não termina na representação de uma personagem, entendida como atividade do ator, que se singulariza como única pessoa. Ela, portanto, está sempre se dando. As personagens ocorrem de forma alternada (diacronicamente) ou ao mesmo tempo (sincronicamente). Agora, se esse Fernando não apresenta mudanças nas suas representações, poderá ficar preso ao fetichismo da personagem, isto é, o sujeito fica na mesmice, repondo a mesma personagem de filho. Independentemente de ter se casado ou não, ele não consegue representar um outro papel.

A identidade configurada perante o outro, como representante de si mesmo, é a pressuposição da identidade como totalidade. A identidade se desenvolve ao objetivar a ação, na representação de personagens, que ocorre quando:

- A) O indivíduo representa enquanto está sendo representante de si;
 - B) O indivíduo representa enquanto desempenha papéis;
 - C) O indivíduo representa enquanto repõe no presente o passado, reiterando a “re-apresentação” do que está sendo de forma atemporal (considerado por Ciampa como mito).
- A identidade pressuposta que está sendo reposta encobre o processo temporal da identidade como de-vir, ou seja, da possibilidade de mudanças no futuro.

A representação do papel pelo indivíduo se caracteriza por ser um desigual de si, encobrindo o outro “outro” que também está sendo como desdobramento das determinações que vão se dando pela negação, deixando de “re-apresentá-lo”. Esse outro “outro” também é ele mesmo, que corresponde aos desejos não concretizados, sem a possibilidade de objetivar a parte subjetiva. No dizer de Ciampa (1995): “A *unidade do*

indivíduo é subjetividade e objetividade. Sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza, e a objetividade é finalidade sem realização” (p. 145).

Para este autor (1995), “*a realidade é movimento, é transformação*”, que está inserida em um tempo social como processo histórico. Para poder estudar a identidade do indivíduo, é preciso captar um momento desse processo temporal, através da sua biografia como recurso para focalizar o que está sendo visível nessa afirmação da identidade como metamorfose.

Entretanto, quando a sociedade capitalista não dá possibilidades de representar personagens tanto velhos como novos, então pode ocorrer para o ator a morte simbólica ou biológica. A loucura, segundo Ciampa (1995), é uma morte simbólica, na qual o indivíduo cria seu próprio universo – louco, não o compartilhando com ninguém. Antes de chegar à morte biológica, o sujeito tem a oportunidade de representar outros personagens da sua identidade, como o doente, o moribundo, etc.

A identidade do indivíduo se manifesta como desdobramento das múltiplas determinações das suas personagens, tentando alcançar a unidade da totalidade, através da autodeterminação, como um ser singular dentro de uma universalidade. A identidade como concretude está sempre se desenvolvendo direcionada pela temporalidade: passado, presente, futuro. A autodeterminação se realiza no agir de uma atividade finalizada, relacionando desejo e finalidade através da ação de transformação do mundo e de si mesmo. Ciampa (1984) considera que o homem se determina pela contínua negação de ser animal e apresenta esse processo da seguinte forma: “*A progressiva e contínua hominização do Homem, a partir do momento em que este, diferenciando-se do animal, produz suas condições de existência, produzindo-se a si mesmo conseqüentemente. A autoprodução humana, o que faz do Homem um ser de possibilidades, que compõem sua essência histórica*” (p. 68).

Identidade do Jovem

Para Erickson (1964), a identidade é a questão psicológica central na adolescência e na juventude adulta. Este autor descreve as fases de desenvolvimento da identidade no jovem, processo que está influenciado pelas mudanças sociais e históricas. Às vezes, as mudanças podem levar ao que o autor chama de “crise de identidade” do jovem, que é o ponto crucial para que o desenvolvimento se mova em uma ou outra direção, conduzindo e organizando fontes de crescimento, recuperação e conseqüente diferenciação. Martín-Baró (2001) explica que, para Erickson, o desenvolvimento da identidade vai configurando historicamente o eu num processo de desenvolvimento possibilitado pelos fatores do amadurecimento. Ao mesmo tempo, a pessoa fica em conflito entre ela e seu contexto social.

O jovem constrói sua identidade através da socialização. Neste processo, o jovem se adapta a modos, crenças, valores e normas de sua cultura e os incorpora de modo que passar a fazer parte de sua personalidade. Segundo Villa Moral (1997), é na socialização secundária que o jovem adquire sua identidade pessoal. Essa identidade desenvolve o que o jovem construiu na família, sendo constituída pelos papéis por ele assumidos. É neste período de reformulação da identidade que o jovem adotará e interpretará valores, resultantes de sua relação com o entorno sócio-afetivo.

A formação da identidade depende do contexto. Este processo é localizado “*no âmago do indivíduo, mas também no âmago de sua cultura compartilhada*” (p. 22). O fato de pertencer a algo maior que si mesmo é uma característica essencial da identidade segura.

Segundo Phinney (2004), Erickson define a identidade como “*uma posição individual marcada pela centralidade, pela completude e pela iniciativa*” (1964, p. 86). Em outro trabalho, ele define a identidade adquirida como “*uma continuidade e inalteração revigorante*” (1968, p. 19).

Esta autora acrescenta que a inalteração e a completude que acompanham a realização da identidade se alcançam pelo esforço. Trata-se de um processo ativo, que vai sendo adquirido pouco a pouco. Aqueles que não se envolvem com esse processo estão sujeitos à confusão de identidade e a um estado de insegurança em relação a si mesmos e ao seu lugar que ocupam na sociedade.

À medida que cresce, o problema do jovem muda. Na fase da adolescência, ele está mais preocupado em ser aceito pelo grupo de seus pares e com a inserção no novo grupo cultural. A importância do grupo na fase da adolescência cobra um peso muito grande para o jovem. A convivência em grupo proporciona ao adolescente segurança suficiente para as relações no mundo adulto. O adolescente migrante se depara com dois problemas quando chega a esta fase: o problema da identidade em si e o problema da imigração. O adolescente, além de desenvolver uma identidade segura e um sentimento de si mesmo nas principais áreas da vida como profissão e crenças religiosas, deve desenvolver um sentido de suas identidades culturais e nacionais. O processo de exposição à dupla cultura, da origem de seus pais e da sociedade hospedeira na qual está crescendo, torna-se complicado para o jovem. Phinney (2004) afirma que quanto mais tempo o adolescente permanecer em um país, maior a probabilidade de se identificar com ele. Seu sentimento de pertencer ao país de origem vai se enfraquecendo com o tempo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O SER ARGENTINO

Para entender o que significa ser argentino, devemos conhecer o percurso de sua história, sobretudo os acontecimentos mais importantes que marcaram a sociedade argentina. Começamos ressaltando que Argentina é o único país sul-americano que teve um representante do rei espanhol somente por três décadas que logo foi expulso pelo povo argentino. Essa expulsão nunca tinha sido vista na América colonial. Dessa maneira, o povo argentino nunca esteve subordinado à coroa espanhola por muito tempo como aconteceu com os outros povos latino-americanos, que ficaram colonizados em torno de três séculos.

Porque Buenos Aires não apresentava aparentemente riqueza natural para a exploração por parte dos espanhóis.

Segundo Luna (2003), no século XIX, Buenos Aires começa a crescer sem influência de ninguém; desenvolve a indústria local do couro de gado, que era bem valorizado na Europa; aproveita a lã das ovelhas para tecidos, que era cotizada pela Irlanda, e aproveita o porto para intercâmbio de mercadorias com as embarcações estrangeiras. Esse porto possui duas saídas, uma para o oceano pacífico e outra para o oceano atlântico, possibilitando a conexão com o mundo todo, o que contribuiu para a independência dos demais países da América do Sul em relação aos espanhóis, através do grupo de Simón Bolívar, proveniente do norte (Venezuela). A Argentina se sentia irmã mais velha dos países americanos por ser a primeira a haver se libertado dos espanhóis. Os donos das estâncias foram os que se militarizaram para ajudar na libertação da América, criando dessa forma os famosos caudilhos.

Depois da Independência, o maior problema que apresentava a Argentina era a dificuldade de união das províncias, uma vez que estavam muito afastadas geograficamente, o que preocupava os governantes argentinos na metade do século XIX. Buenos Aires era a província mais desenvolvida econômica e juridicamente, que pretendia ser independente das outras províncias, pois se achava muito superior às outras e não queria fazer parte de uma só nação. Esta luta durou muitos anos do século XIX. Todo o poder da Argentina estava centralizado em Buenos Aires. Com a constituição de 1853, Buenos Aires se tornaria a capital da Nação Argentina. Os portenhos, que nasceram no Porto de Buenos Aires, não queriam entregá-la às autoridades nacionais por temor de que não conseguissem administrar os recursos econômicos. Foi só em 1862, com o presidente Mitre, que Buenos Aires se reincorporou à Argentina.

Dessa maneira, a Argentina se encontrava muito despovoada, sobretudo nos pampas, e, por isso, decidiu incentivar a migração européia a fim de se parecer com os Estados Unidos. Desejava-se que a Argentina fosse povoada por gente branca, anglo-saxã,

sofisticada, intelectual e economicamente superior, para se misturar com os nativos (gaúcho e não índio) , com a finalidade de criar um novo homem, um novo argentino.

A idéia de branqueamento do povo surgiu do escritor Domingo Sarmiento - que depois chegou a ser presidente da Argentina - com a obra *Facundo*, na qual Sarmiento caracteriza o gaúcho argentino do pampa, como um bárbaro que se nega aceitar regras de civilização, ele é um homem livre, que vive sem restrições, não gosta de trabalhar por obrigação, e não gosta de ler, por outro lado, o gaúcho era branco, cristão e lutou para a independência da Argentina ao lado de Sarmiento, o gaúcho possui os valores como a força, coragem, e valentia. Sarmiento pensava que o ambiente estimulava e determinava as características do gaúcho, e enquanto morasse nos pampas e não gostasse trabalhar, era difícil de civilizá-lo. E quando assumiu a presidência aproveitou para implementar a política argentina, dando ênfase à educação formal européia, e à imigração européia para povoar o país, e dessa forma excluiu o gaúcho do projeto argentino.

Também temos outros autores que caracterizam o gaúcho e que devemos de ressaltar é o escritor José Hernández, com a obra *Martín Fierro* (nos mostra o arquétipo do gaúcho) que representa o argentino. Depois de um tempo o escritor Estanislao del Campo ridiculiza o gaúcho, chamando-o de *Fausto* e definindo-o como um nativo não civilizado, rude, bárbaro, difícil de poder civilizar e educar. De tal forma, a migração garantia a prosperidade da Argentina. Luna (2003) faz um comentário a esse respeito:

La inmigración iba producir con el tiempo la fragua de un hombre nuevo, un argentino distinto, trabajador, laborioso, que entendiese de máquinas, que no tuviese esa vocación indisciplinada, libre y dilapidadora del paisano. La inmigración, entonces, es uno de los elementos que estos hombres creen indispensable para que el país se pueble, sobre todo con razas que puedan mejorar el nivel étnico y la mentalidad de los argentinos criollos (p. 114).

Sarmiento ao assumir a presidência incentiva à imigração e incentiva a educação aos filhos dos imigrantes que nasceriam na terra argentina, ao mesmo tempo a paz entre

todas as províncias, incluindo Buenos Aires como capital. A educação era prioridade e responsabilidade do Estado da Argentina, porque acreditava que era arma para mudar a mentalidade dos argentinos. Em virtude da presença dos descendentes de imigrantes (os novos argentinos), os governantes tinham a idéia de que em alguns anos a Argentina seria habitada por argentinos educados, trabalhadores, inteligentes e cultos para governar e encaminhar a nova terra ao progresso assim como os Estados Unidos haviam conseguido. Só precisava de gente preparada para fazê-lo.

Outro fato importante que marcou o final do século XIX foi que o presidente Roca terminou de conquistar o deserto da Argentina, expulsando os índios das terras que ocupavam para deixá-las à disposição do progresso. Roca fundou o Estado Nacional que resolveu o problema institucional do país. A Argentina desenvolveu o congelamento artificial, por meio do qual conseguiu se colocar como a maior exportadora de carne para a Europa.

No final do século XIX e começos do século XX, é conhecido como “La belle époque” de Argentina, segundo Luna (2003), ou como outros autores chamam de “anos dourados”, que foram três décadas que marcaram sua modernidade. Era o país mais desenvolvido de América do Sul, pela boa fase produtiva, boa renda e um bom consumo. Possuía uma rede ferroviária mais longa de América Latina e do mundo, um sistema educativo admirável, que se distinguiu na América pela existência de uma grande classe média. Nestas décadas Argentina era o primeiro país exportador de cereais no mundo e o segundo exportador de carne congelada, depois de EUA.

Além de se constituir como um bom mercado para a produção argentina, a Europa provia de homens, capitais, tecnologias, mercadorias e idéias à Argentina, enriquecendo-a. Por esse motivo, a Argentina sempre se sentiu mais européia que americana, como Luna (2003) manifesta:

*... nuestro país se sigue sintiendo más europeo que americano.
Acaso por esta vieja tradición de conexiones económicas,*

comerciales y financieras, acaso por su composición étnica. (...) los peruanos descienden de los incas y los argentinos descienden ... de los barcos. Casi todos nosotros tenemos un abuelo o bisabuelo que bajó de los barcos, y ésta es la raíz que no se olvida. (p. 270).

Apesar que Sarmiento fomentou a imigração anglo-saxã para cambiar a etnicidade da Argentina, os que desembarcaram foram imigrantes polacos, judeus, árabes, sírios, que aportaram mão-de-obra barata e ocuparam as grandes terras desocupada deste país. Com o tempo são os filhos destes imigrantes que se integraram a cargos públicos e políticos.

Outro fato importante da década dos 30 e 40 foi que por primeira vez teve um golpe militar e que a partir desse momento se organizou um sistema de fraude eleitoral e de violação constitucional, e que de alguma forma impuseram seus candidatos até 1943, segundo Luna (2003). Outro fato importante do desenvolvimento econômico foi o crescimento da migração interna, pelos baixos preços agropecuário, os migrantes ficaram desocupados e migraram para as urbes. Estes já localizados nas cidades criaram pequenas empresas como as oficinas de artesanato, tecelagem, laboratórios químicos e farmacêuticos, que com o tempo formaram a indústria e as pequenas empresas, que na década dos 40 seria a mais desenvolvida, e muito significativa para a economia do país. Estas empresas ajudaram a desenvolver a economia do país, e Peron aproveitou-se delas para chegar à presidência. Ele formou parte da secretaria de Trabalho e fez muitas mudanças em favor dos trabalhadores o que lhe ajudou a formar o partido laborista, com os quais conseguiu recaudar votos para presidência.

Nesta época Argentina passava por um bom momento econômico, os trabalhadores tinham salários altos, ausência de inflação e desenvolvimento social e cultural. Em 1946 Peron assume a primeira presidência que concluiu em 1952 e não terminou de governar na segunda presidência porque foi derrocado em 1955.

Na primeira presidência Peron estatizou os serviços públicos, a indústria, da mesma forma o Banco Central. E sobretudo a indústria estava protegida pela barreiras aduaneiras

argentinas, já que seus produtos alcançaram altos preços nas duas guerras mundiais. No segundo governo, Peron não conseguiu manter a economia estável, as divisas, ouro e dólares gastaram-se e não tinham como subsidiar os serviços estatais. Em 1955 Peron foi derrocado e exilado em Paraguai e logo em Espanha e em 1972 volta a Argentina assumindo a terceira presidência em 1973. Morre em 1974 sem conseguir solucionar o problema econômico nem a unificação peronista da Argentina. A esposa de Peron, Isabelita fica no poder até o golpe militar do general Jorge Videla em 1976.

Cabe apontar que até aqui vimos o auge argentino no plano econômico, sem falar no plano político, que teve momentos muitos fraudulentos que não entraremos em detalhes porque não é o objetivo deste trabalho. Ilustramos essa parte da história argentina para entender o porque da arrogância dos argentinos, um país que quase não teve história colonial, como os outros países sul-americanos e pela imigração e intercâmbio econômico com a Europa se sentia europeizada, se cumpriria o projeto de Sarmiento, a Argentina muito intelectual e educada, no começo do século XX. O único país sul-americano que se manteve neutro com a Segunda Guerra Mundial, desafiando a todos os países do mundo porque não precisava de ninguém para continuar se desenvolvendo. Porém todo esse apogeu acabou com o governo de Peron e Argentina entra em crise econômica até os dias de hoje. Os governantes aproveitando-se da bela época, mantiveram ao povo argentino cegos de orgulho e arrogância.

Afirmando ao que acabamos de falar Linz Ribeiro, 2002, nos diz que o que representa a coletividade argentina é um europeísmo, conceito decorrente de fatores de relações históricas, sociológicas, econômicas, políticas, culturais e demográficas, que tornam a Europa a grande referência da argentinidade. Esta identidade corresponde aos argentinos bonaerenses ou também chamados de “portenhos”. Porém, esta representação é falsa, na essência o argentino sabe que não é verdadeira. A postura que adota para se apresentar aos outros o deixa afastado e solitário. (Dido, 2004).

Para analisar o que é ser argentino nos baseamos segundo Mallea (citado por Dido, 2004) na divisão de duas vertentes: a Argentina *visível* e a Argentina *invisível*. A *visível*

seria a parte superficial, o moderno, desenvolvido, progresso ou seja o âmbito urbano, e a *invisível* é a parte mais profunda, pouco desenvolvido, atraso ou seja o âmbito rural. A vertente *visível* é pura e simples *representação* – da mesma dos imigrantes quando chegaram à Argentina - representavam que eram argentinos, disfarçavam e ocultavam sua verdadeira origem.

Maella (citado por Dido, 2004) aponta que a verdadeira identidade se encontra na Argentina *invisível*, no interior de cada pessoa, na sua essência, onde se localizam os valores nacionais argentinos, que se referem ao *gaúcho*, àquele que tem contato com a natureza, afastada das grandes cidades. Lins Ribeiro (2002) comenta: “*Poder-se-ia perguntar por que não falar de um gauchismo, de um pampismo, afinal de contas o churrasco ‘assado’ continua sendo um símbolo de argentinidade*” (p. 248).

Continuando com a história argentina, vemos que depois do golpe militar do general Jorge Videla, Argentina vive momentos muito difíceis na questão social-política e econômica, como veremos a seguir. Segundo Fausto e Devoto (2004), o governo militar de Videla instaura uma rígida censura e promove uma feroz repressão, com a perseguição dos grupos armados e de ativistas em geral, o que provoca milhares de desaparecidos e o exílio em massa de intelectuais. As mães portando lenços brancos fazem ronda semanal na Plaza de Mayo reclamando por seus filhos desaparecidos. O plano econômico que instala na Argentina é neoliberal subestimando os produtos argentinos e supervalorando a moeda, não consegue abaixar a inflação que é altíssima.

Outro fato importante de apontar é que em 1978 a Argentina ganha a Copa do Mundo de Futebol e o governo militar aproveitou a situação para manipular politicamente o sentimento de grandeza argentina, fazendo com que a Argentina *visível* se impusesse sobre a verdadeira Argentina. A alegria não durou muito. Em 1982, a Guerra das Malvinas (Malvinas é uma ilha colonizada pela Inglaterra e localizada nas terras da Argentina), comandada pelo general Galtieri comandante-chefe do Exército, ocupa as ilhas e é derrotado pelas forças armadas inglesas. tirou-a do pedestal inventado durante mais de cem anos pelos governantes. A Inglaterra derrotou a Argentina e recuperou sua colônia, a Ilha

das Malvinas. este acontecimento histórico fomentou a unidade na Argentina, comentam Fausto e Devoto:

A invasão das Malvinas gerou na Argentina um fenômeno de unidade nacional como o país jamais conhecera, embora o entusiasmo maior corresse por conta da classe média. Foram esquecidas ou deixadas de lado as violências do governo militar, assim como as agruras decorrentes da instabilidade econômica. Não era o grito da “pátria em perigo” que unia o país, mas o de afirmação da soberania, acompanhada de um golpe em uma potência imperialista. Na consciência e no inconsciente da maioria dos argentinos, a recuperação das Malvinas constituiu uma questão de honra (...) O certo é que a derrota, em condições lamentáveis (junho de 1982), acelerou a derrubada do regime militar, como nenhuma circunstância anterior propiciara... (p. 458, 2004)

Depois desse acontecimento os argentinos tiveram que aceitar e reconhecer que eram latino-americanos como o restante dos países da América Latina, já que nesse momento difícil receberam o apoio e a solidariedade só da América Latina, enquanto que a Europa com quem se identificava não a apoiou.

A derrota da guerra levou ao colapso do regime militar e descontrole da situação econômica. E em 1983 volta a democracia na Argentina com o presidente Raúl Alfonsín. Ele promove uma ampla investigação sobre as violações aos direitos humanos durante o regime militar. Em 1985 julgam e condenam os ex-comandantes das Forças Armadas pelos crimes cometidos durante a ditadura militar.

Na década dos 90, a Argentina passa por um período de turbulência econômica, inflação altíssima, privatizações dos serviços públicos e as empresas estatais com o governo de Menem. Em 2000, o governo corta gastos públicos e aumenta os impostos para reverter o plano de **convertibilidade (pesifica a moeda)**, afetado pela defasagem cambial, pela

desconfiança e pela fuga de capitais. Em 2001, o presidente de la Rúa confisca os depósitos bancários chamado de “corralito”, e abandono da convertibilidade, a esta situação se sucedem panelaços, saques e violência; e o presidente renuncia. De 21 a 31 de dezembro do mesmo ano, Argentina teve três presidentes. Depois da crise, o povo se uniu (tanto os portenhos quanto os das outras províncias) e saiu às ruas para reivindicar o direito ao emprego, com 16.965 manifestações, chamadas de “pueblada”. Este movimento tinham um mesmo fim: não se deixar mais enganar pelas ideologias fantasiosas como a imagem *visível* que não existia.

Diante desta crise muitos argentinos não tiveram outra saída que sair do país, observamos o aumento da migração argentina para o Brasil durante esta época, muitos migraram para EUA e Europa. Outro ponto importante ressaltar é a migração dos peruanos e bolivianos da Argentina para o Brasil, depois da crise.

Em 2002, o peronista Eduardo Duhalde assume a presidência e põe fim à convertibilidade e pesifica os depósitos bancários. Em 2003, Kirchner é eleito, a economia volta a crescer. Em 2006, Kirchner paga dívida com o FMI e renova acordos que congelam preços de produtos e serviços, porém apesar do bom desempenho do PIB (produto interno bruto), o presidente prorrogou o “estado de emergência económica”, segundo Bruno Lima, (Jornal Folha de São Paulo, 17/12/2006).

A JUVENTUDE ARGENTINA

Para falar da questão juvenil nos baseamos em Cohendoz (2006), que aponta que o trabalho e a educação são categorias que dão sentido à identidade juvenil na modernidade. Na falta deles, precisa-se resignificar os sentidos da identidade através de outras categorias que estão emergindo neste processo de crise. De igual forma acontece com a definição de juventude no Brasil, como em toda sociedade latino-americana não existe homogeneidade na juventude brasileira, os jovens urbanos de camadas médias têm um modo diferente de agir no processo de construção social da transição para a vida adulta, diferente dos jovens

originários do contexto rural, até mesmo dos jovens urbanos provenientes de camadas populares.

Ser jovem argentino se define pelo consumo e pela produção de vida “banal”, responsáveis pela formação da cultura juvenil. A identidade dos jovens da classe média corresponde àqueles que só conseguem ir ao shopping, a restaurantes e depois ao cinema. O jovem marginal se identifica com o local onde mora, criando uma cultura juvenil diferente dos que consomem; ele é criativo e possui gestos e linguagem diferentes. Esta mesma situação também se observa nos jovens brasileiros, em que uma nova geração de adolescentes passou a investir na própria imagem, condenada ao vazio, adotando as roupas, gírias, músicas e estética da favela. Eles estão se identificando com os bandidos, criminosos e marginalizados. Identificam-se com a cultura hip hop: rap, skate, grafite, ‘bombeta e moletom’, segundo Kehl (2004). O problema é que eles se identificam com a violência e a marginalidade cada vez mais. A vida bandida que os adolescentes tentam imitar é a linguagem divulgada pelo cinema, pelo rap e pela televisão.

A realidade social da Argentina dos anos 90 é caracterizada pela situação precária do trabalho e pelo pouco acesso à educação dos jovens. Por essa razão, esta camada juvenil são os mais prejudicados pela desigualdade social. Por causa da desigualdade social, percebida através das formas de exploração econômica, dominação política e exclusão social, torna-se necessário resignificar o conceito de juventude.

Fazendo um paralelo na história da Argentina, Cohendoz (2000) comenta que o período posterior à Segunda Guerra mundial foi o melhor da história social, pois se construiu a modernidade ao redor de grandes eixos que logo deram continuidade às diferentes estratégias político-econômicas da época. Um destes eixos foi a modernização com integração social, que consistia num processo de incorporação dos diferentes setores ao mercado de trabalho, que também se favoreceu da circulação de bens e serviços sociais, garantindo, a participação dos jovens no mundo político.

Na atualidade, segundo esta autora, os jovens vivem um conflito para se inserir na sociedade, motivado por falta de emprego. Na Argentina, por cada desocupado maior de 24 anos de idade, existem dois desocupados menores que essa idade. Apesar de que em 1993 se deu a expansão da educação em 95% segundo o INDEC (Instituto Nacional de Estatística y Censo), o emprego não acompanhou o ritmo educativo dos jovens, que terminavam o ensino médio ou técnico. Pelo excedente de trabalhadores profissionais, as empresas começaram a exigir cada vez maior qualificação profissional para um emprego.

A falta de emprego para os jovens motivou a optaram pela informalidade, que se expandiu rapidamente. Como este tipo de trabalho informal fica à margem da economia formal, o Estado deixa de arrecadar impostos e, por tal motivo, decresce o investimento público, que possibilitaria a criação de mais empregos. Este tipo de economia informal crescente prejudicaria as gerações seguintes.

Os jovens, portanto, prolongam seus estudos diante das dificuldades para incorporar-se ao mercado de trabalho. Dessa forma, o trabalho e a educação (de maiores níveis) estão sendo condição de exclusão dos jovens argentinos, porque a restrição da inclusão social está sendo dada pela pobreza, pela marginalidade e pela aparição de “novos pobres”.

Alguns pesquisadores como Pearce (1993), citada por Calazans (2000), manifestaram que os jovens brasileiros pobres em alguns momentos antecipam (em relação ao padrão da classe média) a maturidade, a reprodução e a formação da família. Segundo este autor, os jovens desta camada antecipam sua transformação, buscando o *status* de adulto. Pela necessidade de sobrevivência, são quase obrigados a trabalhar sem ter concluído seus estudos básicos de escolaridade, começam a experimentar o desenvolvimento sexual antes do tempo ou sem planificação familiar, assim como têm filhos e formam famílias antes do esperado como padrão dominante.

Os jovens estão divididos em dois grupos, os que consomem e os que não consomem. Para serem incluídos socialmente, devem usar determinada marca de roupa ou tênis; essa é a lógica capitalista, uma cultura fortemente exclusiva. Não obstante, os jovens pobres ou marginais argentinos desenvolveram uma comunidade local de resistência, que tornou mais complexo o seu mundo. Por exemplo, na música, misturaram o tango com o folclore cujas letras musicais denunciavam a sua realidade: “*Me voy corriendo a ver qué escribe en mi pare la tribu de mi calle*”. Nessa nova comunidade em que há ligação emocional da irmandade que enfrenta o problema da exclusão social, os jovens criaram táticas de vida quotidiana que têm a ver com a astúcia da sobrevivência e da inclusão social, sem o consumo capitalista. Eles tentam viver, utilizam gestos, situações, rituais e experiências que delimitam seu espaço de liberdade relativa. (Cohendoz, 2000).

Jovens imigrantes argentinos de primeira e da segunda geração em São Paulo

Estes jovens argentinos vieram para o Brasil, porque as empresas dos pais foram transferidos para este país, ou pelo problema econômico de 2001 na Argentina, em que se congelaram os depósitos bancários que eram em dólares e foram pesificados, pela “default”, e muitas multinacionais retiraram suas empresas da Argentina e o povo argentino ficou sem emprego, sem saída os argentinos optaram por migrar, uns dos lugares escolhido foi o Brasil. Mas este problema não durou muito, Argentina deu volta por cima, se recuperou no campo econômico, porém a crise política continua. (Folha de São Paulo, A33, 17 de dezembro de 2006).

Os jovens imigrantes argentinos que vieram a São Paulo, entre 2001 e 2004, trabalhavam nos serviços de garçons, babá ou de barman nos restaurantes argentinos “Parrilladas argentinas”, ou lecionavam aulas de espanhol nas escolas de línguas.

A comunidade argentina possui um “club argentino de São Paulo”, porém não tem um lugar fixo, se reúnem nos próprios restaurantes ou em casa de algum conterrâneo. Aqui se reúnem tanto argentinos da primeira e da segunda geração.

Os jovens argentinos de segunda geração tem como característica ser mais protegidos e dependentes dos pais argentinos, eles só ficam estudando e não trabalham. Gostam de falar em português e em espanhol com os amigos brasileiros, se identificando como filhos de argentinos. Incomodam-se pela arrogância dos argentinos, e torcem pela seleção brasileira quando Brasil e Argentina se enfrentam nos jogos de futebol, afirmando-se nos jogos como brasileiros diante dos pais argentinos.

O estereótipo do argentino no Brasil é que eles são arrogantes e europeizados, e em todo momento eles se identificam diante de qualquer brasileiros que são argentinos, não escondem sua nacionalidade como acontece com os outros grupos de sul-americanos. Gostam de se relacionar mais com amigos brasileiros ou outras nacionalidade menos com os seus conterrâneos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE SER BOLIVIANO

Segundo Mansilla (1998), o espaço geográfico da república da Bolívia e a diversidade étnica influenciaram no desenvolvimento de uma identidade sociocultural relativamente sólida. Embora essa realidade tenha colaborado para a formação da identidade, ela não garantiu sua estabilidade, como veremos a seguir na história da formação da identidade boliviana.

O império Incaico unificou o território imenso, que antes era desarticulado, impondo seus costumes e parcialmente uma língua comum. Esta função homogeneizadora continuou com a administração espanhola, integrando as regiões que estavam separadas entre si, e com a abertura em direção às regiões tropicais.

Segundo Mansilla (1998), o Estado-nação da Bolívia depois da independência tem motivado o sentimento de pertença coletiva que até se pode afirmar a existência de uma identidade nacional relativamente sólida e estável. A identidade coletiva sempre foi

negociada entre a cultura de comunidades aborígenes e a cultura metropolitana ocidental contemporânea.

A integração das comunidades aborígenes levou ao surgimento de uma identidade coletiva com predomínio dos indígenas e não dos brancos. A *Revolução Nacional* tentou modernizar a sociedade boliviana mediante ação governamental de 1952, o que levou a uma identidade cultural firme apesar da imitação acrítica da civilização metropolitana ocidental.

A extensão física do Estado, os variados subgrupos étnicos e os elementos culturais e até lingüísticos que conformam a nação boliviana têm mudado durante os séculos e sua estrutura atual não se parece com a de origem. As comunidades aborígenes tinham uma identidade comum, como as etnias “aymará” e “guarani”, que foram perdendo sua identidade pelos diferentes conflitos que tiveram com os países com os quais fazem divisa. Algumas comunidades foram obrigadas a se integrar a outros países limítrofes.

A sociedade boliviana foi conformada pelos intermináveis fenômenos de mestiçagem e aculturação, assim como pelas misturas de etnias locais com a cultura metropolitana ocidental deixada pelos espanhóis. Embora atualmente na Bolívia se observe por um lado a preocupação com a defesa da tradição cultural aborígine e por outro lado a apropriação dos elementos técnicos e econômicos da civilização industrial do ocidente, ela se encontra na busca de uma identidade cultural primitiva, que estaria em perigo de desaparecer diante da avassaladora influência da cultura moderna ocidental globalizadora. Essa preocupação encontra-se presente principalmente entre os grupos étnicos que se sentem ameaçados pela existência e expansão da civilização moderna.

Principalmente a partir dos anos 60, iniciaram-se os grandes movimentos migratórios do campo à cidade; dentre eles, destacam-se os “índios aymarás”, “índio quíchua” e alguns de outras etnias indígenas. Ao se instalarem na cidade, eles se sentiram obrigados a adotar a cultura urbana, passando a ser chamados de “cholo” (índio na cidade). Com o passar do tempo, ao assimilarem a cultura moderna urbana, os índios seriam

chamados de “*mestiços*”. Não obstante, os índios da cidade precisavam negociar sua identidade “*aymarás*” ou “*quíchua*” com a identidade mestiça, para serem aceitos como “bolivianos mestiços”. Por outro lado, ao negar sua identidade étnica para os outros, os índios fortaleciam sua identidade “*aymará*” ou “*quíchua*” (Widmark, 1999).

Porém, apareceram vários movimentos indígenas ou “indianistas” para reivindicar sua identidade étnica, os quais foram inúteis e traumáticos, porque propagaram o etnocentrismo puro tornando-se até um racismo excludente, cuja finalidade era revitalizar as antigas religiões, línguas e costumes. Esses movimentos foram motivados pela humilhação e exploração que sofreram os bolivianos durante muitos séculos de colonização espanhola.

O autor manifesta que, a partir de 1982, os governos abandonaram o projeto unificador e homogeneizante da sociedade boliviana e se dispõem a aceitar a diversidade dentro da unidade atual do Estado boliviano. Em 1994, a legislação boliviana não reconheceu os índios enquanto nacionalidades próprias ou comunidades autônomas, senão como indivíduos. Ao mesmo tempo, o governo adotou a economia de livre comércio e, por isso, estimulou a aceitação da ideologia multiculturalista. Dessa forma, unificou-se a Bolívia nos parâmetros ocidentais modernos e favoreceu-se o renascimento das culturas indígenas pré-modernas. Desse modo, a partir da década de 1980 (Widmark, 1999), os “*índios aymarás*” não precisam mais negar sua origem; eles, ao contrário, dão maior importância à identidade étnica dos “*aymarás*”.

Atualmente, na sociedade boliviana, percebe-se a construção de uma identidade sócio-cultural sincrética em decorrência do esforço de resguardar e consolidar a tradição sócio-política do autoritarismo para proteger uma identidade coletiva em perigo de desaparecer (pela cultura de massas de comunicação), e manter uma ponte entre o acervo cultural primitivo e os avanços de uma modernização considerada inevitável. A sociedade boliviana aceita a tecnologia industrial moderna, sem, no entanto, contaminar a cultura endógena. O resultado é uma sociedade pré-moderna que imita e adota algumas

características da sociedade industrial meramente instrumental, como aponta Mansilla (1998):

Lo rescatable del mundo premoderno reside, en su heterogeneidad, su polifonía y su colorido, es decir, en aquello que puede servir aún de freno a la monotonía de la sociedad enteramente modernizada, a sus estándares implacables, exentos de toda estética, e a su uniformidad vacía de sentido de la vida. Lo que se precisa es algo que nos haga comprender lo valioso de aquellas sociedades hoy calificadas despectivamente de arcaicas, primitivas y atrasadas y lo negativo de un universalismo anónimo, y frío, que es un modo de controlar y dominar todo aspecto de vida humana, un universalismo tecnocrático que termina por desechar al mismo tiempo lo rescatable de la ilustración y el racionalismo: el espíritu crítico-científico, la democracia parlamentaria y representativa, el respeto al individuo y la moral universalista (p.14)

A JUVENTUDE BOLIVIANA

Segundo Doria e Guerra (2006), a característica da juventude boliviana está em perigo, causado pela globalização. Os jovens estão passando por uma reestruturação da sua identidade, que está se formando a partir do consumo de produtos globais, o qual determinará a inclusão ou exclusão social.

A juventude boliviana está mais favorecida que seus progenitores pela influência da educação. Os jovens bolivianos moram nas cidades, têm acesso à universidade e falam espanhol muito mais que as gerações anteriores. Ao mesmo tempo, são mais tolerantes ao pluralismo cultural e estão mais propensos a imitar comportamentos urbanos globalizados do que os comportamentos dos velhos bolivianos, que são encarregados de transmitir os valores e a cultura boliviana (Mansilla, 1998).

Os jovens bolivianos constroem sua identidade através de elementos que permitem que eles se reconheçam entre si e se diferenciem dos outros. Eles se apropriam de

características culturais globalizadas (capitais simbólicos), porém manifestam certa resistência a perder elementos da sua própria cultura.

Mansilla (1998) recorda que as interações entre jovens de diferentes culturas, através da internet ou da moda globalizada, desencadeiam a perda da identidade boliviana pela apropriação da moda global, gerando alienação. Não obstante, a realidade mostra que os jovens criaram um espaço de resistência na vida cotidiana, no qual se constituem a localização histórica e o jogo entre apropriação e resistência.

Os jovens se apropriam de muitos elementos simbólicos globais, mas ao mesmo tempo resistem a perder aqueles transmitidos pela família (valores culturais), instituições e grupos de referência a que estes jovens pertencem. Eles se agrupam ao redor do que pensam que lhe é próprio, construindo e definindo, dessa forma, sua identidade própria em busca do reconhecimento social.

Segundo Doria e Guerra (2006), atualmente a juventude boliviana corresponde, em média, a 53% da totalidade da população (1.213.936 jovens). As cidades onde se encontram mais jovens são: La Paz, Cochabamba, Santa Cruz e Potosi. Esta juventude se encontra entre os 15 e 24 anos de idade, segundo a Assembléia das Nações Unidas, realizada em 1985 (ano internacional da juventude).

Estes autores manifestam que nas últimas décadas, em virtude do Estado-nação ter adotado o modelo neoliberal, surgiram muitos problemas econômicos e sociais sem soluções na Bolívia. Esses problemas levaram à aceleração dos processos de estratificação social, dos quais poucas famílias se beneficiaram. Os jovens saíram mais prejudicados.

Por causa da implantação do modelo neoliberal no governo boliviano, as empresas nacionais ficaram sob o poder das instituições transnacionais, colocando em perigo o desenvolvimento do aparato produtivo do país. Este problema levou ao fechamento de empresas que incrementou o número de desocupados em níveis alarmantes. O poder e a

riqueza ficaram nas mãos das elites que se encontram subordinadas aos interesses do capital mundial.

Por este motivo, o governo boliviano se encontra subordinado às empresas transnacionais e, já sem recursos, eliminou o direito social que tinha sido conquistado pelo povo, assim como o direito à alimentação, à saúde e à educação. Além disso, usurpou as terras das comunidades indígenas para entregá-las aos que possuem o poder da economia neoliberal.

Segundo os autores, essas são as razões por que hoje em dia se observam na Bolívia muitos jovens desempregados nas ruas procurando trabalho e até se oferecendo por salários miseráveis para poder subsistir. A migração juvenil se tornou numa opção, porque as políticas estatais não dão respaldo aos jovens. As culturas juvenis expressam seu desconforto profundo, a crítica à situação em que vivem, a dor às vezes representada ironicamente por meio da indiferença, a angústia expressada através do aparente gozo (muita bebida e dança).

Os jovens bolivianos se encontram descontentes com a situação de exclusão social e, por isso, se mostraram apáticos e despolitizados. Hoje em dia, o jovem boliviano não tem mais uma atitude política senão uma manifestação cívica (quando se trata de votar). Apesar das campanhas políticas valorizarem a juventude em épocas de eleição, elas não passam de simulações e estratégias para arrecadar votos, já que na realidade as autoridades políticas não se preocupam com os jovens, não desenvolvendo programas para reduzir a situação de exclusão social. De igual forma observa-se essa apatia política e desmobilização por parte dos jovens brasileiros em diversos tipos de ações individuais e coletivas. Porém, parte dessas ações segue sendo individualista, fragmentada e relacionada à violência e ao desvio (ganguê, surfe ferroviário, galeras, etc.).

Os jovens brasileiros aparecem como vítimas e promotores de uma ‘dissolução social’. Por outro lado, eles são semi-invisíveis, nunca são vistos, ouvidos nem entendidos. Esses jovens são vítimas do processo de exclusão, do individualismo e do hedonismo que

marcam atualmente a sociedade brasileira. Eles se comportam de forma desregrada e amoral, fruto do esgarçamento social que os vitima. Essa juventude é caracterizada pelo desinteresse por política e por questões sociais, resultante uma vez mais do individualismo e do pragmatismo que se afirmam como tendências sociais crescentes, tornando-a ‘pré-política’ ou quase que ‘a-política’, segundo Abramo (1997).

Jovens imigrantes bolivianos da primeira e da segunda geração em São Paulo

Os jovens imigrantes bolivianos da primeira geração vieram ao Brasil para trabalhar em oficinas de costura, como a maioria dos bolivianos são costureiros, muitos deles não acabaram o ensino médio, e alguns deles fizeram curso de informática. O Brasil nestes dois últimos anos apresentava um aumento no setor da produção das confecções, pelo qual aumentou a demanda de mão-de-obra de costureiros (este setor foi assumido pelos empresários coreanos e bolivianos, que aproveitando-se da necessidade dos imigrantes bolivianos, peruanos e paraguaios, começaram a explora-los e abusar-los sem controle, tratando-os como subumanos, como não possuem documentos de residência no Brasil, não tem aonde reclamar os abusos), devido a esta necessidade de mão-de-obra, aumentou a imigração dos bolivianos para São Paulo, (Fazendo um parêntese há algum tempo que a alfaiataria é a profissão que mais emprego tinha na Bolívia, e logo com o incremento da venda informal de roupas nas fronteiras da Bolívia com os países vizinhos (porque a grande maioria dos bolivianos não tinham outra opção que aprender a costurar como única alternativa de sobrevivência).

Estes jovens bolivianos apresentam a característica de se fechar em suas próprias comunidades bolivianas, ou em bairros onde tem suas oficinas de costura como Brás, Mooca, Belém, Bom Retiro, Vila Maria, etc. Eles não tem por costume se relacionar com os brasileiros, nem com outra nacionalidade de imigrantes sul-americanos. Participam de associações folclóricas onde praticam danças bolivianas e participam de eventos folclóricos. A organização de festas é uma continuidade que tem por costume na Bolívia. Já que no calendário Folclórico da Bolívia registra uns 1.247 festas patronais, o que representa uns 30 % das que em realidade existem nesse país. E a realização de festas aqui em São

Paulo representa a permanência de um *ethos* camponês marcado pela lógica festiva de um catolicismo rústico dinamizado pelos ciclos da natureza e pela cooperação recíproca, segundo Silva, 2003.

Os jovens bolivianos reencontram-se com seus conterrâneos nos dias sábados e domingos na praça Kantuta em Bom Retiro, onde tem apresentações folclóricas, festas, patronais, comidas típicas, e vendas de alimentos e temperos, CDs, roupas, etc. Nesses dois dias os bolivianos curtem seus costumes com seus amigos conterrâneos, bebem as vezes até se embriagarem. Os próprios bolivianos se incomodam que os conterrâneos bebam muito.

Os jovens da segunda geração de bolivianos estudam na faculdade e trabalham, além disso os fins de semana participam de associações folclóricas que os próprios pais bolivianos formaram para levar os filhos. Estas associações se mantêm através das atividades que os próprios pais bolivianos realizam para sustentá-lo. Esse é o caminho que os pais encontraram para manter os costumes bolivianos aqui em São Paulo, e ao mesmo tempo eles também curtem com seus conterrâneos essas atividades. Todas as semanas tem apresentações em diferentes lugares não só na praça Kantuta, senão são convidados por comunidades de outras nacionalidades que valorizam as danças bolivianas. Por outro lado, estas festas bolivianas incitam a bebida alcoólica, do qual estes jovens da segunda geração também se incomodam.

Tanto os jovens bolivianos de primeira e quanto da segunda geração sofreram discriminação por parte dos brasileiros, por falta de higiene. Esse seria uns dos motivos que os jovens bolivianos da primeira geração não se relacionam com os brasileiros, enquanto que os jovens da segunda geração, se escondem através da língua portuguesa, eles não se apresentam diante dos brasileiros como filhos de bolivianos tentam passar despercebido. Cujo estereótipo do boliviano no Brasil, é que eles são indígenas, com falta de hábito de higiene e paupérrimos, já que trabalham em costura se expondo a tratos infra-humanos por parte dos patrões, porque não tem o que comer na Bolívia. Este grupo de imigrantes não é

aceito pelos paulistanos, por tal motivo, eles se escondem nas suas comunidades e a única fonte de lazer são suas festas e a bebida.

CONSIDERAÇÕES SOBRE SER PERUANO

Antes de abordar a questão da identidade nacional peruana, é preciso dizer que o Peru é um país que apresenta problema de identidade étnica desde a época pré-colombiana, aumentando com o colonialismo, dividindo o Peru em duas vertentes étnicas: os brancos e os índios. A etnia sempre foi uma barreira da integração peruana, que separou este povo tão rico em cultura. Hoje em dia, identificar-se como peruano corresponde a dizer que não é índio, tendo em vista que a maioria do povo peruano tem a característica étnica indígena. Para analisar esta problemática, vamos conhecer o percurso e o desenvolvimento da história sociocultural do país, desde o colonialismo até nossos dias.

Antes da conquista dos espanhóis, o Império Incaico era muito desenvolvido tanto nos aspectos econômicos e políticos como no nível social. Porém o escritor Vargas Llosa (2004) nos aclara que as diferenças raciais e étnicas no Peru, existiam mesmo antes da chegada dos europeus, no qual nos comenta este autor que os civilizadores quíchuas das montanhas - como as regiões de Cuzco, Arequipa, Puno, que formaram parte do Império Inca -, alimentavam desprezo pelas pequenas e primitivas culturas do litoral, esta atitude discriminatória prejudicou ainda mais a integração da sociedade peruana, depois do colonialismo.

Com a implantação do colonialismo, os espanhóis destruíram todo o patrimônio cultural peruano incaico, reduzindo os índios a 10% da população (Llajaruna, 2001). À reduzida população indígena que sobreviveu foi imposta a cultura espanhola, obrigando os índios - lembremos que eles se achavam superior em cultura em relação aos outros índios do litoral - a abandonar a cultura andina, dividindo o Peru colonial em dois mundos: os estrangeiros espanhóis e os nativos. Da mistura dos espanhóis com os índios, derivou a nova raça americana chamada de “crioulo” (mistura de raça espanhol com índio). Foram os

“crioulos” burgueses descendentes dos espanhóis que lutaram e declararam a independência do Peru em 1821, da mesma forma só eles tinham direito à cidadania peruana e não os índios, pelo que pensamos importante apontar que no dia que foi proclamada a Independência do Peru, falou-se sobre a cidadania peruana: *“de ahora en adelante los aborígenes no deberán ser llamados indios o nativos; ellos son hijos y ciudadanos del Perú y serán conocidos como peruanos”*(Anderson, 1991 apud Degregori, 1999). Como se pode perceber, o índio vira cidadão peruano no discurso político e, ao mesmo tempo, deixa de existir como etnia. Porém, na vida real, o índio não tinha nenhum direito como cidadão, continuava sendo excluído na sociedade peruana. Mariátegui (1991) comenta ao respeito: *“a independência não foi outra coisa que a troca de classes; o governo da nobreza espanhola passou ao governo dos fazendeiros, caixeiros e profissionais crioulos. Os índios nem percebem a emancipação, porque a servidão persiste”* (p. 242).

O índio não tinha direitos como cidadão peruano o que se verificava tanto na cobrança dos tributos aos índios (implantada pelos colonos) até 1827 (ainda depois da independência), quanto na repartição da propriedade de terra para morar e cultivar. O direito à terra foi concedido a cidadãos como juízes, advogados, policiais, comerciantes, sacerdotes, professores e outros profissionais, que também eram chamados de “mistis” (ou mestiços, filho de crioulo da segunda geração). Podemos salientar que as terras eram retiradas das mãos dos próprios índios para entregá-las aos “mistis”.

Desta maneira o direito a cidadania levou a acrescentar o problema de identidade nacional peruana que se dividiu em duas vertentes regionais, de raças e de língua, os crioulos ou mestiços eram do litoral e falavam espanhol enquanto que os indígenas (os nativos, não teve mescla de raças), eram da serra e falavam o quíchua. Como consequência disso, Mariátegui (1975) nos comenta:

O problema do Peru é a dualidade de raça, de língua e de sentimento, nascida da invasão e conquista do Peru, autóctone, por uma raça estrangeira que não foi capaz de mesclar-se com a raça indígena, eliminando-a ou absorvendo-a (...) A serra é indígena; a costa é

espanhola ou mestiça (...) A dualidade da história e da alma peruana, em nossa época, define-se como um conflito entre a forma histórica que se elabora na costa e o sentimento indígena que sobrevive na serra, profundamente enraizado na natureza. O Peru atual é uma formação litorânea. A atual ‘peruanidade’ sedimentou-se nas terras baixas. Nem o espanhol nem o crioulo souberam ou puderam conquistar os Andes. (p. 144-145-146)

O sentimento regionalista nota-se principalmente ao sul do Peru, onde se encontram os estados que formaram parte do Império Inca, e na época da República, se tornaram os mais regionalistas e definidamente indígena. Mariátegui aclara: “...No sul, o litorâneo é estreito (...) O sul é fundamentalmente serrano (...) O sul não conseguiu manter-se serrano, mas sim indígena apesar da Conquista, do Vice-reinado e da república” (p. 147)

Por motivo da dualidade regional, houve momentos em que o Peru se dividiu em dois, com dois presidentes, um em Lima e outro em Arequipa (ao sul do Peru). Lljajaruna (2001), comenta que esta cidade ocupa uma posição merecedora do título “Ciudad Caudillo”, tanto pela luta em favor da democracia e leis quanto por ser geradora de pessoas ilustres na história peruana. Em 1866, esta cidade se levanta e luta contra os espanhóis, expulsando-os pela última vez do Peru (depois da independência, ainda os espanhóis se encontravam no Peru), sob o mando de um arequipenho. A partir desse momento os arequipenhos, convencidos de não serem bem governados pelos limenhos crioulos, declaram em várias oportunidades seu próprio presidente.

Novamente entra em questão o problema de identidade peruana no final do século XIX com a “Guerra do Pacífico” (1879-1883), o Peru enfrentou o Chile e perdeu a região do litoral sul (Atacama e Arica) no confronto. Nesse período, o termo índio foi virando sinônimo de campesino pobre até significar servente. Já no século XX, os índios se juntaram e reclamaram seus direitos: a recuperação das terras e o direito à educação para

aprender o espanhol e a “cultura nacional”, com a finalidade de apropriar-se dos instrumentos de dominação dos “mistis” (que eram os grandes latifundiários do Peru).

E a partir do século XX, graças ao movimento indigenista os índios obtivera várias conquistas uma delas foi recuperar o direito à terra. Ao mesmo tempo governo peruano influenciado pela política indigenista (corrente ideológica de integração nacional, na década de 40), tenta homogeneizar a cultura peruana, aceitando a cultura “crioula” ou “mestiça” e buscando integrá-la à sua identidade única. Na década de 60, o governo do general Juan Velasco Alvarado (1968-1975), sob a lei Agrária, tirou as terras dos latifundiários e devolveu aos índios que as perderam no século XIX. Outra conquista foi a nova constituição de 1979, que assegurou aos iletrados o direito ao voto, os quais em sua maioria eram índios ou cholos.

Porém, a perda do patrimônio dos latifundiários, trouxe um novo problema ao país, a imigração. Os latifundiários já localizados na cidade, e a falta de emprego motivou a migração deles para o exterior, que voltaram posteriormente para levar a família inteira, tendo em vista que a situação do Peru não melhorou. Enquanto que os brancos ou a classe média e alta migraram para o exterior, a migração interna no Peru foi muito intensa na década de 50 em diante, de tal forma que hoje 70 % da população mora nas cidades urbanizadas e 30 % mora na zona rural.

Contudo a lei agrária não ajudou aos índios a melhorarem sua situação econômica, como eles não tinham dinheiro para investir na terra e no cultivo, acabaram abandonando-a e migrando às cidades urbanas, como Lima. Este fluxo migratório interno no Peru, trouxe consigo novamente o choque da dualidade cultural peruana, das duas regiões, duas raças e das duas línguas que desde a colonização tinha sido um problema para uma união peruana.

A maioria dos migrantes proveniente das regiões andinas teve que negociar sua identidade cultural nos lugares onde se localizaram. Consolidando-se sem perder suas raízes rurais/andinas. Só mudaram a roupa, mas continuaram conservando seus costumes,

sobretudo os migrantes ricos, que construíram empresas informais nas grandes cidades (Degregori, 1999 apud Mendez, 2000).

Os migrantes ao encontrarem a cidade de Lima lotada se localizaram dentro da periferia da cidade de Lima, enquanto que os migrantes pobres se localizaram fora das periferias tanto ao norte quanto ao sul de Lima, construindo as primeiras “*barriadas ou pueblos jóvenes*” (termo parecido a favelas), separando os de fora e os de dentro. Os migrantes que se situavam fora da periferia de Lima foram motivos de estigmas e de marginalização cultural, já seja porque ficaram fora da sociedade ou já seja por seus traços étnicos. Gerando uma confusão étnico na cidade como aponta López (1997) citado por Ávila:

“(Lima) la antigua capital del virreinato colonial peruano se vio rápidamente transformada en un laboratorio de (con)fusión de nuevos y viejos sentidos de pertenencia local, regional y nacional, así como de nuevos sentidos de ciudadanía. En ella, por primera vez, se encontraban grupos humanos procedentes de todas las sangres del país, muchos de los cuales no habían desarrollado antes sentido de pertenencia a una comunidad imaginada nacional más amplia. De esta manera, gracias a la acción de las ciudades, los migrantes cambian de identidad: ellos dejan de ser indios o campesinos indígenas para devenir, no en criollos urbanos, sino en cholos” (p. 56)

Os migrantes indígenas conforme iam se adaptando à cidade também iam criando e negociando sua identidade cultural, estes indivíduos deixam de ser índios (que moravam nos andes) e não podem ser “criollos” ou mestiço criam uma nova identidade chamada de “cholos” ou “chicha” (a partir dos anos 90, aparece o novo termo que substitui o cholo), nomes que não deixam de ser pejorativos dependendo do tom com que é expresso. É uma expressão cultural collage, que se constrói e redefine pelo encontro do índio e do “criollo”, num mesmo local de Lima, cuja negociação cultural se denomina intercultural. Segundo Degregori (1999), citado por Mendez (2000), são eles que constróem a identidade dos

“cidadãos peruanos”, uma “peruanidade” nova, diferente da “oficial” (aquela que surgiu na Independência). José Matos Mar citado por Ávila comenta ao respeito:

“Lo andino se encuentra aquí a la ofensiva, tiñe el corazón de Lima, irrumpe a través e la costra formal de la sociedad tradicional criolla, borra su faz hispánica y perfila un nuevo rostro, no solo de la metrópoli limeña sino también del país en su conjunto. La consolidación y avance de una nueva cultura panperuana en formación. La andinización de Lima se revelaría en los grandes bazares callejeros, la faena, las asociaciones de migrantes, las fiestas folklóricas como eje importante de organización e identidad, la música chicha hasta el Sendero Luminoso como muestra concreta y evidente de informalidad política.” P. 59

Já pelos anos 80 e 90 a cidade de Lima, lotada de migrantes rurais localizados fora da periferia da cidade, totalmente excluídos social e economicamente, morando em condições infrahumanas, desempregados, sem possuir o mínimo para sobreviver, acontece um fato violento que marca uma triste história da sociedade peruana, afundando-a ainda mais, o surgimento de um movimento chamado “Sendero Luminoso” (organização terrorista de inspiração maoísta), que declarou guerra à cidade de Lima. Mendez comenta:

...Sendero parecía estar acelerando un proceso que ya se venía dando desde que las migraciones a Lima y a las capitales de departamento transformaron el rostro del país; el proceso de ‘andinización’ de las ciudades; el quiebre de las fronteras entre costa y sierra, ciudad y campo; el derrumbe del orden oligárquico iniciado con las reformas de Velasco. Miraflores poblado de ambulantes no era más ese barrio ‘blanco’, ‘aristocrático’ que todavía habitaba en la imaginación de muchos (p. 7, 2000).

O grupo guerrilheiros *Sendero Luminoso* e *MRTA* (Movimento Revolucionário Tupac Amaru) desenvolviam um panorama de violência muito grande e tomavam posse das serras centrais, como *Ayacucho*, *Huancavelica* e *Apurímac*, consideradas os lugares mais paupérrimos do Peru, e avançaram para as cidades, atingindo Lima. Esses grupos

senderistas, constituídos pelos indígenas mais pobres do Peru e liderados por pessoas intelectuais, renegados por suas condições indígenas, levantaram-se enfrentando o governo com atitudes violentas, pela situação de abandono, fome e pobreza em que vivem. Sem encontrar solução atacaram as cidades com a finalidade de assumir o poder do Peru que desde a independência estava sob controle dos brancos. Isto trouxe na época ainda mais migração da zona rural para as cidades principais, como Lima, porque os terroristas tinham destruído instituições, empresas, casas, colégios, igrejas, etc. deixando-os afastados de toda atividade comercial. Com Lima lotada, sua população que enfrentava problemas econômicos de desemprego, não tinha outra opção senão migrar para outros países.

O terrorismo, transcendeu os bairros, as classes e as raças. Esse grupo terrorista produziu uma total de 25 mil mortos entre civis militares, e causou um dano de 20 mil milhões de dólares, quase toda a dívida externa do Peru (Quiñonez, 1994). Porém o povo peruano, principalmente a cidade de Lima, na época já composta em sua maioria por “cholos”, o rejeitou unanimemente, agindo com sentimento nacionalista. A cidade de Lima se levantou rejeitando-o com um movimento chamado “*marcha por la paz*” (1992), no qual todos os estratos sociais, raças e bairros se uniram em nome do Peru. O governo de Fujimori (1990-2000) aproveitou a marcha e incentivou a nacionalidade peruana, nos desfiles militares do mês de julho (festas pátrias).

Os índios que foram afetados pelo senderismo vinham dos lugares mais pobres do Peru (zona andina central) e se militarizaram para se defender do terrorismo. O governo os reconheceu como heróis no desfile pátrio na diante do povo peruano, o que os engrandeceu e fez com que se sentissem peruanos. Quando o Peru entrou em conflito com o Equador em 1997, os índios militarizados que tinham ajudado a combater os senderistas se ofereceram para ir à guerra, porque eles percebera que só dessa maneira eram reconhecidos como peruanos.

Como constatamos através do percurso da história do Peru, os estigmas que os espanhóis deixaram em relação ao índio perduram até nossos dias na sociedade peruana. Esses estigmas étnicos dividiram o Peru em dois lados, os brancos e os não brancos. O

problema foi que, desde a Independência, os governantes tentaram uniformizar o povo, tornando-o peruano. Porém homogeneizar este povo é um problema seríssimo, retomando a história antes da chegada dos espanhóis já existia discriminação entre os índios, os que eram das serras contra os do litoral, e com a chegada dos colonizadores este problema se agudizou, os europeus obrigavam aos índios se assimilarem a cultura européia, sendo que eles se achavam superiores, aos índios litorâneos. Estes índios por serem mais fracos culturalmente se assimilaram facilmente à cultura européia, enquanto que os índios da região da serra foi mais difícil de abandonar sua cultura indígena, tanto pela força de sua cultura étnica que trazem dos seus antepassados assim como para evitar ser discriminados pelos crioulos que eram os peruanos e cidadãos, e eles não tinham esse direito. Os índios recuaram e se fecharam nas suas comunidades étnicas na região da serra conservando sua cultura, onde os crioulos não conseguiram chegar para absorvê-los.

A questão da identidade cultural e étnica entra à tona em Peru com o fluxo migratório da região da serra para as cidades e principalmente para Lima. Onde novamente o índio se depara que não pode ser mais índio porque está na cidade e ao mesmo tempo não é crioulo, e cria uma nova identidade interculturalizando-se como “cholo” ou “chicha”, criando toda uma cultura que o identifica como diferente do índio e do crioulo. Porém o peruano vive um conflito constante. Se, por um lado, ele não parece índio; por outro, ele sabe que as cidades são compostas por “cholos” e índios e que, por isso, não é possível apagar essa realidade. Percebe-se, portanto, neste povo uma espécie de discriminação racial subjetiva, que Gorriti (citado por Degregori, 1999) compara ao “Cavalo de Tróia” escondido. O Peru é um país difícil de homogeneizar o povo, dever-se-ia ter respeitado o índio como uma comunidade étnica diferente, mas segundo o percurso de sua história sabemos que não foi possível pela discriminação que sempre esteve embutida nas relações sociais peruanas. Vargas Llosa (2004) comenta o problema das relações entre os peruanos:

Não é exagero dizer que, quando se radiografa profundamente a sociedade peruana afastando as formas que os encobrem e que são tão enraizadas em quase todos os habitantes deste “país antigo” que somos – a antigüidade é sempre forma e ritual, ou seja, dissimulação e ficção -, o que aparece é um

verdadeiro caldeirão de ódios, ressentimentos e preconceitos, em que o branco despreza o índio e o negro, o índio despreza o negro e o branco e o negro despreza o branco e o índio, e onde cada peruano, posicionando em seu pequeno segmento social, étnico, racial e econômico, afirma-se a si mesmo desprezando o que imagina estar abaixo de si e voltando seu rancor invejoso para o que sente como estando acima de si. Isto acontece mais ou menos em todos os países da América Latina (...) no Peru é mais grave (...) pelas diferenças sociais e econômicas... (p. 38)

Llajaruna (2001), Na atualidade, a identificação racial no Peru é confusa, a identificação racial dos que se considerem brancos se dá pela negação da identidade indígena. Também os mestiços, que são os crioulos misturados com índios, formam sua identidade pela aproximação e imitação dos brancos, negando sua raça indígena. Lumbreras (1990) comenta a respeito, “o peruano da cidade de classe alta ou média tem preocupação mais em aprender inglês e dançar rock, do que falar o quíchua ou dançar “wayno, dança indígena” (p. 63).

Hoje em dia, Lima está constituída mormente por filhos dos migrantes de características indígenas de segunda, terceira até da quarta geração, ou seja os cholos. Eles povoaram todas os bairros da cidade até os lugares considerado da elite como “miraflores” que em outras décadas era exclusivo dos brancos, atualmente quem circula por esses lugares são os cholos ou chicha. Os jovens peruanos crioulos de classe alta, média alta se encontram estudando fora do país e quem influenciou a cultura juvenil peruana são os cholos, por meio da imprensa e dos meios de comunicação incentivaram esta nova cultura peruana que aparece no mediados dos anos 80 em Lima. Os cholos mudaram a cidade criando uma nova cultura, novas músicas, sotaque, formas de vestir, de comer, etc. Como veremos a seguir como se forma a juventude peruana na atualidade.

A JUVENTUDE PERUANA

O Peru é um país que apresenta um conflito social causado pelas diferenças étnico-cultural, étnico-racial e regional, em comparação com os outros dois países, Bolívia e Argentina. Esse conflito étnico remete à época colonial e foi se repetindo e se intensificando no decorrer de sua história. Hoje, é o próprio peruano que discrimina o outro peruano, o que torna a cultura juvenil peruana diferente dos modelos ocidentais, segundo Protzel (2006).

Segundo Miller citado por Protzel, o problema da educação que apresenta no Peru seria pela migração interna. Ávila nos acrescenta que nas primeiras décadas do século XX, a população da cidade de Lima era de 35.4%, e quase todos estavam alfabetizados, enquanto que a população das zonas rurais eram de 64.6 % em todo o Peru. Já nas últimas décadas do século XX observamos o aumento da população da cidade de Lima Metropolitana pela migração interna, chegando a 70.1 %, enquanto que a da zona rural ficou em 29.9 %.

Os jovens da região central que migraram para a capital Lima na década dos 50 os levou a enfrentar penosas condições de emprego e educação. Já pelos anos 70 o desenvolvimento industrial melhorou, incrementando o emprego industrial por um 40%. Por esta razão os jovens peruanos precisavam se aprimorar profissionalmente, pelo que entre os anos de 1961 e 1981 o número de candidatos para universidade aumentou em 20%, porém as diferenças entre eles ainda continuavam.

Nas últimas décadas o panorama muda, o problema industrial decaiu e trouxe grandes problemas de empregos para os jovens, de modo que eles só conseguiam subempregos e no tempo livre, o ocupavam fazendo cursos técnicos ou as vezes com a finalidade de obter algum diploma.

Os bairros que foram criados pelo grande fluxo de migrantes internos do Peru, tem como característica as condições infrahumanas de vida, nesse panorama a juventude que

já não é mais migrante senão são os novos limenhos, toma outra conotação, a infância é muito curta, desde cedo as jovens começam a trabalhar, e entrar a desenvolver a vida sexual sem maior controle de natalidade, e se vêem obrigados a criar família muito cedo, muitos continuam morando na casa dos pais, sem opção de se independizar da família nuclear.

Segundo Protzel (2006), os jovens peruanos da classe média constroem sua identidade influenciados pela mídia, mais globalizados e mais individualizados. No entanto, os jovens pobres cuja referência social é o local ou o bairro constroem sua identidade mais grupal. A identidade é mais local que nacional, porque quando o mundo se torna grande demais (pelas redes da globalização) para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem concebê-lo ou apropriar-se dele. Castells (2002) comenta a respeito: *“Tais reações defensivas tornam-se fontes de significado e identidade ao construírem novos códigos culturais a partir da matéria-prima fornecida pela história”* (p. 85).

Aqueles novos limenhos tiveram que enfrentar a política do neoliberalismo da economia peruana dos anos noventa dentro dos quais eles vêm negociando sua identidade com mudanças cada vez maiores, pelo que Ávila aponta estas mudanças em três processos: a) Aumento de shopping Centers; b) Migração transnacional; c) Reinvenção do andino.

a) Os shopping Center constituíram os novos espaços públicos onde encontram-se as pessoas de diferentes partes do Peru e onde a finalidade é o consumo. A cidade de Lima se fragmentou em novos ilhotes de consumidores no meio da crescente pobreza urbana produto da economia neoliberal. b) Os limenhos ao ser excluídos do mercado de trabalho e os avanços dos meios de transporte, não encontram outra saída a não ser de sair do país, viajar a outro país se converteu num mito do progresso peruano. Em Peru, pelo menos um membro de cada família se encontra fora do país, o que antes era um sonho que só podiam realizá-lo a classe alta, hoje em dia as viagens ao estrangeiro se tornaram consumo popular de todas as camadas sociais.

O aprender o idioma inglês se tornou uma necessidade de atingir o sonho de sair do país e alcançar o progresso do peruano. A migração da classe alta ou média alta aconteceu por vários motivos, um porque perderam suas terras com a lei agrária, outro pela forte migração interna deixando-os desempregados, pois a mão-de-obra ficou mais barata ao existir excedente de trabalhadores. E por último pela violência do terrorismo os deixou assustados e decidiram ficar morando no exterior. Nesse processo de migração da classe alta e média alta, ao retornarem criaram um novo limenho o denominado “pituco”, que não é outra coisa que um estrangeiro na sua própria terra. Ser ‘pituco’ é ‘status’ o semelhante ao termo de branco, e que é muito significativo no Peru. Altamirano (1990) aponta que desde que se iniciou a migração internacional, foram os da classe alta e média alta ou chamados de ‘pitucos’, os que beneficiaram-se com as vantagens de viajar aos EUA.

E por último c) Trata-se da reinvenção do andino na capital de Lima, através das expressões culturais como festas folclóricas, músicas, danças, pasacalles (danças nas ruas), processões, festas patronais, etc. que participam as primeiras, segundas e terceiras gerações de migrantes em Lima. E como estas expressões culturais que antes foram censuradas atualmente foram tomando espaço na cidade e formando parte da nova cultura limenha, e os meios de comunicação divulgam estas atividades culturais que cada vez está crescendo, estas pessoas tomaram espaços públicos como estádios de futebol, praças de touros, universidades, avenidas até a catedral de Lima e a Praça Maior da cidade.

A música passou por uma transformação produto da migração internacional e da migração interna do Peru, por exemplo o “wayno” que é autóctone serrana, mudou para a música “chicha”, mistura de wayno e salsa, que nesse momento era a música popular dos pitucos, sendo a salsa a música criada pelos imigrantes latino-americanos vindos dos EUA. Llajaruna (2001), aponta que a identidade cultural peruana tem uma predisposição para a identificação com o modelo estrangeiro, negando o que é nacional.

De maneira que, o mercado cultural não tem como influenciar uma cultura juvenil do setor onde existem muitos pobres e marginais, já que esses jovens só desenvolvem

estratégias de sobrevivência. A cultura juvenil dos marginais é observável no cotidiano, desde a invenção de gírias, até na fuga como o caso da drogadição.

O setor econômico que se beneficia da juventude peruana são os restaurantes, saldódromos (ambiente para danças música salsa e merengue) e cafés, da mesma forma a vestimenta, música e todo tipo de espetáculo. Outro ponto importante que o autor coloca é com relação à música, os jovens peruanos há mais de uma década deixaram de imitar as músicas, eles adotaram a língua espanhola para expressar temas provenientes da realidade imediata - diante do quíchua ‘wayno’ ou do inglês ‘rock’), assim como os instrumentos musicais armônicos e rítmicos, mostrando a necessidade de afirmação (e de alguma maneira de protesta). Como o caso da “cumbia andina” ou chamada também de “chicha” (nome de uma bebida de cereal fermentada). Porém o autor manifesta que não existe nem música, nem cultura de massas que possam explicar os problemas em forma global da juventude peruana. A insatisfação juvenil peruana é produto da crise de representação que hoje atormenta à classe política e que compromete a todos os peruanos. Protzel (2006) aponta como preocupação:

“Muestra de la incapacidad del Estado para recoger y defender las aspiraciones de la sociedad civil es su repliegue ante la fuerza y el cinismo de Sendero Luminoso y del narcotráfico que desvertebran al país, haciendo posible entre otras cosas, esa atroz hemorragia social que es la migración masiva de jóvenes desesperanzados, anómicos, hacia los santuarios de la coca y la vesanía política” (p. 7).

Por causa da recessão econômica há menos operários e muitos estudantes, nos últimos nove anos no Peru. Da mesma forma, se percebe que a sociedade peruana criou novos atores sociais carentes tanto econômico, político e psicológico.

Observamos que a identificação do jovem peruano atualmente vem se negociando entre o local e o global, entre o nosso e o alheio. Os jovens da classe alta criaram o ‘pituco’ mistura do peruano com o estrangeiro, e os da classe média, baixa e pobres tentam imitá-lo, e dessa forma foi aparecendo o ‘cholo’ ou ‘chicha’. E como a maioria em Lima são

‘cholos’, a cultura deles tomou mais força que dos ‘pitucos’, sendo que hoje em dia vemos a “choledad” a integração cultural do índio na cidade de Lima.

Jovens imigrantes peruanos da primeira e da segunda geração em São Paulo

Os jovens peruanos vieram ao Brasil com a finalidade de estudar já seja graduação ou pós graduação na USP, UNICAMP, PUC/SP, etc. Porque o Brasil é um país que apresenta incentivo na educação aos jovens, e como este país tem acordo internacional com vários países de latino América, os jovens peruanos aproveitando essa vantagens vêm para estudar. Estes jovens da primeira geração de peruanos estudam e trabalham em São Paulo, trabalham lecionando espanhol ou vendem artesanato peruano.

Eles ficam no Brasil ou porque encontram trabalho na áreas de sua profissão ou porque casam com brasileiras. Gostam mais se relacionar com os brasileiros que com os peruanos. Porque esta comunidade de imigrantes não tem uma instituição social que os represente em São Paulo, pelo que eles se dispersam entre os brasileiros com muita facilidade. Tentam dominar a língua portuguesa, porque estão em busca de aceitação dos brasileiros, e porque também a universidade onde estudam são obrigados a fazer um curso de português por seis meses para poder acompanhar as disciplinas universitárias. Este grupo de jovens manifestam sentir muita saudades das comidas típicas peruanas, como tem restaurantes peruanos estáveis, ao mesmo tempo este grupo não gosta se relacionar com os conterrâneos, tentam evitá-los, porque entre eles existe preconceito de desigualdade social, regional e econômico.

Os jovens da segunda geração de peruanos, estudam e trabalham, se relacionam mais com os brasileiros, e se escondem através da língua portuguesa, eles não querem ser identificados como filhos de peruanos porque são discriminados. Mas os pais homens peruanos acostumam a comer a comida peruana aos filhos, pelo que eles sentem saudades dos pratos típicos peruanos. Os pais peruanos vêm de casamentos mistos, peruanos casados com brasileiras, já que na época que eles vieram a estudar ao Brasil, eram os homens peruanos que saíam para outro país e não as mulheres, mais ou menos nos anos 70 ou 80,

hoje em dia essa realidade mudou, são até diríamos mais as mulheres que saem em procura de emprego a outros países.

Os jovens tanto da primeira quanto da segunda geração de peruanos, sofreram discriminação por parte dos brasileiros, porque não são bem recebidos, pelo estereótipo do peruano em Brasil, é considerado um país pobre e indígena que não tem nada aportar neste país, ao contrário vêm para tirar os poucos empregos dos brasileiros. E muitas vezes confundido como boliviano, porque para o brasileiros não existe diferença entre peruanos, chilenos, bolivianos, paraguaios, etc., se são de características indígenas são todos iguais.

Depois de haver comentado a história da colonização, independência e o desenvolvimento econômico e político e ter colocado as considerações das nacionalidades de cada país que foram o alvo da pesquisa Argentina, Bolívia e Peru, e as características dos imigrantes daqueles países pesquisados que moram em São Paulo há algum tempo, como se constituem, e quais são os estereótipo que os brasileiros tem de cada país, passaremos a estudar a metodologia trabalhada nesta pesquisa.

QUARTO CAPÍTULO

METODOLOGIA DE PESQUISA

Para analisar e compreender a formação da identidade cultural e a adaptação cultural dos jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e segunda geração em São Paulo, precisamos saber que mecanismo utiliza para se inserir na sociedade brasileira. Sabendo que o indivíduo enquanto ator social utiliza seus recursos de inserção de maneira estratégica, para alcançar o objetivo de se adaptar na sociedade brasileira e ao mesmo tempo poder definir sua identidade cultural no novo país. Através das estratégias de aculturação que os jovens imigrantes usam para se inserir na nova sociedade, assim como o desenvolvimento da identidade de grupo de Argentina, Bolívia e Peru no Brasil nos proporcionará uma visão da produção da identidade social desses jovens na sociedade brasileira. Porém os imigrantes não são livres escolher as estratégias para se inserir na sociedade brasileira, depende da relação de força e de poder que se dá entre o grupo de sua comunidade e a sociedade anfitriã.

PROCEDIMENTOS

Para este estudo de estratégias de aculturação que os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos da primeira e da segunda geração usam para se inserir na sociedade brasileira escolhemos uma escala de atitude de aculturação que apropriamos para o Brasil. Nos baseamos em duas questões, primeira na pesquisa de dissertação de mestrado que trabalhamos com jovens peruanos cuja metodologia foi qualitativa, e segunda, utilizamos a

escala de estratégias de aculturação do modelo de Berry que apropriamos para a realidade brasileira, mas com critérios diferentes de quantificação.

Primeira, na dissertação do mestrado sobre “Adolescentes peruanos em São Paulo: A construção da identidade, e as estratégias de adaptação no processo de aculturação”, Llajaruna, (2001), trabalhamos através do método de pesquisa de narração da história de vida o qual gerou um enorme volume de dados que precisavam ser organizados em categorias, compreendidos e analisados, como nos comenta Alves (1991), “...*é um processo complexo, que implica um trabalho de redução, organização, e interpretação dos dados numa relação interativa com os dados empíricos.*” (p. 60). E como eram só seis jovens imigrantes, este trabalho deu para organiza-lo, por outro lado, os dados que a pesquisa nos proporcionava eram muito interessantes, porém deixados de lado pela complexidade dos dados.

Segunda, pensamos que seria melhor organizar este trabalho das estratégias de aculturação através de uma escala de atitudes de aculturação que já tinha sido trabalhado pelos pesquisadores do grupo de ICSEY (International Comparative Study of Ethnocultural Youth) baseado no modelo de Berry. Este grupo trabalhou com adolescentes imigrantes, famílias imigrantes, em fim com diferentes imigrantes de diferentes partes do mundo que moram nos Estados Unidos, Canadá, Japão, etc.

E como o professor Berry tinha sido convidado para fazer uma palestra no simpósio Internacional “Psicologia, E/Imigração e Cultura: Um tema antigo recente” de 2002. Nessa ocasião Berry nos proporcionou duas escalas, uma de “The Multigroup Ethnic Identity Measure (MEIM) e outra escala “Atitudes ou estratégias de aculturação baseada no modelo dele”. Esta última a usamos para nossa pesquisa por se tratar de uma escala de aculturação para jovens imigrantes e a readaptamos com a realidade brasileira para este estudo.

Para apropriar a escala utilizamos os apontamentos do próprio autor Berry (que nos proporcionou por email, no dia 12 de julho de 2003) para saber como elaborar a escala ou como readapta-la manifestando que a escala é para ter uma idéia de começar um trabalho

de pesquisa de aculturação, porque não existe um instrumento de medida standard, para cada estudo precisa criar um instrumento que seja apropriado culturalmente para os dois grupos que estão em contato, já que o assunto é levantado durante o contato intercultural, e no processo de aculturação, variando de uma situação a outra. Os passos para elaborar um questionário ou escala de aculturação são os seguintes:

- 1) Mormente os tópicos a ser tratado no processo de aculturação são: linguagem, religião, valores, vestimentas, comida, gênero homem/mulher, relação com a família, atividades sociais, escolha de amigos, escola, uso de médios de comunicação, preconceito, discriminação, em fim, a lista é interminável.
- 2) Fazer um teste preliminar, estilo etnográfico, estabelecendo o assunto da pesquisa que foi levantada entre os dois grupos de contato. O assunto da pesquisa definirá o número das propriedades com as quais serão construídas as atitudes de aculturação.
- 3) Existem três métodos operacionais que Berry usou nos trabalhos de pesquisas:
 - Criar itens para cada propriedade das quatro atitudes de assimilação, integração, separação, marginalização.
 - Criar itens para cada propriedade, das duas dimensões (manutenção cultural e participação com a sociedade hospedeira.
 - Criar quatro categorias que caracterize cada uma das quatro atitudes de aculturação.
- 4) Os itens devem ser avaliados por pessoas (juizes) que conheçam o trabalho e quem organize os itens dentro das categorias (quatro atitudes ou de duas dimensões). O que fornecerá a validade de nível alto.
- 5) Pode se elaborar uma escala Likert ou uma escala segundo a categoria de preferência, os pontos totais para cada atitude ou dimensão serão logo calculados.

- 6) Fazer uma pesquisa piloto dos melhores itens o que requer pelos menos umas 30 participantes. Os itens podem ser checados com alfa cronbach, análise fatorial ou outra estatística multivariável, estabelecendo consistência interna, etc.
- 7) A validação é acompanhada pelo método de grupo conhecido. Este envolve administração da escala a grupos que deveria ter alto ou baixo pontos na escala. Por exemplo uma pessoa, quem pertence a uma organização etnocultural (que não seja da sociedade receptora) os pontos deveria ser alto em separação que outras respostas, ou uma pessoa que tenha pontos altos em integração, etc.

Os apontamentos de Berry nos esclareceu que precisávamos de muito manejo estatístico para readaptar a escala para o Brasil, pelo que pensamos que seria melhor apropriar o instrumento que possa facilitar o nosso trabalho. A partir deste momento a proposta da pesquisa não mais validar a escala, mas era de analisar as estratégias de aculturação que os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos usam para se inserir e se adaptar à sociedade brasileira, de maneira que facilite a coleção de dados, e como o método qualitativo de cujo análise foi da narrativa de história de vida é muito demorado e complexo, escolhemos utilizar o instrumento da escala de aculturação do modelo Berry mesmo sem possuir a tabulação de como quantificar os pontos, porque este não ia ser o motivo de desistência do andamento da pesquisa.

Decidimos apropriar a escala tanto para os jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos que moram em São Paulo, quanto para a pesquisadora possa analisar o processo de aculturação. Modificamos a escala de aculturação de tipo Likert colocando como alternativas as próprias estratégias, integração, assimilação, separação, e marginalização.

A escala de medida de atitudes de aculturação de Berry estava conformada de seis categorias de aculturação: Importância da linguagem, casamento, tradição cultural, atividades sociais, grupos musical e amigos (ver no anexo). A estas categorias acrescentamos: Namoro, linguagem com os amigos, linguagem com a família, idioma para

assistir televisão, idioma para assistir vídeo, correspondência, viagens, idioma para leitura, notícias e jogos de futebol (ver no anexo). O juiz da escala foi meu próprio orientador que é um imigrante no Brasil, de origem mexicano-americano que me ajudou para definir as categorias de aculturação a ser estudadas, segundo a experiência como migrante.

Para apropriar o questionário de dados pessoais, utilizamos o trabalho de dissertação de Tito Valencia Monárdez (1994), *“Identidade étnica e aculturação do emigrante chileno residente na Grande São Paulo, que emigrou após o golpe militar de 1973”*, que trabalhou com famílias chilenas em São Paulo. O questionário constava de 114 perguntas sobre os dados dos imigrantes com relação à adaptação ao Brasil, a língua que usam em diferentes situações, quando chegou, tem documentos de estrangeiro no Brasil, etc. Dos quais o utilizamos 63 perguntas gerais para qualquer imigrante, e acrescentamos outras questões com relação ao imigrante jovem sul-americano, como com quem veio ao Brasil, estuda ou trabalha, a nacionalidade do pai, da mãe, preconceito, discriminação, atividade de final de semana, etc., totalizando 85 perguntas para imigrantes jovens no Brasil, (ver anexo)

E para apropriar e readaptar a escala de aculturação baseado no modelo de Berry, aos jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos que moram em São Paulo, para o qual encontramos muita dificuldade para testá-la, porque os jovens imigrantes a maioria estudam, trabalham e namorar os finais de semana, e não queriam ser incomodados com a entrevista, e os jovens argentinos apresentaram muito mais indisposição de colaborar com a pesquisa, por mais que conversamos previamente com os pais, estes não conseguiam convence-los, ainda assim encontramos três jovens imigrantes peruanos de primeira geração e três jovens imigrantes bolivianos de segunda geração que se dispuseram a colaborar. A primeira escala que testamos constava de 14 categorias: namoro, casamento, atividades sociais, linguagem com a família, linguagem com os amigos, tradições culturais, idioma para assistir televisão, vídeo, leitura, correspondência, viagens, importância da língua, amizade, notícias, grupos musicais e jogos de futebol.

Depois do teste, na qual a escala era conformada das 14 questões, acrescentamos mais duas questões, amizade e correspondências dos jovens imigrantes. Ficando dezesseis

categorias e um questionário de dados pessoais com oitenta e cinco perguntas (ver no anexo). Desse modo, analisamos descrevendo comparativamente o processo de aculturação de 30 jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de primeira geração que moram em São Paulo há pelo menos dois anos, e 30 imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de segunda geração, nascidos no Brasil. Escolhemos sujeitos provenientes da Argentina, Bolívia e Peru, por fazerem parte de uma das populações de imigrantes latino-americanas mais significativas culturalmente, no Brasil e em São Paulo.

Aclaramos que como nossa proposta da pesquisa não era validar a escala de aculturação senão de analisar e descrever a temática das estratégias de aculturação que os jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos da primeira e da segunda geração usam para se inserir na sociedade brasileira, optamos por utilizar esta escala para coletar os dados e poder organiza-los para nosso análise. Por outro lado, não conseguimos validar a escala a nível estatístico pela dificuldade de encontrar estes jovens peruanos e bolivianos predispostos a ser entrevistados, não gostam ser reconhecidos como imigrantes e por outro lado, os jovens imigrantes argentinos não gostam colaborar, então tivemos que utilizar a bola de neve para achá-los, através de amizade com os pais, ou mesmo com os próprios jovens.

E como o autor da escala Berry nos apontou que precisaríamos escolher aleatoriamente de uns 30 sujeitos para validar a escala, este método de amostragem requer uma população numerosa e escolher os jovens usando a probabilidade, e como não existe a possibilidade de saber quantos jovens existem no Brasil, então não podíamos procura-los aleatoriamente e optamos por fazer-lo usando o método bola de neve.

Logo, a escala ficou constituída de dezesseis categorias, que são as seguintes: 1. Com relação à linguagem; 2. Com relação às tradições culturais; 3. Com relação ao casamento; 4. Com relação às atividades sociais; 5. Com relação aos grupos musicais; 6. Com relação à amizade; 7. Com relação ao namoro; 8. Com relação às leituras; 9. Com relação aos programas de televisão; 10. Com relação aos vídeos; 11. Com relação às notícias; 12. Com relação às correspondências; 13. Com relação às viagens; 14. Com

relação aos jogos; 15. Com relação à linguagem com familiares; 16. Com relação à linguagem com amigos.

Cada categoria de estudo apresenta as quatro estratégias de atitude de aculturação (*integração, assimilação, marginalização e separação*) como alternativa, sendo no total dezesseis estratégias de integração, dezesseis estratégias de assimilação, dezesseis estratégias de marginalização e dezesseis estratégias de separação. A partir das respostas, buscar-se-á perceber quais estratégias de aculturação foram adotadas pelos entrevistados em cada categoria. Tais usos podem ter desdobramentos tanto positivos quanto negativos como já foram marcados lá acima.

Apontamos que não podemos generalizar este estudo a todos os jovens argentinos, bolivianos e peruanos que moram no Brasil, porque a escala não foi validada estatisticamente, porém serviu para nos apoiar o nosso análise, procuramos especificidade destes jovens pesquisados argentinos, bolivianos e peruanos dentro da totalidade dos jovens imigrantes dessas nacionalidades que devem existir morando em São Paulo alguns escondidos como os bolivianos outros não querendo ser identificados para evitar ser discriminados, para o qual nos baseamos na reflexão de Lane (1984), a importância de uma pesquisa na Psicologia Social, *“não se procura a generalização mas sim a especificidade dentro de uma totalidade e, portanto, os indivíduos considerados são escolhidos em função de aspectos ou condições consideradas significativas ...”* (p. 46)

Esta autora nos acrescenta que nós como psicólogos sociais deveríamos considerar uma nova metodologia de pesquisa em Psicologia Social:

- 1) As definições e conceitos apriorísticos não são obrigatórios, e deve-se deixar para a atividade de pesquisar;
- 2) Categorias que nos remetem aos vários níveis de análise permitem chegar à materialidade do fato, ao concreto que está sob o empírico aparente;
- 3) A pesquisa como “praxis” implica, necessariamente, intervenção e acumulação de conhecimentos.

- 4) As lacunas no conhecimento são tão importantes quanto o conhecido, se não mais, pois são elas que permitirão aprofundar e rever as análises já realizadas.

Tomando em conta estas considerações não só se precisa de processamento de dados estatísticos para que uma pesquisa seja considerada válida, o fato importante é que análise nos permitirá, a partir do empírico, recuperar o processo histórico específico, chegar-se ao essencial. E isto só é possível através de categorias que nos leva, pouco a pouco a análise mais profundas, visando captar a totalidade.

INSTRUMENTOS

- 1) A escala de atitudes de aculturação com dezesseis categorias e quatro alternativas de respostas (que abrangem as quatro estratégias, integração, assimilação, separação e marginalização);
- 2) Um questionário de informações gerais para o imigrante no Brasil, com oitenta e cinco perguntas.

Tanto a escala quanto o questionário foram elaborados em dois idiomas, em espanhol e português, no programa Word. Para entrevistar os jovens, foram feitas cópias do questionário nos dois idiomas. Eles escolhiam o idioma que queriam responder. Os imigrantes e filhos de imigrantes manifestaram que podia ser em qualquer dos dois idiomas. Houve casos de filhos de imigrantes que preferiam no idioma português, porque não dominavam o espanhol.

PESQUISA DE CAMPO

Como já tínhamos comentado para encontrar os jovens imigrantes, utilizamos a técnica da bola de neve, entre os anos 2004, 2005 e 2006, todos foram indicados por alguém. A dificuldade para nos encontrarmos com os imigrantes e filhos de imigrantes

decorreu da falta de tempo deles. Muitos trabalham, estudam e namoram. Por isso, foi difícil agendar um horário para a realização das entrevistas.

Os jovens imigrantes argentinos e os filhos de imigrantes argentinos foram os que apresentaram mais resistência para serem entrevistados. Em muitos casos, primeiro tivemos que conversar com os pais para logo depois nos aproximarmos dos jovens. Alguns responderam ao questionário; outros, não. Muitos questionários, que foram entregues aos sujeitos, não foram devolvidos. No caso dos imigrantes argentinos, a maioria foi encontrada trabalhando em “Restaurante de Churrasco”, nos bairros de Moema, Itaim Bibi e Vila Olímpia. Fizemos entrevistas também no consulado argentino. Aliás, cabe ressaltar que o consulado argentino se recusou a prestar ajuda à pesquisadora com relação aos dados estatísticos dos argentinos em São Paulo. A população argentina pesquisada foi de três homens e sete mulheres e os filhos de imigrantes argentinos foram cinco homens e cinco mulheres.

Os dez imigrantes argentinos foram entrevistados pessoalmente pela pesquisadora, apesar de terem pedido que enviasse o questionário pela internet. Como houve uma desistência, decidimos entrevistá-los pessoalmente e insistimos para que isso ocorresse. Oito filhos de argentinos aceitaram ser entrevistados pela pesquisadora e dois casos responderam o questionário por e-mail. Houve três desistências. O questionário foi entregue nas casas, mas não foram respondidos. Teve um caso inclusive em que se entregou o material três vezes e o pai argentino se desculpou, alegando que os filhos não gostavam de responder a questionários menos ainda de receber a entrevistadora.

Os jovens imigrantes bolivianos e filhos de imigrantes bolivianos foram os mais acessíveis de todos. Em muitos casos, primeiro se conversou com os pais e, em outros, não foi necessário. A maioria dos imigrantes foram encontrados na Igreja “Nossa Senhora da Paz”, onde estavam regularizando os documentos de permanência, já que o governo brasileiro os beneficiou com uma anistia. Os filhos de imigrantes bolivianos foram encontrados numa instituição de dança folclórica, “Sociedade Folclórica Boliviana”, da qual os pais também participam com o intuito de conservar a cultura. Alguns filhos de

bolivianos foram indicados pela Igreja já mencionada e outros foram encontrados na Igreja japonesa Seicho-No-Ie. Dentre os imigrantes bolivianos, foram entrevistados seis homens e quatro mulheres. Dos filhos de imigrantes bolivianos, entrevistaram-se cinco homens e cinco mulheres.

Os dez imigrantes bolivianos também foram entrevistados pela pesquisadora. Houve só uma desistência. Pediu-se que o questionário fosse mandado por e-mail, mas ele não foi respondido. Os dez filhos de bolivianos aceitaram ser entrevistados pela pesquisadora, sem dificuldade, e os pais colaboraram para que isso acontecesse.

Alguns jovens imigrantes peruanos foram encontrados nas festas patrióticas e outros foram contatados através da indicação de seus conterrâneos. Encontramos dificuldade neste grupo, muitos rejeitaram as entrevistas até mesmo os próprios pais. Alguns colaboraram pela amizade com a entrevistadora e outros se mostraram muito desconfiados, demonstrando não gostar de participar de entrevistas. O consulado peruano proporcionou ajuda à pesquisadora, no que se refere aos filhos dos imigrantes, já que a quantidade de peruanos que mora na cidade de São Paulo há pelo menos vinte anos (só dessa forma que o peruano teria filhos jovens que tivesse o perfil de nossa pesquisa) é muito pequena. Os imigrantes peruanos entrevistados foram cinco homens e cinco mulheres; entre os filhos de imigrantes peruanos entrevistamos quatro homens e seis mulheres.

Oito imigrantes peruanos foram entrevistados pela pesquisadora e dois imigrantes responderam o questionário por e-mail. Teve seis peruanos que desistiram. Enviamos o material por e-mail, mas não responderam. Houve inclusive houve um caso em que os pais ligaram para a pesquisadora e pediram que seus filhos não fossem incomodados. Oito filhos de peruanos foram entrevistados pela pesquisadora e dois responderam por e-mail. Houve cinco desistências. Os questionários foram entregues para os pais em suas casas, mas os filhos não responderam. Além disso, eles não aceitaram ser entrevistados, porque manifestaram falta de tempo.

PARTICIPANTES

O perfil da amostra dos jovens bolivianos, peruanos e argentinos é o seguinte:

- a) O primeiro grupo a ser considerado foi o dos jovens imigrantes da primeira geração, vindos da Argentina, Bolívia e Peru para o Brasil há pelo menos dois anos, que residem no país. A idade oscilou entre 17 e 26 anos. Esses jovens estão de alguma forma inseridos no mercado de trabalho ou no setor da educação, tendo contato com a população brasileira. Podiam ser ou não solteiros e podiam ter vindo com os pais ou não de seu país de origem.
- b) O segundo grupo considerado foi os imigrantes de segunda geração, argentinos, bolivianos e peruanos, nascidos no Brasil, que têm entre 17 e 30 anos de idade. Nesse segundo grupo populacional, também foi considerada a inserção no trabalho ou no setor educativo. O estado civil não era uma variável importante.

Para cada grupo de primeira geração de argentinos, entrevistamos dez, bolivianos, dez, peruanos dez, e para cada grupo de jovens de imigrantes da segunda geração entrevistamos dez sujeitos da Argentina, dez da Bolívia, e dez do Peru, que residem na cidade de São Paulo. Com isso, nossa amostra foi composta de sessenta sujeitos. Para que se possa visualizar melhor a amostra populacional, observemos o quadro abaixo:

	Classificação da amostra	Argentinos	Bolivianos	Peruanos
30	Jovens Imigrantes	10	10	10
30	Filhos de Imigrantes	10	10	10

Total: 60 participantes

Cuja método de pesquisa foi quantitativa descritiva para o qual colocamos as respostas dos sujeitos num programa de Planilha eletrônica. Essa opção nos possibilitou analisar e comparar a temática do processo de inserção e aculturação dos grupos de imigrantes jovens argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e segunda geração descritivamente.

As duas questões envolvidas são: até que ponto os imigrantes desejam ter contato (ou evitá-lo) com os outros que estão fora de seu próprio grupo; e até que ponto as pessoas desejam manter (ou desistir) de suas identidades culturais. A fim de responder a essas questões, Berry (1980) formulou um modelo de variedades de adaptação do imigrante ao seu grupo e à sociedade majoritária, que é bi-dimensional e considera a relação do imigrante com a cultura predominante e com sua cultura de origem. Por este motivo, a adaptação ao novo ambiente é multidimensional e bicultural, ocorrendo em duas direções, que não estão no mesmo ritmo (DeBiaggi, 2003). Este modelo de dimensão tem uma orientação positiva de um lado e uma negativa do outro, o que se representa da seguinte forma:

Primeira questão: Deseja manter sua cultura de origem? Sim (+) / Não (-)

Segunda questão: Deseja optar pela cultura brasileira? Sim (+) / Não (-)

- Se o imigrante responde “sim” nas duas questões, deseja manter sua cultura (+) e ao mesmo tempo se relacionar com a sociedade brasileira (+), os dois (+) (+) apontam para uma estratégia de *Integração*.
- Se o imigrante responde “não” na primeira questão, não deseja manter sua cultura de origem (-), e “sim” na segunda questão, deseja se relacionar com a sociedade brasileira (+), os dois sinais (-) (+) indicam a estratégia de *Assimilação*.
- Se na primeira questão o imigrante responde “sim”, deseja manter sua cultura de origem (+) e “não” na segunda questão, não quer se relacionar com a sociedade brasileira (-), os dois sinais (+) (-) expressam uma estratégia de *Separação*.

- Se o imigrante responde que “não” nas duas questões, não deseja manter a sua cultura de origem (-) nem se relacionar com a sociedade brasileira (-), os dois (-) (-) apontam para uma estratégia de *Marginalização*.

Deseja optar pela cultura brasileira? Sim (+) / Não (-)	Deseja manter sua cultura de origem? Sim (+) / Não (-)	
	Integração (+) (+)	Assimilação (-) (+)
	Separação (+) (-)	Marginalização (-) (-)

A escala de atitudes de aculturação baseada no modelo de Berry e o questionário informações gerais de imigrantes que morem em São Paulo nos ajudou para analisar as estratégia que usam os jovens argentinos, bolivianos e peruanos da primeira e da segunda geração para se inserir na sociedade brasileira, assim como a identidade de grupo de cada comunidade de imigrante, a adaptação a esta sociedade, e a identidade cultural dos jovens. Ressaltamos que este análise da estratégia de aculturação que os jovens imigrantes estão usando para se inserir na sociedade brasileira foi uma resposta no momento da pesquisa, o processo de aculturação contínua desconstruindo e reconstruindo sua cultura constantemente, porque forma parte de um processo histórico do indivíduo assim como da sociedade.

PROCEDIMENTO PARA CODIFICAÇÃO DA ESCALA DE ACULTURAÇÃO E ANÁLISE

Considerando a seguinte pontuação: *Integração*, vale 1 ponto; *assimilação*, vale 2 pontos; *separação*, vale 3 pontos; e *marginalização*, vale 4 pontos. Quanto mais positivo a alternativa vale menos e quanto mais negativo vale mais pontos. Procedemos a analisar o escore médio de cada imigrante das dezesseis questões da escala de aculturação através da fórmula:

$$\text{O escore médio: } X = \frac{X_1 + X_2 + X_3 + \dots + X_{16}}{N} = \frac{X}{N}$$

Ressaltamos que começamos a analisar o escore médio de cada imigrante e analisamos os pontos que se diferenciava dentro desse escore. E quando encontrávamos diferentes estratégias que utilizava o imigrante em algumas atividades diárias, procedíamos a analisar os fatores que poderiam estar influenciando para o uso dessas estratégias como o tempo de morar no Brasil, o sexo, o grau de instrução, se vem ou não de outra região que não seja a capital, etc. Logo tiramos o Escore Médio de cada questão da escala para cada grupo de imigrantes, e procedemos a analisa-los, questão por questão, grupo por grupo da primeira geração. Logo comparamos cada questão com cada grupo de imigrantes de primeira geração, depois fizemos o mesmo com os grupos de segunda geração, questão por questão, grupo por grupo e ao final comparamos os três grupos de imigrantes de primeira geração com os três grupos de imigrantes de segunda geração.

Todo o nosso análise procedeu-se a compará-lo com o questionário de dados, o qual codificamos. Tentamos encontramos uma justificação às estratégias utilizadas pelos imigrantes da primeira e da segunda geração.

PROCEDIMENTO PARA CODIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE INFORMAÇÃO

Primeiro classificamos as respostas dos pesquisados para aquelas perguntas abertas, como “a impressão que lhe ocasionou ao chegar o Brasil”, e o categorizamos segundo o caso, outros não podíamos categoriza-los porque perdia seu valor de conteúdo como os “adjetivos positivos do Brasil”, e outras perguntas eram fechadas como “há preconceito no Brasil”, cujas alternativas eram sim, não, ao qual procedemos colocar número 1 para a resposta Sim, 2 para Não, ou as vezes tinha as respostas mais ou menos o qual colocamos 2 e 3 para Não.

Consideramos esta pontuação para todos os sujeitos da pesquisa e para todas as questões, 0 para os sujeitos que não respondem, 9 para quem não sabe ou não lembra, e 99 para a pergunta que não se aplica ao imigrante, por exemplo a pergunta sobre quando chegou ao Brasil?, para o imigrante de segunda geração essa questão não se aplica.

0 - Não responde

9 - Não sabe/lembra

99 - Não se aplica

A seguir detalhamos as respostas do questionário dos pesquisados, classificando-os em quadros, com suas respectivas codificações.

QUADRO 1

No quadro 1 está representando as questões 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 do questionário de dados gerais sobre a adaptação a Brasil dos imigrantes. Só que neste quadro não aparece a pergunta sobre a cidade onde moram estes imigrantes que é questão 1. Aclaramos que 58 moram na grande São Paulo e dois que moram no interior de São Paulo, tínhamos considerado a seguinte codificação.

1. CIDADE ONDE MORA:

1 - São Paulo

2 - Outra cidade

0 - Não responde

99 - Não se aplica

2. *SEXO*:

Na questão 2, considerou-se 1 para sexo feminino, e 2 para sexo masculino.

- 1 - Feminino
- 2 - Masculino
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

3. *IDADE*: Digitar o valor da idade

Na questão da idade, digitou-se a idade dos sujeitos.

- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

4. *LUGAR E PAÍS DE NASCIMENTO*:

Considerou-se o 1 para os que nasceram na Argentina, 2 para Bolívia, 3 para Peru e 4 para os que nasceram no Brasil.

- 1 - Argentina
- 2 - Bolívia
- 3 - Peru
- 4 - Brasil
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

5. *INSTRUÇÃO*:

Considerou-se 1 para 1ª a 4ta série de primário, 2 para a 5ta a 8va série e 3 para 1º a 3º colegial de ensino médio e 4 para quem estava fazendo algum curso técnico ou estava cursando faculdade. E como nos países pesquisados existe dois níveis de estudo, primário e secundário que correspondem a 1ª série a 6ta série como primário, e da 7ª a 3º colegial como secundário, segundo essa classificação separou-se a instrução. Se o imigrante não tinha acabado o secundário, o colocamos no ginásio. A instrução mínima do pesquisado era ter pelo menos o ginásio.

- 1 - Primário
- 2 - Ginásio
- 3 - Ensino médio
- 4 - Superior; Técnico/ Universidade
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

5.1 – *CURSO* –

Digitar o nome do curso

- 99 - Não se aplica

0 - Não responde

6. O QUE FAZ ATUALMENTE, ESTUDA, TRABALHA?

Nesta questão considerou se o imigrante estuda 1, trabalha 2, ou fazem as duas coisas ao mesmo tempo 3, ou não estuda e não trabalha 4.

1 - Trabalha

2 - Estuda

3 - Trabalha e estuda

4 - Não trabalha e não estuda

0 - Não responde

99 - Não se aplica

7. SE TRABALHA, QUE FUNÇÃO OCUPA?

Nesta questão considerou-se 1 para a pessoa que trabalha como funcionário em alguma empresa, 2 para o imigrante que trabalha por conta própria, 3 para aquele que é estagiário, e 4 para aqueles que não se encaixam nenhuma delas.

1 - funcionário

2 - autônomo

3 - estagiário

4 - outros

0 - Não responde

99 - Não se aplica

QUADRO 2

8. QUANDO VOCÊ CHEGOU AO BRASIL?

Digitamos o ano em que chegaram os imigrantes ao Brasil, esta pergunta não se aplica para o imigrante da segunda geração.

Digitar o ano

9 - Não lembra

0 - Não responde

99 - Não se aplica

9. QUANTOS ANOS VOCÊ TINHA?

Digitamos os anos que tinham os imigrantes ao chegar ao Brasil, esta pergunta não se aplica ao imigrante de segunda geração.

Digitar o ano

9 - Não sabe

0 - Não responde
99 - Não se aplica

10 FAZ QUANTO TEMPO MORA NO BRASIL?

Aqui também digitamos os anos que o imigrante está morando no Brasil, e não se aplica ao imigrante da segunda geração.

Digitar os anos
9 - Não sabe/lembra
0 - Não responde
99 - Não se aplica

11. COM QUEM VEIO?

Considerou-se 1 para o jovem imigrante que veio com seus pais ou família (pode ser que veio com a esposa), 2 para o imigrante que veio com amigos, 3 se veio sozinho, e não se aplica para o imigrante da segunda geração.

1 - Com pais/família
2 - Com amigos
3 - Sozinho
0 - Não responde
99 - Não se aplica

12. A NACIONALIDADE DE SEU PAI?

Aqui considerou-se 1 para o pai que nasceu na Argentina, 2 que nasceu na Bolívia, 3 nasceu no Peru e 4 para o pai que nasceu no Brasil.

1 - Argentina
2 - Boliviana
3 - Peruana
4 - Brasileira
0 - Não responde
99 - Não se aplica

13. A NACIONALIDADE DE SUA MÃE?

Novamente usamos a mesma lógica do anterior, 1 para a mãe que nasceu na Argentina, 2 nasceu na Bolívia, 3 nasceu no Peru e 4 quem nasceu no Brasil.

1 - Argentina
2- Boliviana
3- Peruana
4- Brasileira

0- Não responde
99 - Não se aplica

14 . COM QUEM MORA ATUALMENTE?

Consideramos 1 para o imigrante que mora com os pais ou os irmãos, 2 para quem mora com a esposa ou esposo, 3 para quem mora com os amigos, 4 para quem mora com amigos.

1 – Família (Pais – Irmãos)
2 – Família (Esposa – casou)
3 – amigos
4 – sozinho
0 – Não respondeu
99 – Não se aplica

15. O QUE MOTIVOU MIGRAR AO BRASIL?

Nesta questão, colocamos 1 para o imigrante que veio para trabalhar ao Brasil, 2 para quem veio por passeio ou turismo, 3 para quem veio para estudar e 4 para quem veio por outras oportunidades como a transferência da empresa para o Brasil, etc. E 5 para quem veio porque a família o trouxe.

1 - Trabalho
2 - Turismo
3 – Estudo
4 – Outros (oportunidades)
5 – Família
9 - Não sabe/ lembra
0 - Não responde
99 - Não se aplica

16. PORQUE SEUS PAIS ESCOLHERAM BRASIL?

Nesta questão, igual que a anterior queríamos saber o motivo dos pais ter escolhido o Brasil, 1 para quem veio em busca de emprego, 2 quem veio por turismo, 3 quem veio para estudar, 4 para quem veio por oportunidades de

1 - Trabalho
2 - Turismo
3 - Estudo
4 – Outros (oportunidades)
9 - Não sabe/ lembra
0 - Não responde
99 - Não se aplica

17. SEU REGISTRO NACIONAL DE ESTRANGEIRO É:

Aqui considerou-se a documentação do imigrante, e se esta situação podia influenciar na aculturação dos imigrantes. 1 para aquele que tem visto temporário já seja de trabalho ou estudo, 2 para quem tem a permanência definitiva no Brasil, 2 para quem não tem documentos de residência neste país, e 4 para quem nasceu no Brasil e possui o Registro Geral.

1 – Visto temporário

2 – Permanente

3 – Não tem

4 – RG

QUADRO 3

18 . SE VOCÊ MIGROU, QUAL FOI SUA PRIMEIRA IMPRESSÃO AO CHEGAR AO BRASIL?

Nesta questão primeiro agrupamos o que expressaram os imigrantes com relação à impressão e o categorizamos como impressão positiva e 1, quando falavam “Brasil é grande, bonito, desenvolvido, etc.”. 2 quando falavam “mucho malandro, transito”, 3 quando falavam “que hago acá”.

1 - Impressão positiva

2 - Impressão negativa

3 - Impressão neutra

9 - Não sabe/lembra

0 - Não responde

99 - Não se aplica

19. SE VOCÊ MIGROU, QUAL FOI SUA PRIMEIRA IMPRESSÃO AO CHEGAR À CIDADE DE SÃO PAULO?

De igual forma se procedeu com a impressão ao chegar ao São Paulo, 1 impressão positiva, 2 impressão negativa, e 3 impressão neutra.

1 - Impressão positiva

2 - Impressão negativa

3 - Impressão neutra

9 - Não sabe/lembra

0 - Não responde

99 - Não se aplica

20. SEUS PAIS CHEGARAM COM A INTENÇÃO DE FICAR NO BRASIL?

Consideramos nesta pergunta se os pais dos jovens imigrantes tinham vindo com a intenção de ficar no Brasil, 1 sim, 2 não.

- 1 - Sim
- 2 - Não
- 9 - Não sabe/lembra
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

21. POR QUANTO TEMPO VIERAM?

Nesta pergunta se acrescentou dois códigos diferentes segundo as respostas que deram os imigrantes, 998 para quem veio por meses, e 999 para quem veio por tempo indefinido.

- 99. Não se aplica
- 9. Não sabe
- 0. Não responde
- 998. Menos de um ano
- 999. Indefinido

22. SE SEUS PAIS FICARAM NO BRASIL POR MAIS TEMPO, PORQUE?

Nesta pergunta considerou-se 1 para os pais que ficaram porque encontraram trabalho ou ganham dinheiro, 2 os que ficaram por ter se casado, 3 os que ficaram por Ter tido um filho aqui, e 4 para os que ficaram porque “ya tienen una vida aqui”.

- 1 - Trabalho/dinheiro
- 2 – Oportunidades (esposa)
- 3 – Paternidade –família
- 4 - Outros
- 9 - Não sabe/lembra
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

23. ELES TINHAM PARENTES OU AMIGOS NO BRASIL ANTES DE VIR?

Nesta pergunta considerou-se 1 se o imigrante já tinha parentes aqui no Brasil, 2 para os que não tinham parentes.

- 1 - Tinha parentes
- 2 - Não tinha parentes
- 9 - Não sabe/lembra
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

24. VIERAM OUTROS PARENTES OU AMIGOS DE SEU PAÍS DEPOIS DE VOCÊS

Nesta questão, 1 se vieram parentes depois de Ter imigrado para o Brasil, 2 se não vieram mais parentes.?

- 1 – Sim - vieram parentes
- 2 – Não - vieram parentes
- 9- Não sabe/lembra
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

25. SE IMIGROU, TEVE DIFICULDADE DE ADAPTAR-SE AO CLIMA?

Nesta pergunta, 1 se o imigrante teve dificuldade de se adaptar ao Brasil pelo clima, 2 se não teve dificuldade de se adaptar.

- 1 - Sim
- 2 - Não
- 9- Não sabe/lembra
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

26. PENSA QUE SE ADAPTOU BEM AO BRASIL?

Nesta questão, consideramos se o imigrante se adaptou ou não ao Brasil, 1 sim, 2 mais ou menos e 3 não se adaptou.

- 1- Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 – Não
- 9- Não sabe/lembra
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

27. COM QUE FREQUÊNCIA COSTUMA COMER ALIMENTOS TÍPICOS DO PAÍS DE SEUS PAIS.

Nesta pergunta colocamos, 1 quando come muito seguido alimentos típicos de seu país de origem, 2 as vezes, 3 nunca come.

- 1 - Muito seguido
- 2 - As vezes
- 3 - Nunca
- 9- Não sabe/lembra
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

QUADRO 4

28. GOSTA DA COMIDA BRASILEIRA.

Nesta questão, 1 se gosta da comida brasileira, 2 se gosta mais ou menos e 3 se não gosta a comida brasileira.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 – Não
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

29. SENTE FALTA DE ALGUM ALIMENTO DO PAÍS DE SEUS PAIS?

Nesta pergunta, 1 se sente falta de algum alimento do país de origem, 2 se não sente falta, 3 se sente falta de algum alimento em específico ou prato típico em especial, 4 se sente falta de algum tempero.

- 1 - Sim (todos)
- 2 - Não
- 3 - Alimento /prato típico
- 4 – tempero
- 0 - Não responde
- 9 – não sabe / não lembra
- 99 - Não se aplica

30. QUAL FOI SUA PRIMEIRA LÍNGUA QUE APRENDEU EM CASA?

Nesta pergunta consideramos 1 para quem aprendeu o espanhol como primeira língua em casa, 2 para quem aprendeu o português, 3 para quem aprendeu as duas línguas e 4 para quem aprendeu outra língua em casa.

- 1 - Espanhol
- 2 - Português
- 3 - As duas línguas.
- 4 - Outra
- 9- Não sabe/lembra
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

31. TEVE DIFICULDADE DE APRENDER O PORTUGUÊS?

Nesta questão, 1 se teve dificuldade de aprender o português, 2 se teve mais ou menos, 3 se não teve dificuldade em aprendê-lo.

- 1 – Sim Teve
- 2 – mais ou menos
- 3- Não teve
- 9- Não sabe/lembra
- 0 – Não responde

32. CONSEGUE ESCREVER CORRETAMENTE O PORTUGUÊS?

Consideramos, 1 para quem consegue escrever o português, 2 para quem escreve mais ou menos e 3 para quem não sabe escrever o português.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

33. CONSEGUE ESCREVER CORRETAMENTE O ESPANHOL?

Nesta questão, 1 para quem consegue escrever o espanhol, 2 para quem escreve mais ou menos, 3 para quem não sabe escrever o espanhol.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

34. QUANTO TEMPO DEMOROU VOCÊ PARA:

Digitou-se os meses que demoraram em compreender, falar e escrever o português.

34a – compreender o português – Digitar o número de meses

- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

34b - falar o português – Digitar o número de meses

- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

34c - escrever o português – Digitar o número de meses

- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

35. QUANTO TEMPO DEMOROU VOCÊ PARA

Digitou-se os meses que demoraram em compreender, falar ou escrever o espanhol.

35a – compreender o espanhol – Digitar o número de meses

- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

QUADRO 5

35B - *falar o espanhol* – Digitar o número de meses

Digitou-se os meses que demoraram em falar e escrever o espanhol.

0 - Não responde

9 - Não sabe/lembra

99 - Não se aplica

35c - *escrever o espanhol* – Digitar o número de meses

0 - Não responde

9 - Não sabe/lembra

99 - Não se aplica

36A. COMO APRENDEU O PORTUGUÊS

Consideramos, 1 para quem aprendeu o português na escola, 2 com a família, 3 na escola e família, 4 aprendeu com os amigos ou vizinhos, 5 aprendeu na escola, família e vizinhos, e 6 para quem aprendeu na prática assistindo TV.

1 – Escola

2 – Família

3 – Escola e Família

4 – Amigos / Vizinhos

5 - Escola, família, vizinhos

6 – Prática

0 - Não responde

9 - Não sabe/lembra

99 - Não se aplica

36b. Como aprendeu o espanhol

Nesta pergunta, 1 para quem aprendeu o espanhol na escola, 2 para quem aprendeu com a família, 3 para quem aprendeu na escola e a família, 4 para quem aprendeu com os amigos e vizinhos, 5 para quem aprendeu na escola, família e vizinhos, 6 aprendeu na prática.

1 – Escola

2 – Família

3 – Escola e Família

4 – Amigos / Vizinhos

5 – Escola, família e vizinhos

6 – Prática

0 - Não responde

9 - Não sabe/lembra

99 - Não se aplica

37. SUA ATIVIDADE FINAL DE SEMANA?

Nesta pergunta, 1 quando a atividade de final de semana era passeio, espetáculos, lazer, 2 o esporte, 3 são os amigos, e 4 quando gostam ficar em casa assistindo TV, fazendo faxina, etc.

- 1 - Passeio, espetáculos, lazer
- 2 - Esporte
- 3 – Amigos
- 4 - Outros
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

38. PRETENDE ALGUM CLUBE ASSOCIAÇÃO?

Nesta pergunta, 1 se pertence a alguma associação ou clube, 2 se não pertence a nenhum clube.

- 1- Sim
- 2 – Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

39. QUE TIPO DE ASSOCIAÇÃO OU CLUBE PERTENCE?

Aqui considerou-se, 1 se pertencia a uma associação folclórica, 2 se pertencia a uma associação religiosa, 4 se não pertencia a nenhuma associação, 5 se pertencia a outra associação como o SESC ou de esporte. Não tem o 3 como esquecemos optamos por deixá-lo assim.

- 1 - Folclore
- 2 - Religião
- 4 – Nenhuma
- 5 - Outros
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

40. E ESSA ASSOCIAÇÃO OU CLUBE SE RELACIONA MAIS COM:

Nesta questão consideramos com que se relaciona mais nessa associação ou clube, 1 com conterrâneos, 2 mais com brasileiros, 3 com outras nacionalidade, 4 com todos se relaciona, 5 com conterrâneos e brasileiros, 6 com brasileiros e outras nacionalidades, 7 com conterrâneos e outras nacionalidades.

- 1 - Conterrâneos

- 2 - Brasileiros
- 3 - Outras nacionalidades
- 4 – Todos
- 5 - Conterrâneos / Brasileiros
- 6 - Brasileiros / outras nacionalidades
- 7 - Conterrâneos / outras nacionalidades
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

41. E QUEM LEVOU A PARTICIPAR DAQUELE CLUBE?

Codificou-se 1 se os pais o levaram a participar do clube, 2 se foram os amigos, 3 se foram os pais e os amigos.

- 1 – pais
- 2 – amigos
- 3 – pais e amigos
- 0 - não responde
- 9 – não sabe/
- 99 – não se aplica

42. FREQUÊNTA REGULARMENTE CASA DE AMIGOS DE QUE NACIONALIDADE?

Codificou-se 1 se frequênta mais conterrâneos, brasileiros e outras nacionalidades, 2 se frequênta mais os conterrâneos e brasileiros, 3 se frequênta mais os conterrâneos, 4 se frequênta mais os amigos brasileiros, 5 se frequênta mais os amigos brasileiros e outras nacionalidades.

- 1 - Conterrâneos, brasileiros e outros países
- 2 - Conterrâneos, brasileiros
- 3 - Conterrâneos
- 4 - Brasileiros
- 5 - Brasileiros e outros países
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

QUADRO 6

43. PENSA QUE OS COSTUMES BRASILEIROS SÃO DIFERENTES QUE DO PAÍS DE SEUS PAIS?

Codificou-se, 1 para os que pensam que os costumes brasileiros são diferentes do país de origem, 2 se pensam que é mais ou menos, 3 se pensa que não são diferentes os costumes brasileiros e do país de origem.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

44. *PENSA QUE OS COSTUMES BRASILEIROS SÃO MUITOS DIFERENTES DO COSTUME DE SEU PAÍS DE ORIGEM, QUAIS?*

Decidimos digitar as respostas porque eram muito diferentes e não podíamos categorizar porque se perdia o valor de conteúdo.

Digitar a resposta.

- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

45. *NA SUA OPINIÃO QUE COSTUMES BRASILEIROS DEVEM SER CONSERVADOS?*

De igual forma do anterior se optou por digitar as respostas para analisá-las.

Digitar a resposta

- 9 - Não sabe/lembra
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

QUADRO 7

46. *E DO PAÍS DE SEUS PAIS?*

Digitamos as respostas para não perder a sua importância de análise.

Digitar a resposta

- 9 - Não sabe/lembra
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

47. *NA SUA OPINIÃO QUE COSTUMES BRASILEIROS NÃO DEVEM SER CONSERVADOS?*

Digitamos as respostas.

Digitar a resposta

- 9 - Não sabe/lembra
- 0 - Não responde

99 - Não se aplica

QUADRO 8

48. E DO PAÍS DE SEUS PAIS?

Digitamos as respostas dos jovens imigrantes.

Digitar a resposta

9- Não sabe/lembra

0- Não responde

99 - Não se aplica

49. NO FUTURO, QUE CULTURA PASSARIA PARA SEUS FILHOS, A CULTURA BRASILEIRA, OU A CULTURA DE SEU PAÍS, OU AMBAS?

Classificou-se as respostas e ficaram, 1 quando respondem que passariam a cultura brasileira, 2 a cultura de seu país de origem, 3 se passava as duas culturas, 4 não passariam nenhuma cultura.

1 - cultura brasileira

2 - cultura de país de meus pais

3 - as duas culturas

4 - Nenhuma delas

9 - Não sabe

0- Não responde

99 - Não se aplica

50. PORQUE?

Consideramos o porque passariam as culturas que escolheram anteriormente. Digitamos as respostas.

99 - Não se aplica (não é relevante)

51. VOCÊ SE INTERESSA PELA POLÍTICA INTERNA DO BRASIL?

Consideramos, 1 se o imigrante interessa-se muito pela política do Brasil, 2 interessa-se mais ou menos, 3 interessa-se pouco, 4 não se interessa nada.

1 - Muito

2 - Mais ou menos

3 - Pouco

4 - Nada

9- Não sabe

0 - Não responde

99 - Não se aplica

QUADRO 9

52. VOCÊ S INTERESSA PELA POLÍTICA INTERNA DO PAÍS DE SEUS PAIS?

Consideramos, 1 interessa-se muito pela política do país de origem, 2 interessa-se mais ou menos, 3 interessa-se pouco, 4 não se interessa.

- 1 - Muito
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Pouco
- 4 - Nada
- 9 - Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

53. DISCUTE ESSES PROBLEMAS?

Codificamos, 1 se discute os problemas políticos do país de origem, 2 se não discute, 3 não sabe.

- 1- Sim
- 2 - Não
- 3 - Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

54. GOSTA DE PARTICIPAR DE REUNIÕES POLÍTICAS?

Codificamos, 1 se gosta participar de reuniões políticas, 2 se não gosta participar.

- 1 - Sim
- 2 - Não
- 0 - Não responde
- 9 - Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

55. VOCÊ SE INTERESSA PELOS PROBLEMAS E CONDIÇÕES SOCIAIS QUE ACONTECE NO BRASIL?

Codificamos, 1 interessa-se pelos problemas sociais do Brasil, 2 não se interessa.

- 1 - Sim
- 2 - Não
- 9 - Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

56. VOCÊ SE INTERESSA PELOS PROBLEMAS E CONDIÇÕES SOCIAIS QUE ACONTECE NO PAÍS DE SEUS PAIS?

Codificamos, 1 interessa-se pelos problemas sociais do país de origem, 2 não se interessa.

1- Sim

2- Não

9- Não sabe

0- Não responde

99 - Não se aplica

57. VOCÊ SE INTERESSA PELOS PROBLEMAS E CONDIÇÕES SOCIAIS QUE ACONTECE NO PAÍS DE SEUS PAIS, QUE PROBLEMAS?

Digitamos os problemas do país de origem que preocupam aos jovens imigrantes

Digitar a resposta

9 - Não sabe/lembra

0 - Não responde

99 - Não se aplica

58 GOSTA ESTUDAR HISTÓRIA BRASILEIRA?

Codificamos, 1 se gosta a história brasileira, 2 gosta mais ou menos, 3 não gosta.

1 - Sim

2 - Mais ou menos

3 - Não

0 - Não responde

9 – Não sabe/lembra

99 - Não se aplica

QUADRO 10

59. GOSTA DE ESTUDAR GEOGRAFIA BRASILEIRA?

Codificamos, 1 os imigrantes que gostam a geografia brasileira, 2 gostam mais ou menos, 3 não gostam geografia brasileira.

1 - Sim

2 - Mais ou menos

3 - Não

0 - Não responde

9 – Não sabe/lembra

99 - Não se aplica

60A. VOCÊ SE INTERESSA PELA CULTURA BRASILEIRA: TEATRO

Codificamos, 1 para aqueles que interessa-se pelo teatro brasileiro, 2 para quem interessa-se mais ou menos, 3 não se interessa pelo teatro.

1 - Sim

- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

60B. VOCÊ SE INTERESSA PELA CULTURA BRASILEIRA: FOLCLORE

Codificamos, 1 os que interessam-se pelo folclore brasileiro, 2 mais ou menos, 3 não se interessa pelo folclore.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

60C. VOCÊ SE INTERESSA PELA CULTURA BRASILEIRA: MÚSICA

Codificamos, 1 quem interessa-se pela música brasileira, 2 mais ou menos, 3 não se interessa.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

61A. VOCÊ FREQUENTA ESPETÁCULOS ? : TEATRO

Codificamos, 1 se frequenta teatro brasileiro, 2 não frequenta.

- 1 - Sim
- 2 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

61B. VOCÊ FREQUENTA ESPETÁCULOS ? : FOLCLORE

Consideramos, 1 quando frequenta folclore brasileiro, 2 não frequenta.

- 1 - Sim
- 2 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

61C. VOCÊ FREQUENTA ESPETÁCULOS ?: MÚSICA

Consideramos, 1 quando frequenta show de música brasileira, 2 não frequenta.

- 1 - Sim
- 2 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

62. SE VOCÊ IMIGROU, ACHA QUE ATUALMENTE MUDOU O SEU RELACIONAMENTO COM OS BRASILEIROS A COMPARAÇÃO DO MOMENTO QUANDO CHEGOU?

Codificamos, 1 se mudou a forma de se relacionar com os brasileiros desde que chegou no Brasil, 2 mais ou menos, 3 não mudou.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

63. TEVE AJUDA DE ALGUMA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA OU SOCIAL, PARA ADAPTAR-SE AO BRASIL?

Codificamos, 1 se teve ajuda religiosa ou social para se adaptar ao Brasil, 2 mais ou menos, 3 não teve ajuda.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

64. POR QUANTO TEMPO?

Esta pergunta não foi relevante porque a maioria não responderam, não tiveram ajuda.

- 99 - Não se aplica (não é relevante)

QUADRO 11

65. DE QUE FORMA?

Não é relevante, porque não respondera.

99 - Não se aplica (não é relevante)

66. QUE SUGESTÕES DARIA?

Codificamos as respostas, 1 deveria ter ajuda, 2 não deveria ter.

- 1 - Deveria ter
- 2 - Não deveria ter
- 9 - Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

67, VOCÊ ACHA QUE DEVERIA EXISTIR MAIS AJUDA PARA OS IMIGRANTES LATINOS QUE RECÉM CHEGAM?

Codificamos, 1 para aqueles que concordam que deveria ter ajuda aos imigrantes, 2 mais ou menos, e 3 não deveria ter ajuda.

- 1 –Sim
- 2 –Mais ou menos
- 3 – Não
- 4 - Outros
- 9- Não sabe
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

68. QUAIS SÃO AS VANTAGENS DA IMIGRAÇÃO?

Consideramos, 1 a vantagem econômica, 2 a vantagem de conhecer outra cultura, 3 vantagem de oportunidades de educação, 4 não tem vantagem, 5 quando a vantagem é “intentar sacar provecho de donde estoy”.

- 1 - Econômico
- 2 - Conhecer outra cultura
- 3 - Educação
- 4 - Não têm
- 5 - outros
- 9- Não sabe
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

69. E QUAIS SÃO AS DESVANTAGENS?

Codificou-se as desvantagens, 1 como perda da família, 2 perda da cultura, 3 perda de sentimento “saudades”, 4 problemas de adaptação no Brasil, 5 problemas de aceitação dos brasileiros aos imigrantes latino-americanos, 6 falta de trabalho, 7 perda das raízes.

- 1 - Perda da família
- 2 - Perda da cultura
- 3 - Perda sentimental
- 4 - Adaptação
- 5 - Aceitação
- 6 – Problema (Falta) de trabalho
- 7 – perda de raízes
- 9- Não sabe
- 0- Não responde
- 99 - Não se aplica

70. DESCREVA COM ADJETIVOS O PAÍS DE SEUS PAIS:

Digitamos as respostas dos adjetivos positivos do país de origem dos jovens.

POSITIVOS

Digitar a resposta

- 9 - Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

QUADRO 12

71. DESCREVA ADJETIVOS DO BRASIL:

Digitamos as respostas dos adjetivos negativos do país de origem dos jovens imigrantes.

NEGATIVOS

Digitar a resposta

- 9 - Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 – Não se aplica

Digitamos as respostas dos adjetivos positivos do Brasil.

POSITIVOS

Digitar a resposta

- 9 - Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 – Não se aplica

QUADRO 13

NEGATIVOS

Digitamos as respostas dos jovens imigrantes com relação aos adjetivos negativos do Brasil.

Digitar a resposta

9 - Não sabe

0 - Não responde

99 – Não se aplica

72. COLOQUE TRÊS VANTAGENS DE MORAR EM PAÍS DE SEUS PAIS, A, B, C.

Digitamos as respostas das vantagens de morar no país de origem, como A, B, C. Para não confundir os jovens da segunda geração mudamos a pergunta como o país de seus pais, para todos os pesquisados.

Digitar a resposta

9 - Não sabe

0 - Não responde

99 - Não se aplica

QUADRO 14

73. COLOQUE TRÊS DESVANTAGENS DE MORAR EM PAÍS DE SEUS PAIS, A, B, C.

Digitou-se as três desvantagens de morar no país de origem por separado, considerando-o A, B, C.

Digitar a resposta

9 - Não sabe

0 - Não responde

99 - Não se aplica

74. COLOQUE TRÊS VANTAGENS DE MORAR NO BRASIL, A

Digitou-se a vantagem A de morar no Brasil.

Digitar a resposta

9 - Não sabe

0 - Não responde

99 - Não se aplica

QUADRO 15

74. COLOQUE VANTAGENS DE MORAR NO BRASIL, B E C.

Separou-se cada vantagens com as letras, B e C, digitando as respostas dos imigrantes.

Digitar as respostas

9- Não sabe

0- não responde

99- não se aplica

75. COLOQUE TRÊS DESVANTAGENS DE MORAR NO BRASIL, A, B E C.

Separou-se as respostas em três, A, B e C, digitando as respostas.

Digitar a resposta

9 - Não sabe

0 - Não responde

99 - Não se aplica

QUADRO 16

76. Cinco qualidades de seus amigos da nacionalidade de seus pais.

Colocamos qualidades, A, B, C, D e E, do amigo conterrâneo.

Digitar a resposta

9 - Não sabe

0 - Não responde

99 - Não se aplica

77. QUALIDADE A DO AMIGO BRASILEIRO

Considerou-se só uma qualidade neste quadro, A do amigo brasileiro.

9- não sabe

0- não responde

1- 99- não se aplica

QUADRO 17

77. QUALIDADES B, C, D, E E, DE SEUS AMIGOS BRASILEIROS.

Consideramos as respostas da qualidade B, C, D, e E para as qualidade do amigo brasileiros neste quadro.

Digitar a resposta

9 - Não sabe

0 - Não responde

99 - Não se aplica

78.VOLTARIA A MORAR NO PAÍS DE SEUS PAIS.

Colocamos como 1 quando o imigrante responde sim voltaria ao país de origem, 2 não voltaria.

1 - Sim

2 - Não

0 - Não responde

9 – Não sabe/lembra

99 - Não se aplica

79. EM TUA OPINIÃO QUANTO PRECONCEITO HÁ NO BRASIL CONTRA OS IMIGRANTES DE PAÍSES LATINO-AMERICANOS?

Consideramos, 1 há preconceito no Brasil aos imigrantes latino-americanos, 2 mais ou menos, 3 não há preconceito.

- 1- Há preconceito
- 2 - Mais ou menos
- 3 – Não há preconceito
- 9- Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

80. VOCÊ JÁ VIVENCIOU ALGUMA EXPERIÊNCIA DE PRECONCEITO?

Consideramos, 1 se já foi discriminado, 2 não foi.

- 1 - Sim
- 2 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

QUADRO 18

81. PENSE QUE EXISTE PRECONCEITO?

Digitamos as respostas do que pensa o imigrante com respeito ao preconceito.

Digitar a resposta

82. OS JOVENS, FILHOS DE PAIS IMIGRANTES SÃO DIFERENTES DOS JOVENS BRASILEIROS.

Consideramos, 1 se pensa que os jovens de filhos de imigrantes são diferentes dos jovens brasileiros, 2 mais ou menos, 3 não são diferentes.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

83. OS JOVENS, FILHOS DE PAIS IMIGRANTES SÃO PARECIDOS DOS JOVENS BRASILEIROS

Nesta pergunta considerou-se, 1 os jovens filhos de imigrantes são parecidos aos jovens brasileiros, 2 mais ou menos, 3 não são parecidos, queríamos confirmar esta resposta com a anterior que pergunta a diferença dos jovens.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

84. HÁ MAIS PRECONCEITO DOS ADULTOS BRASILEIROS QUE DOS JOVENS BRASILEIROS CONTRA OS FILHOS DE PAIS IMIGRANTES LATINO-AMERICANOS, COMO VOCÊ?

Nesta pergunta novamente queríamos confirmar sobre o preconceito, porque é algo que as pessoas negam ou escondem, 1 os adultos brasileiros são mais preconceituosos que os jovens brasileiros, 2 mais ou menos, 3 os adultos não são mais preconceituosos que os jovens brasileiros.

- 1 - Sim
- 2 - Mais ou menos
- 3 - Não
- 0 - Não responde
- 9 – Não sabe/lembra
- 99 - Não se aplica

85. QUEM É MAIS PRECONCEITUOSO:

Utilizamos esta pergunta para confirmar as anteriores, 1 os adultos brasileiros são mais preconceituosos, 2 os jovens são, 3 adultos e jovens brasileiros, 4 não há preconceito no Brasil.

- 1 - Adultos brasileiros são mais preconceituosos
- 2 - Jovens brasileiros são mais preconceituosos
- 3 - Adultos e jovens brasileiros são igualmente preconceituosos
- 4 - Não há preconceito nem em adulto, nem em jovens brasileiros.
- 9 - Não sabe
- 0 - Não responde
- 99 - Não se aplica

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Para poder analisar as respostas dos pesquisados, procedemos a utilizar tanto as informações da escala de aculturação, que já tinha sido codificado e tirado a média escore, quanto do questionário de informações gerais dos imigrantes que previamente tínhamos codificado. Para o qual classificamos da seguinte maneira para análise:

- 1) *Fatores prévios da imigração*: Dentro deste tópico consideramos, o que lhes motivou migrar, quais foram as desvantagens de morar no país de origem e as vantagens que lhes apresentava o Brasil. Porque escolheram o Brasil?, quanto anos tem o jovem atualmente, com quantos anos veio, quanto tempo está morando no Brasil, vieram para ficar ou não, se ficaram no Brasil, porque?, possui documentos de Registro Nacional de Estrangeiro, o que está fazendo atualmente no Brasil?, qual foi a impressão que teve do Brasil, qual foi a impressão que teve de São Paulo, e que serviços oferecem para este país.
- 2) *Costumes e Comidas*: Nesta questão optamos por analisar as seguintes perguntas, que pensam dos costumes brasileiros, que tradições culturais escolhe valorizar, que atividades sociais gosta participar, que costumes brasileiros devem se conservar, e que costumes não se devem conservar. De seu país de origem, que costumes devem-se conservar, e que costumes não se devem conservar, que cultura passaria aos filhos, que grupo musical valoriza mais, pertence ou não a alguma associação ou clube, que tipo. Conserva os alimentos de seu país de origem, gosta da comida brasileira, sente falta de algum alimento de seu país de origem, por quem torce nos jogos de futebol?.
- 3) *Linguagem*: Neste tópico consideramos as seguintes questões para analisar, qual foi a primeira língua que aprendeu em casa, em que língua o pesquisado prefere falar, em que idioma decide fazer suas atividades diárias como as leituras, assistir TV, vídeos, que língua usa para falar com a família e com os amigos, logo a comparamos com a primeira língua que aprendeu em casa, se o jovem continua utilizando a primeira língua que aprendeu e porque?

- 4) *Amizade, Viagens e Lazer*: Nesta questão para analisar consideramos se a relação com os brasileiros mudou desde que chegaram, com quem se relacionam mais, de que nacionalidades os amigos, quais são as qualidades de amigos conterrâneos, quais são as qualidades de amigos brasileiros, aonde preferem viajar ao Brasil ou país de origem?, e com quem mantém correspondência?.
- 5) *Namoro e Casamento*: Nesta questão consideramos os itens que respondem com quem gostariam namorar com uma conterrânea ou uma brasileira, e se esta escolha o mantém ao escolher para casar.
- 6) *Características do Brasil*: Consideramos as questões que falam sobre os adjetivos positivos de brasil, se os jovens interessam-se pelos problemas sociais de Brasil, interessam-se pela política de Brasil, e aqui colocamos as questões do preconceito no Brasil, que pensa do preconceito, há preconceito no Brasil aos latino-americanos, porque?, já viveceu preconceito, quem é mais preconceituoso o jovem ou o adulto brasileiro.
- 7) *Característica do país de origem*: Considerou-se os adjetivos positivos e negativos do país de origem do imigrante, que problemas de seu país interessa-se, que problemas sociais do país interessa-se, a política do país lhe interessa, gosta discutir os problemas políticos, gosta de se reunir para discuti-los.
- 8) *Vantagens e desvantagens da imigração*: Consideramos as vantagens do país de origem, as desvantagens de morar no Brasil, as vantagens e desvantagens da imigração, se adaptou ao Brasil, estratégias de inserção à sociedade brasileira, se voltaria ou não a seu país de origem.

Utilizamos os oito tópicos para comparar as semelhanças e diferenças entre os três grupos de jovens pesquisados argentinos, bolivianos e peruanos de primeira geração, para poder entender como se mobilizam estes jovens na sociedade brasileira, quais são suas redes sociais, econômicas, como se agrupam, como se constituem como cultura diante da

sociedade anfitriã, como os recebe os brasileiros, quais são os estereótipos de cada país pesquisado, e se os fatores prévios influenciam na inserção na sociedade o que fatores estão influenciando para se integrar na cultura brasileira ou não.

Da mesma forma procedemos com os grupos de imigrantes de segunda geração argentinos, bolivianos e peruanos, comparamos as semelhanças e diferenças dos oito tópicos analisados por grupo pesquisado. Para observar de que maneira os diferentes fatores estariam influenciando na inserção à sociedade brasileira.

Por último comparamos descrevendo os oito tópicos de análise dos imigrantes argentinos de primeira geração com os imigrantes argentinos da segunda geração, comparamos os bolivianos de primeira geração com os jovens bolivianos da segunda geração, e logo os peruanos de primeira geração com os peruanos de segunda geração. Ao final chegamos as nossas considerações finais, depois de abranger esta temática e de organizar da maneira mais apropriada para ser analisada, o que nos deu uma visão de como os imigrantes das três nacionalidade se inserem e se adaptam à sociedade brasileira.

Terminamos este capítulo como uma reflexão de Lane (1984):

“A ciência vista como produto histórico também se relativiza como produção humana e, portanto, perde sua condição de ‘neutra’, pois é sempre fruto de homens situados social e historicamente que determinam o prisma pelo qual os fatos são enfocados, ou seja, as necessidades e valores privilegiados por um grupo social naquele momento” (p. 45)

QUINTO CAPÍTULO

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA INSERÇÃO DOS JOVENS IMIGRANTES DA PRIMEIRA GERAÇÃO DE ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS À SOCIEDADE BRASILEIRA

Antes de analisar as respostas dos jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos, diremos que as estratégias de aculturação nos ajudam para explicar a um nível mais prático as atitudes que usam os jovens em determinadas práticas do seu cotidiano ao se inserir a esta sociedade brasileira, assim como também explicar a um nível mais elaborado quando os imigrantes nos dizem o que pensam sobre o Brasil e de seu país de origem. Aclaramos que estas atitudes rotineiras e a forma de pensar dos imigrantes estão em constante mudança, sempre estão se aculturando, desconstruindo e reconstruindo sua identidade cultural, até se adaptar à sociedade brasileira.

A adaptação dos imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos à sociedade brasileira vão depender de vários fatores como a bagagem cultural que os imigrantes trazem de seus países de origem, assim mesmo os motivos que os levou a saírem do país de origem, e o porque da escolha de vir para o Brasil, quantos anos moram neste país, com quantos anos vieram, a escolaridade, sexo, classe social. Além desses fatores prévios também se considerará os traços físicos dos imigrantes, e a situação de contato entre os dois grupos, por outra parte, a forma como a sociedade recebe os imigrantes de nacionalidade argentina, se é igual a recepção que dão aos da nacionalidade peruana e boliviana? Por outro lado, se os grupos pesquisados argentinos, bolivianos e peruanos possuem redes sociais e econômicas no Brasil e especificamente em São Paulo, o que poderia ajudar a eficácia do senso coletivo grupal. E por último a adaptação dos imigrantes à sociedade brasileira dependerá também do fator individual, e este está dividida em três processos: a

perda cultural, o conflito cultural e a aprendizagem de outra cultura. Todo indivíduo que se desloca de um lugar a outro passa por estes três processos, em forma diferente ou as vezes semelhante, vá depender de cada personalidade do imigrante e de cada forma de inserção.

Os fatores tanto por parte dos imigrantes quanto por parte da sociedade brasileira entrarão em contato cultural, no processo de aculturação, no qual o indivíduo apresentará escolha nas atividades rotineiras de se valorar mais a cultura de origem ou prefere valorar mais a nova cultura, ou prefere valorar ambas culturas. Estas escolhas que o imigrante usa para se acomodar à nova sociedade brasileira se considerará como variedade de estratégias de aculturação: *integração, assimilação, separação, e marginalização*. Às vezes numa mesma atividade rotineira o indivíduo passa por processo de aculturação, no começo do contato pode desenvolver a estratégia de *separação* e depois com o transcorrer do tempo desenvolve a estratégia de *integração*, estas escolhas estão em constante movimento no processo de inserção, até o imigrante se adaptar à sociedade brasileira e construir sua nova identidade cultural em outra cultura.

Aclaramos que o processo de aculturação pelo que passa o migrante, tanto os que migram dentro do próprio país como os que vem de fora, não é um processo consciente, ou seja o indivíduo não reflexiona para escolher uma ou outra estratégia de aculturação, simplesmente age sem ter consciência da escolha. Até o indivíduo conseguir se adaptar psicológica, cultural e economicamente à nova sociedade, esta pode ser positiva ou negativa, a adaptação se considera como multifacética porque têm várias funções.

Todos estes fatores prévios da imigração e da recepção da sociedade brasileira aos imigrantes sul-americanos, assim como a adaptação positiva ou negativa dos imigrantes influenciarão na formação da identidade cultural, considerada um conjunto complexo de crenças e atitudes que asseguram aos indivíduos serem membros de um determinado grupo cultural, mais abrangente ainda pertencer a um grupo social. A identidade já é um processo consciente do indivíduo, que requer reflexão por parte do imigrante. Ciampa (1977), salienta que a identidade é um processo que está em constante identificação, em constante transformação, que dependerá de suas múltiplas inter-relações sociais com seu meio social.

Ressaltamos ainda, que estamos falando das estratégias de aculturação que usa o imigrante ao se inserir à sociedade brasileira, somente captamos um momento do processo de aculturação que é histórico social e sempre está em mudança e transformação. Isto não quer dizer que o imigrante sempre vai responder com a mesma atitude de aculturação em determinada circunstância rotineira, pode ou não mudar, depende dos acontecimentos e dos fatores que podem influenciar na forma de se inserir e se acomodar na sociedade brasileira. E para chegar às conclusões optamos por analisar as respostas da escala de aculturação e o questionário (no qual indagamos a chegada, o que pensam do Brasil, etc.) tanto dos jovens imigrantes de primeira geração quanto dos filhos de imigrantes da pesquisa, que é a segunda geração, que nos ajudarão a esclarecer este movimento de acomodação e adaptação dos imigrantes que é tão complexo e dinâmico como aponta Berry .

Neste primeiro capítulo começaremos a análise das respostas dos jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos de primeira geração, considerando os fatores prévios da imigração dos jovens da pesquisa, assim como os fatores de sexo, região de onde vem os imigrantes e o tempo de estadia no Brasil, com a finalidade de ver se influi ou não na utilização de certas estratégia de inserção nesta sociedade. Logo continuaremos comparando as respostas e as estratégias utilizadas em determinadas atividades rotineiras dos jovens imigrantes da pesquisa, analisando as semelhanças e as diferenças ao nível da prática do dia a dia e ao nível superior que é do pensamento dos jovens imigrantes sobre o Brasil e de seus próprios países de origens, para ter uma noção da problemática de cada país e o porque esses jovens vieram a este país.

Quando falemos que os imigrantes adotam ou não tal estratégia, é só para aquela determinada atividade rotineira que o imigrante assume tal atitude, ou juntando todas as atitudes do imigrante podemos chegar a esclarecer qual é a estratégia geral que usa o jovem para se inserir nesta sociedade, da mesma forma veremos a adaptação psicológica, cultural e econômica, para chegar a definir o processo mais complexo como é a identidade cultural e social dos jovens, que requer uma análise mais profundo dentro da psicologia social.

E no terceiro e último capítulo compararemos as respostas tanto dos jovens imigrantes de primeira geração quanto dos filhos dos imigrantes de segunda geração, e analisaremos as semelhanças e diferenças entre os dois subgrupos (imigrantes e não imigrantes), para logo elaborar nossas conclusões finais.

FATORES PRÉVIOS DA IMIGRAÇÃO E A ESCOLHA DE VIR PARA O BRASIL DOS IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Os motivos prévios do contato dos imigrantes com a sociedade brasileira podem influenciar na escolha de estratégia de adaptação como também pode determinar a relação dos jovens pesquisados com os brasileiros. Dentro dos motivos temos as desvantagens de morar nos seus países de origem e o que os levou virem para o Brasil, e as vantagens que apresentava este país para estes imigrantes.

Outro fator importante é o serviço que vieram oferecer os imigrantes a esta sociedade e que dependendo da atividade que exerceram lhes permitiu se relacionar ou não com os brasileiros influenciando também na escolha de inserção a esta sociedade. Da mesma forma temos outros fatores que podem influenciar na decisão de se aculturar no Brasil, como a idade dos imigrantes, o tempo de estadia no Brasil, se possuem ou não documento legal no país, se a diferença de sexo influencia nas respostas, vieram para ficar ou não, e se ficaram porque o fizeram.

Começaremos com o motivo da vinda dos imigrantes ao Brasil, as respostas dos três grupos de argentinos, bolivianos e peruanos, se diferenciam. A maioria dos argentinos respondera que vieram porque as empresas onde trabalhavam foram transferidas para o Brasil, assim que as famílias tiveram que vir morar neste país, e em alguns casos porque as noivas dos imigrantes já se encontravam morando e trabalhando aqui. Um argentino responde que o motivo foi o estudo e outro argentino diz que veio para fazer turismo.

A motivação dos bolivianos pesquisados se diferencia dos argentinos, a metade deles responde que migraram para o Brasil por questão do *emprego*, já que este país nestes dois últimos anos apresentava um aumento no setor da produção das confecções, pelo qual aumentou a demanda de mão-de-obra de costureiros (este setor foi assumido pelos empresários coreanos e bolivianos, que aproveitando-se da necessidade dos imigrantes bolivianos, peruanos e paraguaios, começaram a explora-los e abusa-los sem controle, tratando-os como subumanos), devido a esta necessidade de mão-de-obra, aumentou a imigração dos bolivianos para São Paulo, (Fazendo um parêntese há algum tempo que a alfaiataria é a profissão que mais emprego tinha na Bolívia, e logo com o incremento da venda informal de roupas nas fronteiras da Bolívia com os países vizinhos, que a grande maioria dos bolivianos não tinham outra opção que aprender a costurar como única alternativa de sobrevivência). Continuando com a pesquisa percebemos que dois bolivianos vieram porque a família encontrava-se aqui, e dois vieram para fazer *turismo* e *conhecer o Brasil*.

Já os peruanos apresentam outro motivo da migração para o Brasil, no qual mais da metade (seis jovens) respondem que saíram de Peru para *estudar* neste país. Como a embaixada brasileira no Peru apresenta um acordo internacional de estudos com os países sul-americanos, e alguns casos com direito a bolsa de estudo. O candidato pleiteia uma vaga de estudo no Brasil, através de provas de conhecimento e do idioma português, uma vez aprovado o candidato escolhe a Universidade onde apresentam as vagas do curso que pretende estudar, em São Paulo temos a USP é uma das universidades brasileiras que abrange mais este acordo internacional, seguida da Universidade Federal de Campinas e PUC/SP, entre outras e Universidades de outros estados brasileiros. Continuando com os dados da pesquisa, poucos peruanos falaram que vieram ao Brasil por *trabalho e turismo*. Lembremos que na época da pesquisa, os peruanos que vinham ao Brasil era por causa do estudo, hoje em dia esse motivo mudou, existem muitos peruanos que estão vindo por motivo de emprego.

Para confirmar o que leva aos imigrantes se deslocarem para o Brasil, perguntamos a desvantagens de morar nos seus países de origem e novamente aparece a resposta do

desemprego por parte dos três países pesquisados. O que os diferencia é que os argentinos acrescentam a essa opinião a desvantagem de morar em Argentina é a *insegurança política*, este era a problemática da Argentina naquela época que fizemos a pesquisa, foi entre os anos 2004 e 2005, no qual era recente a crise da Argentina de 2002, esta crise devida a que a atividade econômica argentina ficou estagnada, e as empresas nacionais entraram em crises financeira, e como o peso (moeda argentina) tinha o mesmo valor que o dólar, o governo decidiu por desvalorizá-lo, para evitar mais crises ainda, e os bancos optam por pesificar os depósitos bancários que estavam em dólar.

E os bolivianos falam que a desvantagem de morar na Bolívia é a *pobreza*, este problema deve-se segundo Doria e Guerra (2006), a que nas últimas décadas a Bolívia adotou o modelo econômico neoliberal, o que ocasionou problemas econômicos e sociais sem soluções. Com implantação do modelo neoliberal, as empresas nacionais bolivianas ficaram sob o poder das instituições transnacionais, colocando em perigo o desenvolvimento do aparato produtivo do país. Este problema levou ao fechamento das empresas que incrementou o número de desocupados em níveis alarmantes. Pelo que o governo boliviano se encontra subordinado às empresas transnacionais, e, além disso, o Estado encontrava-se sem recursos tendo que eliminar o direito social que tinha sido conquistado pelo povo, como o direito à educação e a saúde. Os jovens foram os mais prejudicados desta problemática econômica e social, pelo que se observam na Bolívia muitos jovens desempregados nas ruas procurando trabalho e até se oferecendo por salários miseráveis para poder subsistir.

E os peruanos falam da *falta de oportunidade nos estudos*, no Peru, este país não estimula aos jovens peruanos a estudar, favorecendo-os com bolsas de estudos como o Brasil favorece a sua juventude através das instituições que estimulam com as bolsas de estudos aos estudantes, assim temos a Fapesp (Fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo, Capes (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Cnpq, que dão bolsas aos alunos mais capacitados do Brasil. O jovem peruano se vê diante da problemática de ter que estudar com seus próprios recursos econômicos que não têm, e ao

não encontrar saída opta por procurar outro país onde se lhe apresente oportunidades de estudar cursos de graduação ou pós-graduação, sem importa-lhe a língua.

Outra semelhança entre as respostas destes jovens imigrantes encontramos com os argentinos e os bolivianos, ao dizer que a vantagem de morar no Brasil é o *emprego*, enquanto que os peruanos falam que são as *oportunidades de estudos e conhecimento* que dão vantagens de estar aqui. Já os argentinos pensam que além do emprego a vantagem de morar no Brasil é a *amizade* dos brasileiros, no qual os peruanos respondem de forma semelhante. Continuando com os argentinos, eles nos mencionam que *alegria e o incentivo* que se dá a o jovem, como a *estabilidade social* são fatores que estimulam ao imigrante ficarem aqui.

Quando perguntamos se vieram para ficar no Brasil, tanto a metade dos jovens argentinos quanto a metade dos jovens bolivianos respondem em forma similar que sim vieram para ficar, e a outra metade respondem não, no entanto os peruanos (seis jovens) dizem que não vieram para ficar e (dois jovens) respondem que sim. Os argentinos não respondem o porquê ficaram mais tempo no Brasil, os bolivianos dizem que ficaram por questão do *trabalho* e os peruanos ficaram mais tempo ou porque *casaram* ou por *trabalho*.

Com relação à documentação, três argentinos encontram-se indocumentados, no entanto a maioria possui a permanência definitiva no Brasil. No caso dos bolivianos a maioria não possui documentos para morar aqui, e alguns têm a permanência definitiva. Os peruanos, quatro estão com permanência temporária de estudante, outros quatro já têm a permanência definitiva, e dois encontram-se indocumentados.

A idade dos pesquisados - como já tinha sido explicado na metodologia o porquê da idade da amostra - argentinos tinham entre os 17 e 30 anos de idade, os bolivianos entre 20 e 27 anos de idade, e os peruanos entre 18 e 26 anos de idade. O tempo de estadia no Brasil, temos que os argentinos encontram-se entre um ano e 29 anos, os bolivianos entre 2 e 19 anos morando neste país, e os peruanos entre 3 e 16 anos.

Possuir ou não documentos no Brasil influi no campo de *emprego* dos jovens imigrantes pesquisados. Assim temos que os argentinos indocumentados trabalham em restaurantes argentinos de churrascarias como *garçons* ou encontram emprego lecionando *aulas de espanhol* em escolas de línguas. Enquanto que os bolivianos indocumentados trabalham em oficinas de costura de coreanos ou dos próprios bolivianos e os peruanos trabalham em *artesanatos* (fazendo bijuterias), ou dão aulas de espanhol em escolas de língua. Segundo os dados da pesquisas podemos concluir que os imigrantes tanto argentinos, bolivianos e peruanos que vieram sem haver cursado faculdade, o mesmo tendo cursado alguma técnica nos seus países de origem, vem oferecer serviços que de alguma forma preenche complementemente a necessidade que tem os brasileiros.

A impressão que tiveram ao chegar ao Brasil os peruanos e os bolivianos foi positiva, gostaram do país, a diferença dos argentinos poucos gostaram e alguns não definiram suas respostas o que lhes pareceu este país. Assim temos que os bolivianos gostaram do país, ressaltavam o grande que era e desenvolvido “*grande, bonito, o asfalto diferente da Bolívia (melhor que lá), prédios*” porém tudo isto lhes causava medo: “*tinha medo, medo de falar com as pessoas*”, temor de se relacionar com os brasileiros desde que chegaram.

Já os peruanos apesar de parecer as respostas dos bolivianos não expressaram medo como os bolivianos, para os peruanos este país é muito desenvolvido, grande, “*grande, muito desenvolvido, boas estradas (melhor que Peru)*,”. Cabe salientar que aos peruanos lhes impressionou também foi a acolhida que os brasileiros dão aos peruanos, “*espontaneidade (das pessoas), pessoas acolhedoras, alegres, respeito, segurança, as pessoas*”. Para os peruanos os brasileiros impressionam pelo sua espontaneidade de ser acolhedores a comparação dos conterrâneos peruanos, são mais observadores e receosos quando entram a um novo ambiente e conhecem novas pessoas.

Os argentinos se diferenciam a comparação dos peruanos e bolivianos, eles se mostraram mais a defensiva nas suas respostas, teve a maioria que expressaram indiferença ao responder, não aclararam de se gostaram ou não o Brasil, “*o que faço aqui, não entendia*

nada, odiava (estar aqui), não gostava de ninguém, não lembro era muito pequena...” enquanto outros manifestaram que gostaram do Brasil, *“oportunidade, acolhedor, gostei quando viajei nas férias, boa”*. O problema do argentino é que não aceita que o Brasil seja melhor que Argentina, é o orgulho que eles têm e o aprendem desde a escola, porque estes dois países Brasil e Argentina sempre brigaram pela hegemonia do continente sul-americano, esta idéia de rivalidade continua latente, segundo Frigerio (2004).

Quando a pergunta é a impressão de São Paulo as respostas mudam a comparação do Brasil. A impressão dos jovens argentinos da cidade de São Paulo foi um pouco contraditória, uns falam *“boa, cidade grande, oportunidades, como moro no bairro bem no centro (Moema)”* outros dizem *“decepcionado, poluição, cinzento,”*, e outros evitam responder ao dizer *“era pequena ...”*, pelo que uma vez mais os argentinos não aceitam gostarem da cidade de São Paulo, mostrando o orgulho que eles têm de se sentirem superiores social e culturalmente que o Brasil, seria a Argentina visível com o qual eles estão acostumados se apresentar diante do outro, segundo Frigerio (2004).

Para os jovens peruanos, São Paulo lhes impressionou pela movimentação das pessoas, *“turbulenta, não pára, cidade grande, apressados, fluxo de gente, muito trânsito”* ao mesmo tempo falam que gostaram da cidade, e que era mais desenvolvida que as cidades de Peru, *“moderna, desenvolvida, muitos prédios, grande, gostei, acolhedores, respeito”*, os peruanos novamente ressaltam a acolhida e respeito dos paulistanos, porque na cidade de Lima é difícil encontrar esta cordialidade entre os peruanos.

Para os jovens bolivianos, a cidade São Paulo lhes causava muita confusão de se sentir diferente dos paulistanos e isto causava medo e temor de enfrentá-los, *“era diferente e tinha medo, estranho, sentia que todos me olhavam com diferença, vergonha de sair”*, ao mesmo tempo a cidade lhes parecia bonita e luxuosa *“grande, bonito, shopping luxuosos”*, e por outro lado a cidade lhes parecia muito violenta, *“muito malandro, perigoso, trânsito”*.

Observamos que estes três grupos de imigrantes se diferenciam nas respostas de como lhes impressionou Brasil e São Paulo. As respostas dos argentinos de Brasil e São Paulo foram muito contraditórias, uns falavam que não gostaram e outros que gostaram, mostrando-se a defensiva com relação ao Brasil e ressaltando seu orgulho de se sentirem superiores que o Brasil. Para os bolivianos, Brasil e São Paulo lhes causavam medo e admiração por ser uma cidade grande e bonita, e para os peruanos se impressionaram pela cordialidade e acolhido dos brasileiros e também pelo grande e desenvolvido que é este país e a cidade de São Paulo.

Pensamos que certos fatores poderiam influenciar nas respostas dos pesquisados, assim fizemos uma análise de gênero dos pesquisados por países, tempo de estadia no Brasil, região de onde vêm os jovens, documentos de registro nacional de estrangeiro, etc. Assim temos que segundo as respostas dos jovens imigrantes percebemos que o gênero não influencia na preferência de se relacionar com os brasileiros, nem na escolha das estratégias de aculturação nesta sociedade, a única diferença que encontramos foi nos jogos de futebol. Observamos que os três grupos de imigrantes optam pela estratégia de *separação* nos jogos, diferenciando-se desta atitude as mulheres imigrantes umas preferiram por se manter à margem de escolha nem um nem outro país, outras como as peruanas preferiram escolher por Brasil, mostrando dessa forma que na questão do futebol as mulheres não são muito fanáticas nos jogos, como são os homens.

Na questão das regiões donde vem os jovens imigrantes não encontramos diferenças que possamos ressaltar entre os países de Bolívia e Argentina, enquanto os peruanos que vem de outras regiões não propriamente da capital de Lima, apresentaram tendências em usar algumas estratégias de *separação* ao se acomodar a esta sociedade, mas sem muita importância relevante.

O fator de *tempo de estadia* no Brasil influência em algumas preferências nas respostas dos pesquisados. Por exemplo, os imigrantes que encontram-se pouco tempo neste país tendem a escolher torcer por seu país de origem a comparação dos que se encontram mais tempo no Brasil. Outro ponto é que o fato dos jovens imigrantes estarem

morando aqui sozinhos entre um e três anos, influi na escolha de preferir falar com a família em espanhol (já que a família encontra-se no seu país de origem e não entende o português) a comparação dos outros imigrantes que moram com sua família em São Paulo.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NOS COSTUMES E COMIDAS DOS JOVENS IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS E QUE PENSAM DOS COSTUMES BRASILEIROS

Dentro dos costumes estamos considerando as *festas tradicionais* de cada país, estas festas, mormente são patronais e aludem algum santo por influência do catolicismo trazido dos espanhóis para a América, e outras *festas tradicionais* são as *patrióticas*, quando se comemora o *aniversário da independência* de cada país. Da mesma forma consideramos as *atividades sociais*, elas podem ser festas de reencontro de conterrâneos, inauguração de algum evento do país, etc. Serão analisadas as preferências dos *grupos musicais*. Outra atividade que incluímos dentro dos costumes é o *jogo de futebol*, ele se tornou um símbolo pátrio brasileiro (ganhou cinco copas mundiais) e argentino (ganhou duas copas mundiais), o que não acontece com Bolívia e Peru (não ganharam nenhuma copa mundial).

A *comida típica* e a *culinária* são parte dos costumes culturais de cada país, por tratar-se de uma necessidade primária do indivíduo é a primeiro choque cultural que ele sente ao se deslocar a outro país. Este ponto não foi considerado na escala de aculturação, mas o colocamos no questionário, pelo que ao final diremos que se o imigrante se *integrou* ou não à comida brasileira.

Em seguida analisaremos as respostas dos pesquisados com relação os costumes que devem ou não ser conservados da Argentina, Bolívia e Peru, assim como os costumes brasileiros que devem ou não ser conservados por parte dos jovens imigrantes. Para logo dar nossas conclusões sobre as estratégias utilizadas dos imigrantes para a inserção no Brasil.

Os bolivianos se diferenciam dos peruanos e dos argentinos quando se trata das *festas tradicionais*, aqueles escolhem entre se *integrar* ou se *separar* a comparação dos argentinos e peruanos, no qual a maioria se *integra*. Mostrando inclusive que os bolivianos pertencem às *associações folclóricas* da Bolívia e os argentinos e peruanos não pertencem a nenhuma associação folclórica. Porém três peruanos respondem que pertencem a *associações religiosas*. E os argentinos não pertencem a nenhuma associação.

Outra diferença que encontramos é com relação às *atividades sociais*, os peruanos se *integram* mais que os argentinos, estes imigrantes preferem escolher as *atividades sociais* brasileiras que de seu próprio país Argentina.

Os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos que se encontram mais tempo no Brasil, escolhem se *integrar* quando se trata das *tradições culturais* a comparação dos que estão há pouco tempo neste país, estes imigrantes dão mais importância a suas *tradições culturais* de seus países de origem que do Brasil.

Na questão de gostos de *grupos musicais* do país de origem ou de grupos musicais brasileiros tanto os argentinos, bolivianos e peruanos escolhem pelos dois grupos se *integrando* à sociedade brasileira. Encontramos que dois argentinos optam por *grupos musicais* de seu país e pensamos que seja pelo pouco tempo que estão no Brasil, enquanto os poucos imigrantes dos outros dois países que também se *separam*, talvez tenha influído o fato de não haver tido a intenção de ficar no Brasil.

Incluimos o jogo de futebol, neste tópico porque é considerado como parte do símbolo cultural até nacional do Brasil. Nós como imigrantes percebemos que o Brasil se veste de verde e amarelo só quando existe jogos da Copa Mundial de Futebol, depois não existe mais nacionalismo nem patriotismo. É nessa época que o brasileiros sente orgulho de sê-lo, se escuta cantar o hino brasileiro em todo lugar, até os cachorros vestem as cores da bandeira brasileira, sendo assim, cada quatro anos que o povo de Brasil é bem brasileiro. Veremos que esta euforia e fanatismo nos jogos também se observa nos países que foram pesquisados, pelo que os argentinos, bolivianos e peruanos apresentam

predisposição altíssima por se *separar* nos *jogos de futebol*, e escolher por seu país de origem quando o Brasil os enfrenta num jogo, a maioria escolhe seu próprio país de origem, diferenciando somente por causa das respostas de algumas mulheres.

Na questão de alimentos os argentinos conservam seus alimentos nuns 50%, e poucos (três jovens respondem) dos argentinos manifestam que só às vezes, pensamos ou porque estão muitos anos no Brasil ou porque estão casados com brasileiras que definem a sua escolha. Mas a maioria dos argentinos sente falta de todos os *alimentos típicos*, só um argentino responde que não sente falta porque trabalha numa churrascaria argentina, onde pode comer prato típico de seu país.

No entanto os bolivianos gostam mais conservar seus *alimentos típicos* (seis respondem que conservam muito seguido) e quatro jovens bolivianos respondem que as vezes conservam seus alimentos típicos a diferença dos peruanos que a maioria (sete peruanos respondem) manifestam que às vezes conservam suas comidas talvez seja porque não existem restaurantes peruanos e não tem como comprar os ingredientes para prepará-los, e só três jovens peruanos conservam suas comidas muito seguido, tal vez seja porque não vieram para ficar no Brasil, ou viajam muito para Peru e trazem os ingredientes. O que os peruanos nos comentam é que sentem falta do tempero como as “pimentas” , “limão azedo”, etc. Entretanto os bolivianos expressam que não sentem falta de todos os alimentos típicos e é porque podem encontrar na feira da praça Kantuta, onde todos eles costumam visitar. E a metade dos bolivianos sente falta de pratos típicos.

A maioria dos argentinos expressa gostar de comida brasileira, somente um argentino responde que não gosta, talvez seja porque está pouco tempo no Brasil, a estratégia que estariam usando os argentinos é de *integração*, gostam conservar a comida argentina e ao mesmo tempo gostam da comida brasileira. De igual forma a maioria dos peruanos gostam da comida brasileira cuja estratégia de aculturação que está usando seria de *assimilação*, este grupo gostam e conservam mais a comida brasileira que da peruana. Entretanto seis bolivianos manifestam que gostam conservar a comida brasileira, o tempo não influi nesta decisão, e quatro jovens falam que mais ou menos conservam sua comida

boliviana, enquanto que cinco manifestaram que gostam conservar a comida brasileira, três dizem que não conservam a comida brasileira e dois jovens falam mais ou menos, e como encontramos pouca diferença entre gostar ou não conservar comida boliviana ou brasileira, concluímos que este grupo se *integra* na escolha à sociedade brasileira com tendência ligeira a se *separar* nesta escolha.

Com relação aos costumes negativos de cada país, segundo a pesquisa os argentinos respondem que os costumes argentinos que não gostariam de conservar é a *pedantaria*, *orgulho* e a *falsidade* dos argentinos, que segundo Maella (citado por Dido, 2004) é produto de uma identidade visível dos argentinos, cuja representação é falsa, e que na essência o argentino sabe que não é verdadeira. Esta postura que adota o argentino ao se apresentar ao outro o deixa afastado e solitário, segundo Dido. Cabe ressaltar que pela história argentina, esta postura visível vem dos argentinos bonaerenses ou portenhos. Buenos Aires, é uma cidade que sempre se considerou superior às outras cidades da Argentina, e foi difícil incluí-la dentro do território argentino, porque ela queria ser independente.

Os bolivianos expressam que os costumes bolivianos que não se deveriam conservar é a *bebida* e as *festas* bolivianas, esta problemática o expressam tanto os homens como as mulheres. Segundo Silva, nos aponta que com aumento da presença de imigrantes jovens em São Paulo, houve uma aumento da oferta de lugares de entretenimento aos bolivianos no bairro Pari, onde suscitou condutas de violência dos bolivianos, como resultado do uso excessivo de bebidas, a ponto de os moradores organizarem um abaixo-assinado visando impedir o uso da praça central desse bairro por esses imigrantes. A prefeitura de São Paulo, optou por colocá-los na Praça da Kantuta, onde não existem muitas vivendas, está rodeado de fábricas e o colégio técnico de ensino médio CEFET.

Os peruanos manifestam que o costume que não se deveria conservar é a *delinquência* como uma problemática social negativa. Novamente revendo a história do Peru, vimos que por causa de migração interna peruana, no qual a região da serra (muito pobre em relação às outras regiões do Peru), deslocou-se para a cidade de Lima, deixando-

a superlotada, e sem condições política, econômicas de recepcioná-los, criando desemprego em massa. Estes peruanos se localizaram fora da periferia de Lima, formando as “barriada” ou “pueblo jóvenes” (favelas), morando em condições infra-humanas e sendo excluído social e economicamente, nestas condições os peruanos destes lugares optaram pelos trabalhos informais, e outros tantos se dedicaram ao que leva a pobreza à delinquência. Estas pessoas descem para a cidade de Lima, sobretudo aos bairros de classe alta, média, até baixa para delinqüir, seja quem for. Pensamos que estes peruanos ressentidos pelas condições que lhes tocou viver, afirma-se a si mesmo voltando seu rancor invejoso para o que sente estando acima de si, isto devido pelas grandes diferenças sociais e econômicas que existe no Peru, a diferenças dos outros países de América Latina, segundo Vargas Llosa (2004).

Com relação aos costumes que se deveriam conservar de cada país os imigrantes respondem em forma similar em algumas questões, os argentinos expressam que a *reunião familiar* e o *respeito* dos argentinos devem ser conservados de igual maneira os peruanos manifestam o mesmo a *reunião familiar* e o *respeito*, acrescentando ainda os *valores religiosos* e as *festas folclóricas*. Os bolivianos respondem que as *festas* e a *educação conservadora* devem ser respeitadas. Cabe ressaltar que os bolivianos comemoram muitas festas tradicionais patronais (de Santos da Igreja Católica) em São Paulo, pelo que não sentem falta das festas religiosas, e nas datas religiosas como o caso dos peruanos que em todo momento nos mencionam da falta de religiosidade em Brasil.

Este problema se deve porque os peruanos, é um grupo que não tem uma instituição social, nem religiosa que os represente nesta cidade, esse é uns dos motivos pelo que não comemora festas religiosas, e se a igreja comemora não costumam ir. A única data religiosa que os peruanos comemoram no Brasil é “o senhor dos milagres”, que se comemora no mês do outubro na cidade de Lima, e é celebrado na Igreja da Paz, (na rua Glicério, no Centro de São Paulo), porém são poucos os peruanos que vão, e reclamam a falta de comemoração. No Peru se celebra cerca de 3.000 festas populares ao ano, e a maioria se organiza por um Santo Patrão que está inscrito no calendário cristão, e está fusionado pelas

crenças mágico-religiosas de uma região peruana em particular, e como se festeja uma data religiosa no Brasil, o peruano sente falta.

Os bolivianos segundo Silva (2003), que a variedade de festas realizadas em São Paulo representa a permanência de “ethos” camponês marcado pela lógica festiva de um catolicismo rústico, mais mítico da relação do homem com a terra, com a natureza, também pela cooperação recíproca atitude que deriva da época dos Incas, e que até hoje eles conservam muito mais que os peruanos. Já os peruanos mencionam a religiosidade como costume do qual sentem falta, é porque assimilaram o catolicismo europeu, ocidental, estamos nos referindo, sobretudo aos limenhos (litoral), que pela história foram eles que abandonaram seus costumes indígenas e adotaram com muita facilidade o costume espanhol.

Com relação ao costume brasileiro que se deve conservar, as respostas dos jovens imigrantes dos três países da amostra se diferenciam, os argentinos manifestam que os costumes brasileiros que devem ser conservados são os valores humanos como ser *acolhedores e solidários*, da mesma forma a *liberdade*. Os bolivianos respondem que os costumes brasileiros que devem ser conservados são a *feira e a higiene*. E os peruanos expressam a *alegria* dos brasileiros, a *feira do carnaval* e a *comida* brasileira devem ser conservadas, observando que apesar de que os peruanos sentirem falta de sua comida típica, gostam da comida brasileira e que gostariam que se conservasse.

Pelo contrário os costumes brasileiros que não devem ser conservados, já os argentinos respondem a *educação sexual das brasileiras* como a *nudez* não devem conservar-se, isto se deve ao estereótipo das mulheres brasileiras conhecidos lá foram como *atrativas* e rotuladas como *fáceis e liberais*, segundo Frigerio, 2004. A *preguiça* de deixar para depois as coisas e a *superficialidade* dos brasileiros. Os bolivianos respondem que o *carnaval*, e a *agressividade* dos brasileiros como a *discriminação* em relação a eles não devem ser conservados, assim também a *preguiça*. Os peruanos manifestam os valores familiares como a *liberdade* que os brasileiros dão aos filhos pensam que é negativo

conservar, e dois peruanos responderam que não têm nada negativo dos costumes brasileiros que se deva evitar.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE USOS E PREFERÊNCIAS DA LINGUAGEM COM OS AMIGOS OU AS FAMÍLIAS ENTRE OS ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

A *linguagem* é um elemento principal que usam as sociedades para a transmissão dos valores, crenças e da cultura de cada país. Como a *linguagem* é transmitida de geração em geração pela família aos filhos, e é um instrumento de comunicação, apesar de que o idioma português é parecido ao espanhol, os imigrantes sentem dificuldade para aprendê-lo quando chegam ao Brasil, porém com o passar do tempo os jovens mostraram dominar o português mais que os adultos imigrantes, segundo as experiências de outras pesquisas, com imigrantes. Por esse motivo indagamos várias vezes aos jovens imigrantes sobre a língua que utiliza com os amigos, a família, que língua prefere falar, em que língua assiste *televisão*, *vídeo a cabo*, faz sua *leitura*. Todas estas atividades nos apontarão a como se está inserindo o jovem na sociedade brasileira.

Começamos este tópico analisando que língua os jovens imigrantes dão mais importância, o espanhol ou o português, assim temos que os bolivianos, peruanos e os argentinos se *integram* ao dar importância as duas línguas tanto o *espanhol* quanto o *português*. Analisando por grupo, os argentinos em forma geral dão importância ao espanhol e ao português, enquanto que os bolivianos quase a maioria (seis jovens) se importam pelas duas línguas, três jovens preferem o português e um jovem boliviano prefere dar importância ao espanhol. E os peruanos a maioria (oito jovens) preferem dar importância às duas línguas português e espanhol e só dois jovens dão preferência ao português.

Por outro lado, aclaramos que a maioria dos imigrantes aprenderam *espanhol* como primeira língua, só teve dois jovens que se diferenciaram dos grupos, um boliviano que aprendeu o “aymará” e um peruano que aprendeu o “quíchua”. Cabe ressaltar que teve

outro boliviano que respondeu que aprendeu as duas línguas (espanhol e português) como primeiras línguas, visto que veio com um ano de vida ao Brasil e tem muitos anos morando aqui, porém a língua que usa em casa para falar com a família é o espanhol. E a língua que escolhem os jovens bolivianos para se comunicar com os amigos é tanto em português como em espanhol, optando pela estratégia de *integração*.

Apesar de que os jovens imigrantes se importem pelas duas línguas português e espanhol, apresentam diferentes escolhas nas suas atividades diárias, como no caso a língua falada em casa, dessa forma encontramos diferença entre os peruanos e os argentinos na *linguagem utilizada com a família*, a maioria (oito jovens) de argentinos apresentam predisposição por falar em espanhol com sua família cuja estratégia é de *separação*, só dois jovens argentinos preferiram falar com família nas duas línguas em casa. Os jovens argentinos que se separam aclaramos que não é o tempo de estar neste país que influi na decisão, porque neste grupo os imigrantes têm entre um ano a vinte e nove anos no Brasil.

Também os peruanos apesar de se integrarem ao dar importância as duas línguas, na atividade de comunicar-se com a família apresentam diferentes respostas, por um lado, quatro jovens preferem falar em espanhol, outros quatro jovens preferem falar nas duas línguas com a família, e dois jovens preferem falar exclusivamente em português, cuja estratégia é de *assimilação*, aqui também não é o tempo que pode influenciar nas respostas.

Igualmente os bolivianos apesar de se *integrarem* na *preferência* das duas línguas português e espanhol, na hora de estar em *família* preferem falar em espanhol, a estratégia é de *separação*, a maioria (nove jovens) só um jovem que prefere falar nas duas línguas com a família.

Resumindo este ponto, os jovens argentinos e os jovens bolivianos se parecem escolhendo falar em espanhol com sua família, usando a estratégia de *separação*, enquanto que os jovens peruanos apresentam uma tendência de falar em português com a família, cuja estratégia é de *assimilação*.

Por outro lado, a escolha de língua para falar com os amigos se parecem entre os três grupos de imigrantes. Assim temos que à *linguagem com os amigos*, tanto os argentinos quanto os bolivianos se *integram* à sociedade brasileira ao optar em falar português ou espanhol, ou talvez estão querendo dizer em “portunhol”, enquanto os peruanos se *assimilam* neste item, escolhem falar só em português com os brasileiros, e deixam de lado o espanhol, manifestando este grupo a preferência de falar em português tanto com a família quanto com os amigos.

Analisando a escolha de falar em espanhol ou em português com a família ou com os amigos, apesar dos três grupos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos dão importância as duas línguas espanhol e português, porém na hora de se encontrarem com a família, os argentinos e bolivianos se separam nessa escolha, preferem falar em espanhol com a família, enquanto que os peruanos preferem escolher se assimilar, optando falar em português com a família. E quando estão diante dos amigos, os argentinos e bolivianos novamente se parecem escolhendo falar nas duas línguas em português e em espanhol, enquanto que os peruanos preferem escolher falar mais em português com os amigos brasileiros, como eles vieram a estudar às Universidades do Brasil através do convênio internacional de estudos, os alunos são obrigados a estudar português por seis meses, para poder acompanhar as aulas acadêmicas e poder resolver provas e fazer trabalho que requer o domínio da língua portuguesa, e pela vivência diária dos estudos acabam dando mais importância ao português, que os argentinos e bolivianos, que mais se dedicam a trabalhar como os peruanos.

Outra atividade diária como a televisão, no qual os jovens apresentam escolhas da língua em que preferem assistir, o item do *idioma para assistir televisão*, os bolivianos (seis jovens) apresentam uma predisposição por se *separar* e preferir em assistir em idioma espanhol que em português, e quatro jovens escolhem nas duas línguas. Da mesma forma estes jovens bolivianos (oito) escolhem em se *separar*, para *assistir vídeo* optando mais em idioma espanhol e só dois jovens escolhem nas duas línguas. Apresentam uma pequena diferença ao escolher o idioma para assistir *vídeo* e *televisão*, porque a no *vídeo* podem

escolher o idioma, enquanto que para assistir *televisão* não há opção, só podem assistir em idioma português.

Os peruanos se integram ao escolher assistir televisão e vídeo nas duas línguas. Analisando os itens para *assistir televisão* na sua maioria (sete jovens) escolhem nas duas línguas, um jovem escolhe em português porque estuda, e outro jovem escolhe em espanhol, por estar pouco tempo no Brasil, e tem outro jovem que prefere treinar seu inglês e não opta por nenhuma resposta. E no item para *assistir vídeo*, novamente sete jovens peruanos escolhem assistir nas duas línguas, e dois jovens preferem em português, e um jovem em outro idioma como o inglês. Como observamos nestes dois itens os jovens peruanos em sua maioria escolhem assistir nas duas línguas, é importante o português porque treinam a língua, e o espanhol porque se sentem mais a vontade.

Os argentinos em sua maioria (oito jovens) optam pelos dois idiomas tanto para assistir *televisão e vídeo*, logo temos um jovem argentino que escolhe em idioma português porque talvez queira aprender o idioma já que se encontra há pouco tempo no Brasil, enquanto que o outro argentino escolhe assistir em espanhol, seja porque mora com a família e ao mesmo tempo tem pouco tempo no Brasil a tendência é escolher no seu idioma para *assistir televisão*. Para *assistir vídeo*, oito jovens escolhem nas duas línguas, e um jovem não escolhe nenhuma língua, porque prefere treinar o inglês, e outro jovem prefere assistir em português porque é uma escolha dele, não influi o lugar onde trabalha pois é uma churrascaria argentina, porém pode influir a filha brasileira que ele tem, pelo que precisa conhecer o português.

Outra atividade como a *leitura* os três países apresentam predisposição para ler em português, tal vez seja pela facilidade e disponibilidade de textos em português aqui no Brasil e não tem em espanhol. Analisando por grupo, seis argentinos escolhem ler nos dois idiomas espanhol e português, e três jovens argentinos escolhem em espanhol por ter pouco tempo no Brasil, e um jovem escolhe ler em idioma português pela necessidade de aprender pela filha que tem neste país. Enquanto os bolivianos sete jovens escolhem ler nas duas línguas, e três bolivianos preferem em idioma espanhol. Este grupo apesar de não saberem

o português tem a intenção de conhecê-la pelo que escolhem ler nas duas línguas. Já os peruanos apresentam respostas diferentes entre eles, quatro preferem ler nas duas línguas, eles vieram para estudar, e três preferem em espanhol porque para eles se torna mais fácil o entendimento na língua nativa e porque também nas Universidades brasileiras existem livros em espanhol que trazem outras informações que os livros em português não tem ainda. E por último três jovens preferem ler em idioma português, dois deles pensamos que seja porque os pais vieram ao Brasil porque foram obrigados de sair do Peru, por questão política, enquanto que o outro jovem escolhe talvez para treinar a língua ou porque não encontra livros em espanhol.

A outra atividade que os jovens podem escolher a língua, é as *notícias* os três subgrupos escolhem a estratégia de *integração*, novamente penso que seja por questão de falta de acesso a esses meios de comunicação, não todo estrangeiro possui tê-ê a cabo. Analisando por grupo temos, todos os argentinos escolhem se integrar neste item. Nove dos bolivianos escolhem em se integrar, tanto notícias em espanhol e em português, só um jovem boliviano que escolhe a notícia da Bolívia. Os peruanos se diferenciam nas respostas, seis jovens escolhem notícias de Peru e de Brasil, enquanto que três jovens escolhem notícias brasileiras, fazendo uma observação dois deles são filhos de pais peruanos que foram expulsos do país por questões políticas cujas tendências dos filhos é de se assimilar ao Brasil e uma estudante de pedagogia que ou não tem televisão a cabo ou prefere escutar em português para treina-lo. E um jovem peruano escolhe a notícia de Peru, porque ele não tem a intenção de ficar no Brasil, ele pretende viajar para Europa para continuar seus estudos.

São os homens bolivianos que escolhem estratégias diferentes de seu grupo com relação à importância da *linguagem*, um opta por *espanhol* outros por *português*. Outra diferença encontramos em relação à televisão os homens se desviam das respostas da maioria de seu grupo, e escolhem para assistir televisão entre espanhol e português, enquanto que a maioria optaram por espanhol. Com relação à *viagem* novamente os homens mudam as respostas em comparação ao seu grupo, eles optam a preferência pelo Brasil, a diferença dos outros dois grupos de argentinos e peruanos.

Para finalizar este tópico, diremos que os três grupos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos aprenderam o espanhol como primeira língua em casa, só teve três casos que se diferenciou, dois jovens bolivianos, um que aprendeu o “aymara” em casa e outro que aprendeu duas línguas espanhol e português (ele veio com um ano de nascido), foi isso que ele lembra, e um jovem peruano que aprendeu o “quíchua” como primeira língua em casa, este jovem veio da cidade de Cuzco, onde conservam a tradição de sua língua nativa que é o “quíchua”, antes que o espanhol.

Todos os imigrantes, tanto argentinos, bolivianos e peruanos escolhem colocam a importância de espanhol e o português, porém nas atividades diárias as escolhas se diferenciam, a língua falada com a família tanto os argentinos quanto os bolivianos preferem falar em espanhol, enquanto que os peruanos apresentam a predisposição de falar em português com a família. A língua falada com os amigos no Brasil, de novo os argentinos e bolivianos preferem nas duas línguas já os peruanos preferem falar em português.

Para assistir vídeo e televisão a cabo os peruanos e os argentinos se parecem ao escolher se integrar tanto em idioma espanhol e em português, enquanto que os jovens bolivianos preferem em espanhol se separando nesta escolha. De igual forma a notícia se integram dão importância as notícias de seus países de origem e de Brasil. Porém quanto se trata de leituras há uma predisposição de se assimilar nos três grupos de imigrantes, porque não se encontra com facilidade livros em espanhol que o imigrante acaba lendo em português. Aqueles jovens que se diferenciam do grupo existem vários fatores que fomos mencionando que são muito particulares que escapa à análise de estratégias.

Ao final todos os jovens apresentam integração na língua, apesar da primeira língua ter sido o espanhol, eles acabam se aculturando na sociedade brasileiras por diferentes motivos, cumprindo de certa forma a importância da sociedade nesta fase dos jovens da socialização secundária, apesar dos pais continuem falando em espanhol em casa, não

conseguem manter o costume lá fora a sociedade brasileira cobra um peso grande para este jovens.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA ESCOLHA DE AMIZADE, VIAGENS E LAZER DOS JOVENS IMIGRANTES

Neste ponto consideraremos as *amizades* dos jovens imigrantes, já que nesta fase da juventude, os jovens estão mais preocupados por ser aceitos pelos grupo, porque nas relações sociais que eles conseguem desenvolver sua identidade pessoal e neste caso a identidade cultural e social. O grupo de amigos cobra uma importância grande para o jovem, no qual a convivência com eles lhe proporciona segurança suficiente para as relações no mundo social. Analisaremos a preferência de amizade do jovem imigrante, as qualidades do amigo brasileiro, do amigo conterrâneo, com quem se relaciona mais, a preferência nas viagens, lazer. Para logo definir a estratégia de aculturação que esta usando o imigrante para se inserir nesta sociedade.

Os três subgrupos dos jovens imigrantes preferem ter amigos tanto brasileiros como conterrâneos mostrando *integração* neste item da *amizade*, diferenciando-se um pouco os argentinos que se relacionam também com outros países. Analisando por grupo, os argentinos quase a maioria (nove jovens) deles preferem ter amigos brasileiros e argentinos e só um jovem prefere de ter amigos brasileiros. Porém no questionário, quando se lhes pergunta com quem se relacionam mais, os argentinos expressam que aparte de se relacionar com os brasileiros em sua maioria, se relacionam com outras nacionalidades, e poucos jovens argentinos expressam se juntarem com seus próprios conterrâneos, utilizando a predisposição de se integrar na sociedade brasileira na amizade.

O grupo dos bolivianos prefere ter na maioria (oito jovens) amigos tanto brasileiros quanto conterrâneos se integrando, e dois escolhem só amigos conterrâneos, apesar de não se relacionarem muito com os brasileiros no centro de trabalho porque costumam dentro das oficinas que são mormente de bolivianos, ainda assim, eles preferem ter amigos brasileiros.

Apesar de se integrarem ao gostar ter amizades com os brasileiros e conterrâneos, a resposta muda quando se lhes pergunta com quem se relacionam mais, eles manifestam que são com seus conterrâneos que amigos de outras nacionalidades, não apresentam predisposição de se relacionar com os brasileiros como os outros dois países pesquisados. Como a escala perguntava a preferência da amizade, o questionário perguntava na prática com quem se relacionam mais, pelo que as respostas mudam, assim temos que os bolivianos apresentam preferência de se relacionar tanto com bolivianos e brasileiros, porém na vida real eles se relacionam mais com seus conterrâneos. Mostrando a estratégia de *separação*, apesar de ter a preferência e se integrar com relação à amizade.

Da mesma forma os peruanos preferem se relacionar tanto com peruanos e brasileiros e só dois jovens preferem se relacionar mais com brasileiros, já que eles tem predisposição se assimilarem, por problemas dos pais com relação ao Peru, eles viram muitas vezes sofrer os pais por ter sido expulsos do Peru. E comprovamos as respostas da escala e do questionário e observamos que todos os peruanos pesquisados manifestam que se relacionam mais com os brasileiros dentro dos quais, um 50 %, além dos brasileiros se relacionam com seus conterrâneos, cuja estratégia é de *integração*.

Consideramos as respostas mais do questionário com relação à amizade por ser mais prático que a escala, ela pergunta a preferência a outra com se relacionam mais, os argentinos apresentam a tendência a se integrar com a sociedade brasileira, além dos brasileiros e argentinos se relacionam com outras nacionalidades, os bolivianos se separam e os peruanos se integram.

Quando perguntamos sobre as qualidades dos seus conterrâneos, os argentinos expressam que é bom porque podem *conversar do mesmo tema*, são *carinhosos*, *prestativos*, *solidários* e, sobretudo tem *confiança* com eles. Os bolivianos priorizam que com os seus conterrâneos podem *falar a mesma língua* e entender-se nos *mesmos costumes*. Já os peruanos qualificam aos amigos peruanos como *sinceros*, e poucos (dois jovens) dos pesquisados manifestam que não têm amigos conterrâneos. Os três grupos se parecem ao

considerar que gostam se juntarem a seus conterrâneos porque tem o mesmo tema de conversa, a mesma língua, os costumes.

Enquanto à descrição de qualidades dos amigos brasileiros, os imigrantes dos três grupos argentinos, bolivianos e peruanos descrevem quase da mesma forma aos brasileiros, considerando a *alegria* dos brasileiros. Os argentinos e os peruanos acrescentam que os brasileiros são *solidários*. Os bolivianos e os peruanos dizem que são *companheiros e amigáveis*. Já os argentinos acrescentam que são *acolhedores*.

Quando se refere às *viagens* os jovens imigrantes se diferenciam nas suas respostas, a metade dos argentinos se *integra* ao preferir viajar dentro do Brasil como viajar a seu país, os bolivianos têm preferência em viajar à Bolívia que dentro do Brasil usando a estratégia de *separação*, e a metade dos peruanos escolhem se *integrar* nas viagens e poucos escolhem dentro do Brasil. Tanto os argentinos e peruanos se parecem nas respostas se integram para viajar dentro do Brasil e a seu país, enquanto que os bolivianos se separam, escolhem viajar a Bolívia. O grupo dos bolivianos apresenta mais necessidade econômica que os argentinos e peruanos, são pobre e com poucas condições pelo que não podemos concluir que eles prefiram viajar só a Bolívia e não ao Brasil.

Uma maior diferença dos bolivianos com os outros dois grupos é com relação a *correspondência*, eles se *separam*, mantendo mais contato com amigos e familiares da Bolívia, que os peruanos e os argentinos fazem, que se *integram* nesta estratégia. Analisando por grupo, os argentinos são os mais integrados neste item, mantém correspondência com amigos brasileiros e argentinos, enquanto que os peruanos apresentam predisposição de se *integrar* em manter contato por correspondência com seus conterrâneos e com os brasileiros, e dois jovens manifestam que tem contato mais com brasileiros e dois jovens escolhem manter contato só com seus conterrâneos. Confirmando este item com o questionário, no qual os bolivianos manifestam se relacionar mais com seus conterrâneos.

Os argentinos, bolivianos e peruanos gostam de passear, lazer e espetáculos os fins de semana. Só dois argentinos que manifestaram que gostavam fazer outras atividades, e dois peruanos que gostam de esporte.

Apesar de que os três grupos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos preferiam se integrar ao escolher amigos brasileiros e conterrâneos na prática do dia a dia apresentam diferenças, assim temos que os argentinos tem predisposição a se integrar porque além de se juntarem com brasileiros, e muito poucos com conterrâneos, se relacionam com outras nacionalidades. Os peruanos se integram tanto na preferência quanto na prática diária, preferem e se relacionam tanto com brasileiros e com peruanos.

Os três grupos de imigrantes gostam se relacionar com seus conterrâneos porque conversam o mesmo tema, tem a mesma língua, os mesmos costumes, são solidários, carinhosos, e tem confiança com eles. Enquanto aos amigos brasileiros todos eles coincidem ao qualificá-los como alegres, solidários, acolhedores, companheiros e amigáveis.

Tanto nas viagens quanto nas correspondências as respostas são similares, os jovens argentinos e peruanos se integram preferem viajar a seu país de origem quanto ao Brasil, enquanto que os bolivianos por ser de condição mais precária, se tiverem oportunidades viajariam a Bolívia. Da mesma forma com a correspondência, os argentinos e peruanos mantêm correspondência com amigos brasileiros e conterrâneos, não obstante os bolivianos mantêm contato só com amigos conterrâneos.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NO NAMORO E CASAMENTO ENTRE OS JOVENS ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Assim como a amizade é importante para o relacionamento a definição da identidade de um jovem, também o é o namoro e o casamento. Motivada pela pesquisa de Sam Kam que trabalhou com jovens coreanos, na qual eles até namoravam com brasileiras

porém na hora de decidir casar escolhiam um conterrâneo, decidimos colocar esta questão na escala de aculturação para saber se trazia diferenças ou não como no caso dos coreanos, e percebemos que segundo a nacionalidade há diferenças nas respostas. Como veremos a seguir.

Apesar dos peruanos e dos argentinos se *integrarem* na categoria do *namoro* e no *casamento*, esses grupos apresentam diferenças nas suas respostas, assim temos que a maioria dos argentinos (nove jovens) no *namoro se integram*, preferem namorar com qualquer das duas nacionalidades, brasileiras ou conterrâneas. Da mesma forma, no *casamento* os argentinos é grupo de imigrantes que se mantém mais *integrados* à sociedade brasileira na escolha de casamento que os outros dois grupos da pesquisa, já que gostariam casar entre um parceiro brasileiro (a) ou um conterrâneo (a).

A diferença dos peruanos que um pouco mais da metade (seis jovens) *se integram* e os outros peruanos (dois jovens) preferem namorar com conterrâneos, são jovens que não tem interesse de ficar no Brasil uma jovem porque estava de passo no Brasil e o outro porque pensa continuar os estudos em Europa. E dois jovens escolhem namorar com brasileiros, porque estes jovens apresentaram em forma geral a tendência de se assimilar na sociedade brasileira por problemas políticos dos pais peruanos que vieram expulsos do Peru.

Por outro lado, as respostas dos peruanos mudam quando se trata de *casamento*, a metade dos pesquisados escolhem por se *integrar* (ou brasileiro ou conterrâneo) com relação ao *casamento*, e poucos (dois jovens) decidem casar com seus conterrâneos e é porque eles não tem interesse em ficar no Brasil, e três jovens preferem casar com brasileiros, observando que dois dos jovens apresentam a tendência de se assimilar à sociedade brasileira em forma geral. Outro fator que não influi na decisão dos peruanos de querer se casar ou namorar especificamente com brasileiros é de possuir ou não a documentação de Registro Nacional de Estrangeiros (RNE).

Pelo contrário os bolivianos se diferenciam dos outros dois países, no item do *namoro*, a metade prefere namorar com pessoas de sua própria nacionalidade, e a outra metade dos bolivianos escolhem entre namorar com brasileiros(as) ou com seus conterrâneos (as). Já na decisão do *casamento* os bolivianos se distanciam mais do grupo dos peruanos, optando por se *separar* dos brasileiros, em sua maioria (sete jovens) preferem *casar* com seus próprios conterrâneos bolivianos. Fazemos uma observação, o tempo de morar no Brasil no influi na escolha dos bolivianos de namorar ou casar com seus conterrâneos, assim como não influi a falta de documentação (Registro Nacional de Estrangeiros), porque alguns bolivianos mesmo possuindo documentos de permanência definitiva no Brasil optam por querer se casar com seu conterrâneo. Da mesma forma o fato de preferir ter amigos brasileiros não influi na decisão de namorar ou de casar com os nativos. Continuando com a análise destes grupos três jovens bolivianos escolhem casar tanto com brasileiros ou com conterrâneos.

Para os bolivianos não é o tempo de estar no Brasil que define sua escolha de se casar com seus conterrâneos, pensamos que é a relação que têm entre eles, apesar de que a maioria escolhe a preferência de se relacionar com amigos brasileiros, a minoria respondem querer namorar com brasileiros, porém quando se trata de casamento a maioria dos bolivianos escolhe casar com seus conterrâneos.

O fator do relacionamento dos imigrantes com os brasileiros, assim como a preferência de amigos brasileiros não influi na decisão de namorar ou de casar com os nativos. Assim como ser permanente no Brasil não influi ao imigrante argentino, bolivianos ou peruano para se integrar à sociedade brasileira, talvez sejam outros fatores que influam.

Finalizando este tópico, os argentinos são os imigrantes que mais se integram na decisão de namorar ou casar tanto com argentinos ou brasileiros. Os peruanos já apresentam diversas escolhas, mais da metade optam por se integrar no namoro, porém no casamento diminui a cinco jovens que escolhem esta estratégia. Os jovens que se diferenciam da escolha de *integração* nos dois itens casamento e namoro e preferindo se assimilar à sociedade brasileira nesta decisão são por motivos familiares que escolhem mais

a cultura brasileira e apagar a cultura peruana porque lhes causa sofrimento (viram os pais sofrer por ter sido expulsos do Peru). E os jovens que escolhem namorar ou casar com conterrâneos são porque não tem intenção de ficar no Brasil.

Os bolivianos optam por se separar na decisão de casar ou namorar, diferenciando-se dos outros dois grupos de imigrantes, no namoro a metade preferem se separar e outra metade se integra, porém na hora de decidir casar optam mais por seus conterrâneos. Da mesma forma vimos que eles apresentam a preferência de Ter amigos brasileiros porém só se relacionam com seus conterrâneos, de igual forma tendem a namorar com brasileiros mas na hora de casar optam por seus conterrâneos. Este grupo é muito mais fechado que os outros, se separando em diferentes outros itens.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE COMO DESCREVEM O BRASIL OS JOVENS IMIGRANTES

Neste tópico queríamos a forma de pensar dos jovens do Brasil e como o descrevem, e se têm diferenças nas respostas por cada nacionalidade. Perguntamos os pontos positivos e negativos do Brasil, e encontramos algumas semelhanças e algumas diferenças nas respostas dos imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos.

Os três grupos de imigrantes tanto argentinos, bolivianos e peruanos se parecem ao colocar como positivo do Brasil a *alegria* dos brasileiros. Os argentinos e peruanos concordam ao dizer que os brasileiros são *acolhedores* e muito *amigos*. Os argentinos acrescentam que no Brasil se têm mais *liberdade* em relação ao sexo e as mulheres. No entanto os bolivianos se diferenciam ao ressaltar que o *emprego* que encontraram no Brasil é o mais positivo para eles. Logo com os peruanos e os bolivianos concordam com relação à *alegria* dos brasileiros, assim como a *solidariedade*. Outro ponto que os bolivianos se diferenciam dos outros países, é que mencionam que o positivo de Brasil é a *higiene* e por último o *futebol*.

Outra semelhança dos três países é que concordam marcando como o negativo do Brasil *a pobreza e a corrupção política*. Os bolivianos acrescentam a essa opinião o problema da *violência, desemprego, delinquência e desigualdade* do Brasil. E os peruanos acrescentam que além da *pobreza e corrupção política*, existem a *problemática de muita liberdade* dos jovens e a *falta de religiosidade*.

Cabe ressaltar que a primeira celebração ao “Senhor dos Milagres” na Igreja da Paz nesta cidade de São Paulo foi em outubro de 1999. Esta atividade religiosa está cada vez crescendo, em outubro de 2006 havia cerca de 3000 peruanos na Igreja da Paz. O contraditório dos peruanos é que eles manifestam sentir falta de religiosidade como da comida peruana, porém não buscam, porque existem propostas de atividades peruanas como “Inti Wasi” (projeto apoiado pela Ong) para desenvolver a cultura peruana em São Paulo, como outras instituições, só que os peruanos trazem problemas sociais não resolvidos desde Peru, como disse Vargas Llosa (2004) “...a mestiçagem entre nós foi lenta, e as diferenças sociais e econômicas se mantiveram acima da média latino-americana.”.

Os peruanos de classe alta, não querem se juntar com os de classe média e este com os de classe baixa. Atualmente estas celebrações na Igreja estão sendo feitas por peruanos de classe pobre que estão chegando ultimamente, e os peruanos que já tem algum tempo aqui ficam um pouco desconfiados e receosos, não querendo se misturar com esse novo grupo de peruanos talvez pelo temor de que os outros peruanos os considerem que estão abaixando seu nível social e econômico. Este é uns dos motivos pelo que este grupo se caracteriza por ser mais desunidos que os outros grupos sul-americanos, como manifestam na Igreja da Paz.

Os jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos têm interesse pelas *notícias* do seus próprios países assim como do Brasil, usando a estratégia de *integração*. Este item poderíamos associar com notícias políticas, o qual confirmamos com o questionário, os argentinos preocupam-se pouco com a política do Brasil como de seu próprio país de

origem. Porém gostam mais de discuti-las e de se reunir. Manifestam que os problemas que lhes interessam são *desemprego e política*.

Os bolivianos preocupam-se pouco pela política de Brasil porém se preocupam mais pela política da Bolívia, utilizando a estratégia de *separação* nesta questão, no obstante os bolivianos apesar que não se preocupam pela política gostam mais de discuti-las e o que não gostam muito de se reunir para conversar sobre política. Os problemas que mais lhes preocupam são *política, pobreza e desemprego*.

Os peruanos expressam que preocupam-se mais ou menos pela política tanto do Brasil quanto do Peru, assim como gostam discuti-los, e não gostam muito de se reunir para conversar sobre estes temas, a tendência de estratégia utilizada é de *integração*. Os problemas que mais lhes preocupam são *sociais*, logo *econômicos* e por último a *pobreza*.

Com relação ao *preconceito* os três países respondem diferentemente, o grupo dos argentinos só oito jovens responde a esta pergunta e as respostas são as seguintes, a maioria dos argentinos (quatro jovens) dizem que não há preconceito no Brasil e uns poucos (três jovens) dizem que sim. A metade dos bolivianos responde que sim, menos da metade (quatro jovens) respondem que mais ou menos e só um boliviano diz que não. A metade dos peruanos responde que não há preconceito, e outros (três jovens) dizem que sim e alguns (dois jovens) dizem que mais ou menos. No total dos imigrantes encontramos que uns 60 % respondem que sim existe preconceito no Brasil e uns 40 % dizem que não existe.

O porque existe preconceito no Brasil, os jovens argentinos dizem que é por *ignorância*, os bolivianos por *ser indígenas* e por *haver muitos bolivianos* em São Paulo e os peruanos por *ser imigrante latino* e também por *ignorância*. Quando lhes perguntamos se sofreu atitudes de preconceito, os argentinos respondem que não, maioria dos bolivianos (seis jovens) respondem que sim e (quatro jovens) dizem que não, e a maioria dos peruanos (oito jovens) falaram que não e uns poucos (dois jovens) dizem que sim experimentaram preconceito por parte dos brasileiros.

Quem são mais preconceituosos os adultos ou os jovens brasileiros, nesta questão só seis jovens argentinos respondem, dentro dessa amostra a maioria dos argentinos que respondem (três jovens) dizem que são os adultos e dois jovens respondem que são tanto o adulto quanto os jovens. Enquanto que e a metade dos bolivianos (cinco jovens) diz que os jovens brasileiros são os mais preconceituosos, e três jovens bolivianos dizem que tanto o adulto quanto o jovem e dois jovens dizem que são mais os adultos. Por outro lado, quase a metade dos peruanos (quatro jovens) dizem que não há preconceito e poucos (três jovens) respondem que os adultos brasileiros são os mais preconceituosos, e dois jovens peruanos dizem que são tanto adultos quanto os jovens igualmente discriminativos.

Analisando quem são os mais preconceituosos no Brasil, do total que respondem nesta questão foram 25 jovens dos quais quatro dizem que não há preconceituoso, o qual não o consideramos, tendo na amostra só 21 respostas dos jovens para ser analisado. Oito jovens imigrantes respondem que são os adultos os mais preconceituosos, cinco jovens dizem que são os jovens, e sete respondem que são entre adultos e jovens os mais preconceituosos, pelo que concluímos que segundo as respostas, a uma predisposição dos adultos brasileiros ser mais preconceituosos que os jovens brasileiros em relação aos latino-americanos.

Silva (2003), nos comenta que os paulistanos são preconceituosos mostrado por exemplo com a expulsão dos bolivianos da praça Pari, colocaram cartazes como “A praça é nossa! Exigimos respeito, estamos aqui há mais de 100 anos” (p. 232). Esta atitude não foi só com os imigrantes, também fizeram com os nordestinos, que culparam que eles foram responsáveis pelos problemas sociais da cidade de São Paulo.

Estas atitudes de preconceito aos imigrantes devem-se principalmente como Silva comenta porque este grupo é marcado pela sua pobreza, pelos costumes como, por exemplo, a falta de higiene e por ser indígena, o paulistano é preconceituoso com os negros e com os indígenas. E como estes imigrantes vão conquistando novos espaços, e ampliam seus instrumentos de organização e participação, o paulistano sente-se ameaçado, Silva nos aponta que um policial militar referiu-se a esses imigrantes simplesmente como “*esta*

bolivianada” (p. 233), o que nos revela continua o autor, que a “*cordialidade*” brasileira termina quando alguém de fora, e neste caso os bolivianos, invadem seu espaço, alterando a ordem das coisas.

Poderíamos dizer ainda que muitos dos peruanos expressaram que não sofreram discriminação, talvez seja porque este grupo não apresenta ameaça para o paulistano, não possui uma organização cultural estável, as instituições aparecem e desaparecem, como também os restaurantes, muitos não tiveram êxito comercial. O peruano sente falta da comida peruana porém evita se relacionar com outro conterrâneo, se acomoda na sociedade brasileira facilmente a diferença dos outros países pesquisados e acaba gostando da comida brasileira.

Como vimos os imigrantes caracterizam positivamente ao Brasil pelos valores humanos como a alegria, a acolhida, amizade. Por um lado os argentinos caracterizam como positivo deste país a liberdade em sexo e em mulheres (foi homem e mulher que respondeu), porque o Brasil é conhecido pelos argentinos pelo estereótipo das brasileiras de ser “fáceis” e “liberais”, e os jovens argentinos o consideram bom, já que na Argentina é mais conservadora. E por outro lado os bolivianos caracterizam como positivo do Brasil o emprego e higiene. Porque este país é discriminado pelos brasileiros como anti-higiênicos, explicamos que como Bolívia é um país andino onde tem muito frio e deficiência no serviço de água e esgoto, pelo que as pessoas não têm por costume tomar banho nem trocar de roupa todo dia. Além do mais, nas oficinas onde trabalham e também dormem o serviço de água e esgoto é muito deficiente, escasso e caro, que eles acabam passando por anti-higiênicos pelos brasileiros.

O negativo do Brasil para os imigrantes tanto argentinos, bolivianos e peruanos são a pobreza e a corrupção política. Enquanto que para os argentinos é boa a liberdade que existe no Brasil, os peruanos o qualificam como negativo, e também a falta de religiosidade, isto se deve que os peruanos sentem falta das festas patronais que estão acostumados no Peru como o “Senhor dos Milagros”, “Santa Rosa de Lima” e “San Martín de Porras” (que atualmente é celebrado também pelos bolivianos). E como o peruano tem

dificuldade de se relacionar entre seus conterrâneos por problemas sociais e econômicos, não participam destas festas que estão sendo realizadas no mês de outubro na Igreja da Paz. De igual forma sentem falta da comida peruana, porém existem lugares onde vendem comidas peruanas em lugares não recomendável para quem não está acostumado (Praça Princesa Isabel), que acabam não o visitando.

Os jovens imigrantes argentinos manifestam que não há preconceito no Brasil, porém para os bolivianos existe preconceito e para os peruanos mais ou menos. Isto deve-se a que tanto os bolivianos e peruanos apresentam características de fenótipo indígenas, do qual o brasileiros tem preconceito igual que ao negro. Os bolivianos manifestam que os discriminam porque são indígenas e os peruanos dizem por ser latino-americanos. Salientamos que os bolivianos se sentem diferentes na sua etnia desde que chegam ao Brasil, e eles mesmos se fecham na sua comunidade, sentido vergonha de ser indígena.

Segundo os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos existe uma predisposição de ser os adultos brasileiros mais preconceituosos que os jovens brasileiros aos latino-americanos. Fechamos este ponto ao dizer que uma jovem filha de peruanos nos manifestou que no Brasil não existe tanto preconceito ao latino-americano como existe ao negro.

COMO CARACTERIZAM OS SEUS PAÍSES DE ORIGEM OS JOVENS IMIGRANTES

Através da caracterização positivas e negativas que os imigrantes fazem de seus próprios países de origem, temos uma noção da problemática da Argentina, da Bolívia e do Peru e o porque da saída destes jovens para o Brasil. E também nos ajuda a ver com que bagagem cultural vieram os imigrantes e se de alguma maneira teve choque no contato com a cultura brasileira.

Os jovens argentinos, bolivianos e peruanos se diferenciam nas suas respostas quando perguntamos sobre o que caracterizam como positivo de seu país de origem. Os argentinos valoram a *educação* da Argentina (ser *culto*), o *costume de conservadorismo*

como também a *amizade* que deixaram lá. Os bolivianos valoram mais a *geografia* e a *natureza*, consideram a Bolívia como *bonito*, por suas *paisagens* e o *clima*. Além disso, colocam como positivas a música e a educação, mas com relação a *conservadorismo*. Enquanto os peruanos valoram mais o *costume alimentar*, talvez seja pela falta que sentem aqui no Brasil, os valores *religiosos, tradicionais, a música*, e valores humanos peruanos como ser *cálido e acolhedores*.

Outro fator que impulsiona os imigrantes saírem de seus países de origem é o problema econômico que ocasionou o *desemprego*, os jovens argentinos, bolivianos e peruanos mencionam que é a parte negativa de seus países. Os bolivianos e os peruanos acrescentam a essa descrição a *pobreza* de seus países. Ressaltamos que como característica específica dos argentinos eles próprios colocam como negativo de seu país a *arrogância, falsidade*, e por último a *corrupção na política*. Os bolivianos aclaram que a *violência*, e outra problemática que é característica específica deles a *bebida*, eles mesmo o consideram como negativo do seu país.

VANTAGENS E DESVANTAGENS DA IMIGRAÇÃO PARA OS JOVENS IMIGRANTES, VOLTAR OU NÃO VOLTAR AO PAÍS DE ORIGEM?

Ao final este ponto é de reflexão para os imigrantes, tem vantagem ou não a migração, é importante para corroborar a adaptação positiva ou negativa ao Brasil dos jovens argentinos, bolivianos e peruanos. Perguntamos as vantagens de seus países de origem e as desvantagens de morar no Brasil.

Com relação às *vantagens da migração* os três grupos respondem em forma diferente, os argentinos dizem que *não têm vantagens*, os bolivianos dizem que têm vantagem *econômica* e os peruanos manifestam que é bom para *conhecer outra cultura*. Pelas respostas, os argentinos não estariam adaptados ao Brasil, os bolivianos estão adaptados economicamente e os peruanos conseguiram uma adaptação sociocultural.

As respostas dos jovens imigrantes se diferenciam quando se pergunta sobre as *desvantagens de morar no Brasil*, os argentinos nos dizem que é a *instabilidade política* brasileira. Já os bolivianos nos aclaram que é a *violência* como a *delinqüência*, *assaltos*, *roubos* que dão desvantagem de morar aqui. E os peruanos nos falam da falta que sentem da *família* que ficaram no Peru, a saudade da *comida peruana*, a *cultura e os costumes*, no entanto esta situação não prejudica a adaptação dos peruanos no Brasil.

Continuando com as semelhanças, observamos que os jovens dos três países respondem que a vantagem de morar no seu país são os *laços familiares* que perdem ao se deslocar a outro país e não tem como substituí-los. Já os argentinos consideram que além disso outras vantagens de morar na Argentina são os *amigos* e a *língua*, porque apesar das do espanhol e o português ser línguas parecidas na gramática, não é nos acentos e na pronuncia assim como dentro delas tem o significado da historicidade e da cultura que só na experiência do dia a dia para conhecê-la. Os bolivianos sentem saudades de sua *cultura*, e os peruanos acrescentam a *comida*, fazemos uma observação, dois peruanos responderam que o Peru não apresentava vantagem em nada, lembrando que esses peruanos moram aqui há muito tempo.

Quando a pergunta é se voltariam a seus países de origem, nesta pergunta só oito jovens argentinos respondem no qual a metade deles manifesta que sim voltariam e uns poucos (três jovens) respondem que não. Todos os bolivianos respondem que voltariam a Bolívia independente dos anos de estar aqui. A maioria dos peruanos manifesta que voltariam a Peru, e dois dizem que não porque têm muitos anos aqui e um peruano fala que não já que pensa viajar a Europa a continuar seus estudos.

CONCLUSÃO

Os três grupos de imigrantes apesar de serem sul-americanos apresentam diferenças culturais, na forma de pensar e na forma de agir ao se inserir na sociedade brasileira. Cada grupo traz problemática diferentes de seus países de origem, assim como também

dependem muito de cada personalidade para se aculturar à nova sociedade, da mesma forma de como os brasileiros recebem a cada grupo de imigrante, isto vá depender dos estereótipos que o brasileiro tem de cada país, como no caso dos argentinos, eles são conhecidos pelo europeizados que são, os bolivianos pela pobreza e falta de higiene e os peruanos ficam um pouco no meio desses estereótipo vá depender das características de fenótipos que apresentem os imigrantes para ser recebidos pelo brasileiros.

O grupo dos jovens argentinos se insere à sociedade brasileira se integrando conservando sua cultura de origem argentina e aceitando os valores culturais brasileiros. Só teve uma jovem que se assimilou à cultura brasileira, ressaltamos que em várias atividades diárias do cotidiano, ele se separa na escolha de aculturação e outras se integram, mostrando predisposição para assumir valores brasileiros. Todos estes jovens vieram por motivo de transferências do trabalho dos pais para o Brasil. E se dedicam a trabalhar em restaurantes de Churrascaria argentinas ou dando aulas de espanhol em escolas de línguas.

Encontramos diferença na forma de pensar e a forma de agir dos jovens. Mesmo os argentinos não aceitem que o Brasil é bom, acabam se integrando, isso percebemos quando se lhes pergunta sobre a impressão que tiveram do Brasil, mormente se manifestam contraditórios, uns dizem que não gostaram e outros que sim, mostrando uma vez mais a rivalidade de hegemonia que sempre tiveram estes dois países sobre América do sul. Os argentinos se integram em quase todas as atividades culturais diárias ao se inserir ao Brasil, só em duas questões que eles se separam, na língua com os pais e nos jogos de futebol.

Assim temos que os jovens argentinos dão preferência às duas línguas portuguesa e espanhola, não obstante na hora de decidir como agir na atividade diária mudam. Como os jovens vieram com a família, e isto derivou de certa maneira que conservassem a língua espanhola em casa, mas como os jovens se interrelacionam com os outros jovens brasileiros, acabam falando nas duas línguas com eles. E nos jogos de futebol quando os argentinos enfrentam ao Brasil, a rivalidade entre estes dois países aparece de novo com velhos estereótipos antes da formação do Mercosul, segundo Frigerio (2004).

Salientamos que os mesmos jovens argentinos qualificam como negativo o costume dos argentinos de seres arrogantes e falsos, como uma característica visível deles, com a qual se apresentam aos outros grupos até com os brasileiros. E costume positiva da argentina a reunião familiar e o respeito aos pais. Qualificam como costume negativo do Brasil, preguiça e superficialidade dos brasileiros e a educação sexual e nudez das brasileiras, porém em outro momento o colocam como positivo do Brasil (seria a liberdade sexual dos brasileiros que eles desejariam), o que não os permite é a educação e conservadorismo da cultura argentina. Os argentinos qualificam de positivo dos brasileiros a alegria, acolhida, amigos, porém pensam que é superficial. E consideram o negativo do Brasil e da Argentina a pobreza e a corrupção política, além disso, a Argentina tem desemprego, arrogância, ressaltamos que os argentinos consideram ao brasileiros de superficial porém também consideram ao argentino como falso.

Por último para os jovens argentinos a migração não tem vantagens pela perda de laços familiares, perda de amigos e da língua. Por outro lado a desvantagens que apresenta a Argentina para eles é a instabilidade política (esta pesquisa foi feita entre 2004 e 2005), no qual apresentava problemas de crise econômica, pelo que teve um fluxo de argentinos para o Brasil, já nos 2006 foi difícil encontrar jovens argentinos que tenham chegado ao Brasil para trabalhar, já que a Argentina está aos poucos saindo do problema econômico, com o presidente Kitchner.

Apesar dos jovens argentinos apresentarem estratégia de integração à sociedade brasileira, a metade voltariam à Argentina, sendo que muitos deles vieram para ficar no Brasil. A saudade da família, amigos e língua, toda uma vida de sentimentos e experiências os deixa muito sentidos aos argentinos porque não pensariam duas vezes, eles voltariam, porém a imigração não tem volta *“a cabeça é brasileira, porém o coração é argentino”*.

No grupo dos bolivianos, quatro jovens bolivianos se integram a sociedade brasileira, e seis bolivianos se assimilam à sociedade brasileira. Estes jovens se assimilam porque apresentam respostas diversas, em algumas atividades diárias se separam e em outras se integram, mostrando predisposição para adotar valores brasileiros. Por outro lado,

os bolivianos expressaram que gostaram do Brasil e de São Paulo, o admiraram por ser grande, por outro lado lhes deu muito medo esta cidade muito movida. Este grupo apesar de se integrarem à sociedade brasileira, porém apresenta variações de estratégia nas atividades diárias ao se inserir neste país. Eles vieram em busca de emprego, e exercem a costura em oficinas precariamente instalada, às vezes em condições infra-humanas, como é um povo muito pobre e com problemas de emprego e pobreza, não tem outra escolha que se submeter à exploração até mesmo pelo próprio bolivianos.

Neste grupo também vimos diferença em pensar e em agir ao se acomodar na sociedade brasileira. Por exemplo, dão importância as duas línguas espanhola e portuguesa, não obstante na hora de falar com a família preferem falar em espanhol, da mesma forma dão importância à amizade brasileira e conterrânea, porém se relacionam com seus conterrâneos e mantêm correspondência com eles que com brasileiros. Da mesma forma se separam igual que os outros países da pesquisa nos jogos de futebol, escolhem por seu país quando sua seleção enfrenta o Brasil num jogo.

Também se separam ao escolher namorar e casar com seus conterrâneos. Este grupo se fecha à sociedade brasileira, se sente como diferente, e o brasileiro o discrimina por ser indígena. Os jovens bolivianos mantêm seus costumes folclóricos em associações, ao mesmo tempo estas reuniões fomenta a bebida e a violência o qual eles manifestam como costume negativo da Bolívia. Por outro lado manifestam como positivo deste país as festas, a educação conservadora. Também como positivo do Brasil consideram a festa brasileira e a higiene e ao mesmo tempo como negativo o carnaval, agressividade dos brasileiros como a discriminação. E o positivo da Bolívia é a natureza, geografia, música e educação. E o negativo é desemprego, pobreza, violência devido à bebida.

Para este grupo a imigração apresenta vantagem econômica, não obstante as desvantagens de morar no Brasil é a violência, delinquência, assaltos e roubos que eles sofrem por morarem em lugares onde existem muitas malandragens como a Mooca, Pari, Brás, Bom Retiro.

Apesar de que os bolivianos manifestam que a imigração tem vantagem, e se integraram na sociedade brasileira todos eles responderam que voltariam à Bolívia, porque este país apresenta as vantagens de laços familiares e a cultura que os brasileiros não os valoram.

O grupo dos peruanos, sete jovens se integram e três jovens peruanos se assimilam a sociedade brasileira, ao mesmo tempo este grupo de jovens manifestam diferenças ao se inserir neste país em certas atividades diárias. Estes imigrantes vieram, mormente para estudar no Brasil, porque apresenta oportunidades de estudos para estes jovens. Eles trabalham dando aulas de espanhol e em artesanato. Gostaram de Brasil desde que chegaram pela acolhida e solidariedade dos brasileiros.

Este grupo apresenta algumas atividades culturais diárias se assimila e outra se separa. Opta por costumes brasileiros nas leituras, amizade, a língua falada com os amigos, e certa predisposição em falar em português com a própria família, já que este grupo mantém contato acadêmico e é forçado a dominar o português para poder cursar faculdade a diferença dos outros grupos da pesquisa. Nos jogos de futebol este grupo se separa, escolhe pela seleção peruana quando enfrenta num jogo com o Brasil, sabendo ainda que possam perder.

Considera como costume positivo do Brasil a alegria, festa de carnaval, e comida brasileira apesar de sentirem saudade da comida peruana. E como costume negativo do Brasil apontam a liberdade dos jovens brasileiros, já que o costume peruano é o respeito e a reunião familiar. E como negativo do Peru é a delinquência, pela grande migração que existe nas cidades urbanas do Peru principalmente na cidade de Lima.

Por outro lado consideram como adjetivo negativo do Brasil a pobreza e a corrupção política, problema de liberdade e falta de religiosidade, isto se deve a que os peruanos apresentam problemas sociais e econômicos muito sérios desde o Peru e que se torna notório porque este grupo não se une aqui no Brasil, eles se dispersam com muita facilidade se assimilando a cultura brasileira a comparação dos EUA, em que mantém associações e

instituições peruanas, já que a sociedade americana os exclui, uns ajuda aos outros, o que não se vê aqui.

O grupo dos peruanos que apresentarem fenótipos indígenas é discriminado e os que não tiveram características indígenas passam despercebidos pelos brasileiros e não são discriminados, pelo que no grupo uns respondem que sofreram discriminação e outros dizem que não. E eles opinam que existe discriminação no Brasil por ser latino-americanos.

Este grupo ressalta que a vantagem da imigração é conhecer outra cultura, porém ocasiona perda de laços familiares e perda da comida típica peruana, porque a desvantagens de morar no Brasil é a falta da família que é insubstituível, a comida peruana, a cultura e o costume. Ao começo se lhes perguntou se vieram para ficar no Brasil e falaram que não, mas acabaram se casando ou conseguindo emprego e ficaram, não obstante se tivessem que voltar a Peru o fariam sem duvidar.

Como percebemos a inserção dos imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos na sociedade brasileira é muito complexa e difícil de ser definida sempre está se construindo, desconstruindo e reconstruindo, um processo que não acaba, está sempre em transformação. Os jovens se integram à sociedade brasileira, porém eles puderem voltariam a seu país de origem onde deixaram laços familiares, língua, cultura, comida, ao mesmo tempo gostam do Brasil, se adaptaram tanto cultural como economicamente. *“meu pensamento é brasileiro porém meu coração é argentino, boliviano e peruano”*.

AS ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO E A ADAPTAÇÃO DOS JOVENS IMIGRANTES À SOCIEDADE BRASILEIRA

Segundo as respostas totais do escore médio dos três grupos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos se *integram* à sociedade brasileira. As estratégias de aculturação nos ajudam a observar como se acomodam e se adaptam os jovens imigrantes à nova sociedade para logo poder entender como desenvolvem sua identidade social e de

grupo. Nessa pesquisa, a maioria dos jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos escolheu a estratégia de *integração* nas atividades da vida cotidiana na sociedade brasileira, assim como a forma de pensar com relação aos dois países que entraram em contato, conservando os valores de sua cultura de origem e ao mesmo tempo aceitando os valores da cultura brasileira. Por outro lado, Berry (2002) em outra pesquisa nos ressalta que quando os imigrantes têm definida uma identidade nacional e uma identidade étnica favoreceria para a chegar a uma *integração* à sociedade anfitriã.

Tal é assim que a conservação das duas culturas garante a identidade bicultural e a adaptação sociocultural dos imigrantes ao Brasil é positiva. Confirmamos esta adaptação com o questionário no qual, nos enfatizam que a maioria dos jovens dos três países pesquisados manifesta que se adaptaram ao Brasil, só um argentino que responde que não se adaptou.

Os imigrantes tanto expressaram a adaptação ao Brasil quanto deduzimos pela escala de aculturação e o questionário que completavam as informações de como os imigrantes se estão inserindo, pelo que concluímos que os argentinos conseguiram se adaptar socioculturalmente ao Brasil ao igual que os peruanos, porque o processo de aculturação se mostra favorável aos imigrantes, não há distância entre as culturas sul-americanas. Enquanto que os bolivianos se adaptaram economicamente e não socioculturalmente conservando seus costumes de origem na cidade de São Paulo.

Como os argentinos são bem recebidos pelos brasileiros e o estereótipo é positivo nesta sociedade, apesar de não estiveram constituídos como grupo apresentam a identidade social positiva, a diferença dos peruanos e os bolivianos que os brasileiros não os recebem bem a estes imigrantes, os brasileiros têm preconceito em relação aos indígenas pobres como estes dois países.

Apesar de que os bolivianos tiveram um grupo de imigrantes sul-americanos mais consolidado e como não são bem recebidos pela sociedade brasileira apresentam identidade social negativa, e os peruanos não possuem um grupo que os identifique, além

do mais não são bem recebidos pelos brasileiros, finalizamos dizendo que apresentam uma identidade negativa. Estes imigrantes vieram só para trabalhar e não com a intenção de se encaixar nesta sociedade, por outro lado, gostam do Brasil, ao qual manifestam que o admiram.

Por outro lado, como estes tres grupos nos pontos totais das respostas da escala se integraram a sociedade brasileira, terminamos dizendo que desenvolveram uma identidade bi-cultural, conservam sua cultura de origem e adotam a cultura brasileira. Só a exceção dos bolivianos que se saem da integração e se encaixam na escolha de assimilação com predisposição a se separar da sociedade brasileira, e outras respostas mostra de integração, pelo que consideramos que este grupo está tentando adotar valores da cultura brasileira, como processo de se inserir nesta sociedade, o que depois pode mudar estas escolhas de inserção muda como parte do processo histórico social, que também está em constante mudança.

Segundo o escore médio total de cada subgrupo, argentinos, bolivianos e peruanos não encontramos muita diferença, entre os subgrupos dos argentinos e dos peruanos, ambos estão utilizando a estratégia de *Integração* para se adaptar à sociedade brasileira, ou seja, são biculturais, o que, segundo Berry (2002), seria o mais saudável psicologicamente, mostrando que, ao se integrar à sociedade brasileira, sua adaptação é marcada pelo bem-estar assim como sua identidade sociocultural é positiva.

Uns dos motivos de os jovens escolherem ser biculturais é que o grupo tem uma importância primordial na fase da juventude. Os jovens ficam muito preocupados em ser aceitos pelo grupo de pares da sociedade local onde estão inseridos e o fato de pertencer a ela lhes dá segurança suficiente para se relacionar com os adultos. Para os imigrantes optarem por ser biculturais, antes tiveram que negociar com sua família de origem e com a sociedade hospedeira. Outro aspecto que também interfere no processo de aculturação e na escolha das estratégias é o tempo de permanência no país; quanto maior o tempo de permanência, maior a probabilidade do imigrante se identificar com a sociedade anfitriã.

Com relação aos argentinos que se *integram* à sociedade brasileira, poderíamos dizer que não existem diferenças de traços físicos entre os argentinos e os brasileiros, o que contribui para que eles se integrem à sociedade brasileira sem maiores problemas, essa é a primeira observação.

Já nos peruanos encontramos que esta *integração* deve-se a que eles se relacionam mais com os brasileiros a nível universitário, além disso a preferência é de usar mais a língua portuguesa para falar com os amigos, até para falar com a família. Como também porque uns 60 % dos jovens peruanos vieram para estudar ao Brasil, é dizer voluntariamente, o que leva a disponibilidade a se integrar facilmente nesta sociedade. Por outro lado, poderíamos dizer que eles estão bem adaptados à sociedade brasileira. Porém, encontramos três jovens que preferiram *assimilar* à cultura brasileira, abandonando sua cultura de origem, o que implica que não estão adaptados na sua comunidade, e de certa forma se afastam de seus conterrâneos, o que impede uma identidade social positiva.

Uma das razões pelas quais os jovens peruanos procuram assimilar à cultura brasileira é que apesar dos peruanos não apresentarem muitas diferenças físicas com os brasileiros, eles carecem de redes sociais em São Paulo consistentes e eles encontram-se soltos nessa sociedade, não possuem um grupo que os representem e por outro lado, não desenvolveram um sentimento coletivo, que possa ajudar os jovens a conservar sua cultura de origem. Outro motivo é que não apresentam muita diferença étnica, passam despercebidos entre os jovens brasileiros e assimilam-se com muita facilidade à nova cultura.

Outra razão é que a sociedade brasileira adota uma política de “melting pot” ou “panela de pressão” cuja tática é forçar aos imigrantes perderem sua cultura de origem e são obrigados a se assimilarem à sociedade brasileira. Podemos constatar esta atitude pela educação assimilacionista, que tem o Brasil, no qual proíbe às crianças imigrantes de falar sua língua nativa na escola. Elas se vêem obrigadas a assimilar os códigos culturais nacionais.

Enquanto os bolivianos já mostraram diferença dos dois grupos, sendo mais flexíveis nas suas respostas, cujas estratégias estão entre *Integração*, *Assimilação*, em forma geral para se adaptar à sociedade brasileira. A forma variada dos bolivianos de se adaptar à sociedade brasileira, segundo Silva (2003) é porque a inserção deste imigrantes a esta sociedade é lento e marcado por tensões e as vezes problemática dependendo da política multicultural brasileira, como veremos a seguir este grupo de imigrantes manifestaram na pesquisa que sofreram preconceito por parte dos brasileiros até da atitude violenta contra os imigrantes indígenas como eles. Mostrando dessa forma que Brasil não apresenta tolerância de viver com pessoas de diferentes culturas.

Os bolivianos que mostram a estratégia de se *integrar* à sociedade brasileira, segundo Silva (2003), é porque eles cada vez mais apresentam sentimentos de uma dupla pertença, ao Brasil e à Bolívia. E os bolivianos que respondem por uma estratégia de *Assimilação*, analisando os bolivianos apresentam a estratégia de assimilação nas categorias que precisam se mobilizar socialmente com a sociedade brasileira como à linguagem, atividades sociais, linguagem com os amigos, amizade se *integram*. E as outras categorias como grupos musicais, leitura e notícias também se *integram*, porém pensamos que seja porque está disponível no Brasil. Com relação aos itens de *tradições culturais*, *casamento*, *namoro*, *televisão*, *vídeo*, *correspondência*, *viagens*, *jogos*, *linguagem familiar*, os bolivianos apresentam a estratégia de *separação*. Muitas delas implicam costumes culturais e outra mexem com os sentimentos pátrios de herança e pertença cultural, como os jogos, as tradições culturais como festas patronais e festas pátrias e o casamento.

Devemos aclarar que teve dois jovens que apresentaram pontuações de *assimilação* com predisposição a se *separar*, pelo que esse grupo se caracteriza por ser fechado. Ao mesmo tempo, a sociedade brasileira responde negativamente diante dos imigrantes bolivianos, não aceita seus valores e os rejeita através de atitudes de discriminação, o que contribui para eles se fecharem ainda mais em um grupo étnico.

Eles não se encontram suficientemente adaptados e sua identidade social com a sociedade brasileira é negativa, se isolam e se afastam até dos outros grupos étnicos que

existem aqui no Brasil. Nesta decisão não influi o tempo de moradia no Brasil, nem sexo, idade, o motivos para vir para este país. Esses jovens se isolam da sociedade brasileira em comunidades fechadas, localizadas nos bairros mais antigos de São Paulo, como Brás e Mooca (antigamente eram conhecidos como bairros que recepcionavam os imigrantes europeus, asiáticos, etc.). A sociedade brasileira também se fecha para os jovens bolivianos, ao discriminá-los. Muitos deles expressaram ter sofrido algum tipo de preconceito por parte dos jovens e dos adultos brasileiros, o que não lhes possibilita a mobilidade social. Tanto a estratégia de integração quanto a de separação são escolhas mais coletivas.

A população imigrante boliviana por ser a mais numerosa em São Paulo e pela existência de variadas festas patronais na Bolívia, realizam algumas festas em São Paulo. Ressaltamos que no calendário Folclórico da Bolívia existe 1.247 festas patronais, ainda isto representa uns 30 % das que na realidade existem em todo o território boliviano, nos comenta Fortún, citado por Silva, 2003. A festa para o boliviano representa um espaço de ressocialização de sua própria cultura, às tradições vividas na Bolívia realizada num outro lugar, no qual perdeu-se a devoção que se tem no país de origem. Cabe aclarar que muitas destas festas foram discriminados pelos “cholos” bolivianos, lá na Bolívia, considerado festas de índios.

Por outro lado, as festas bolivianas segundo Silva é um lugar em que os sentimentos de pertença a uma origem comum emergem com força o patriotismo e a tradição. A festa propicia uma unidade em torno de uma identidade nacional comum, por outro ela explicita as diferenças sejam elas étnicas, culturais, regionais ou sociais. Estas diferenças se observam, por exemplo, nos cantos em idioma “aymará” ou “quíchua”, assim como nas roupas de “cholitas” ou de “aguayos”, os gestos expressos nos vários ritmos musicais reafirmam as várias identidades que são veiculadas nos espaço da festa.

Apontamos que os outros países latino-americanos se admiram da capacidade de organização dos festeiros bolivianos aqui em São Paulo, não tem outro país que consiga desenvolver atividades folclóricas como eles. Atualmente eles contam com cinquenta associações folclóricas em São Paulo, onde participam bolivianos, filhos de bolivianos até

brasileiros que acabam se envolvendo no ritmo e na música e, sobretudo da alegria dos imigrantes.

É interessante o que coloca Silva sobre as festas bolivianas realizadas em São Paulo, elas se mantêm porque no fundo representam um significado que vá além de participar da festa o de compartilhar um símbolo cultural, a festa implica uma realização pessoal, aquela pessoa que aceita ser “pasante” (ser padrinho da festa), adquire um reconhecimento social dentro do grupo, o que levanta sua auto-estima, considerado até de ser uma pessoa que tem condições econômicas para realiza-la, só pelo fato de ter aceito o desafio de “pasar” a festa.

SEXTO CAPÍTULO

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS DE SEGUNDA GERAÇÃO

Neste segundo capítulo analisaremos as estratégias utilizadas em determinadas atividades rotineiras assim como o pensamento com relação ao Brasil e ao país dos pais dos jovens filhos de argentinos, bolivianos e peruanos de Segunda geração, e ao final do capítulo analisaremos a adaptação como também a identidade cultural e social dos jovens pesquisados. Aclaramos que estes jovens não são filhos dos jovens imigrantes que trabalhamos no primeiro capítulo, porém são filhos de argentinos, bolivianos e peruanos.

Da mesma forma veremos como vem o processo de imigração dos pais, os filhos de argentinos, bolivianos e peruanos, primeiro os fatores prévios dos pais mudarem para o Brasil, nos devem contar o que eles sabem sobre esta questão, logo analisaremos que tanto conservam os costumes e as comidas os jovens do país de origem dos pais, e se existe diferença entre os países da pesquisa. Logo analisaremos o fator linguagem que mais usam os filhos de imigrantes, e se existe diferença entre os grupos pesquisados, e se teve mudanças nas estratégias de aculturação desde que eram crianças até hoje na atualidade que são jovens.

Após estudaremos as amizades dos jovens filhos de imigrantes, e as viagens e lazer que eles praticam aqui no Brasil, e com quem se relacionam mais conterrâneos ou brasileiros. Seguidamente, veremos a preferência de namoro e de casamento dos jovens filhos de imigrantes, se existe ou não diferença entre os grupos pesquisados.

A continuação veremos como pensam sobre o Brasil os jovens pesquisados, como o caracterizam, positiva e negativamente, quais são os problemas sociais, políticos, se discutem estes problemas. Da mesma forma veremos como caracterizam o país dos pais, em forma negativa e positivamente, que problemas sociais e políticos lhes preocupam mais.

E logo depois os jovens nos dirão as vantagens e desvantagens da imigração, para o qual deverão falar suas apreciações segundo o que eles viram e escutaram falar dos pais, por último estes jovens nos responderam se voltariam ou não ao país dos pais. E para finalizar diremos segundo os fatores que estudamos se adaptaram ou não estes jovens à sociedade brasileira, que estratégias estão utilizando no momento da pesquisa, em forma rotineira e na forma de pensar para logo fazer uma conclusão da estratégia em forma global que estão utilizando os jovens.

FATORES PRÉVIOS DA IMIGRAÇÃO DOS PAIS DOS JOVENS IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS E O PORQUE ESCOLHERAM O BRASIL

Neste capítulo veremos o que os filhos dos imigrantes da Argentina, Bolívia e Peru nos contam sobre os fatores prévios que levaram aos pais dos jovens pesquisados vir para o Brasil, e se estes fatores são parecidos ou muito diferentes para cada país da pesquisa. Da mesma forma, analisaremos o que estes jovens sabem dos pais sobre a motivação deles migrarem, as desvantagens que apresentava morar no país de origem naquela época, tem semelhanças ou diferenças entre os países pesquisados, e as vantagens de apresentava nesse momento o Brasil para estes imigrantes, e o porquê escolheram o Brasil, se vieram para ficar ou não, e se ficaram estes imigrantes no Brasil porque o fizeram.

A idade dos filhos de argentinos oscila entre 17 anos e 26 anos de idade, dos filhos de bolivianos entre 18 e 25 anos de idade, e os filhos de peruanos têm entre 17 e 28 anos de idade. Com relação aos estudos tanto os filhos de argentinos e os filhos de bolivianos a maioria têm curso superior ou estão cursando faculdade, enquanto os filhos de peruanos quase a maioria (seis pesquisados) cursam faculdade e outros ainda não concluem o ensino médio (três jovens).

Observamos que os imigrantes argentinos desta pesquisa tendem a proteger mais os filhos já que a maioria dos jovens só estuda e poucos trabalham, no entanto os filhos de

bolivianos e peruanos a maioria trabalham, ou trabalham e estudam, poucos só se dedicam a estudar, nesse sentido esses jovens seriam mais independentes, aclarando que estes jovens são brasileiros e não apresentariam problemas de documentos para trabalhar nem é por questão da idade, já que esse jovens têm entre 17 anos e 26 anos de idade e só estudam, e nem por falta de emprego porque os outros jovens trabalham sem problemas, ou talvez estes jovens filhos de argentinos procuram empregos mais solicitados pelos brasileiros e que apresenta pouca vagas, se é assim estaria explicado, porém continuamos achando que é sobre proteção dos pais argentinos.

Com relação à nacionalidade dos pais dos filhos argentinos, temos que a metade são de pai e mãe argentinos e a outra metade são casamentos mistos (quatro pais argentinos casados com brasileiras e um caso de mãe argentina casada com brasileiro). Logo analisaremos em que medida pode influenciar casamento puro e/ou casamento misto nas respostas dos filhos de argentinos na conservação da cultura.

A nacionalidade dos pais de filhos bolivianos temos que a maioria (sete casais) são de pais (ambos) bolivianos e três são de casamento misto (dois pais bolivianos casados com brasileiras e uma boliviana casada com brasileiro). Este resultado nos mostra que os bolivianos tendem a se *separar* na escolha de casamento, preferem de sua mesma comunidade de origem.

No grupo dos peruanos a situação muda a comparação dos argentinos e dos bolivianos, os pais dos filhos de peruanos são casamentos mistos (pais peruanos casados com brasileiras, só um caso de uma peruana casada com brasileiro), e um filho de casamento de pai e mãe peruanos. Mostrando que os peruanos apresentam a tendência de casar com brasileiras. Queremos fazer uma observação, na década mais ou menos dos 80 e dos 90, eram os homens peruanos que saíam do Peru para estudar e não era característica das mulheres sair para os estrangeiro. Pensamos que a escolha dos peruanos casar com brasileiras era porque não tinham outra opção.

Observamos além do mais, que os pais de casamento misto de filhos argentinos, bolivianos e peruanos foram mormente de homens imigrantes casados com brasileiras que mulheres imigrantes casadas com brasileiros. Novamente colocamos que nessas décadas dos 80 e 90 eram mais os homens que saíam de seus países de origem para o estrangeiro e não as mulheres. Nesse sentido temos diferença no sexo.

A razão dos pais argentinos e bolivianos vier ao Brasil se parecem nos dois grupos, o fizeram por trabalho a diferença dos pais peruanos que vieram por estudo. Com relação o porquê os pais dos filhos de argentinos escolheram o Brasil, a metade nos respondem que foi por trabalho (mencionam quatro) e por outras razões (mencionam quatro).

Mais da metade dos filhos de bolivianos nos apontam que os pais escolheram o Brasil por trabalho (mencionam seis) e os outros o fizeram por estudo ou por turismo. Já os peruanos, a metade respondem que seus pais vieram por causa dos estudos e os demais não respondem, a diferença dos filhos de argentinos e bolivianos.

Com relação a se vieram para ficar, mais da metade dos filhos de argentinos respondem que sim (mencionam seis), e três respondem que não. A maioria dos filhos dos bolivianos (sete) nos responde que os pais vieram para ficar e só dois respondem que não vieram para ficar no Brasil. Os filhos dos peruanos nos respondem (quatro) que vieram para ficar e três filhos de peruanos nos respondem que não vieram para ficar.

Quando perguntamos o porquê ficaram, os filhos de argentinos nos respondem que foi porque se casaram (dois casaram com brasileiros e um casou com argentina), por trabalho (mencionam dois) e um filho de argentino nos responde que foi por paternidade. Os filhos de pais bolivianos nos respondem (dois) que ficaram por casamento, só que um casou com brasileira e outro casou com boliviana aqui no Brasil, e dois respondem que os pais ficaram por motivo de trabalho.

Os filhos de pais peruanos nos respondem que eles ficaram porque se casaram (os três que mencionam os pais casaram com brasileiras) e outros nos respondem que ficaram

por motivo de trabalho e três filhos de peruanos respondem que seus pais ficaram no Brasil por trabalho. Concluindo que os imigrantes tanto argentinos, bolivianos ou peruanos ficaram no Brasil por motivo de casamento ou por trabalho. Nos quais temos que oito imigrantes pais dos pesquisados dos três países, argentinos, bolivianos e peruanos ficaram no Brasil porque casaram com brasileiras, e sete pais argentinos, bolivianos e peruanos respondem que ficaram por motivo de oportunidade de trabalho.

Qual foi a desvantagem dos pais imigrantes para terem saído dos seus países de origem, tanto os filhos de bolivianos quanto os filhos de peruanos se parecem ao responder as mesmas problemáticas como desvantagens. Os filhos de bolivianos manifestam que a desvantagem dos pais imigrantes morarem na Bolívia é a pobreza, desemprego e a pouca oportunidade de emprego supomos que esses imigrantes vieram em busca de emprego no Brasil. Em forma semelhante respondem os filhos de peruanos que seus pais saíram do Peru pela pobreza e pela falta de oportunidades, supomos que seja pelos estudos, já que a metade dos pais imigrantes veio ao Brasil para estudar. Enquanto que quase a maioria dos filhos de argentinos não respondem e os que o fazem respondem que não podem falar porque não conhecem a Argentina (mencionam dois jovens).

Quando se pergunta sobre as vantagens que o Brasil apresentaria para os imigrantes, os filhos dos argentinos, bolivianos e peruanos nos respondem desde o ponto de vista prático deles, tanto como jovens e como brasileiros que não tiveram oportunidade de comparar seu país Brasil, assim que eles falam de valores geográficos, ecológicos, etc. Continuando temos que os filhos dos argentinos (três mencionam), valoram mais a geografia do Brasil, expressando que a vantagem de morar aqui é o clima outros falam que o Brasil é o maior de América Latina, a Avenida Paulista, etc. A diferença dos filhos dos bolivianos que manifestam que a vantagem são os amigos (dois o mencionam), emprego ou trabalho (dois pesquisados afirmam), já os filhos dos peruanos nos aclaram que a vantagem são as oportunidades de emprego, de futuro, (cinco jovens), outros o clima (quatro mencionam) e os outros dizem que é a diversidade cultural (só dois mencionam), como também a educação, e outros filhos de peruanos se referem à ecologia do Brasil (natureza, paisagem, etc.).

Vimos que os motivos da vinda para o Brasil se parecem tanto dos bolivianos como dos argentinos, que foi por trabalho e os peruanos se diferenciam ao colocar como motivo os estudos. Outro fator que se parecem os três grupos de filhos de imigrantes é a razão de ter ficado a morar no Brasil, todos respondem que foi ou porque os pais casaram ou porque conseguiram trabalho neste país. Por outro lado, os filhos dos imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos coincidem ao falar que a vantagem que oferece o Brasil é o emprego, a beleza natural, como as praias, clima, e a diversidade cultural. Por último, os pais argentinos protegem mais aos filhos ou porque tem mais condições de educá-los, deixando-os só estudar e não trabalhar, a diferença dos filhos de bolivianos e de peruanos que trabalham e estudam.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NOS COSTUMES E COMIDAS DOS FILHOS DE IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS, E QUE PENSAM DOS COSTUMES DOS BRASILEIROS

Depois veremos os costumes e as comidas que engloba cada país em pesquisa da Argentina, Bolívia e Peru comentado pelos filhos de imigrantes. Dentro deste tópico veremos se os jovens conservam ou não as tradições culturais dos pais imigrantes, se participam das atividades sociais dos países dos pais.

Os costumes argentinos, bolivianos peruanos que se devem conservar segundo a visão dos filhos dos migrantes. Que costumes não devem ser conservados destes países, da mesma forma, analisaremos os costumes que se devem conservar ou não se devem conservar do Brasil e a cultura que passaria aos filhos, os filhos dos imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos. Veremos a preferência dos grupos musicais dos filhos de argentinos, bolivianas e peruanas se é grupo brasileiro ou do país dos pais.

Se estes jovens pertencem a alguma associação, que tipo de associação de que nacionalidade se relacionam mais nestas associações. Dentro dos costumes, que tipo de

alimentos gostam ou não gostam os jovens filhos de imigrantes, se é brasileira ou de país dos pais, se sentem falta de algum alimento da região dos pais. E os jogos de futebol foi considerado como costume de um país, e, sobretudo para o Brasil é considerado parte e sua cultura.

Segundo a escala de aculturação os jovens filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos escolhem a estratégia de se *integrar*, gostam manter as *tradições culturais* do país dos pais e ao mesmo tempo mantêm as tradições culturais brasileiras. Apresenta uma diferença mínima o grupo dos filhos dos argentinos, já que dois jovens respondem que preferem conservar as *tradições culturais* argentinas, que as brasileiras. Os outros dois grupos pesquisados peruanos e bolivianos se mantêm puramente *integrados*.

Nas atividades sociais, os três grupos pesquisados de jovens filhos de argentinos, bolivianos e peruanos apresentam a estratégia de se *integrar*, escolhendo ir às atividades sociais do país dos pais como ir às atividades sociais brasileiras. Só alguns jovens dos três grupos pesquisados escolheram atividades sociais brasileiras, que poderíamos dizer que se *assimilaram* aos costumes brasileiros. Pensamos que a escolha das atividades sociais dos jovens seja de alguma forma influenciada por ser filhos de casamento mistos, cujas mães são brasileiras em sua maioria. E só um caso de um filho de bolivianos que escolhe as atividades da Bolívia que do Brasil, usando a estratégia de *separação*.

Os filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos escolhem os grupos musicais tanto do país de origem dos pais quanto os grupos musicais brasileiros, expressando dessa forma *integração* nessa escolha. Dentro do grupo dos filhos de argentinos, três deles escolhem os grupos musicais brasileiros, a estratégia é de *assimilação*, a diferença do grupo dos filhos de bolivianos só um deles escolhe o musical brasileiro, cuja estratégia é de *assimilação*, e outro escolhe o grupo musical boliviano, em forma semelhante responde uma jovem filha de peruano que prefere o grupo musical peruano, cuja a estratégia é de *separação*, apontamos que esta moça viveu um tempo no Peru e outro no Brasil, ela sente muita afinidade com a música peruana. Por outro lado, três jovens filhos de peruanos escolhem a estratégia de *assimilação*, dando preferência a grupos

musicais brasileiros. Observamos que na escolha dos grupos musicais pode estar influenciado por ser filhos de casamento misto, as mães são brasileiras em sua maioria.

Na questão dos jogos de futebol, observamos que os filhos de argentinos a maioria torce pelo Brasil, cuja estratégia é de *assimilação*, fazemos uma observação, teve um jovem filho de argentino que nos comentou que torcia pelo Brasil nos jogos para contrariar ao pai argentino, pelo que deduzimos que estes jovens se afirmam como brasileiros nos jogos, diante dos pais argentinos mais que os outros dois países da pesquisa como Bolívia e Peru, (não são competitivos no futebol e não possuem história nas copas mundiais como Argentina e Brasil), Argentina e Brasil é um clássico no futebol na América do Sul, por haver conseguido ganhar várias copas mundiais nos jogos. Mostrando dessa forma, que a rivalidade entre argentinos e brasileiros continua latente atualmente, expressa-se principalmente através do futebol, segundo Frigerio (2002). Não influi nem sexo nem idade na decisão de torcer pelo Brasil, como também não influi se são filhos de casamento puro (imigrante) ou casamento misto (casados com brasileiras).

Enquanto que os filhos de bolivianos apresentam respostas muito variadas, quatro deles torcem tanto pelo Brasil e pela Bolívia, mostrando a estratégia de *integração* nos jogos, três torcem pela Bolívia, usando a *separação* como estratégia, e três escolhem torcer pelo Brasil, utilizando a estratégia de *assimilação*. Por outro lado os filhos de peruanos a metade deles torcem pelo Brasil, cuja estratégia é *assimilação* e a outra metade torce pelo Peru, mostrando a atitude de *separação*. Existe diferença de gênero na escolha da torcida dos jogos, são mais as mulheres filhas de bolivianos e peruanos que escolhem se *assimilar* ou se *integrar* nos jogos. Porém encontramos que três filhos de bolivianos homens escolhem se *separar* ao torcer pela Bolívia.

Com relação às comidas e culinária, os filhos de argentinos, bolivianos e peruanos se diferenciam nas suas respostas, assim temos que a maioria dos filhos de imigrantes argentinos (sete jovens) responde que às vezes conservam a comida argentina e outras vezes a comida brasileira, pelo que consideramos que usam a estratégia de *integração*. Só

um jovem filho de argentina mencionou que conserva a comida argentina muito seguida, talvez seja porque a mãe é argentina, cuja estratégia utilizada é separação.

A diferença dos filhos de bolivianos, a metade deles respondem que conservam a comida boliviana muito seguido e a outra metade conservam as vezes, mostrando dessa forma que este grupo tende mais a se *separar* da culinária brasileira a comparação dos filhos de argentinos e peruanos. Já os filhos dos peruanos respondem (seis deles) que conservam a comida peruana as vezes sendo a estratégia utilizada de *integração*, e (quatro jovens) manifestam que conservam muito seguido a comida peruana, cuja estratégia é de *separação*, fazemos um aponte que a conservação da comida peruana não é influenciada pelo sexo feminino, já que as mães dos filhos de peruanos são brasileiras, supondo que elas aprenderam cozinhar comida peruana ou são os próprios pais peruanos que cozinham em casa para a família.

Quando se lhes pergunta se sente falta de algum alimento do país de seus pais os três subgrupos de filhos de argentinos, bolivianos e peruanos respondem em forma semelhante, nuns 60 % dos pesquisados sentem falta de pratos típicos do país dos pais. A diferença está em que dois filhos de argentinos manifestam não sentir falta de nenhum prato argentino, fazemos a observação que as mães desses jovens são brasileiras, três filhos de bolivianos sentem falta de todos os alimentos do país de origem dos pais, supomos que seja porque a maioria deles tem mãe boliviana as quais acostumaram aos filhos a comer pratos típicos bolivianos. Enquanto que são mais os filhos de peruanos (quatro) que sentem falta de todos os pratos peruanos sendo que as mães são brasileiras, como já tínhamos falado antes estamos pensando que seja porque são os pais peruanos que cozinham as comidas peruanas nas suas casas e fizeram o paladar dos filhos.

O alimento é o primeiro choque cultural que o imigrante sente ao sair de seu país de origem e chega a outro país, aparte de ser uma necessidade básica é um costume diário, pelo que muitos jovens imigrantes homens ao ter carência do alimento típico no Brasil como em qualquer país estranho, acabam aprendendo se virar na cozinha o que nunca fizeram no país de origem, cujo papel culinário é feminino. Na imigração muitos papéis

são mudados para os imigrantes, como no caso o serviço de casa que é característico das mulheres, na migração os homens aprendem a desenvolver esse papel por obrigação, já que se encontram sozinhos e às vezes o fazem melhor que as mulheres.

Os costumes foram estabelecidos pela sociedade para uma ordem social, como uma necessidade de organizar a atividade humana, nos comenta Berger & Luckmann (1995), e é através da linguagem que foram transmitidos de geração a geração, com a finalidade de institucionalizar o comportamento humano de uma determinada sociedade. Neste caso estamos falando dos costumes dos países de Argentina, Bolívia e Peru que formam parte desta pesquisa.

Quando perguntamos sobre os costumes dos países dos pais que devem ser conservados, tanto os filhos de bolivianos e de peruanos coincidem ao dizer que devem ser conservados as festas e o folclore. Neste ponto só um jovem filho de argentino responde, o costume que deve ser conservado é a música, enquanto que os outros jovens filhos de argentinos não respondem nada. Analisando por cada grupo, temos que os filhos de bolivianos nos manifestam que os costumes que devem ser conservados da Bolívia são a dança e o folclore (seis mencionam). Da mesma forma o grupo de filhos de peruanos nos falam que são as festas peruanas e a família (talvez queria dizer reunião familiar) , os costumes que devem ser conservados.

Como os filhos de bolivianos nos tinham falado no parágrafo anterior que os costumes bolivianos que devem ser conservados são as festas e o folclore, ressaltamos que mais da metade deles pertencem a associação de folclore, na atualidade existem mais de cinquenta associações de folclore boliviana em São Paulo, e são os próprios pais bolivianos que organizam estas associações e os mantêm em atividade, levam aos filhos a participarem, até as esposas brasileiras casadas com bolivianos participam, é o momento de reencontro, de afirmação de sua identidade étnica e de lazer por parte dos imigrantes e dos filhos dos imigrantes.

Enquanto que os filhos de argentinos nos mencionam que participam de associação de religião judaica e outro tipo de associação, e a maioria dos jovens não participa de nenhuma associação. Os filhos de peruanos nos expressam que participam de associação religiosa e de outro tipo e a outra metade dos jovens não participam de nenhuma associação.

As respostas dos filhos dos imigrantes pesquisados se diferenciam com relação aos costumes que não devem ser conservados de cada país. Novamente neste ponto os filhos de argentinos não respondem nada, só um filho de argentinos nos dizem que o costume que não deve ser conservado é a *arrogância* dos argentinos. A diferença dos filhos dos bolivianos que nos aclaram que é a *bebida* (três respondem) que não deve ser conservada, e dois jovens respondem que não existe costume que possa ser evitado da Bolívia, e igualmente os filhos de peruanos nos comentam que não existem costumes negativos no Peru.

Quando se lhes pergunta os costumes brasileiros que devem ser conservados, os jovens filhos de argentinos e peruanos respondem em forma semelhante, é a alegria dos brasileiros. Apontando que a imagem dos brasileiros na Argentina se resume na mistura de alegria, cordialidade, mesmo sendo estereotipada é positiva, segundo Frigerio (2002), é dessa forma que o brasileiro é visto lá fora. Os filhos dos argentinos acrescentam que o costume que deve ser conservado considerado como valor cultural é o carnaval e o valor humano dos brasileiros como o acolhimento. Por outro lado, os filhos de bolivianos nos falam que o costume brasileiro que deve ser conservado é a comida. E para completar os filhos de peruanos nos aclaram que outro valor humano brasileiro que deve ser conservado é a amizade.

Pelo contrário os costumes brasileiros que não devem ser conservados, a maioria dos jovens filhos de imigrantes neste item quase não respondem, e o que o fazem temos, segundo os filhos dos argentinos são a falta de garra (um menciona) e de compromisso (um menciona) e os outros oito jovens não respondem nada. Coincidindo com o que Frigerio fala que os brasileiros são vistos pelos argentinos pela despreocupação em todo que eles

têm. Enquanto que dois filhos de bolivianos nos manifestam que não existem costumes brasileiros negativos e outros dois jovens nos dizem que é a *violência* que não deve ser conservada, os demais não respondem. Por outro lado, dois filhos de peruanos nos aclaram que os costumes brasileiros que não devem ser conservados são o consumismo e a aparência dos paulistanos, aclaramos que neste ponto oito jovens filhos de peruanos não respondem.

Na questão da comida os filhos de argentinos e peruanos se integram à diferença dos filhos dos bolivianos que se separam. Nos jogos de futebol os filhos de argentinos se *assimilam*, preferindo torcer pelo Brasil nos jogos de futebol, os filhos de bolivianos quase a metade se *integram* e dos filhos dos peruanos a metade se *integram* e a outra metade se *separa*. Fazemos uma ressalva destes dois grupos de filhos de imigrantes peruanos e bolivianos são os homens que se separam, e as mulheres que se integram o se assimilam nesta escolha nos jogos de futebol.

Com relação aos costumes brasileiros que devem ser conservados os jovens filhos de argentinos, bolivianos e peruanos concordam ao dizer que é a *alegria* dos brasileiros. E os filhos de argentinos dizem que os costumes brasileiros que não devem ser conservados é a *falta de garra*, os filhos de bolivianos a *violência* e os filhos de peruanos o *consumismo* dos brasileiros. No que se referem os costumes do país de origem que devem e não dever ser conservados os filhos de argentinos dizem a *música*, os filhos de bolivianos e filhos de peruanos falam das *festas*, e os costumes do país de origem que não devem ser conservados os filhos de argentinos manifestam a *arrogância*, os filhos de bolivianos é a *bebida*. Marcando desta forma o ponto de vista dos filhos dos imigrantes com relação aos costumes do país de origem dos pais, que muitos deles só o conheceram nas viagens de férias.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS, DE USOS E PREFERÊNCIAS DA LINGUAGEM COM OS AMIGOS E AS FAMÍLIAS ENTRE OS FILHOS DE ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Neste tópico vamos analisar a qual das duas línguas dão preferência os filhos de argentinos, bolivianos e peruanos se esta escolha influi na decisão da prática das atividades diárias. Veremos os fatores que podem estar influenciando para a escolha da língua como a nacionalidade dos pais, a primeira língua que aprenderam em casa, em que língua conversa com a família em casa, que língua costuma usar nas atividades diárias ao se inserir na sociedade brasileira, como a língua que fala com amigos brasileiros, a preferência da língua para as leituras, televisão, vídeo, no final faremos um apontamento geral da estratégia de aculturação que estão utilizando para se relacionar com os brasileiros.

Na questão da preferência geral da linguagem os três grupos de filhos de argentinos, bolivianos e peruanos escolhem a estratégia de *integração*, dando importância tanto ao idioma português como ao espanhol. Porém, o grupo dos filhos de argentinos estão todos *integrados*, enquanto que os filhos de bolivianos respondem diferentemente, a maioria deles (oito jovens) está *integrado* e um jovem dá importância ao português e outro jovem dá importância ao espanhol, utilizando a estratégia de *separação*, este último jovem é filho de casamento puro (pais bolivianos). Por outro lado, os filhos de peruanos a maioria (sete jovens) se *integram* e outros (três jovens) preferem falar em português, pelo qual a estratégia que estão usando é de *assimilação*, estes jovens vêm de casamento misto (pai peruano casado com brasileira).

A língua que aprenderam em casa os jovens filhos de argentinos, dos quais, a metade deles não responde, e da outra metade, quatro jovens manifestaram que a primeira língua que aprenderam em casa foi o português, aclaramos que os pais são de casamento misto, cuja estratégia utilizada pelos pais foi de *assimilação*. E o outro jovem deste grupo expressa que aprendeu o espanhol como primeira língua em casa, apontamos que foi influência porque os pais (os dois) são argentinos, a estratégia utilizada por eles é de *separação*. Concluímos que este grupo tem a característica de se assimilar na língua, os pais escolhem ensinar falar em português a seus filhos em casa, observando que a maioria dos pais são de casamento misto, cujas mães são brasileiras e tem o papel de ensinar a primeira língua em casa, que é a língua portuguesa.

O grupo dos filhos de bolivianos manifestara (quatro jovens) que a primeira língua que aprendera em casa foi o espanhol, cujos pais são de casamento puro (ambos) são bolivianos, cuja estratégia dos pais foi de *separação*. Outros quatro jovens deste grupo falaram que a primeira língua que aprenderam em casa foi o português, cuja estratégia que os pais utilizaram foi de *assimilação*, porque três deles vêm de pais de casamento misto, e um jovem tem os pais (ambos) bolivianos. Dois jovens filhos de bolivianos respondem que as primeiras línguas que aprenderam em casa foram em português e em espanhol, a estratégia que os pais utilizaram é de *integração*. Concluindo a nacionalidade dos pais e o gênero dos pais influi na decisão de ensinar a primeira língua em casa, quando a mãe é brasileira a tendência é que elas ensinem o português a seus filhos, e quando a mãe é estrangeira (boliviana, argentina, peruana) a tendência é ensinar em espanhol as primeiras palavras dos filhos nascidos no Brasil.

O grupo dos filhos de peruanos, a maioria (seis jovens) respondem que a primeira língua que aprendera em casa foi o português, a estratégia utilizada pelos pais é de *assimilação*, lembramos que estes jovens vêm de pais cujo casamento é misto, e três jovens filhos de peruanos respondem que a primeira língua que aprenderam em casa foi o espanhol, a escolha dos pais foi de *separação*, fazemos uma observação, estes jovens aprenderam espanhol apesar de que as mães são brasileiras. Concluimos que este grupo de filhos de peruanos nem sempre o sexo e a nacionalidade dos pais determinam o conservar ou não a língua de origem, depende de quem impõe a língua em casa entre os casais.

Os três grupos dos jovens pesquisados argentinos, bolivianos e peruanos se *integram* em forma geral quando se trata da língua que falam com a família, eles escolhem falar em português e em espanhol com a família. Analisando por grupo, observamos que no grupo de filhos de argentinos a maioria (sete jovens) manifestara que prefere falar nas duas línguas com a família, a estratégia é de *integração*, outros (dois jovens) preferem falar em português com a família se *assimilando*, e um jovem prefere falar em espanhol com a família, a estratégia é de *separação*, percebendo-se que não influi a nacionalidade dos pais, na escolha da língua para se comunicar com eles.

Resumindo a língua com a família dos filhos dos argentinos passou por um processo de acomodação e de aculturação. Como as mães são brasileiras e são encarregadas da socialização primária dos filhos, no qual estes jovens de criança usaram a estratégia de *assimilação* na língua, logo com o passar do tempo, os pais homens argentinos também influem na educação da língua em casa, estimulando a falar em espanhol aos filhos. No momento da pesquisa, os filhos já jovens decidem falar nas duas línguas com a família, apresentando a estratégia de *integração*, no qual apesar de que os filhos de argentinos aprenderam como primeira língua em casa o português, com o passar do tempo decidem falar nas duas línguas com os pais, mostrando desta forma que a língua dos filhos dos imigrantes passa por transformações até a pessoa chegar a se identificar com as duas línguas.

A maioria dos filhos de bolivianos e peruanos escolhe falar nas duas línguas com a família espanhol e português, a estratégia é de *integração*. No entanto os outros jovens destes grupos de bolivianos e peruanos que apresentam diferenças da maioria se *assimilam* preferindo falar em português com a família, pensamos que seja porque vêm de casamento misto.

O processo de aculturação que passa a língua nos filhos de bolivianos é ao contrário do que acontecem com os filhos dos argentinos, quatro jovens (filhos de bolivianos) falam que aprenderam como primeira língua o espanhol em casa, cujas mães responsáveis de sua socialização primária são as que definem a língua que ensina aos filhos, a estratégia de aculturação foi de *separação*, porém quando chegam à juventude, pela influência do país receptor o Brasil, os jovens acabam se *integrando* à sociedade brasileira. E os outros quatro jovens filhos deste grupo aprenderam o português como primeira língua, e como as mães eram brasileiras, a estratégia é de *assimilação*, no percurso do tempo os jovens decidem optar falar nas duas línguas com a família se *integrando* na decisão do idioma para conversar com a família.

No caso do grupo de filhos de peruanos não apresentam muita variação no processo de aculturação da língua de antes e de depois, as línguas que aprenderam em casa foi

espanhol e português, e atualmente a língua que preferem falar com a família continuam preferindo as duas línguas, cuja estratégia é de *integração*.

A língua escolhida para falar com os amigos dos três grupos de filhos de argentinos, bolivianos e peruanos se diferencia do item anterior. Assim temos que a maioria dos filhos dos argentinos (seis jovens) escolhem falar nas duas línguas espanhol e português com os amigos brasileiros, cuja estratégia é de *integração*, fazendo uma observação que a maioria deste grupo dá importância ao espanhol como não observamos nos outros dois grupos de bolivianos e peruanos. Pensamos que seja pela crescente integração econômica dos países sul-americanos que se deu a partir da criação do Mercosul, que o capital cultural como neste caso a língua de ambos os países tanto de parte do Brasil e da Argentina se converteu numa ferramenta de intercâmbio cultural, pelo que é o próprio brasileiro, que pede aos filhos de imigrantes que falem em espanhol para treinar o espanhol que eles estão aprendendo. Continuando com os filhos de argentinos temos que quatro jovens preferem falar em português com os brasileiros.

Os grupos de filhos de bolivianos e peruanos preferem falar em português com os amigos brasileiros, a estratégia é de *assimilação*, pensamos que eles sentem a necessidade de ser aceitos pela sociedade brasileira pelo que optam em falar em português, ou talvez eles nem se identificam como filhos de imigrantes para não ser reconhecidos como tais, depois faremos a nossa análise sobre esta questão ao tocar o preconceito. E poucos jovens destes dois grupos optam por falar em espanhol e português com os brasileiros.

Com relação da escolha da língua para fazer a leitura, os três grupos de argentinos, bolivianos e peruanos se *integram*. A maioria dos filhos de argentinos (seis jovens) se *integram*, dois escolhem ler em português e dois não optam nem pelo idioma de português nem por espanhol, preferem ler em inglês. A maioria (seis jovens) dos filhos de bolivianos preferem ler nas duas línguas espanhol e português, cuja estratégia é de *integração*. Três jovens se *assimilam*, escolhendo língua portuguesa para fazer suas leituras, e um jovem se *separa*, prefere usar o espanhol para suas leituras, cujos pais (os dois) são bolivianos. A maioria dos filhos de peruanos (seis jovens) escolhe ler nas duas línguas, português e

espanhol, e quatro dos jovens escolhem o português para as leituras, sendo a estratégia de *assimilação*.

Os jovens dos três subgrupos argentinos, bolivianos e peruanos preferem assistir televisão, nas duas línguas espanhol/português, cuja estratégia é de *integração*. A maioria dos filhos de argentinos se *integram* e um escolhe assistir T.V em inglês que espanhol nem português, a estratégia é de *marginalização*, outro filho de argentinos escolhe assistir em português. Da mesma forma respondem os filhos de bolivianos, a maioria se integra ao escolher nas duas línguas para assistir televisão. Logo temos que um jovem deste grupo escolhe na língua portuguesa e outro jovem escolhe assistir T.V na língua espanhola, cujos pais (os dois) são bolivianos.

Da mesma forma a língua que escolhem os jovens para assistir o vídeo os três grupos de argentinos, bolivianos e peruanos se *integram*, optam por espanhol e português. O grupo dos filhos de argentinos a maioria se integra (nove jovens) e um escolhe assistir em inglês para treinar manifesta, optando por se marginalizar, nem espanhol nem português. A maioria (oito jovens) dos filhos de bolivianos se integra ao escolher assistir vídeo em português e espanhol, e um jovem deste grupo escolhe na língua portuguesa e outro jovem na língua espanhola, cujos pais (os dois) são bolivianos. Por outro lado, um pouco mais da metade dos filhos de peruanos se integram na escolha da língua para assistir vídeos, dois escolhem o português como língua para assistir vídeo, e dois novamente escolhem assistir em inglês para treinar essa língua, usando a estratégia de *marginalização*.

Concluimos que existem dois fatores que podem influir na decisão de escolher a língua nas atividades diárias, como a que língua dão mais importância espanhol ou português, e a primeira língua que aprendera em casa. E vimos que apesar de que os filhos de peruanos e argentinos aprenderam a primeira língua em português e os filhos de bolivianos a metade aprenderam em português e a outra metade em espanhol, quando estes jovens chegam a juventude decidem falar nas duas línguas com a família, se integrando nesta escolha. E os filhos dos argentinos decidem falar nas duas línguas com os amigos brasileiros a diferença dos filhos de bolivianos e peruanos decidem falar em português com

os amigos brasileiros, para não ser identificados como estrangeiros e evitar ser rejeitados até discriminados por parte dos brasileiros.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA ESCOLHA DE AMIZADE, VIAGENS E LAZER DOS JOVENS FILHOS DE IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

No tópico da amizades, viagens e lazer, primeiro descreveremos as atividades dos jovens filhos de imigrantes para logo analisar o pensamento que eles têm sobre as amizades. Veremos o círculo de amizades dos filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos, escolhem se relacionar mais com os conterrâneos dos pais ou com brasileiros ou talvez gostam se relacionar com amigos de outras nacionalidades. E depois analisaremos como descrevem as qualidades de amigos conterrâneos dos pais dos jovens e a qualidade dos amigos brasileiros. Analisaremos as viagens que preferem fazer estes jovens se é dentro do Brasil ou preferem viajar ao país dos pais. E por último com quem mantém contato através da correspondência, se é com amigos conterrâneos dos pais ou com brasileiros.

Com relação as amizade dos filhos de argentinos, bolivianos e peruanos respondem unanimemente a preferência por amigos tanto brasileiros quanto conterrâneos do país dos pais, cuja estratégia é de *integração*.

Como qualificam o grupo dos filhos de argentinos, aos amigos brasileiros, dessa forma nos expressam que os brasileiros são *sinceros e verdadeiros* (dois jovens mencionam), e alguns nos acrescentam que são *fiéis e fraternos*. Enquanto que o grupo dos filhos de bolivianos nos respondem que a qualidade dos amigos brasileiros são *companheiros* (três jovens) e *divertidos* (três jovens), alguns dizem que os brasileiros são *cultos e educados*, esta é uma características da comunidade boliviana, ressaltam sempre a educação dos brasileiros. E os filhos dos peruanos nos respondem que a qualidade dos amigos brasileiros é ser *alegres* (quatro jovens), *brincalhões* (dois mencionam) e são *amigos* (dois jovens).

Quando se refere à qualidade dos amigos argentinos, o grupo dos filhos de imigrantes argentinos nos responde que eles são *carinhosos* (dois mencionam), *simpáticos e receptivos*. Os filhos dos bolivianos qualificam aos bolivianos como amigos (quatro mencionam), *alegres* (dois jovens) e *respeitosos* (dois jovens). E os filhos de peruanos qualificam ao amigo peruano como *companheiros* (quatro jovens), *alegres* (três jovens) e *respeitosos* (dois jovens).

Percebemos que neste ponto da qualidade dos amigos brasileiros como os amigos conterrâneos dos pais quase não apresentam diferença nas respostas pelos jovens pesquisados, só coincidem ao qualificar aos brasileiros como *divertidos, brincalhões e alegres*, que segundo Frigerio (2002), é a imagem do brasileiro lá fora, é um estereótipo positivo até exótico diria o autor.

No que se refere com quem mais se relacionam os jovens filhos de argentinos nas associações onde pertencem quase não respondem neste ponto, porque a grande maioria deles não pertencem a nenhuma associação e os que pertencem respondem se relacionam mais com outras nacionalidades que com os argentinos e brasileiros (um jovem) e outro responde que se relaciona mais com argentinos. Os filhos de bolivianos respondem que se relacionam mais com os bolivianos (quatro mencionam), outro (dois) só com brasileiros e por último um jovem responde que se relaciona com todos por igual. E os filhos de peruanos nos mencionam que se relacionam mais com brasileiros (três jovens) e outros (dois) com peruanos.

Quando perguntamos sobre a nacionalidade dos amigos a quem freqüentam, respondem a maioria (seis) dos filhos de argentinos que os amigos que freqüenta são brasileiros e um jovem responde que freqüenta amigos argentinos, sendo a estratégia de *assimilação*. Os filhos de bolivianos respondem (quatro) que freqüentam amigos tanto bolivianos e brasileiros e três dizem que se relacionam mais com brasileiros, sendo a estratégia de *assimilação*. E os filhos de peruanos (três jovens) manifestam que se relacionam mais com peruanos e brasileiros e três freqüentam mais brasileiros e dois jovens

manifestam que se relacionam mais com peruanos, brasileiros e outros países, a estratégia utilizada é de *assimilação*.

Com relação às viagens, os três grupos de filhos de imigrantes escolhem viajar dentro de Brasil e ao mesmo tempo viajar ao país dos pais, sendo a estratégia utilizada por todos de *integração*, ao analisar por grupo vemos que a maioria (oito jovens) dos filhos de argentinos se *integram*, optam por viajar no Brasil e Argentina, um jovem se *assimila* escolhe viajar dentro do Brasil, e outro se separa, prefere viajar à Argentina. As respostas do grupo dos filhos dos bolivianos variam muito, temos que quatro jovens optam por viajar tanto no Brasil e na Bolívia se integrando, três jovens preferem viajar dentro do Brasil, cuja estratégia é de *assimilação*, e três jovens preferem viajar à Bolívia optando pela estratégia de *separação*.

As preferências de viagens por parte do grupo dos filhos de peruanos se parecem ao grupo de filhos de argentinos, a maioria (oito) dos filhos de peruanos prefere viajar entre Brasil e Peru, cuja estratégia é de *integração*, e dois jovens preferem viajar só no Brasil, se *assimilando*. Lembrando que os jovens pesquisados estão na idade de maior independência, muitos deles já trabalham e escolhem as viagens sem pressão dos pais como quando são crianças. E observamos que os filhos de bolivianos novamente alguns optam por viajar à Bolívia a diferença dos filhos de peruanos.

As atividades de final de semana dos jovens filhos de imigrantes, temos que o grupo dos filhos de argentinos a maioria (quatro) deles preferem passear, os filhos de bolivianos a maioria (oito jovens) preferem passear, e um jovem prefere visitar amigos, e os jovens filhos de peruanos aclaram que a metade preferem passear, três jovens optam pelo esporte, apontamos que estes jovens são professores personal trainers e um jovem prefere visitar aos amigos.

Os filhos de argentinos, bolivianos e peruanos preferem ter amigos tanto brasileiros e conterrâneos, a estratégia é de *integração*, porém na prática diária, se diferencia esta escolha, os filhos de argentinos e filhos de peruanos se relacionam mais com brasileiros

mudando a estratégia para *assimilação*. E nas outras atividades como viagens, correspondências, estes três grupos de jovens se *integram*.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NO NAMORO E CASAMENTO ENTRE OS JOVENS FILHOS DE ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS.

Neste ponto analisaremos se existe ou não diferença na escolha de namorar com um brasileiro(a) ou um conterrâneo(a) dos pais, e se esta decisão muda quando se trata da escolha mais séria como o casamento dos filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos.

No item de namoro, os três grupos de filhos de argentinos, bolivianos e peruanos se parecem porque escolhem entre namorar um brasileiro(a) ou namorar um conterrâneo(a), cuja estratégia de aculturação é de *integração*. Não encontramos diferença entre os grupos de argentinos, bolivianos nem peruanos.

De igual forma, quando se lhes pergunta sobre com quem preferiria casar com o conterrâneo(a) dos pais ou com um brasileiro(a), os três grupos dos filhos de argentinos, bolivianos e peruanos respondem que casariam com qualquer dos duas nacionalidade, a estratégia utilizada no momento da pesquisa é de *integração*. Não apresenta diferença nas respostas dentro dos grupos de argentinos, bolivianos e peruanos.

Fazemos uma observação, apesar dos jovens filhos de imigrantes haver nascido no Brasil, eles são brasileiros, porém são considerados imigrantes de segunda geração, esta classificação é explicada pela socialização primária cujos pais são os responsáveis de ensinar valores culturais aos filhos de imigrantes, nós pensávamos que este rótulo de segunda geração encaixaria mais numa sociedade como os Estados Unidos que é mais segregacionista com as colônias latino-americanas, pelo qual as colônias tendem a se separar da sociedade anfitriã, mas percebemos que não é só pelo fato de serem segregados que são chamados assim de segunda geração, senão também que este grupo de filhos de imigrantes nascidos em outro país são influenciados na sua socialização primária pelos

pais, cujo ensinamento nesta época da criança é mais forte que a socialização secundária, do qual é responsável a escola e as instituições da sociedade brasileira.

No processo de socialização primária a criança internaliza o único mundo que está ao seu redor, no caso estamos falando, o que está ao redor da criança é a cultura já seja argentina, boliviana ou peruana na sociedade brasileira, por mais que são países sul-americanos, culturas parecidas, mas não são iguais, de qualquer forma tem diferença e ocasiona choque cultural quando o imigrante se encontra diante de uma cultura diferente, começando pela língua portuguesa.

A criança ao se relacionar com as outras pessoas, se apropria de esquemas que definem sua realidade como objetiva e exterior a ela, de forma que se conhece a sua realidade social também pode se conhecer a si mesma, este processo é de internalização segundo Berger & Luckmann (1995). Quem se encarrega deste primeiro processo de socialização é a família ou as pessoas responsáveis da criança, segundo os autores dizem, este processo é importante porque está carregado de alto grau de emoção. A criança assimila o mundo social e desenvolve sua identidade pessoal identificando-se com os outros significativos que seria a família, não tendo mais escolha, e quando vai para escola, esta será a responsável de sua socialização secundária, definindo dessa forma as duas socializações para o desenvolvimento da identidade pessoal do jovem, por isso, vimos que os jovens quando chegam a jovens decidem falar nas duas línguas com a família apesar de que aprendera ou espanhol ou português como primeira língua em casa.

Por outro lado, na socialização secundária, o jovem enfrenta uma realidade parcial do mundo institucional como a escola, faculdade, etc. Este processo não está carregado de emoção como na socialização primária, se dá em seqüências racionais, e emocionalmente controladas sendo facilmente descartada e substituída. Explicando os filhos de segunda geração aprendem a cultura dos pais em casa, quando estão diante da escola que a instituição que transmite conhecimento legitimado para conservar valores e crenças da sociedade brasileira, é quando a criança se depara com a bagagem cultural que traz de casa e negocia com os valores da sociedade brasileira, que é a que pressiona nesse momento.

Sobretudo quando a criança entra na adolescência, o grupo de amigos lhe proporciona segurança, aceitação e reconhecimento, diante da ameaça do mundo adulto. Este grupo é de brasileiros, os filhos de imigrantes de segunda geração, para ser aceito devem se comportar como brasileiros, é nesse momento que negocia sua bagagem cultural (de imigrante de cada país da pesquisa) que traz e incorpora regras e valores brasileiros, chegando a se inserir na sociedade brasileira se *integrando* aceitando a cultura brasileira e não deixando de ser filhos de cultura imigrante.

Chegamos à conclusão que os filhos de imigrantes de segunda geração estão integrados à sociedade brasileira, porém conservam a cultura do país dos pais, assim sejam só um dos pais imigrante, eles poderiam ter escolhido namorar ou casar com brasileiros, no entanto escolhem casar com um ou com outro, não deixando de lado, que as relações sociais dos jovens influem na decisão, os filhos de imigrantes a maioria se relacionam com brasileiros e conterrâneos dos pais.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE COMO DESCREVEM O BRASIL OS JOVENS FILHOS DE ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Neste tópico veremos a forma de pensar do Brasil, por parte dos filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos. Como descreveriam este país, o que é positivo e o que consideram como negativo do Brasil, se nestas descrições dos jovens pesquisados há ou não diferença entre os filhos de argentinos, bolivianos e peruanos. E também entra neste ponto se existe ou não preconceito para os imigrantes de países sul-americanos, e o porquê existe, se sofreram discriminação por parte dos brasileiros, e quem são mais preconceituosos no Brasil.

A seguinte pergunta é adjetivo positivo do Brasil, os filhos de argentinos descrevem como positivo do Brasil os valores humanos dos brasileiros tais como são *agradáveis* (dois mencionam), *acolhedores* (dois jovens), e *receptivos* (dois jovens), um país com

diversidade cultural (dois jovens respondem), falam da flexibilidade do brasileiro e ser um povo pacífico. Os filhos de peruanos também consideram aos brasileiros como *acolhedores* (dois jovens), pela *diversidade cultural* (dois respondem), pela *educação* (dois mencionam), a *alegria* (quatro jovens) e dão importância aos valores naturais como a *beleza da paisagem* brasileira (quatro jovens), *praias*, *calor*, etc. As respostas dos filhos de bolivianos se parecem aos filhos de peruanos ao mencionar que o positivo do Brasil é a *educação* (dois jovens) e *alegria* (dois jovens), também a *amizade* (cinco mencionam) e a *cultura* (dois jovens), ao mesmo tempo valoram a natureza brasileira, as *praias*, *clima*, etc. e a *dança*.

Novamente vemos neste tópico que a imagem dos brasileiros para os filhos de imigrantes da pesquisa continua sendo que os brasileiros são *alegres e acolhedores*. E dão importância à *diversidade cultural* que existem aqui nesta sociedade, e ressaltam a *beleza da paisagem*, *praias*, *clima*, *calor*, etc. o que não vêem nos países dos pais.

Quando se refere ao negativo do Brasil, os três grupos de filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos coincidem ao falar que é a *violência* brasileira. Analisando por grupo, os filhos dos argentinos acrescentam como negativo do Brasil a *corrupção* (três respondem). O grupo dos filhos de bolivianos manifestam que além da violência o negativo do Brasil é o *desemprego* (quatro mencionam), e a *pobreza* (quatro jovens), de igual forma os filhos de peruanos também acrescentam da pobreza (quatro mencionam), a corrupção igual que os filhos de argentinos e a *poluição* (três jovens).

Aclarando que na época da pesquisa tinha se levantado o problema da corrupção política do mensalão no Brasil. E este problema abalou a confiança e a credibilidade dos cidadãos com relação aos seus representantes políticos do país, e, sobretudo porque estes representantes do Estado foram escolhidos pela votação do povo brasileiro.

Observamos que as respostas dos filhos de imigrantes se contrariam, por um lado dizem que o negativo do Brasil é a violência e por outro dizem que o positivo do Brasil é ser um povo pacífico, o que nos explica Chaui (1996) é que na essência o povo brasileiro é

pacífico, não-violento, e a violência é algo acidental, “um surto”, “uma epidemia”, é praticado por gente que não forma parte desta nação. A violência é um acontecimento episódico na superfície do social que não afeta sua essência não-violenta. O que esta autora nos está colocando aqui é que o Brasil é pacífico por natureza e que a violência que existe é pela pobreza em que vivem muitas pessoas que foram excluídas da sociedade morando nas favelas e nas periferias, até excluídas de educação, que não encontraram outro jeito de se tornar violentos para se defender da injustiça, de ser excluídos da sociedade brasileira, e não são considerados partes da nação brasileira.

No que se refere as notícias, os três grupos de filhos de imigrantes de integram se interessam pelas notícias brasileiras e do país de origem dos pais. Mais são os argentinos e peruanos de segunda geração que se preocupam pela política do Brasil a diferença dos filhos de bolivianos que são poucos que se preocupam pela política, e os jovens dos três países se preocupam mais pelas questões sociais do Brasil. Os três grupos discutem os temas sociais e políticas, porém não gostam se reunir para a discussão, só os peruanos se reúnem para discuti-los, apresentando mais interesse pela política que os outros dois países.

Além da violência como ponto negativo do Brasil, os filhos dos imigrantes nos expressaram que neste país existe o preconceito. Em forma geral os filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos nos manifestam que no Brasil existe o preconceito. Analisando por grupo temos que os filhos de argentinos, três nos dizem que sim existe e dois nos dizem que não existe. Os filhos de bolivianos (quatro) falam que existe e dois dizem que não. E os filhos de peruanos (seis jovens) respondem que sim e dois falam que não existe.

Com relação se sofreu ou não discriminação no Brasil, quase todos os filhos dos imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos manifestaram que não sofreram atitude de discriminação por parte dos brasileiros e uns poucos falam que sim sofreram discriminação. Analisando por grupo, temos que os filhos de argentinos quatro jovens nos falam que não sofreram discriminação enquanto que dois dizem que sim. Os filhos dos bolivianos (seis jovens) nos expressam que não sofreu discriminação porém dois dizem que sim foram

discriminados. E os filhos dos peruanos (sete jovens) nos aclaram que não foram discriminados pelos brasileiros e três nos falam que sim foram discriminados.

Porque há preconceito no Brasil, os filhos dos argentinos nos manifestam que é porque o brasileiro não sabe lidar com a diferença, e não recebe bem as outras culturas, neste caso estamos falando de culturas indígenas, e não de culturas européias que elas não são discriminadas pelos brasileiros. Os filhos de bolivianos nos dizem que os brasileiros discriminam por falta de educação, não sabem se comportar. Os filhos dos peruanos manifestam que os brasileiros são preconceituosos por ignorância.

Os adultos são os mais preconceituosos no Brasil segundo as respostas de quase todos os filhos dos imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos, são poucos jovens que nos comentam que sejam os jovens os mais preconceituosos.

COMO DEFINEM O PAÍS DE ORIGEM DOS PAIS, OS FILHOS DE ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Neste ponto analisaremos a forma de pensar dos jovens pesquisados com relação ao país de origem dos pais, já seja que eles descreveram os país porque o conhecem ou já seja porque ouviram comentário dos pais sobre seu país de origem. Em fim eles caracterizaram os países dos pais imigrantes, através destes relatos conheceremos cada país pesquisados deste trabalho. Os jovens nos dirão o positivo ou o negativo do país dos pais, da mesma forma se discute e se preocupam pelos problemas do país dos pais, que problemas sociais e políticos se interessam mais.

Os filhos de argentinos definem como positivo a Argentina porque é bonito (três mencionam) e pela variedade cultural (dois respondem). O grupo de filhos de bolivianos caracteriza como positivo da Bolívia é a cultura (quatro jovens), a comida (cinco jovens), a dança, festa (três jovens respondem), a música (três jovens), e a amizade dos bolivianos (quatro jovens).

Novamente os jovens filhos de bolivianos ressaltam a dança e a música da Bolívia como positivo, como tínhamos falado anteriormente, o folclore boliviano é conservado pela segunda geração dos bolivianos em São Paulo, eles participam de associações de folclore nesta cidade, em companhia dos pais, que são eles que incentivam e levam aos filhos a gostarem e conservarem a cultura boliviana, e os filhos aceitam compartilhar o costume dos pais, porque dentro daquelas associações estão os outros jovens da mesma origem deles, e acabam formando laços de amizade e solidariedade que é o que ajuda a conservar este grupo de jovens. Silva (2003) nos comenta que a festa boliviana é um espaço de reafirmação de identidades, a dança retrata a história, de um passado mítico de submissão e resistência de culturas e etnias que se deu ao longo dos séculos, sem renunciar suas tradições.

Os filhos de peruanos colocam como positivo o Peru a sua história, (três mencionam), a riqueza (três jovens) a paisagem (três jovens respondem), e a cultura (três jovens), ainda falam do misticismo peruano, a culinária. Apontamos que o Peru foi parte de um império Incaico, que foi o mais desenvolvido da América do Sul, antes da chegada dos espanhóis. Esta história peruana faz que os peruanos se orgulhem de seu passado histórico. O Peru é uma terra mística e muito conhecido pelos turistas brasileiros, sobretudo pela cidade arqueológica de Machu Picchu, também conhecida como a cidade perdida, quem a descobriu foi Hiram Bingham em 1911, no meio da densa vegetação peruana, a 2.350 metros de altitudes, um impressionante testemunho de um dos maiores impérios que a América conheceram antes da chegada de Cristóvão Colombo. Esta cidade é conhecida como bela mística, sagrada, deslumbrante. Não se sabe quando e quem construiu o Machu Picchu, o importante que as ruínas da cidade perdida são visitadas por legiões de turistas de todo mundo, e representa o ponto lato de Império Inca, e um dos maiores da Humanidade.

Estes jovens imigrantes de segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos, quase que não se interessam pela política dos países de origem dos pais, porém se interessam pelos problemas sociais daqueles países, da mesma forma o problema econômico. Também manifestaram que gostam discuti-los mas nas gostam se reunir, só os

peruanos tendem a se reunir para discutir os problemas políticos e sociais dos países dos pais.

O negativo da Argentina segundo os filhos de argentinos é a *arrogância* (dois mencionam). Novamente ressalta a problemática da arrogância dos argentinos, que seria a parte visível de como se identificam os argentinos diante dos outros, como sendo superior, europeizado. Como nos comenta Frigerio (2002), os argentinos se sentem superiores, social e culturalmente que os brasileiros, porque fazem comentários da pobreza existente no Brasil. A Europa era um grande referencial distintivo de argentinidade, durante muito tempo, decorrentes das relações históricas, sociológicas, econômicas, políticas culturais e demográficas, que tornaram a Europa a grande referência da argentinidade (Lins Ribeiro, 2002). Esta identidade corresponde aos argentinos bonaerenses ou também chamados de “portenhos”. Porém, esta representação é falsa, na essência o argentino sabe que não é verdadeira. A postura que adota para se apresentar aos outros o deixa afastado e solitário. (Dido, 2004).

O negativo que tem a Bolívia para os filhos de bolivianos é a *pobreza* (seis mencionam), a *bebida* (quatro respondem), também como negativo falam do *desemprego* (quatro jovens) e da *política* (dois jovens). Os jovens que expressam como negativo a *bebida* vêm de pais bolivianos (ambos), aclaramos que as festas bolivianas tem como característica a momento prévios da festa os bolivianos bebem em excesso e no momento das danças eles estão quase caindo na praça, essa problemática é marcada pelos filhos dos imigrantes, isto ocasiona até violência entre eles, essa é uma das razões pelo que foram retirados da praça Pari à praça da Kantuta onde não tem muitas moradias que possam reclamar do barulho e da violência que estas festas trazem. O consumo da bebida em excesso por parte dos bolivianos se deve ao desconforto profundo em que vivem, a dor às vezes expressada através do aparente gozo como a bebida e a dança.

O negativo que tem o Peru segundo os filhos de peruanos é a *pobreza* (sete mencionam), *sujeira* (dois jovens) e a desigualdade (dois respondem). A pobreza que os filhos de segunda geração reclamam é pela grande migração interna que teve a cidade de

Lima, acrescentando o problema de pobreza, desemprego, desigualdade, e a sujeira. Estas pessoas migrantes, que vinham do centro do Peru, sem estudos, sem dinheiro, sem hábito de higiene, etc., e que atualmente ocupam o centro da cidade de Lima com suas vendas informais, mostrando dessa forma a falta de higiene e consideração pela cidade dos reis como era conhecida antes da chegada da migração interna peruana.

Esta migração se deu por falta de incentivo e recursos por parte do governo peruano para o cultivo da terra, os camponeses ao não ter o que comer migram às cidades urbanas peruanas como a capital Lima, lotando-a a tal ponto que as autoridades do governo não estavam preparadas para administrar e organizar estas pessoas nas cidades, menos ainda prove-las de emprego, elas se dedicaram ao comércio informal nas ruas turísticas de Lima, sem cuidado de higiene.

Ressaltamos que os filhos de argentinos qualificam como negativo da Argentina a *arrogância* argentina, e os filhos dos bolivianos falam da *bebida*, e os filhos dos peruanos mencionam a *pobreza*, *sujeira*, devido a forte migração interna no Peru, no qual os migrantes andinos não têm hábito de higiene. E tanto os filhos de bolivianos e peruanos apontam as festas como características positiva dos países de origem dos pais, e o filho de argentino fala da música argentina.

VANTAGENS E DESVANTAGENS DA IMIGRAÇÃO E VOLTARIAM OU NÃO PARA O PAÍS DE ORIGEM, E A CULTURA QUE PASSARIAM AOS FILHOS, OS FILHOS DE IMIGRANTES ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Neste ponto veremos o que os jovens pensam sobre as vantagens e desvantagens da imigração em si, para eles falarmos disto, requererá pensar no que estes jovens filhos de imigrantes viram passar ou sofrer aos pais aqui no Brasil, assim como fazer suas associações com o que eles viram e o que eles pensam de tudo isso. Para o qual analisaremos a vantagens de morar no país de origem dos pais, e a desvantagens de morar

no Brasil para os imigrantes sul-americanos, e a cultura que passariam aos filhos, estes imigrantes de segunda geração.

A desvantagem da imigração tanto para os filhos de bolivianos quanto para os filhos de peruanos é a *aceitação dos brasileiros* aos imigrantes peruanos e bolivianos e à adaptação dos imigrantes ao Brasil. Enquanto que os filhos dos argentinos colocam como problema da imigração a *perda da família* (só um o menciona), não podemos generalizar esta resposta, mas podemos considerá-la. Para os filhos dos imigrantes bolivianos e peruanos responderam dessa forma pensamos que seja pelo que eles ouviram comentários dos pais o que eles sofreram ou sofrem até hoje, a rejeição ou a discriminação por parte dos brasileiros em relação aos imigrantes de destes dois países.

Com relação às vantagens do país de origem dos pais, tanto os filhos de argentinos, bolivianos e peruanos, respondem da mesma forma, a família é a vantagem de morar lá nos países de origem que com a imigração se perde este contato sentimental do *laço familiar*.

Com relação a se voltariam ao país de origem, consideramos que esta pergunta seria analisada se o jovem iria ou não a morar ao país de origem dos pais. Os jovens que respondem a esta pergunta, tanto os filhos de argentinos quanto os filhos de bolivianos nos manifestam que o desejo de ir a morar ao país de origem dos pais é mais positivo que negativo, assim temos que os filhos de argentinos dois jovens nos dizem que iriam a morar a Argentina enquanto que um jovem nos expressa que não iria ao país de origem dos pais. Os filhos de bolivianos quatro jovens respondem que iriam a morar à Bolívia e dois nos dizem que não iriam. E os filhos de peruanos nos manifestam quatro jovens que iriam a morar ao Peru e quatro nos dizem que não iriam.

Todos os filhos de imigrantes pesquisados sentem a falta da família no Brasil, a perda de *laços familiares* e a perda de referência familiar é a questão que todo imigrante sente e passa em um país estranho. Os imigrantes sentem a falta da família, sobretudo quando se comemora datas importantes como o aniversário dos próprios imigrantes ou dos filhos, dias das Mães, dia dos Pais, Natal e Ano Novo, são datas nos quais os imigrantes se

sentem muito solitários e isolados, e os filhos sentem essa carência porque observam nas crianças brasileiras comemorar essas datas em grupo familiar, ou mesmo passam as férias ou fazem as viagens nas casas dos tios, primos, etc., familiares que os filhos dos imigrantes não têm no Brasil, o grupo familiar se reduz ao nuclear.

Continuando com as respostas dos filhos de imigrantes com relação às vantagens de morar no país de origem dos pais imigrantes, o grupo dos filhos de argentinos acrescenta à família o fator *clima* (dois jovens respondem), da Argentina. Por outro lado, os filhos de bolivianos mencionam que além da família o bom de viver na Bolívia é a *cultura*, estes jovens apreciam a diversidade cultural boliviana. Enquanto que os filhos de peruanos acrescentam à família a *história e a comida*. Como já tínhamos comentado em outro ponto, o Peru tem um passado arqueológico e cultural riquíssimo pelo que a Unesco considera nove itens peruanos como patrimônio da Humanidade. A comida é outro fator que o filho de peruanos sente falta, apesar de que as mães são brasileiras, porém supomos que são os pais peruanos que cozinham em casa e fizeram o paladar dos filhos, e como é comum a maioria dos imigrantes levam os filhos alguma vez ao conhecer seu país de origem, no qual os familiares se encarregam de agradarem da comida peruana.

Enquanto as desvantagens de morar no Brasil, os três grupos de filhos de imigrantes tanto de argentinos, bolivianos e peruanos coincidem ao falar da violência como uma problemática que sentem ao morar no Brasil. Os filhos de argentinos acrescentam à violência, a insegurança (dois respondem) que o cidadão brasileiro sente por falta de apoio das autoridades em cuidar este problema. Os filhos de bolivianos acrescentam à violência, a corrupção dos políticos (dois jovens respondem) e por último, os filhos de peruanos nos acrescentam a desigualdade social (quatro jovens respondem) que existe no Brasil como desvantagens de morar aqui.

A cultura que passariam aos filhos estes imigrantes da segunda geração, responderam que passariam as duas culturas, a de origem e a brasileira, tanto os filhos de argentinos, bolivianos e peruanos.

Apesar de que poucos jovens filhos de imigrantes respondem a pergunta se voltariam ou não ao país de origem dos pais, podemos concluir que a maioria voltariam, sendo que muito deles estão integrados no Brasil, e nasceram aqui, estes jovens ficaram divididos, metade são estrangeiros e metade são brasileiros. Observando que influencia da cultura dos pais imigrantes, cobra um peso grande na socialização primária das crianças e quando chegam a adolescência é a sociedade brasileira que influi na decisão de se aculturarem estes jovens, se integrando valorando sua cultura de origem dos pais e a cultura brasileira.

CONCLUSÃO

Os três grupos de filhos de imigrantes se *integram* à sociedade brasileira tanto na forma de pensar como na forma de agir ao se inserir na cultura brasileira. Quase todos os jovens cursam faculdade ou estão terminando o colegial, como é o caso dos filhos de peruanos. Os jovens bolivianos e peruanos estudam e trabalham ao mesmo tempo, enquanto que os filhos de argentinos só se dedicam a estudar, apresentando tendência a ser mais protegidos pelos pais, fazendo uma observação, não influi a idade dos jovens para ser protegidos, já que eles têm entre 17 e 30 anos de idade.

Outra característica dos pais dos três grupos de filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos é que foram mais os homens os que imigraram para o Brasil e não as mulheres, porque na década dos anos 70 e 80, o Brasil passava por um desenvolvimento de sua indústria, em que os brasileiros não se encontravam preparados para assumir essa área tecnológica, pelo que precisava de mão de obra técnica, que os imigrantes latino-americanos técnicos o preenchiam, e ao mesmo tempo estes imigrantes procuravam emprego que nos seus países não tinha, e o Brasil o oferecia.

A maioria dos pais argentinos veio por questão de trabalho ao Brasil e ficaram porque se casaram. A nacionalidade dos pais deste grupo, temos que cinco casais são de pai e mãe argentinos e cinco casais são mistos, ou seja, argentino casado com brasileira. As

vantagens que apresenta o Brasil para os filhos de argentinos são os valores naturais como a geografia, é o *maior de América Latina* e a *avenida paulista*.

Quase em todas as atividades diárias estes filhos de argentinos se integram à sociedade brasileira, como festas tradicionais, leitura, televisão, amizade, etc., porém se *assimilam* quando se trata dos jogos de futebol, como um jovem nos mencionou fora da pesquisa, que num jogo de futebol escolhe torcer pelo Brasil para contrariar o pai argentino. É no jogo que os filhos de argentinos se reconhecem como brasileiros, como este jogo tem uma conotação cultural, muito forte para cada país de Argentina e para o Brasil, já que são os grandes representantes de toda América para os jogos, por essa razão existe rivalidade entre esses dois países.

Salientamos que na língua, os filhos de argentinos apresentam processo de mudança de aculturação, estes jovens manifestam haver aprendido a primeira língua em casa o português cuja estratégia é de *assimilação*, como as mães são brasileiras as responsáveis da socialização primária dos filhos, ensinaram o português, apontamos que os pais argentinos também participam desta primeira socialização, pelo que as crianças aprendem as duas línguas em casa o português e o espanhol e quando elas chegam à juventude optam por falar nas duas línguas com a família e também com os amigos (este caso não se observa com os filhos de bolivianos e peruanos), a estratégia na língua muda para *integração*.

No costume como a comida quase todos os filhos dos argentinos se integram, só um jovem se separa porque a mãe é argentina, como tínhamos dito antes é a mulher que conserva os costumes culinários em casa. Nuns 60% dos jovens filhos de argentinos manifestam sentir falta de prato típico argentino e só dois jovem não sente falta talvez porque as mães são brasileiras e não escolhem a culinária argentina.

Os costumes que se devem conservar da Argentina, só um jovem responde que é a *música* e os outros jovens não respondem. Este único jovem menciona que pertence a uma associação judaica, e os outros jovens a outro tipo de associação. Pelo contrário os costumes argentinos que não se deve conservar, novamente só um jovem responde que é

arrogância dos argentinos, ressaltando novamente esta problemática dos argentinos, por se considerarem como europeísmo, cuja identidade é falsa, na essência o argentino sabe que não é verdadeira, a postura que adota para se apresentar diante dos outros o deixa afastado e solitário, (Dido, 2004).

Por outro lado os costumes brasileiros que se deve conservar para este grupo de filhos de argentinos é a *alegria, a cultura, carnaval e acolhimento* dos brasileiros. E os costumes brasileiros que não se devem conservar são a falta de *garra dos brasileiros* e a *falta de compromisso*, cujo estereótipo do brasileiro é de ser um povo não-violento, “e se houver violência é praticada por gente que não faz parte da nação”, segundo Chaui (1996).

Os filhos de argentinos qualificam aos amigos brasileiros como *sinceros, verdadeiros fieis e fraternos*. Por outro lado, qualificam ao amigo argentino como *carinhosos, simpáticos e receptivos*. Na questão da preferência de amizade estes jovens filhos de argentinos se *integram*, porém na hora de perguntar com quem se relacionam, eles nos respondem que se relacionam mais com brasileiros e outras nacionalidades menos com argentinos.

Apontamos que este grupo se caracteriza por não possuir uma associação que os represente, só existe o “club argentino”, que é uma instituição um pouco informal, para ter uma idéia, o telefone desse clube acabou mudando cinco vezes durante a pesquisa de 2004, 2005, 2006. Por outro lado, na amizade vimos a contradição do pensam e do que fazem, este grupo, pensam que é melhor se relacionar com as duas nacionalidades, porém na prática do dia-a-dia se relacionam mais com os brasileiros, utilizando a estratégia de *assimilação*. Porque é na fase da juventude que o grupo é parte da socialização secundária de um jovem, o fato de ser aceito pelo grupo de brasileiros é uma questão de reconhecimento para os filhos de argentinos, por outra parte, estes jovens não têm a oportunidade de se relacionar com os outros jovens argentinos, e seu único meio social com quem se relacionam são os brasileiros.

No namoro e no casamento estes jovens argentinos de segunda geração se integram, a partir destes itens que acabamos considerando a este grupo de segunda geração de argentinos, pelo que não poderíamos só chamá-los de brasileiros, porque são bi-culturais, conservam tanto os costumes e a cultura argentinos e aceitam os valores brasileiros, como parte de sua identidade pessoal.

Estes jovens caracterizam positivamente ao Brasil por serem agradáveis, acolhedores, receptivos, pela diversidade cultural, pela flexibilidade e povo pacífico. Da mesma forma considera que o positivo da Argentina é a diversidade cultural e bonita. Por outra parte, consideram que o negativo do Brasil é a violência brasileira, poluição e a corrupção. Da mesma forma, os jovens manifestam que no Brasil existe preconceito, porque os brasileiros não sabem lidar com a diferença como também não recebe bem as outras culturas. Este grupo quase não foi discriminado pelos brasileiros. E aclaram que são os adultos os mais preconceituosos.

E o negativo da Argentina como sempre aponta a arrogância que também o consideram como costume que não se deve conservar, sendo ressaltante este problema dos argentinos, que os próprios filhos de argentinos se incomodam por este orgulho dos pais, uma jovem filha de argentinos nos comentou fora da pesquisa, que não adiantava falar da arrogância argentina com o pai, porque brigavam os dois sem resolver nada.

Os filhos de argentinos comentam que a vantagem da imigração é o econômico e a desvantagem da imigração está na perda de laços familiares dos imigrantes. E a vantagem de morar na Argentina é a família e o clima. Por outro lado, a desvantagem de morar no Brasil é a violência e insegurança, ao mesmo tempo estes jovens reclamam que os brasileiros não tem garra para reclamar seus direitos, porém o negativo é que são violentos, isto se deve à pobreza e ao narcotráfico.

Iriam ou não a morar na Argentina, dos poucos jovens que respondem falam que sim iriam morar na Argentina, apesar de que estes jovens se integram à sociedade brasileira escolhem por ir a morar na Argentina, pensamos que seja porque estes jovens ficam

divididos cultural e sentimentalmente, assumiram a cultura argentina e a brasileira, e por outro lado, também por causa que a metade da família se encontram lá na Argentina e a outra se encontram aqui no Brasil, esse no caso de casamentos mistos, e se for casamento puro, toda a família se encontram lá no país de origem.

O grupo boliviano se caracteriza por ser mais segregacionista que os outros grupos de imigrantes latino-americanos em São Paulo, isto o observamos porque os pais dos jovens de segunda geração são casamentos puros, pai e mãe são bolivianos, até teve casos que os bolivianos vieram sozinhos e casaram aqui no Brasil com as próprias conterrâneas. Por outro lado, os pais bolivianos vieram para trabalhar no Brasil e ficaram porque casaram, já que a Bolívia apresentava problemas de pobreza e desemprego, segundo os filhos comentam.

Este grupo filhos de bolivianos se integra em forma geral, tanto no pensamento quanto no agir nas atividades diárias ao se inserir na sociedade brasileira. Os filhos de bolivianos se integram em várias atividades do cotidiano, porém na comida e nos jogos de futebol a estratégia muda, os jovens homens separam na escolha, preferem torcer pela Bolívia, a diferença das mulheres da segunda geração, escolhem torcer por Brasil ou por qualquer dos dois times.

No costume da comida os filhos de bolivianos se *separam* da sociedade brasileira, porque são as mães bolivianas que conservam a culinária boliviana. Além disso, os jovens nos falam que os costumes bolivianos que devem ser conservados são a dança e o folclore. Ressaltamos que estes jovens pertencem a associações folclóricas, onde são levados pelos próprios pais, que ao mesmo tempo são eles que se encarregam de conservar sua cultura e passar para os filhos. Por outro lado os costumes bolivianos que não devem ser conservados é a bebida, esta é uma problemática que já tinham assinalado os próprios imigrantes bolivianos, estas festas folclóricas bolivianas trazem muito consumo de bebida alcoólica, tornando-os violentos, esta é uma reclamação que escutamos quando falamos com as mulheres bolivianas, todo o que estes jovens trabalham na semana inteira e o gastam no consumo de álcool, num final de semana, ficando as vezes sem dinheiro para se

alimentar durante a semana, ele e a própria família. Por outro lado os costumes brasileiros que devem ser conservados é a comida, pelo contrário os costumes brasileiros que não devem ser conservados é a violência.

Quando se refere a preferencia da linguagem, todos os jovens filhos de bolivianos se *integram*, porém também este grupo passa por um processo de aculturação, têm jovens que aprenderam a primeira língua o espanhol ou o português em casa quando eram crianças e quando chegam a juventude escolhem por falar com a família nas duas língua espanhola e a portuguesa. E por outra parte, com os amigos brasileiros preferem falar em português, se *assimilando*, talvez esta escolha seja para esconder ser discriminados pelos brasileiros, pelo que eles não se identificam como filhos de bolivianos, cujo estereótipo desta comunidade é negativo.

Na amizade, a forma de pensar e de agir apresentam a mesma estratégia de integração, não encontramos diferença nestas duas ações, preferência dar importância amigos das duas nacionalidades, e na prática se relacionam com amigos tanto conterrâneos, quanto brasileiros. Da mesma forma o namoro e o casamento se integram, escolhendo entre casar com brasileira ou boliviana.

Consideram estes jovens filhos de bolivianos que o positivo do Brasil é a alegria, educação, amizade, cultura, praias, clima e dança. Por outra parte o negativo do Brasil é a violência, desemprego e a pobreza. Da mesma forma qualificam que o negativo da Bolívia é a pobreza, bebida, desemprego e a política. E o positivo da Bolívia igual que Brasil a dança, festa, cultura, comida, música e amizade.

Estes jovens filhos de bolivianos nos mencionam que existe preconceito no Brasil e é por falta de educação, ou porque não sabem se comportar. Por outro lado, nos falam que não sofreram discriminação por parte dos brasileiros, e nossa interrogação é porque se escondem na língua portuguesa para não ser reconhecidos pelos brasileiros, pensamos que estes jovens em algum momento foram discriminados e não o aceitam, porque é doloroso assumi-lo. E nos afirmam que os adultos brasileiros são os mais preconceituosos.

Estes jovens consideram que a vantagem da imigração é o econômico, conhecer outra cultura e fazer uma vida diferente da Bolívia, a desvantagem da imigração é falta de aceitação dos brasileiros aos bolivianos, apesar de que a maioria dos jovens manifestara não ter sido discriminados, como Maria Lúcia Montes comentou, a discriminação é um sofrimento que os bolivianos escondem e não gostam manifestá-lo. E a vantagem de morar na Bolívia é a família e a cultura, e a desvantagem de morar no Brasil é a violência e corrupção de políticos.

Estes jovens bolivianos de segunda geração iriam morar na Bolívia, apesar de ter nascido aqui no Brasil, como vemos no processo de aculturação não é o lugar de onde nasce que determina seu sentimento de cultura, são os valores que aprenderam em casa na seu processo de socialização primária que vá determinar sua identidade bi-cultural, no qual ficam divididos, e por outra parte, é a família que conta muito nesta decisão dos jovens filhos de bolivianos.

Por último o grupo de filhos de peruanos, apresenta a estratégia de *integração* nas atividades diárias para se inserir na sociedade brasileira. Este grupo de jovens quase a maioria estão cursando a faculdade e alguns jovens ainda não concluem o Ensino Médio. A maioria dos jovens trabalha e estuda ao mesmo tempo e poucos jovens só estudam.

Uma característica muito especial deste grupo é que os pais dos jovens de segunda geração de imigrantes peruanos vêm de casamento misto. Dos quais vieram ao Brasil para cursar estudos de Universidade pelo intercâmbio de acordo entre o Brasil e Peru. Estes pais ficaram neste país porque se casaram ou porque encontraram trabalho.

Os imigrantes peruanos, pais dos jovens da segunda geração de peruanos, vieram pela pobreza e falta de oportunidades de estudos do Peru. E como o Brasil é um país que oferece oportunidades de emprego e de estudos escolheram este país para estudar. Além disso, a vantagens que oferece este país é a educação e a diversidade cultural.

Apesar deste grupo de segunda geração de imigrantes peruanos se integrarem na sociedade brasileira apresentam algumas variações nas estratégias de aculturação, como no caso nos costumes de jogos de futebol, a metade prefere torcer pela seleção brasileira e a outra metade torce pela seleção peruana, aclaramos que são os homens que se separam nesta decisão. E também no costume da culinária, os jovens filhos de peruanos apresentam a característica de gostar da comida peruana apesar de que as mães são brasileiras, pelo que pensamos que são os pais peruanos que ensinaram aos filhos a comerem comida peruana.

O costume peruano que deve ser conservado são as *festas e a família*, e do Brasil é *alegria e a amizade*. E os costumes brasileiros que não devem ser conservados é a aparência e o consumismo. Estes jovens caracterizam como positivo do Brasil a acolhida, a educação, os valores naturais como as praias, beleza da paisagem, calor, a diversidade cultural. Pelo contrário o negativo do Brasil é a violência, pobreza e corrupção política. E caracterizam como positivo do Peru sua história, riqueza cultural, paisagem, misticismo peruano e a culinária. E o negativo do Peru é a pobreza, sujeira produto da centralização migratória de rural em direção à urbana especificamente para a capital Lima, e a desigualdade social peruana, neste país existe peruanos de classe alta e de extrema pobreza (não consomem nem o mínimo de calorias que precisa o ser humano para viver).

Outra transformação de estratégia de aculturação é a amizade, os jovens filhos de peruanos apresentam a preferência (no pensar) por amizade tanto brasileira quanto peruana, cuja estratégia é de *integração*, porém vida diária esta escolha muda, porque estes jovens mais freqüentam amigos brasileiros que peruanos transformando-se a estratégia de integração para *assimilação*.

De igual forma temos outra transformação de escolha com a linguagem, os jovens filhos de peruanos a maioria aprende como primeira língua o português, lembrando que as mães são brasileiras, não obstante quando chegam à juventude escolhem falar nas duas línguas espanholas e portuguesas. E com os amigos falam em português, o que supomos que é para esconder sua cultura peruana, não querem ser identificados pelos brasileiros para não ser discriminados, já que o estereótipo dos peruanos na sociedade brasileira é de

indígena pobre que vêm procurar emprego no Brasil que também apresenta desemprego para os brasileiros.

A maioria dos filhos de peruanos manifestara que no Brasil existe preconceito, porém falam que não foram discriminados, fazemos uma observação, fora da pesquisa uma jovem filha de peruanos, mestiça (mistura de índia com negro) cuja aparência é de negra, nos conversou que ela foi discriminada pelos brasileiros não ser filha de peruana, mas sim por ser negra. Por outro lado, outra jovem filha de peruanos de casamento misto, nos comentou fora da pesquisa que existe mais preconceito entre os peruanos que nos brasileiros. Por outro lado, nos manifestam que o preconceito do brasileiro é por ignorância, e são os adultos os mais preconceituosos.

Para finalizar, para estes jovens a vantagem da migração é a parte econômica e o fato de conhecer outra cultura, pelo contrário a desvantagem é a aceitação dos brasileiros aos imigrantes peruanos e a adaptação a este país. Por outro lado a vantagem que apresenta o Peru para estes jovens é a família, história e a comida, e a desvantagem de Brasil é a violência e desigualdade social.

A metade dos jovens filhos de peruanos manifestara que iria a morar ao Peru, observando novamente que os imigrantes se segunda geração escolhem ir morar no país de origem dos pais, deixando de lado, que estes jovens nasceram no Brasil, e é sua pátria, pois quando se lhes dá para escolher, optam por Peru, isto se deve, pela integração à sociedade brasileira destes imigrantes de segunda geração, aprenderam e incorporaram modos, crenças, valores e normas da cultura peruana e brasileira, e na juventude adquiriram sua identidade bi-cultural, ficando metade brasileiros e metade peruanos, por outro lado o que conta também para estes jovens é a família que ficaram no Peru, a metade da família se encontra no Brasil e a outra metade se encontra no Peru. No outro item que observamos a integração da cultura foi quando falaram os jovens dos três países que passariam as duas culturas aos futuros filhos, porque “ *ambas têm sua importância, é importante conhecer o melhor das duas, as duas têm ponto positivos, etc.*”

PROCESSO DE ACULTURAÇÃO, IDENTIDADE CULTURAL E ADAPTAÇÃO À SOCIEDADE BRASILEIRA DOS FILHOS DE ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Todos os filhos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos se inserem na sociedade brasileira usando a estratégia de aculturação de *integração*, em todas as atividades rotineiras e na forma de pensar. No entanto os filhos de argentinos apresentam o escore médio mais integrados que dos outros filhos de imigrantes. Os filhos de bolivianos e peruanos apresentam o escore médio mais parecido. Os filhos de imigrantes argentinos e bolivianos escolheram a estratégia de *integração*, mostrando que estão adaptados à sociedade brasileira e possuem uma identidade bi-cultural, por não existir muita distância entre as culturas sul-americanas. Porém os filhos de bolivianos e peruanos escondem para os brasileiros que são filhos de segunda geração de bolivianos e peruanos usando a língua portuguesa com os brasileiros para não serem identificados como filhos de estrangeiros latino-americanos e discriminados pelos brasileiros.

Por outro lado, não podemos falar de organização de grupos, nem de identidade grupal dos imigrantes de segunda geração, porque não existem grupos que representem a estes países em São Paulo, só grupo dos bolivianos que apresentam grupos folclóricos formado pelos pais, e não pelos filhos, estes só seguem os costumes dos pais, pelo que a segunda geração perde a força de conservar uma cultura como da primeira geração de imigrantes apesar de que se integram ao conservar as duas culturas na sociedade brasileira. Com o tempo estes jovens passam despercebidos entre os brasileiros se misturando. Claro que ficam divididos entre ser imigrantes de segunda geração e ser brasileiro.

A adaptação ao Brasil podemos defini-la da seguinte maneira, os imigrantes de segunda geração dos argentinos apresentam adaptação positiva ao Brasil, falam nas duas línguas com os brasileiros, enquanto que os imigrantes de segunda geração dos peruanos e bolivianos apresentam adaptação negativa à sociedade brasileira, porque se assimilam na língua portuguesa, se escondendo através do domínio do idioma para não ser identificados e

afastados pelos outros jovens brasileiros, que na juventude é muito importante ser aceito pelo grupo de jovens na sociedade anfitriã.

Os dez jovens filhos de argentinos e os dez jovens filhos de peruanos estão todos *integrados* enquanto que nove dos jovens filhos de bolivianos apresentam a estratégia de *integração* e um jovem filho de boliviano apresenta a estratégia de *assimilação*.

Estes jovens passaram pelo processo de aculturação na língua, aprenderam ou espanhol ou português como primeira língua e acabam decidindo falar nas duas línguas com a família, embora também dão importância às duas línguas. Por outro lado, os bolivianos e peruanos decidem falar em português com os brasileiros para não serem identificados como filhos de imigrantes.

Por outra parte, apesar de que os jovens filhos de imigrantes são brasileiros escolhem namorar ou casar com conterrâneas ou brasileiras. Pelo que concluímos que estes jovens estão integrados nas duas culturas, de origem dos pais e a brasileira, cuja identidade é bi-cultural, ficam divididos, o comprovamos quando quase a maioria de todos eles, escolhe voltar para o país de origem dos pais, sem ter morado lá, é por causa da identidade e da família que ficaram lá. E para fechar estes jovens dos três países pesquisados argentinos, bolivianos e peruanos manifestaram que passariam as duas culturas para os futuros filhos, mostrando com isso a identidade bi-cultural destes jovens imigrantes da segunda geração.

SÉTIMO CAPÍTULO

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS IMIGRANTES DE PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO DE ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Neste capítulo compararemos os jovens imigrantes da primeira e da segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos tanto nas estratégias utilizadas em forma geral ao se inserir na sociedade brasileira quanto na adaptação e a identidade cultural destes jovens nesta sociedade. Primeiro compararemos os motivos prévios antes da vinda para o Brasil, dos dois grupos imigrantes de primeira geração argentinos, bolivianos e peruanos com imigrantes de segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos. Dentro deste tópico teremos a comparação dos motivos da imigração como a desvantagens que apresentava o país de origem e a vantagem que o Brasil oferecia para estes grupos de imigrantes. Porque ficaram mais tempo no Brasil, o que estão fazendo atualmente, trabalham ou estudam.

Compararemos a escolha de estratégia nos dois grupos imigrantes de primeira geração com a da segunda geração, na questão dos costumes e comida, as tradições culturais que gostam conservar, as atividades sociais, os costumes brasileiros que devem conservar e não se deve conservar, os costumes do país de origem que se deve e não se deve conservar, a escolha do grupo musical que mais gostam, se pertence ou não alguma associação? Alimento de que país mais conserva, gostam da comida brasileira ou do país de origem, sentem falta ou não de alimentos originários do seu país, nos jogos de futebol por quem torcem.

A preferência na linguagem, qual foi a primeira língua que aprendeu em casa, e atualmente que língua utiliza com a família e os amigos. E nas atividades diárias que estratégia utiliza na leitura, para assistir televisão, vídeo. De igual forma a preferência da amizade, viagens e lazer. E na vida cotidiana, amigos de que nacionalidade frequenta estes jovens dos dois grupos. Como considera a qualidade do amigo brasileiro e do país de origem. Qual é a

escolha para viajar dentro do Brasil ou o país de origem, assim como com quem mantém mais correspondência. E no namoro e casamento, qual é preferência dos jovens da pesquisa.

Compararemos as características do Brasil e do país de origem tanto positivo e negativo. A imigração que tipo de vantagens e desvantagens apresenta para estes jovens imigrantes. Adaptou-se ao Brasil? E se voltariam a seu país de origem depois de ter se inserido na sociedade brasileira.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DOS FATORES PRÉVIOS ANTES DA CHEGADA AO BRASIL DOS IMIGRANTES DE PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO DE ARGENTINOS, BOLIVIANOS E PERUANOS

Neste ponto analisaremos as semelhanças e diferenças dos fatores que antecederam à inserção ao Brasil dos jovens de primeira e segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos só compararemos os pontos que ambos os grupos respondem, já que existem questões que são propriamente para o imigrante que chegou ao Brasil e não para o imigrante da segunda geração nasceu aqui no Brasil.

São semelhantes os motivos da vinda para o Brasil os imigrantes da Argentina de primeira e da segunda geração que é por trabalho. Porém se diferenciam ao responder sobre as vantagens que Brasil apresenta, segundo os jovens argentinos de primeira geração as vantagens são o trabalho, estabilidade social e valores humanos como alegria e amizade, enquanto que para os jovens argentinos de segunda geração as vantagens do Brasil são os valores naturais como a geografia e por ser o país maior de América Latina, e também valorado pelo seu desenvolvimento econômico representado na Av. Paulista.

As respostas dos imigrantes bolivianos com respeito aos motivos pela qual vieram para o Brasil tanto do grupo da primeira e da segunda geração se parecem, o motivo foi que vieram em busca de trabalho. Da mesma forma coincidem ao dizer que a desvantagem

de continuar morando na Bolívia era a pobreza e o desemprego e escolheram o Brasil porque oferecia emprego.

Diferenciam-se estes dois grupos de imigrantes de primeira e de segunda geração de bolivianos com relação ao porque ficaram no Brasil, o grupo da primeira geração manifestam que ficaram por trabalho e os do grupo de segunda geração expressaram que ficaram porque casaram (como é a versão são dos filhos não sabemos se é verdade).

O motivo da vinda ao Brasil do grupo dos peruanos tanto da primeira como da segunda geração se parecem e foi o estudo. E escolheram Brasil porque apresentava estímulo e oportunidades de estudos que no Peru infelizmente não protege à educação, só estudam os que têm recurso econômico. Outro fator que também coincidem estes dois grupos de peruanos ao manifestar que ficaram no Brasil por motivo de trabalho ou porque casaram. Fazemos uma observação, o grupo de peruanos da primeira geração quase todos são casados com brasileiras.

Outra diferencia nas respostas dos argentinos, nos dois grupos de imigrantes argentinos de primeira e segunda geração é com relação a que se dedicam no momento da pesquisa, o grupo da primeira geração só trabalham não obstante o grupo da segunda geração quase a maioria estudam e não trabalham. Da mesma forma outra variação nas respostas é que os jovens da primeira geração de argentinos ficaram mais tempo no Brasil por questão de trabalho enquanto que os jovens da segunda geração expressaram que os pais ficaram neste país porque se casaram (essa resposta é da visão dos filhos e não dos próprios imigrantes).

Outra diferencia das respostas dos bolivianos é com relação a que se dedicam estes jovens, os do grupo de primeira geração de bolivianos trabalham e alguns nem acabaram o ensino médio, por outro lado, o grupo da segunda geração trabalha ou estudam, ou só trabalham, e estão fazendo curso Superior ou estão cursando Universidade.

A que se dedicam os jovens peruanos da primeira e da segunda geração se parecem porque estudam e trabalham ao mesmo tempo, sendo mais independentes. Só teve alguns casos dos filhos dos peruanos que são da segunda geração que ainda estão cursando o ensino médio, não obstante continuam estudando e trabalhando.

Concluimos este tópico dizendo que os imigrantes de primeira geração de argentinos vieram para trabalhar no Brasil e com o tempo, uma vez estabelecidos no país, costumam proteger aos filhos de segunda geração deixando-os só estudando e sem trabalhar. A diferença dos bolivianos e peruanos que costumam dar mais responsabilidades aos filhos, estudam e trabalham, ou pode ser porque os pais não têm recursos para dar faculdades aos filhos como no caso dos argentinos. E o motivo pelo que ficaram no Brasil os argentinos, bolivianos e peruanos foi o porque casaram ou porque conseguiram emprego.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA LINGUAGEM ENTRE OS JOVENS DE PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO

Neste ponto veremos as semelhanças e diferenças entre estes dois grupos de primeira e segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos, e o processo de mudança pelo que passa este instrumento fundamental da socialização durante o processo de aculturação. Consideramos importante saber que língua dá preferência estes imigrantes da primeira e da segunda geração, e outro fator é a primeira língua que aprenderam em casa, se estes dois fatores influem na decisão de escolher a língua para falar nas atividades diárias, como a língua que fala com os pais, com os amigos, em que língua assiste televisão, vídeo, e leitura. E se os imigrantes mostram transformações na preferência (pensar) e na escolha para se comunica com os outros.

Tanto os jovens da primeira quanto da segunda geração de argentinos consideram importante falar em espanhol e em português se *integrando* à sociedade brasileira nesta escolha. Diferenciam-se estes dois grupos na primeira língua que aprenderam em casa, o grupo da primeira geração aprendeu o espanhol, enquanto que o grupo da segunda geração, mormente aprendeu o português já que são filhos que vem de casamentos mistos, cujas

mães são brasileiras, porém este grupo quando chegam a juventude escolhem em falar nas duas línguas com a família se *integrando* nesta escolha, a diferença dos argentinos da primeira geração conservam falar em espanhol com os pais.

Estes dois grupos de primeira e segunda geração de argentinos, se parecem ao escolher falar nas duas línguas com os amigos brasileiros, percebendo que os filhos de argentinos valorizam a língua espanhola diante dos brasileiros e não apresentam problemas de ser identificados como imigrantes argentinos, eu diria até ao contrário preferem ser reconhecidos para desafiar ao brasileiro, o que não acontece com os grupos de bolivianos e peruanos, que veremos depois.

Os bolivianos tanto o grupo da primeira quanto da segunda geração se parecem ao dar importância as duas línguas o espanhol e o português, cuja estratégia é de *integração*. Se diferenciam com relação à primeira língua que aprenderam em casa, os do grupo da primeira geração aprenderam o espanhol cuja estratégia é de *separação*, diferenciando um jovem que como primeira língua aprendeu o “aymara”. Apontamos nesta questão que há uns anos atrás que na Bolívia se falava até três línguas, espanhol, aymara e quíchua, toda criança aprendia pelo menos duas línguas, hoje em dia esta situação está mudando, se está falando mais espanhol que as outras línguas nativas autóctones, segundo a versão dos bolivianos adultos que nos comentaram fora da pesquisa. Continuando com os dados temos que os do grupo da segunda geração apresentam variações nas respostas, quase a metade aprendeu o espanhol e quase a outra metade aprendeu o português como primeira língua.

Porém estes dois grupos de bolivianos se diferenciam ao escolher a língua para falar com a família, se por um lado os do grupo da primeira geração escolhem falar em espanhol com a família usando a estratégia de separação, se diferencia com os do grupo da segunda geração, que escolhem falar nas duas línguas, o espanhol e o português, usando a estratégia de integração. Observamos que o grupo da primeira geração de bolivianos se fecha ao continuar falando em espanhol com a família, poder ser que seja porque a família não esteja aqui no Brasil, e precisam falar em espanhol para poder ser entendidos, tomando em conta

que os mais velhos bolivianos falam mínimo duas línguas espanhol e aymara, já o português os confundiria. E por outro lado, vemos que o grupo da segunda geração, apesar de ter aprendido ou espanhol ou português como primeira língua, na juventude decidem por falar nas duas línguas com os pais.

A língua que falam com os amigos os bolivianos, estes dois grupos se diferenciam, os do grupo da primeira geração preferem falar tanto em português quanto em espanhol, se *integrando* nesta estratégia, ou talvez eles estão querendo dizer em portunhol, como essa não foi a pergunta não saberíamos precisar, não obstante o grupo da segunda geração prefere falar com os brasileiros em português, se *assimilando* na língua com os brasileiros, ou talvez querendo se esconder para não ser identificados como bolivianos.

Os peruanos tanto os da primeira como da segunda geração escolhem dar importância ao espanhol e ao português cuja estratégia é de *integração*. Se diferenciam ao mencionar que a primeira língua aprendida em casa o grupo da primeira geração foi o espanhol e só um jovem aprendeu o “quíchua”, por outro lado, o grupo da segunda geração aprendeu como primeira língua o português, porque a maioria das mães são brasileiras.

Pelo contrário, os peruanos se diferenciam ao escolher a língua para falar com a família, o grupo da primeira geração apresenta a preferência em falar com a família em português e em espanhol, usando a estratégia de *integração*, apesar que a família de muito deles se encontram no Peru, porém eles preferem falar nas duas línguas, aclaramos que não sabemos se eles estão querendo dizer que falam em portunhol (mistura de espanhol e português), de igual forma o grupo da segunda geração prefere falar com a família nas duas línguas o espanhol e o português, cuja estratégia é de *integração*.

As respostas dos dois grupos de peruanos de primeira e da segunda geração se parecem escolhendo falar em português com os amigos brasileiros, cuja estratégia utilizada é de *assimilação*. Observando que este grupo escolhe falar em português com os amigos para esconder sua verdadeira identidade de peruanos e que se os brasileiros descobrirem podem rejeitá-los até discriminá-los. Esta reação dos filhos de

peruanos se assemelha aos filhos dos bolivianos que também optam por passar despercebido diante dos brasileiros falando em português. Vimos que a língua passou por uma transformação própria do processo de aculturação, assim, por exemplo, os imigrantes peruanos da primeira geração, aprenderam o espanhol como primeira língua e escolhem falar nas duas línguas com a família e em português com os amigos brasileiros. A diferença dos filhos dos peruanos, aprenderam como primeira língua o português, escolhendo falar com a família nas duas línguas, porém com os amigos a língua do português se mantém.

Nas atividades diárias, os dois grupos de argentinos se parecem ao escolher assistir televisão e vídeo nas duas línguas espanhol e português cuja estratégia é de integração. Na leitura vemos o interesse muda neste grupo enquanto que para os jovens da primeira geração de argentinos dão importância ao português porque precisam aprendê-lo cuja estratégia utilizada é de assimilação, ao contrário os da segunda geração de argentinos dão preferência ao espanhol, preferindo ler nas duas línguas, (sendo que a primeira língua foi o português) se *integrando* nesta escolha.

Em que língua escolhem realizar atividades diárias estes jovens de primeira e da segunda geração de bolivianos. Tanto o grupo da primeira quanto da segunda geração escolhem se integrar na leitura e na televisão, lêem e assistem tanto em espanhol quanto em português. Porém quando se trata de assistir vídeo o grupo da primeira geração escolhe o espanhol se separando nesta decisão, enquanto que o grupo da segunda geração escolhe em português e espanhol, se *integrando* nesta escolha.

Os peruanos da primeira e da segunda geração se parecem ao utilizar a mesma estratégia de *integração* para as atividades diárias como leitura, televisão, vídeo. Estes jovens escolhem ler, assistir televisão e assistir vídeo nas duas línguas ou em espanhol ou em português. Percebemos que no vídeo os imigrantes peruanos podem escolher colocá-lo em espanhol, porém eles colocam em português porque tem a necessidade de dominar o português por causas dos estudos da faculdade o qual lhes exigem o domínio da língua portuguesa.

Observamos o desenvolvimento da identidade cultural dos jovens da primeira e da segunda geração de argentinos, e esta identidade se desenvolve através da socialização primária e secundária, na primária as crianças aprendem a língua que ensinam em casa porém na socialização secundária e o meio social brasileiro que influi na decisão dos jovens se integrarem à sociedade brasileira, decidindo por eles mesmos a preferência da língua para as atividades diárias nesta sociedade. Não existe diferença na forma de pensar e na forma de agir destes jovens argentinos quando se trata de escolher a língua.

Os bolivianos pelo contrário, apesar de ter aprendido espanhol ou português como primeira língua em casa e de escolher a importância de conhecer bem o espanhol e o português decidem falar com os amigos brasileiros em português, para não ser identificados como bolivianos, da mesma forma acontece com os peruanos, a diferencia dos jovens argentinos. Os três grupos da segunda geração se parecem tanto os argentinos, bolivianos e peruanos ao se integrar escolhendo falar nas duas línguas com a família chegando a juventude. A diferença do grupo da primeira geração de argentinos e bolivianos prefere falar em espanhol com a família, e os peruanos se afastam desta decisão preferindo falar nas duas línguas com a família. Neste item encontramos que os bolivianos e peruanos pensam e agem em forma diferente, dando importância as duas línguas, porém para evitar ser discriminados escolhem se assimilar.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NOS COSTUMES E COMIDAS ENTRE OS GRUPOS DE PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO

Neste ponto, compararemos estes dois grupos de primeira e segunda geração, no que se refere aos costumes que valoram mais, os brasileiros ou do país de origem. Esta valorização cultural observaremos quando os jovens nos manifestem a escolha na atividade diária como as tradições culturais, atividades sociais, grupos musicais, e também na forma de pensar, o que deve e não deve ser conservado da cultura do seu país de origem e a brasileira.

Ambos grupos de jovens de primeira e segunda geração de argentinos se parecem ao se integrar à sociedade brasileira gostam tanto a comida brasileira quanto da argentina, apesar de que as mães do grupo da segunda geração são brasileiras. No entanto quando se trata de jogos de futebol os dois grupos se diferenciam, assim temos que os jovens imigrantes de primeira geração de argentinos se separam ao escolher torcer por seu país de origem a Argentina, por outro lado o grupo da segunda geração de argentinos que nasceram no Brasil, escolhem por se assimilar ao torcer pelo país de origem afirmando de tal forma sua identidade brasileira, por mais que os pais argentinos obriguem aos filhos torcerem pelo país deles, a Argentina. Isto devido à rivalidade que sempre existiu entre estes dois países Argentina e o Brasil, primeiro foi pela hegemonia do continente sul-americano logo com a formação do Mercosul a briga entre os dois países amenizou, e só levanta quando Argentina e Brasil novamente entram em choque nos jogos de futebol.

Os bolivianos da primeira e da segunda geração se parecem, apresentando o grupo da primeira geração a tendência de se separar na escolha da comida mais boliviana que brasileira. Por outro lado, os bolivianos da segunda geração escolhem se separar mesmo, nesta escolha, preferem mais a comida boliviana que brasileira, como as mães destes jovens são bolivianas conservam mais a comida boliviana.

Nos jogos de futebol, se diferenciam os dois grupos da primeira e da segunda geração dos bolivianos, o grupo de primeira geração se separam escolhendo torcer por sua seleção boliviana quando enfrentam à seleção brasileira nos jogos de futebol. Não obstante o grupo da segunda geração dos bolivianos apresentam muita variação nas respostas, só que os homens filhos de bolivianos se mantêm separados nesta escolha, preferem torcer pela Bolívia nos jogos, por outro lado, são as mulheres filhas de bolivianos que se distanciam desta resposta, preferindo torcer ou por Brasil ou por qualquer das duas seleções. Ressaltando que os homens tanto da primeira e da segunda geração de bolivianos se separam.

Na comida os peruanos tanto da primeira como da segunda geração se diferenciam, os peruanos da primeira geração se assimilam preferindo a culinária brasileira, não só

porque gostem senão também por não terem outra opção, em São Paulo não existe restaurantes peruanos formais. Enquanto que os peruanos de segunda geração escolhem se *integrar* nesta escolha, preferindo a culinária brasileira e a peruana, porém fazemos uma observação, as mães destes jovens são na maioria brasileiras, porém gostam da comida peruana e sentem falta porque são os pais peruanos que fizeram o paladar dos filhos.

Os peruanos nos jogos de futebol se diferenciam nos dois grupos de primeira e da segunda geração. O grupo da primeira geração de peruanos se separa nesta escolha, preferem torcer por sua seleção peruana, a diferença dos filhos dos peruanos que se divide a decisão, a metade se separa, e estes são homens e a metade que se assimilam são mulheres escolhendo pela seleção brasileira. Novamente neste item são os imigrantes da primeira geração que se separam, porém os da segunda só se separam os homens e não as mulheres, igual que do grupo dos bolivianos.

Da mesma forma se parecem os dois grupos de primeira e segunda geração de argentinos no que se refere aos costumes como as tradições culturais, atividades sociais e grupos musicais se parecem ao se *integrar*, valoram os costumes de argentina e do Brasil. Estes dois grupos de jovens se parecem também ao não participar de nenhuma associação, os argentinos não têm uma instituição que os represente em São Paulo, encontramos que eles têm um clube argentino que foi difícil entrar em contato porque sempre mudaram de telefone, me contaram que neste clube se reúnem os argentinos todas as semanas.

Nas atividades diárias culturais se diferenciam estes dois grupos de primeira e da segunda geração de bolivianos na questão das tradições culturais, o grupo da primeira geração preferem se separar nesta escolha, valorando mais suas festas e costumes patronais e culturais em São Paulo, por outro lado o grupo da Segunda geração se integram nessa escolha preferem dar valor as duas culturas a boliviana e a brasileira. Tendo em conta que muitos destes jovens filhos de bolivianos participam de danças bolivianas em associações folclóricas e são os próprioa pais bolivianos que os levam. Na questão das atividades sociais, grupos musicais os dois grupos se integram, dando importância as duas culturas brasileiras e bolivianas.

Os peruanos nas atividades diárias de tradições culturais, atividades sociais e grupos musicais, tanto o grupo da primeira geração quanto do grupo da segunda geração se integram, escolhendo tanto a cultura e a música brasileira quanto da cultura e música peruana.

Entre os dois grupos de primeira e segunda geração de argentinos se diferenciam ao falar sobre os costumes argentinos que se devem conservar, dessa forma o grupo da primeira geração manifestam que se deve conservar a reunião familiar e o respeito, enquanto que os do grupo de segunda geração expressam a música (o consideramos apesar de que só um jovem responde nesta pergunta), e coincidem ao considerar como costume argentino que não se deve conservar são a pedantaria, falsidade e arrogância. Os próprios argentinos se incomodam da identidade com o qual se apresentam aos outros, como pedantes e arrogantes o que os deixa afastados e solitários.

Nos costumes bolivianos que se devem conservar se parecem os dois grupos de primeira e de segunda geração, valorizando as festas, folclore e as danças bolivianas, acrescentando também o grupo da primeira geração o costume que se deve conservar da Bolívia é a educação conservadora. E o que não se deve conservar da Bolívia os dois grupos se parecem novamente colocando como negativo a bebida. Acrescentando o grupo da primeira geração o costume negativo que não se deve conservar é as festas, sendo contraditório a escolha, as festas é positivo e ao mesmo tempo negativo, é bom porque nas festas os bolivianos se reencontram e compartilham seus costumes e é ruim porque estimula a beber.

As respostas dos costumes peruanos que se devem conservar para os grupo de primeira e da segunda geração se parecem, são a família e as festas. As respostas se diferenciam quando se trata dos costumes peruanos que não se devem conservar, o grupo dos peruanos da primeira geração manifesta que é a delinquência, enquanto que os peruanos da segunda geração expressam que não tem nada negativo. O problema do Peru produto da migração interna é a delinquência, e como a cidade de Lima é muito pequena a

comparação de São Paulo, fica muito notório esta problemática, deixando aos peruanos desconfiados para andar com liberdade na cidade de Lima.

Os costumes brasileiros estes dois grupo de primeira e segunda geração de argentinos se parecem, o que se devem conservar é o acolhimento dos brasileiros e pelo contrário o que não se deve conservar dos costumes brasileiro é a falta de garra que as vezes se interpreta como preguiça. Um jovem argentino nos manifestou fora da pesquisa que não gostavam dos brasileiros por ser muito passivos e não reclamam seus direitos como o fazem os jovens argentinos.

Os costumes brasileiros que se devem conservar os dois grupos de bolivianos se diferenciam, o grupo da primeira geração manifestam os bons costumes brasileiros é a higiene e as festas, enquanto que o grupo da segunda geração manifestam que é a comida brasileira. Aclaramos que os imigrantes bolivianos se impressionam da higiene dos brasileiros, já que eles não tem costume de tomar banho diariamente e com o tempo acabam aprendendo e se aculturando, e os filhos dos bolivianos poderíamos dizer que crescem com novos hábitos a comparação dos jovens bolivianos que imigraram.

As respostas dos costumes brasileiros que se deve conservar para o grupo dos peruanos da primeira e da segunda geração, se parecem ao marcar a alegria dos brasileiros. E o grupo dos peruanos da primeira geração acrescenta os costumes bons de conservar é a carnaval e comida, enquanto que os filhos dos peruanos mencionam a amizade. Para estes jovens não conta o carnaval porque eles cresceram com esse costume a diferença dos imigrantes que se impressionam com esta festa.

E os costumes brasileiros que não se devem conservar os dois grupos da primeira e da segunda geração dos bolivianos se parecem que é a violência e agressividade dos brasileiros. O grupo da primeira geração aclara a agressividades dos brasileiros com relação à discriminação.

Outra parte negativa do Brasil é a questão do preconceito, os dois grupos de imigrantes argentinos tanto da primeira quanto da segunda geração se diferenciam, o grupo da primeira geração não falam que não existe preconceito no Brasil e os da segunda geração dizem que sim existe. Se parecem os dois grupos ao comentar que não foram discriminados pelos brasileiros. Diferenciam-se o grupo da primeira geração ao responder que os brasileiros são preconceituosos por ignorantes, enquanto o grupo da segunda geração menciona que são preconceituosos porque os brasileiros não sabem lidar com a diferença. E que são os adultos brasileiros os mais preconceituosos que os jovens para ambos os grupos de primeira e segunda geração.

No que se refere ao preconceito os dois grupos de bolivianos se parecem, porque nos mencionam que sim existe preconceito no Brasil, e sobretudo que estes grupos da primeira e da segunda geração foram discriminados pelos brasileiros. Diferenciam-se estes dois grupos ao explicar porque os brasileiros os discriminam, o grupo da primeira geração manifesta que é por ser indígenas e porque há muito bolivianos no Brasil, enquanto o grupo da segunda geração fala que é por falta de educação e não sabem se comportar. E que são os adultos brasileiros que discriminam mais que os jovens brasileiros.

As respostas com relação aos costumes brasileiros que não se devem conservar para os jovens peruanos da primeira e da segunda geração se diferenciam, para o grupo dos peruanos da primeira geração é a liberdade dos brasileiros e para o grupo da segunda geração de peruanos, é a aparência e o consumismo.

Com respeito ao preconceito os jovens peruanos da primeira e da segunda geração se diferenciam nas respostas, o grupo da primeira geração manifesta que não existe preconceito no Brasil e o grupo da segunda geração expressa que sim existe. Ambos os grupos de peruanos responderam que não foram discriminados pelos brasileiros, da mesma forma coincidem ao falar que existe preconceito no Brasil por ignorância, e o grupo da primeira geração acrescentam que é por ser latino-americanos. Ambos os grupos também se parecem ao responder que os adultos são os mais preconceituosos.

Encontramos que na atividade diária os jovens dos dois grupos se integram a exceto nos jogos de futebol, no qual novamente aparece a rivalidade entre estes dois países. Ressaltamos que o negativo dos argentinos é a pedantaria segundo os jovens, e pelo que diríamos inclusive que são mais os argentinos que atacam aos brasileiros pelo pedante que eles são e que ao mesmo tempo os incomoda, e são afastados e solitários. Os costumes brasileiros que se deve conservar como positivo apontam os jovens que é o acolhimento, que logo veremos que os jovens bolivianos e peruanos concordaram.

Os bolivianos se integram em algumas atividades diárias e em outra não, por exemplo, nos jogos, na comida e nas tradições culturais, porque este grupo é mais fechado nos seus costumes e tem espaço para comemorar suas festas tradicionais a comparação dos argentinos e peruanos. E este grupo nos manifestaram tanto da primeira como na segunda geração sofreram discriminação por parte dos brasileiros.

O grupo dos bolivianos tanto da primeira e da segunda geração manifestam que no Brasil existe preconceito. O grupo da primeira geração expressara que sim foram discriminados pelos brasileiros e pensam que seja porque são indígenas e há muitos bolivianos no Brasil. O grupo da segunda geração diz que não foram discriminados, porém os brasileiros são preconceituosos por falta de educação, e não sabem se comportar. Tanto para os da primeira quanto da Segunda geração mencionam que são mais preconceituosos os adultos brasileiros.

O grupo dos bolivianos é o mais prejudicado na questão do preconceito, muito deles foram discriminados por ser indígenas, até chamados de porcos por não terem costume de tomar banho. Este grupo já chega com medo de ser rejeitados pelos brasileiros pela sua etnia indígena, e a tendência é de se fecharem nos grupos deles, sem manter muita relação com os brasileiros, apesar de considerarem aos brasileiros de alegres.

De igual forma, os peruanos se integram em várias atividades culturais diárias e em outra não, como nos jogos de futebol que preferem se separa, e na comida que preferem se assimilar. Manifestam que não foram discriminados porém aceitam que existe preconceito

no Brasil, como uma jovem filha de peruanos nos manifestou que foi discriminada não por ser filha de peruanos senão por ser negra. E ao mesmo tempo, estes jovens evitam ser reconhecidos pelos brasileiros como peruanos falando o português, como uma forma de se proteger de ser discriminados, talvez seja uma estratégia em que se protegem de ser rejeitados pelos brasileiros.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS JOVENS DA PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO NA AMIZADE, VIAGENS E LAZER

Neste tópico compararemos os dois grupos de primeira e de segunda geração dos argentinos, bolivianos e peruanos com relação à preferência da amizade dos jovens e na prática freqüentam amigos de que nacionalidade. Da mesma forma analisaremos a comparação de viagens e de lazer destes jovens argentinos.

Os dois grupos da primeira e da segunda geração de argentinos se parecem valorizando tanto aos amigos brasileiros quanto aos amigos argentinos, se integrando à sociedade brasileira. Porém na prática os dois grupos se assimilam se relacionando mais com os brasileiros que os contrerriâneos, como já tínhamos comentado isto se deve a falta de possuir uma referência cultural argentina em São Paulo, porque é o grupo que canaliza as necessidades pessoais quanto os interesses coletivos, neste caso a cultura. O que este grupo tem que de alguma forma conserva a cultura argentina são os restaurante “parrillada argentina”, onde se reúnem quando comemoram aniversário da independência da Argentina ou quando há Copa Mundial de jogos de futebol.

Os jovens bolivianos tanto da primeira e da segunda geração se parecem ao se *integrar* preferindo amigos tanto bolivianos quanto brasileiros. Não obstante na prática o grupo da primeira geração de bolivianos escolhe se relacionar mais com os bolivianos, a escolha da estratégia é de *separação*, a diferença do grupo da segunda geração que escolhem se relacionar tanto com bolivianos e com brasileiros, cuja estratégia é de *integração*.

Os peruanos tanto o grupo da primeira como da segunda geração, dão importância às amizades brasileiras e peruanas, cuja estratégia é de *integração*. Não obstante na prática estes dois grupos de jovens se relacionam mais com os brasileiros que com conterrâneos, a estratégia utilizada é de *assimilação*. Tanto o grupo da primeira e da segunda geração de peruanos qualifica aos amigos brasileiros como alegres, brincalhões e solidários. E se diferenciam quando qualifica ao amigo peruano, o grupo da primeira geração caracteriza ao amigo conterrâneo como sinceros e o grupo da segunda geração mencionam que são companheiros, alegres e respeitosos. E nas viagens e correspondências ambos os grupos de peruanos da primeira e da segunda geração se integram escolhendo viajar dentro do Brasil e no Peru, e mantém correspondências com peruanos e brasileiros. E atividades de final de semana de ambos os grupos são os passeios.

Os dois grupos de argentinos se parecem ao definir ao amigo argentino como carinhoso, no entanto se diferenciam ao qualificar ao amigo brasileiros como os jovens da primeira geração como alegres, solidário e acolhedores, por outro lado os jovens da segunda geração os definem como sinceros, fiéis e fraternos. Outro fator que os dois grupos se parecem são nas viagens, escolhem viajar tanto no Brasil quanto na Argentina, de igual forma os dois grupos de primeira e segunda geração mantém correspondência com amigos brasileiros e argentinos. E as atividades de final de semana são passeios e espetáculos.

Os bolivianos tanto do grupo da primeira geração e da segunda geração se parecem ao qualificar de carinhosos e amigáveis aos amigos brasileiros. No entanto quando se trata dos amigos bolivianos estes dois grupos se diferenciam, o grupo da primeira geração qualifica ao boliviano que é bom se relacionar com eles, porque falam a mesma língua, e porque tem os mesmos costumes. Enquanto que o grupo da segunda geração caracteriza aos bolivianos como amigos, alegres e respeitosos.

Outro fator que também estes dois grupos de bolivianos se diferenciam é referente à correspondência e a viagens, o grupo da primeira geração mantém contato mais com amigos da Bolívia, e escolhem viajar só para o país de origem que o Brasil, escolhendo a

estratégia de *separação*, ao contrário do grupo da segunda geração de bolivianos, que mantém mais contato com amigos brasileiros e bolivianos e escolhem viajar tanto no Brasil e quanto na Bolívia. Como os imigrantes bolivianos da primeira geração, não se relacionam muito com os brasileiros, conservam as amizades bolivianas que deixaram na Bolívia através da correspondência, e por outro lado, como eles não têm dinheiro para viajar à Bolívia e se tivessem oportunidade escolheriam ir para lá, e não viajar dentro do Brasil. E as atividades de final de semana os dois grupos dos jovens bolivianos manifestam que gostam de passear.

Encontramos diferencia no pensar e no agir dos argentinos, dos bolivianos e dos peruanos com relação à amizade, os argentinos e os peruanos preferem ter amizade tanto com conterrâneos quanto com brasileiros cuja estratégia é de *integração* porém na prática freqüentam mais amigos brasileiros, mudando para a estratégia de *assimilação*. Caso semelhante acontece com os bolivianos, preferem amizade tanto boliviana quanto brasileira, estratégia de *integração*, e na prática escolhe mais se relacionar com bolivianos, cuja estratégia é de *separação*.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NO NAMORO E NO CASAMENTO ENTRE OS GRUPOS DE PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO

Neste ponto compararemos as escolhas para namorar ou casar entre os jovens dos dois grupos de primeira e da segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos, a preferência de escolher conterrânea ou brasileira para namorar e se esta escolha muda ao formalizar o compromisso com o casamento.

Os dois grupos de argentinos de primeira e segunda geração se parecem ao escolher namorar tanto com brasileira ou com argentina cuja estratégia é de *integração*, de igual forma esta escolha se parece na hora de formalizar com o casamento, apresentam uma estratégia de *integração*, preferem casar tanto com argentina ou com brasileira.

No namoro e no casamento os grupos da primeira e da segunda geração de bolivianos se diferenciam nessa escolha, assim temos que o grupo da primeira geração de bolivianos prefere tanto namorar como casar com seus conterrâneos, enquanto que o grupo de jovens da segunda geração, já optam por namorar ou casar tanto com brasileiras ou com conterrâneas. Percebemos que o relacionamento de amigos destes jovens podem estar influenciando na escolha de namoro e do casamento dos bolivianos. O grupo de bolivianos da primeira geração se relaciona mais com bolivianos e escolhem namorar e casar com suas conterrâneas, a estratégia se mantém de *separação*. Esta escolha também o percebemos que os pais dos jovens da segunda geração, sete casais são de casamento puro, e alguns desses imigrantes casaram inclusive aqui no Brasil com suas próprias conterrâneas, a diferença de outros grupos de imigrantes argentinos e peruanos. Enquanto que o grupo da segunda geração, se relaciona tanto com brasileiros e conterrâneos, estratégia é de *integração* e esta estratégia se mantém ao preferir namorar e casar também com brasileiras ou com conterrâneas.

Os peruanos do grupo da primeira e da segunda geração se integram tanto na escolha de namorar quanto a escolha de maior formalidade como o casamento. Apesar que estes grupos de peruanos se relacionam mais com brasileiros, na hora de namorar ou casar escolhem com qualquer parceira dos dois países, brasileira ou peruana. Concluimos que a amizade não influi na decisão de namorar ou de casar.

A escolha dos grupos de argentinos e de peruanos de se integrar tanto no namoro quanto no casamento não foi influenciada pelas amizades, porque ambos os grupos se relacionam mais com brasileiros que com conterrâneos, e para namorar e casar escolhem se integrar, já seja por argentina ou por brasileira. A diferença dos bolivianos que as amizades sim influem na decisão de namorar e de casar.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS JOVENS DE PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO DE COMO CARACTERIZAM O BRASIL

Neste subcapítulo compararemos em que se parecem e se diferenciam nas respostas dos jovens argentinos, bolivianos e peruanos em relação ao que consideram como positivo ou negativo do Brasil para estes dois grupos de primeira e segunda geração de imigrantes.

Os dois grupos de argentinos da primeira e da segunda geração se parecem ao considerar como positivo do Brasil a alegria e o acolhimento dos brasileiros, a diferença que encontramos é que os imigrantes da primeira geração consideram também como positivo do Brasil a liberdade sexual e as mulheres brasileiras (que o desejo de um jovem onde sua cultura é mais conservadora como da Argentina) enquanto que o grupo da segunda geração não mencionam esta questão porque não conhecem outra realidade que do Brasil. A cultura argentina é mais conservadora e tradicionalista, como um argentino fora da pesquisa nos mencionou que para namorar uma argentina precisa galanteiá-la até que aceite a sair a diferença da brasileira, elas mesmas se oferecem sem precisar de galanteio.

As respostas dos bolivianos dos dois grupos da primeira e da segunda geração, se parecem ao mencionar que o positivo do Brasil é a alegria. E se diferencia ao o grupo da primeira geração dos bolivianos ao falar como positivo do Brasil o emprego, higiene e o futebol, enquanto que os jovens de bolivianos da segunda geração se referem como positivo do Brasil, a educação, amizade, cultura, praias e dança. Nestas respostas vemos a influencia da experiência, os imigrantes da primeira geração de bolivianos valoram mais o emprego e higiene, a diferença que para o grupo da segunda geração, isto não os impressiona, porque eles vivem aqui no Brasil, e valoram mais a educação, praias, danças.

As respostas se parecem para os peruanos tanto para o grupo de primeira e da segunda geração, qualificam como positivo do Brasil porque são acolhedores, alegres e solidários. E o negativo de Brasil para estes dois grupos de jovens é a violência, pobreza e corrupção política.

Outra questão que os dois grupos de argentinos de primeira e segunda geração se parecem é quando se refere a corrupção política como negativo do Brasil. Lembrando que na época da pesquisa tinha se levantado o problema da corrupção política do mensalão.

Diferenciam-se estes dois grupos quando na primeira geração mencionam que além da corrupção política o negativo do Brasil é a pobreza, enquanto que os jovens da segunda geração acrescentam à violência.

Os dois grupos de bolivianos da primeira e da segunda geração se parecem ao caracterizar como negativo do Brasil a violência, desemprego, pobreza, delinquência. Apontamos que apesar de que os bolivianos da primeira geração marquem em outros momentos como vantagem do Brasil é o emprego, aqui eles se contrariam ao mencionar que o negativo do Brasil é o desemprego. Que apesar de se encontrarem trabalhando em costura no Brasil, não é a expectativa de vida que esperavam, eles são explorados e escravizados até pelos próprios bolivianos, entrando num círculo vicioso de não poder sair (mandam dinheiro para a família que ficaram na Bolívia, e não podem deixar o trabalho escravizado, porque é o único que tem).

Para encerrar este subcapítulo, observamos que o estereotipo da mulher brasileira de serem “fáceis”, e “liberais”, foi comprovado na pesquisa pelas respostas dos jovens imigrantes argentinos. A experiência determina o modo de pensar do jovem em si, assim temos que como o jovem argentino de segunda geração mora no Brasil, no país onde existe mais liberdade para os jovens a diferencia do argentino da primeira geração que morava na Argentina, país mais conservador e tradicionalista, quando chegam ao Brasil se impressionam de ver a soltura da brasileira, tem mais liberdade de horário de sair, liberdade de morar com namorado sem casar, liberdade de paquerar ao jovens, e não esperar ser galanteada por eles, liberdade de se separar do marido sem maiores problemas sociais, de trocar de namorado, etc. o que não se vê com as jovens dos países pesquisados, onde existe ainda tradições conservadoras e fechadas para as mulheres.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DA PRIMEIRA E DA SEGUNDA GERAÇÃO DE COMO CARACTERIZAM SEU PAÍS DE ORIGEM

Neste subcapítulo compararemos as respostas dos jovens imigrantes da primeira e da segunda geração com respeito as considerações positivas e negativas de seu país de origem da Argentina, da Bolívia e do Peru.

Nesta questão também observamos a diferencia de respostas entre estes dois grupos de jovens argentinos de primeira e de segunda geração que vai ser mediado pela experiência de vida de cada grupo. Para os jovens da primeira geração de argentinos o positivo da Argentina é a educação, conservador e a amizade, enquanto que para os imigrantes de segunda geração o positivo da Argentina é por ser bonita e pela diversidade cultural.

Os grupos da primeira e da segunda geração de bolivianos se parecem ao dizer que o positivo da Bolívia é a música, porém se diferenciam ao acrescentar o grupo da primeira geração a geografia, natureza, paisagem, e a educação como positivo da Bolívia, e o grupo da segunda geração acrescenta como positivo a comida, festa, amizade. Observamos que os filhos dos imigrantes bolivianos valorizam mais as festas bolivianas que os próprios bolivianos, porque eles estão acostumados a essas festividades, a diferença dos jovens da segunda geração.

Para qualificar a característica positiva do Peru, vemos que os dois grupos se diferenciam nas respostas, para o grupo da primeira geração, o positivo do Peru são a culinária, valores religiosos, tradicionais, música e acolhida. Não obstante para o grupo da segunda geração, o positivo do Peru é a história, cultura, misticismo e a culinária. Notando que os jovens filhos de peruanos valorizam mais a história do Peru e o misticismo como é conhecido aqui no Brasil pelos brasileiros, enquanto que os imigrantes apontam os valores religiosos e tradicionais porque a comunidade peruana não tem instituições que a represente como a boliviana, no qual se comemorem as festas religiosas.

Quando se refere ao negativo da Argentina, os dois grupos concordam, a arrogância e a falsidade argentina, essa personagem com o qual eles se identificam diante de outro, e

pelo qual são afastados, e reconhecem como negativo esse orgulho falso de sentir-se europeizado sendo americanos.

Os dois grupos de bolivianos da primeira e da segunda geração coincidem ao qualificar como negativo da Bolívia, a pobreza, desemprego e a bebida que ocasiona a violência dos bolivianos. Com relação à bebida mencionam homens, mulheres e filhos dos bolivianos, eles são cientes da problemática da bebida, e o que isto traz como a violência entre eles mesmos.

Em relação ao negativo do Peru, tanto o grupo da primeira quanto da segunda geração de peruanos marcam que é a pobreza. E o grupo da segunda geração acrescenta que é a desigualdade e a sujeira, este último problema devido a migração interna do Peru, onde os migrantes não tem noção de limpeza.

Novamente neste ponto observamos que a experiência determina a forma de pensar dos jovens imigrantes, os que estão em desvantagens de saber o positivo ou negativo da Argentina são os filhos de argentinos, porque eles visitam a Argentina mas não moram lá, enquanto que os imigrantes argentinos que moram no Brasil apresentam maior abrangências para qualificar à Argentina, moraram lá e agora moram no Brasil. O que se diferenciam do grupo dos bolivianos, estes jovens conhecem mais a realidade boliviana, porque de certa forma o convivem aqui no Brasil, através das festas, reuniões que este grupo tem, ou porque gostam viajar à Bolívia para as festas. Da mesma forma acontece com os filhos de peruanos como não viveram no Peru valorizam sua história e o misticismo enquanto que os próprios imigrantes peruanos não vêem a diferença.

VANTAGENS E DESVANTAGENS DA IMIGRAÇÃO E SE VOLTARIAM AO SEU PAÍS DE ORIGEM ENTRE OS DOIS GRUPOS DE PRIMEIRA E DE SEGUNDA GERAÇÃO

Neste subcapítulo compararemos as vantagens e as desvantagens que têm a imigração para estes dois grupos de primeira e da segunda geração dos imigrantes

argentinos, bolivianos e peruanos. Da mesma forma compararemos a vantagem de morar na Argentina, na Bolívia e no Peru e a desvantagem que apresenta o Brasil para estes imigrantes, e por último se voltariam ou não a seu país de origem.

Os dois grupos de imigrantes argentinos de primeira e de segunda geração se diferenciam quando se refere à vantagem da imigração, para o grupo da primeira geração manifestam que não tem vantagem a imigração e para o outro grupo da segunda geração a vantagem da imigração é a questão econômica. Para o grupo da primeira geração não existe vantagem, pelo sofrimento que passam por ser desenraizados de seu país de origem, perdendo a família, língua, cultura, amigos, etc.

Os dois grupos dos bolivianos tanto da primeira como da segunda geração concordam ao dizer que a vantagem da imigração é o econômico, já que os bolivianos vêm para o Brasil em busca de emprego, porque este país lhes oferece trabalho além de serem escravizados e explorados tem para sobreviver aqui e a família que fica na Bolívia.

Os dois grupos dos peruanos da primeira e da segunda geração se parecem ao responder que a vantagem da imigração é o fato de conhecer outra cultura, e o grupo da segunda geração acrescenta que além de conhecer outra cultura também é a vantagem econômica.

Se parecem os dois grupos de imigrantes argentinos quando se refere a desvantagem da imigração, para ambos grupos a desvantagem é a perda da família, se rompe a relação familiar, e os filhos dos imigrantes também sentem essa falta, sobretudo quando conhecem a família que moram na Argentina e o aceitam como parte deles, e ao voltar ao Brasil sentem falta dessa parte da família.

Os bolivianos se diferenciam quando se trata das desvantagens da imigração, o grupo da primeira geração manifesta que as desvantagens são a família, perda de raízes e a adaptação ao Brasil, por outro lado, o grupo da segunda geração expressa que a desvantagem é aceitação dos brasileiros à comunidade boliviana. Percebemos que para os

imigrantes de primeira geração boliviana é mais marcante a perda da família e raízes, que a aceitação dos brasileiros que nem sequer o mencionam, porém os filhos de bolivianos observam esta rejeição em relação aos pais e o mencionam.

E para os peruanos a desvantagem da imigração tanto para o grupo da primeira quanto do grupo da segunda geração coincidem ao responder que foi a aceitação por parte dos brasileiros aos peruanos e a adaptação dos peruanos a esta nova sociedade brasileira, acrescentando o grupo da primeira geração que a desvantagem também é a família e a perda da cultura.

A vantagem que apresenta morar na Argentina para estes jovens de primeira e de segunda geração novamente é a família. Para o grupo da primeira geração, além da família é a língua e amigos. E a desvantagem que apresenta morar no Brasil para o grupo da primeira geração é a instabilidade política brasileira e para o grupo da segunda geração é a violência e a insegurança que causa este violência.

A vantagem de morar na Bolívia os dois grupos de primeira e de segunda geração coincidem ao responder que a vantagem de morar lá é a família e a cultura. De igual forma, os dois grupos se parecem ao responder que a desvantagem de morar aqui no Brasil é a violência e a delinquência.

A vantagem de morar no Peru os dois grupos tanto da primeira quanto da segunda geração se parecem ao considerar que é a família e a comida peruana como vantagens de morar no Peru. Acrescentando ainda o grupo da segunda geração que a vantagem do Peru é a história peruana, isto se deve a que os brasileiros admiram a história do Peru, e os jovens da segunda geração resgatam este fato. E a desvantagem de morar no Brasil tem diferença nos dois grupos de peruanos, no grupo da primeira geração manifestam que a desvantagem de morar no Brasil é a perda da família, a perda da comida, cultura e costumes, por outro lado, o grupo da segunda geração expressa que a desvantagem do Brasil é a violência e a desigualdade social. Vemos as respostas do grupo da primeira geração de peruanos tanto

da vantagem de morar no Peru quanto a desvantagem de morar no Brasil é a perda da família, costume, cultura e comida.

Voltaria ou não para Argentina, os dois grupos de jovens imigrantes de primeira e segunda geração respondem a maioria que sim voltariam, sabendo que o grupo da segunda geração nasceram aqui em Brasil, porém como diria outro jovem imigrante, o coração fica dividido, aprendemos a viver com duas culturas, segundo Llajaruna, 2001.

Voltariam ou não para Bolívia, os dois grupos da primeira e da Segunda geração se parecem ao dizer que sim voltariam, apesar que os filhos dos imigrantes nasceram e viveram aqui no Brasil, da mesma forma os imigrantes bolivianos se adaptaram e se integraram na sociedade brasileira, porém se tiveram que escolher voltariam a seu país de origem, onde se encontram a família e sua cultura, que a imigração não tem como substituí-la.

Voltariam ou não para Peru, os dois grupos da primeira e da segunda geração se diferenciam, porque o grupo da segunda geração manifestam a metade que sim e a outra metade que não iriam para morar no Peru, e o grupo da primeira geração, manifesta que voltariam a Peru.

Apontamos que apesar de que estes jovens dos dois grupos de primeira e segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos se integrarem na cultura brasileira, ao final escolhem por querer voltar para o país de origem, isto se deve por causa da família que é um laço consangüíneo e emocional muito forte que todo ser humano se forma a partir dela.

CONCLUSÃO

Concluimos este capítulo percebendo as realidades de cada país que foram pesquisados, da Argentina, Bolívia e Peru, além disso, comprovamos muitas das respostas dos jovens pesquisados com a literatura que existe sobre estes países aqui no Brasil.

Conhecemos ainda neste percurso da pesquisa como vivem cada comunidade latino-americana de imigrantes em São Paulo e como recebem os brasileiros a estes imigrantes, e sobretudo quais são os estereótipos de cada país para os brasileiros.

Tanto os bolivianos e os argentinos vieram ao Brasil por trabalho, enquanto que os peruanos vieram para estudar a este país. Ficaram neste país já seja por trabalho ou porque se casaram. Os motivos dos argentinos foram a instabilidade política da época da pesquisa que era a pesificação da economia argentina, que trouxe instabilidade econômica, a diferença dos peruanos que vieram por estudos e os bolivianos por causa dos desemprego da Bolívia.

Na linguagem percebemos que apresenta mudanças, tanto no pensar quanto na forma de agir dos jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos. Da mesma forma encontramos mudanças da primeira língua que aprendera em casa e logo a língua que decidem usar nas atividades diárias no seu cotidiano na sociedade brasileira.

De tal forma que os argentinos, bolivianos e peruanos da primeira geração aprenderam como primeira língua o espanhol. Porém os peruanos quando chegam a juventude decidem falar nas duas línguas com a família, sofrendo mudanças de aculturação da língua e ao mesmo tempo esta escolha concorda com a preferência de se integrar na língua. Por outro lado, os argentinos e bolivianos quando chegam a juventude conservam a língua de espanhol para falar com a família, não obstante esta decisão não concorda com a importância que dão as duas línguas.

O grupo da segunda geração também sofre mudanças, quase todos os argentinos, bolivianos e peruanos aprendem o português como primeira língua, e quando chegam a juventude decidem falar nas duas línguas com a família, concordando esta escolha com a importância que dão tanto ao espanhol quanto ao português.

A linguagem sofre modificação no que se refere aos amigos, tanto da primeira geração quanto da segunda geração de imigrantes argentinos e bolivianos, a escolha de

falar nas duas línguas com os brasileiros concordam com a importância que dão as duas línguas. Porém existe diferença com os peruanos de primeira e segunda geração e bolivianos da segunda geração, que escolhem falar em português com os brasileiros, que é para se esconder de ser identificados pelos brasileiros e ser rejeitados até discriminados por eles.

Estes imigrantes usam a fachada da língua para passarem despercebidos, usando como estratégia de não ser discriminados pelos brasileiros, vendo inclusive que dão importância as duas línguas e na hora de se identificar com os brasileiros falam em português. Salientamos ainda que o grupo da primeira geração de peruanos que como estão cursando universidade tem a necessidade de aprender e dominar o português pelo que eles decidam mais falar em português que em espanhol, mais por treinamento que por se esconder através da língua como os grupos de segunda geração de peruanos e bolivianos.

Na comida os argentinos das duas gerações se integram valorando a comida brasileira e a comida argentina, enquanto que os bolivianos das duas gerações se separam preferindo só a comida boliviana, e os peruanos apresentam diferença nos dois grupos, da primeira geração prefere se assimilar na comida e da segunda geração se integra nesta escolha. Por outro lado vimos que nos jogos os três grupos da primeira geração da Argentina, Bolívia e Peru se separam, porém na segunda geração dos argentinos se assimilam torcem pelo Brasil, os bolivianos e peruanos homens da segunda geração se separam preferindo torcer pelo país de origem e as mulheres que se diferenciam preferindo pelo Brasil nesta escolha. Como o jogo de futebol é um jogo de preferência masculina que feminina, os imigrantes se separam e os filhos de argentinos para contrariar aos pais ou talvez é no jogo que se identificam mais como brasileiros que argentinos.

Quando se trata de costumes do país de origem que se devem conservar os peruanos e os bolivianos da primeira e da segunda geração nos manifestam que é a festa o costume que se deve conservar. Os argentinos da primeira geração nos expressam que é a reunião familiar o costume que se deve conservar. E dos brasileiros os costumes que se deve conservar segundo os argentinos e os peruanos de primeira e da segunda geração são o

acolhimento e a alegria dos brasileiros. E os bolivianos da primeira e da segunda geração expressam que são a higiene, festas e a comida, costumes brasileiros que se devem conservar. Este grupo ressalta o hábito de higiene dos brasileiros é um bom costume, por outro lado este grupo apresenta esta falta de hábito pelo qual são discriminados pelos brasileiros.

Enquanto que os costumes os argentinos que não se devem conservar o grupo da primeira quanto da segunda geração manifestaram que é a pedantaria e a arrogância dos argentinos. Para os bolivianos da primeira e da segunda geração falaram que são a bebida e as festas bolivianas costumes que não se devem conservar. E para os peruanos da primeira geração expressaram que é a delinquência peruana, costume que não se deve conservar, produto da migração interna do Peru.

No Brasil existe preconceito segundo os jovens da primeira e da segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos no Brasil. O preconceito dos brasileiros segundo a presente pesquisa é contra os imigrantes que apresentam característica indígenas como os bolivianos e peruanos. Diríamos inclusive que o preconceito é mais com os bolivianos que dos peruanos, porque este grupo apresentam características fenóticas de indígenas mais marcantes que dos peruanos. E como os argentinos mantiveram sua raça branca, passam despercebidos dentro dos brasileiros, e aliás até respeitados por esta sociedade, a diferença dos outros dois países Peru e Bolívia.

No que se refere à amizade os seis grupos dos pesquisados de Argentina, Bolívia e Peru de primeira e segunda geração, dão importância (no pensamento) as amizades tanto conterrâneas quanto brasileiras, cuja estratégia é de integração. Porém na prática os argentinos e peruanos mais se relacionam com brasileiros e os bolivianos de primeira geração mais se relacionam com os conterrâneos e da segunda geração conterrâneos e bolivianos. As amizades dos jovens imigrantes tanto dos argentinos, bolivianos e peruanos influem na escolha de namorar ou de casar com conterrâneas ou brasileiras.

Os jovens imigrantes dos seis grupos argentinos, bolivianos e peruanos caracterizam ao Brasil pelos seus valores humanos por ser um povo alegre e acolhedor. Por outro lado, segundos os jovens imigrantes pesquisados o negativo do Brasil é a violência, e a corrupção política dos próprios governantes brasileiros.

Através desta pesquisa conhecemos a cultura de cada país e também de sua problemática, da mesma forma o que incomoda aos jovens imigrantes de seus próprios países de origem. O imigrante de primeira geração conseguirá caracterizar seu país de origem contrastando-o com o Brasil. Só saindo da lugar de origem que o imigrante se depara com o que ele é diante do diferente. E o imigrante de segunda geração que mora no Brasil não poderá fazer esta comparação, por não possuir a bagagem da experiência do país de origem dos pais, este jovem conseguirá fazer o contraste através da experiência de viagens de férias que realizou e conseguiu ver diferenças entre os dois países Brasil e o país dos pais.

Por essa razão temos que os argentinos de segunda geração, não conseguem caracterizar à Argentina, só nos dizem que é bonita, a diferença dos argentinos da primeira geração que nos falam que o positivo da Argentina é a educação conservadora, porque ao chegar ao Brasil se impressionam de ver a liberdade das mulheres brasileiras e de sexo, que por um lado os argentinos desejariam tê-lo por outro a criticam porque contraria os seus valores conservadores. E o negativo da Argentina os dois grupos colocam a arrogância argentina.

Apesar de que os filhos de bolivianos não tenham a convivência de morar na Bolívia conseguem descrever a Bolívia da mesma forma como o grupo dos imigrantes de primeira geração, considerando como o positivo deste país a música. Por outro lado os peruanos de primeira e segunda geração devido à falta de restaurantes peruanos e a falta de produtos e temperos alimentos peruanos em São Paulo, este jovens enfocam ao Peru como o positivo que tem é a culinária peruana. Da mesma forma o grupo da primeira geração de peruanos sente falta das festas religiosas que se comemora no Peru, o que não encontram aqui no Brasil, e por esse motivo comentam que o positivo do Peru é a religiosidade.

Enquanto que os filhos dos peruanos nos marcam que o bom do Peru, é o misticismo, a história dos Incas, são argumentos que o peruano tem para se proteger de qualquer discriminação por parte dos brasileiros, porque o estereótipo do peruano é ser indígena e pobre.

O negativo tanto do Peru e da Bolívia segundo os jovens da primeira e da segunda geração é a pobreza dos dois países e o desemprego, pelo que os brasileiros os discrimina a comparação dos argentinos, cujo estereótipo é de europeizados, do qual os brasileiros têm mais respeito que aos latino-americanos indígenas.

Tem ou não tem vantagem a imigração, os jovens da segunda geração argentina, boliviana e peruana nos dizem que a imigração apresenta vantagem econômico, porque os país estão já acomodados economicamente no Brasil, enquanto que os próprio imigrantes argentinos, nos dizem que não tem vantagem, os bolivianos nos dizem que é o econômico e os peruanos que é o fato de conhecer outra cultura.

A desvantagem da imigração segundo os jovens dos seis grupos argentinos, bolivianos e peruanos da primeira e da segunda geração manifestam que é a perda da família. Salientamos que os jovens bolivianos e peruanos acrescentam como problema de desvantagem da imigração a aceitação por parte dos brasileiros a estas duas comunidades sul-americanas por serem de etnia indígena.

Uns dos sofrimentos fortes que passa um jovem imigrante ao imigrar a outro país é o rompimento com a família, esta separação o deixa desorientado e solitário, que substitui o amigo brasileiro, cuja característica é de ser um povo alegre e acolhedor. Por essa razão os peruanos e argentinos se relacionam mais com os brasileiros, enquanto que o povo bolivianos se afasta para não serem discriminados, eles são mais receosos que os peruanos inclusive desde que chegam ao Brasil, eles se sentem temerosos e assustados diante dos brasileiros por serem diferentes etnicamente.

Por último todos os imigrantes dos seis grupos argentinos, bolivianos e peruanos de primeira e de segunda geração, voltariam ao seu país de origem, apesar de se integrarem na sociedade brasileira, o imigrante passa por um processo de desconstrução de sua cultura de origem e reconstrução de uma nova identidade cultural ou seja uma reconstrução de uma identidade bi-cultural, que leva um tempo para desenvolver esta nova identidade, contrasta a toda hora sua cultura e a nova cultura, se acomodando, se adaptando, até se integrar na sociedade brasileira, em fim ao final voltaria a seu país onde deixaram sua família, seu costume, o qual não tem como substituí-la apesar da amizade cordial dos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tivemos a oportunidade de conhecer três culturas diferentes a argentina, boliviana e peruana que apesar de se parecerem por formar parte do mesmo continente sul-americano, com a mesma situação de colonização espanhola, e obrigados a se assimilar à cultura ocidental européia, se diferenciam esses três países por seu processo de socialização em particular como país, sua história nacional, seus valores, crenças e cultura.

Conhecemos não só as três culturas argentina, boliviana e peruana através dos relatos dos jovens imigrantes de primeira geração, senão também dos jovens da segunda geração que nasceram no Brasil. Da mesma forma, vimos como estes imigrantes da primeira e da segunda geração se acomodam e se adaptam à sociedade brasileira, como os brasileiros recebem os imigrantes sul-americanos, quais são os estereótipos positivos ou negativos que os brasileiros têm de cada país pesquisado, assim como o estereótipo dos próprios brasileiros. Se existe ou não preconceito a estes imigrantes, e por quê? Que estratégias usam para se inserir nesta sociedade, e para logo definir como se deu a desconstrução da identidade cultural dos imigrantes e a reconstrução da nova identidade cultural no Brasil.

Nesta pesquisa vimos também os fatores prévios da imigração e durante o processo de inserção, que levaram aos imigrantes das duas gerações de argentinos, bolivianos e peruanos, a formarem uma nova identidade cultural e social na sociedade brasileira. Considerando a identidade como um processo que está em constante mudança e transformação no indivíduo, este processo não está estático. Mais ainda quando falamos de identidade cultural dentro de um processo de aculturação, no qual se encontram duas culturas num mesmo espaço, que ao entrarem em contato uma delas ou as duas culturas apresentarão mudança cultural.

Num processo de aculturação, os jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos tentarão se inserir e se acomodar na sociedade brasileira através de estratégias de atitudes de aculturação, para alcançar uma adaptação positiva à esta sociedade. No processo de aculturação se avalia se o imigrante valoriza mais ou costumes de origem ou os costumes brasileiros. Baseamos-nos na teoria de aculturação de Berry que considera quatro variedades de estratégias de aculturação: *separação*, *marginalização*, *integração* e *assimilação*.

Ao mesmo tempo, percebemos como estão constituídos os grupos de argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo, como desenvolvem seus costumes do país de origem noutro local como a cidade de São Paulo? Que referência institucionais possuem de seus países de origem? Qual é a relação desses imigrantes com os brasileiros e com seus conterrâneos? Analisado todos estes fatores do processo de inserção na sociedade brasileira desde a perspectiva da Psicologia Social que estuda o homem e suas relações sociais dentro de um sistema social.

Segundo o resultado desta pesquisa os três países argentinos, bolivianos e peruanos da primeira e da segunda geração se inserem na sociedade brasileira aceitando conservar sua cultura de origem e aceitando os valores brasileiros, que conforme a teoria de aculturação, os jovens imigrantes estão integrados à sociedade brasileira. Por outra parte, a estratégia de integração deveria ser uma escolha livre dos imigrantes, sempre que a sociedade brasileira aceitasse a diversidade cultural sul-americana, que não é assim, o confirmamos com as respostas dos imigrantes neste trabalho, os brasileiros não aceitam facilmente aos bolivianos e peruanos, estes manifestaram ter sido discriminado no processo de acomodação à sociedade brasileira. E para que a integração seja bem sucedida, a aceitação deve ser feita por ambas as partes, pelos imigrantes e pela sociedade brasileira.

A aceitação requer de duas coisas, por um lado, que o grupo de imigrantes adote livremente os valores brasileiros, e por outro lado, o que não é possível, que a sociedade brasileira esteja preparada para adaptar suas instituições de serviços sociais nacionais como

educação, saúde e trabalho, às necessidades de todos os grupos que moram na sua localidade e viverem pluralmente saudáveis. Neste ponto o Brasil apresenta uma série de deficiências até para seus próprios cidadãos, e com a vinda de sul-americanos pobres para seu território acrescenta mais a precariedade dos serviços brasileiros. Uma das questões para o brasileiro é compartilhar com os imigrantes os poucos recursos de serviço social e os poucos empregos disponíveis, pelo que em alguns casos os imigrantes manifestaram ser discriminados pelos brasileiros porque se tornaram uma ameaça para eles.

Porém, apesar da estratégia de integração ser escolhida por todos os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos, nem todos os imigrantes do mesmo grupo pensam, agem e seguem o mesmo percurso do processo de aculturação, nem de adaptação. Uma das questões que observamos que existem diferenças no modo de pensar e no modo de agir nas atividades diárias dos imigrantes, ao se inserir na sociedade brasileira, em algumas atividades diárias percebemos que o jovens imigrantes pensam que é melhor conservar seus valores do país de origem e na hora de agir, escolhem pelos valores brasileiros, derivados por diferentes motivos.

Analisando o processo de aculturação, os três países pesquisados argentinos, bolivianos e peruanos da primeira e da segunda geração apresentam a estratégia de integração à sociedade brasileira, conservam sua cultura de origem e aceitam os valores brasileiros. Este processo entendido como não estável e que está em constante transformação, como um dar-se constante que expressa o movimento social, sempre está se desconstruindo e que ao superar a negação de sua identidade cultural anterior reconstrue uma outra identidade cultural, que não é a de origem de seu país nem é a brasileira, é uma terceira identidade, criada no novo lugar de localização, qualitativamente diferente ao anterior. O imigrante está sempre se aculturando ns nova sociedade. Da mesma forma se desenvolve a adaptação do imigrante à sociedade brasileira

Apontamos que o processo de aculturação é determinado pelas condições históricas e por questões de estudos pegamos um momento desse movimento social, mas não quer dizer que o imigrante sempre responderá com a mesma estratégia de aculturação nas

diferentes atividades diárias de seu cotidiano. E o que leva estes imigrantes a se integrarem na sociedade brasileira? Cada país e cada geração vão apresentar diferentes fatores causais para esta inserção.

Os motivos pela quais os argentinos e bolivianos vieram para o Brasil foi por trabalho, e dos peruanos foi por estudos (segundo a revista Veja No 9, 2007, 40 % dos jovens peruanos chegam à universidade a diferença dos brasileiros que está entre os 20%). De alguma forma isto pode ter influenciado na escolha de se assimilar em algumas atividades diárias na sociedade brasileira por parte dos peruanos, uma das razões é porque vieram por decisão própria para o Brasil para cursar faculdade a diferença dos outros países pesquisados que vieram para trabalhar. Os argentinos vieram para trabalhar porque as empresas foram transferidas ao Brasil, já os bolivianos vieram para trabalhar para poder sobreviver, não tinham escolha, tinham que sair do país de origem. Porém os peruanos fazem escolhas para cursar seus estudos, lembrando que este grupo quase não opta por Brasil por causa da língua, como o português não é uma língua comercial, o peruano não tem interesse em conhecê-la, e quando decidem vir, foi bem pensado e com predisposição de se encaixar à cultura brasileira.

O instrumento de socialização fundamental que utiliza uma sociedade para controlar o comportamento humano é a linguagem. A linguagem não é um instrumento estático, ela se transforma conforme as mudanças históricas dos povos e nela está contida a história, a cultura de cada país. Através da linguagem que se transmitem os valores, as crenças, os costumes, as tradições, etc. de uma sociedade. Nos anos 1937-1945, se promulga a Ação Nacionalizadora no Brasil, em que se impõe um sentimento cívico brasileiro, uns dos pontos era o ensino obrigatório da língua portuguesa em todo o Brasil, proibiam-se aos imigrantes e descendentes a falar em outra língua que não fosse o português e deviam aprender a língua portuguesa, sem importar a nacionalidade do imigrante, segundo Seyferth (1997).

Consideramos que o Brasil não dá liberdade aos imigrantes para que se adaptem nesta sociedade, os pressiona a se assimilarem à cultura brasileira, porque é através da

língua que este país transmite seus costumes, crenças, valores, como uma forma de dominar aos grupos minoritários de imigrantes que estão formando parte de seu território e que devem formar parte de sua política homogeneizadora. Desde essa época criou-se um sentimento nacionalista contra os imigrantes europeus no sul do Brasil, e este sentimento se generalizou pelo Brasil todo, pelo que os brasileiros não aceitam aos imigrantes que não falam português, mas ainda se são sul-americanos.

Como a linguagem é um instrumento de transmissão de cultura de um país, também importante porque ela é a entrada para saber se o imigrante está ou não integrado a uma sociedade. É uma necessidade de o imigrante dominar a língua anfitriã para não ficar à margem da nova sociedade, é importante também para o jovem imigrante possa ser aceito e reconhecido pelos brasileiros. Os jovens dos três países pesquisados, argentinos, bolivianos e peruanos da primeira e da segunda geração apresentam mudanças na linguagem. Eles pensam que se deve dar importância às duas línguas o espanhol e o português, porém na prática escolhem em falar ou espanhol ou português, mostrando a estratégia de aculturação através deste instrumento.

Segundo Boni (1975), a habilidade para o bilingüismo é uma estratégia que usam os imigrantes para se adaptar à nova sociedade. Os jovens dos três países pesquisados da primeira geração manifestam que se deve dar preferência às duas línguas, espanhol e português, se integrando nesta escolha. Além do mais, a primeira língua que aprenderam em casa foi o espanhol, quando eram crianças, conservando esta decisão os argentinos e os bolivianos. Eles conservam a língua espanhola para conversar com a família. A exceção dos peruanos que falam nas duas línguas com a família apesar de que ela estiver no Peru, pode ser que estão falando de “portunhol” (mistura de espanhol e português).

A mudança da língua que encontramos nos grupos da segunda geração de argentinos, bolivianos e peruanos é que aprenderam como primeira língua o português e cuja estratégia da linguagem usada pelos pais é de *separação*. E quando chegam à juventude estes jovens dos três países, escolhem por falar nas duas línguas com a família, se *integrando* nesta decisão.

A linguagem que usam os imigrantes para falar com os amigos é primordial para o jovem imigrante porque dependerá dela para ser aceitos e reconhecidos pelo grupo de brasileiros, que na fase da juventude o grupo proporciona ao jovem segurança suficiente para as relações no mundo adulto e para a formação de sua identidade, na troca de espelhar-se no outro que ele desenvolve sua identidade pessoal. Na pesquisa, os jovens dos três países argentinos, bolivianos e peruanos da segunda geração apresentam mudanças na linguagem. Os filhos de bolivianos e peruanos se assimilam nesta escolha, preferem falar em português com os amigos brasileiros, a pesar de que dão importância às duas línguas, na prática, eles mudam para evitar ser discriminados pelos brasileiros e optam por passarem despercebidos nesta sociedade, mostrando domínio da língua.

Em outras atividades diárias como assistir televisão, vídeo, leitura, os jovens imigrantes da primeira e da segunda geração se integram em sua maioria, escolhendo tanto em português quanto em espanhol, em alguns casos como a leitura os bolivianos e peruanos escolhem em português porque só encontram livros em português no Brasil e não em espanhol, ou fazem para treinar o português. E os bolivianos escolhem assistir vídeo em espanhol, porque no idioma nativo conseguem entender melhor os filmes, esta escolha é muito pessoal, não implica enfrentar ao brasileiro, como nas outras situações.

Ao mesmo tempo, dominar o português no Brasil é questão de prestígio para um estrangeiro, de ascensão social, corresponde a língua dominante do Brasil, indicando quem detém o poder neste país, da mesma forma é motivo de inclusão social dos brasileiros. Ao contrário acontecem com os filhos dos argentinos que escolhem falar nas duas línguas com os amigos brasileiros, se a língua mostra quem tem o poder nesta sociedade, os argentinos não precisam mostrar, porque eles pensam que por sua história tem mais poder e garra que os brasileiros, pelo que estes jovens pelo contrário mostram aos brasileiros que dominam o espanhol, e se orgulham disso, a diferença dos peruanos e bolivianos.

Um caso especial foi dos peruanos da primeira geração que apresentaram mudanças na língua, aprenderam o espanhol como primeira língua e decidem falar em português com

os amigos brasileiros, um motivo pode ser por treinamento da língua que lhes exigem na faculdade, ou para ser aceitos pelos brasileiros, porque este grupo de peruanos apresenta problemas de reconhecimento mesmo desde seu país de origem, esta necessidade é substituída aqui no Brasil, porque o brasileiro aceita ao peruano, ou também podem estar usando o português para passarem despercebidos diante dos brasileiros.

Os peruanos da primeira e da segunda geração pensam que os imigrantes devem-se relacionar tanto com os brasileiros quanto com os conterrâneos, porém na prática se relacionam mais com os brasileiros que com seus conterrâneos, este deve ser também o motivo porque os peruanos falam mais em português que em espanhol. Apesar de se relacionarem com brasileiros, optam em namorar ou casar com conterrâneas ou brasileiras, cuja estratégia é de integração. Fazemos uma observação os pais do grupo da segunda geração de peruanos quase todos são casados com brasileiras. Estes pais peruanos vieram também para cursar faculdade no Brasil nos anos 70 ou 80, e como a característica é que nessa época era os homens que saíam do país para o estrangeiro, hoje em dia essa realidade mudou, são mais as mulheres peruanas que saem em procura de emprego pelo mundo todo.

Os argentinos não se assimilarem na língua apesar de que se relacionem mais com os brasileiros, eles falam nas duas línguas com os brasileiros. Da mesma forma, as relações com os brasileiros não influem aos argentinos optarem por namorar ou casar com conterrâneas ou brasileiras, a estratégia utilizada é de integração. Os pais do grupo de argentinos de segunda geração vieram para trabalhar ao Brasil e casaram com brasileiras.

Os bolivianos ao igual que os peruanos pensam que o imigrante deve dar importância de se relacionar tanto com conterrâneos quanto com os brasileiros. Na prática do dia-a-dia, a primeira geração de bolivianos se relacionam mais com seus conterrâneos, que com os brasileiros, pelo que a escolha é falar em espanhol com os amigos, supomos que os amigos são bolivianos, este grupo não tem necessidade de aprender o português, enquanto permaneçam em grupo fechado e separado da sociedade brasileira.

O grupo da segunda geração de bolivianos se relaciona com brasileiros e com conterrâneos, e na escolha de namorar e casar também se integram, porém optam em falar em português. Continuando com as relações sociais, também este grupo da primeira geração prefere se *separar* ao escolher namorar ou casar com sua conterrânea. Outra observação, o grupo dos bolivianos de segunda geração apesar de ter vindo sozinhos da Bolívia casou com suas próprias conterrâneas aqui no Brasil, sendo este grupo fechado desde décadas atrás.

O primeiro choque cultural que o imigrante sente quando muda de lugar, neste caso do país de origem é a comida, e observamos ainda que muitos deles ficam com saudades da culinária do seu país. Como o caso dos peruanos, o grupo da primeira geração manifesta que se assimilam na comida brasileira, porém o fazem porque não tem outra escolha, não existem restaurantes peruanos como o caso dos argentinos e bolivianos, e não se encontram temperos peruanos para preparar a comida peruana, pelo que o jovem peruano acaba gostando da comida brasileira.

E o grupo da segunda geração de peruanos expressa que gostam tanto da comida brasileira e da comida peruana, cuja estratégia é de integração, apesar das mães serem brasileiras, só que foram os pais peruanos que fizeram o paladar dos filhos, porque eram eles que conservavam comida peruana em casa. Porém nos jogos de futebol os peruanos da primeira geração se separam escolhendo pela seleção peruana e os filhos homens de peruanos escolhem por torcer pelo Peru nos jogos, só as mulheres se inclinam pelo Brasil.

Os bolivianos da primeira e da segunda geração preferem comer suas comidas bolivianas, optando por se separar nesta escolha, uma porque as mães bolivianas conservam a comida em casa e outra porque este grupo se mantém fechados no seu grupo conservando suas festas tradicionais em São Paulo, onde tem diversidade de culinária boliviana e também são vendidos os temperos que precisam para preparar as comidas típicas. Da mesma forma se separam ao torcer por sua seleção boliviana o grupo da primeira geração de bolivianos, da mesma forma se separam os homens da segunda geração de bolivianos, só as mulheres escolhem pela seleção brasileira ou por um das duas equipes.

Os argentinos de primeira e de segunda geração conservam a comida argentina e ao mesmo tempo gostam da comida brasileira, escolhendo se integrar nesta opção. Lembramos que existem muitos restaurantes argentinos em Moema, Itaim Bibi, etc., quando o argentino deseja comemorar festas pátrias, jogos de futebol, é o lugar de reencontro entre os conterrâneos.

Os argentinos podem eleger se integrar na comida, porém nos jogos eles se separam, torcem pela seleção argentina ao igual que os peruanos e os bolivianos. O futebol é a identidade cultural de uma nação representado numa equipe, onde o povo coloca toda esperança de mostrar que é alguém no mundo, e poder ser reconhecidos como tal. Por outro lado, os argentinos da segunda geração é no jogo de futebol que eles se reconhecem como brasileiros, e cobra força sua identidade nacional. É no jogo de futebol que os dois países Argentina e Brasil ficam rivais. E os pais argentinos apesar de ter ensinado aos filhos desde que nasceram no Brasil a torcer pela argentina, é na juventude que estes filhos se afirmam como brasileiros nesta decisão.

Percebemos que os jovens em geral da primeira e da segunda geração não se preocupam pelos problemas políticos do Brasil, porém lhes preocupa os problemas sociais do Brasil, só se interessam do problema político os bolivianos de primeira geração e os peruanos da segunda geração. Os argentinos da primeira geração não se preocupam pela política da Argentina, enquanto que os bolivianos sim se preocupam mais que os peruanos. Todos estes jovens não gostam se reunir para discutir os temas, porém manifestaram que discutem estas problemáticas. Vimos que estes jovens imigrantes se mostram apáticos na política tanto do Brasil como do país de origem, pelo que pegamos o pensamento de Melucci no qual nos aponta (1996), que os movimentos juvenis se dividem em virtude do ambiente sombrio da sociedade de cada país, e só quando a democracia for capaz de ouvir vozes juvenis, poderão estes jovens imigrantes tornar-se importantes atores na inovação política e social, talvez de ambos os países, de origem e de Brasil.

O indivíduo não desenvolve sua identidade cultural enquanto se encontra na sua região, seu país de origem, é confrontado com uma cultura diferente, num lugar diferente, que desenvolve essa identidade, valorizando a cultura, os costumes, que traz consigo mesmo, e trocando e negociando com a cultura do lugar onde está se localizando. Dessa maneira, os argentinos ao chegarem ao Brasil, sentiram falta da reunião familiar, da música. Os bolivianos sentiram falta das festas, o folclore e os peruanos da reunião familiar e as festas de final de semana que se realizam em todos os bairros limenhos. O que estes imigrantes gostaram dos costumes brasileiros, conforme os argentinos foi o acolhimento dos brasileiros, para os bolivianos a higiene, festas e comida brasileira, e para os peruanos a alegria e o carnaval.

Por outro lado, também conhecemos os costumes que os próprios imigrantes não gostam e só perceberam ao confrontaram com os costumes brasileiros, e de alguma forma se incomodam, assim temos que os argentinos não gostam deles serem pedantes e arrogantes diante dos brasileiros, os bolivianos não gostam que os seus conterrâneos se mostrem bêbados diante dos brasileiros e os peruanos não gostam que alguns conterrâneos delinquem na sociedade brasileira, mostrando costumes negativas que podem prejudicar aos peruanos que estão tentando se inserir com bons costumes na sociedade brasileira.

Os costumes brasileiros que os imigrantes não gostaram, segundo os argentinos é a falta de garra brasileira para lutar pelos seus direitos, para os bolivianos é a violência, agressividade dos brasileiros, e para os peruanos muita liberdade dos jovens brasileiros, a aparência e o consumismo. Outro costume negativo dos brasileiros é o preconceito aos imigrantes indígenas e por serem latino-americanos. Apesar de que os argentinos não foram discriminados, eles concordam que existe preconceito no Brasil, e falam que é por ignorância.

Os bolivianos manifestam que existe preconceito no Brasil, e os bolivianos da primeira geração de bolivianos expressaram que foram discriminados enquanto que os da segunda geração falaram que não foram discriminados, mas se for assim não teriam que se esconder através da língua, falando em português com os brasileiros, é difícil para um

jovem aceitar que foi discriminado pelos brasileiros porque é doloroso para ele, o qual o esconde e cala. Da mesma forma os peruanos não aceitam que foram discriminados, porém se escondem na língua portuguesa para evitar ser rejeitados pelos brasileiros. O estereótipo do indígena é negativo para os brasileiros, sobretudo a mídia acrescenta esta negatividade, apresentando a precariedade em que trabalham e vivem os bolivianos nas oficinas de costuras, sendo escravizados e explorados até pelos próprios conterrâneos.

Enfrentar o preconceito para um jovem é complicado, já o processo de inserção é muito complexo ainda mais enfrentar a discriminação. Por último todos os imigrantes concordam em que os adultos brasileiros são os mais preconceituosos na sociedade brasileira. Queremos fazer uma ressalva, teve uma filha de peruanos que é negra, nos manifestou que no Brasil ela foi discriminada não por ser latino-americana, mas sim por ser negra, que nesta sociedade se discrimina mais ao negro que ao indígena.

Todos os imigrantes concordam ao caracterizar ao Brasil por sua alegria, acolhimento e emprego. Por outro lado o negativo que tem o Brasil é a corrupção política, violência e a pobreza. Os argentinos caracterizam como positivo da Argentina, a educação conservadora, os bolivianos consideram a música, e os peruanos a culinária, religião, história, misticismo. O negativo da Argentina, os argentinos falam que é a arrogância, falsidade, os bolivianos a pobreza, desemprego, bebida, e os peruanos a pobreza.

De acordo com os resultados da nossa pesquisa a formação de grupo de imigrantes de cada país se organiza de diferentes maneiras e vamos a ver como constroem suas identidades grupais. Sendo que para Martín-Baró (1989) o grupo se constitui não pela soma dos membros senão pela sua identidade, poder e atividade.

Com relação aos imigrantes bolivianos percebemos que a primeira barreira que encontraram para se inserir na sociedade brasileira foi se sentirem diferentes aos brasileiros nas características físicas. Como os bolivianos são de características indígenas, se sentiam etnicamente diferentes aos brasileiros. Esta situação lhes causou medo, porém, devemos aclarar que os bolivianos trazem da Bolívia este baixo auto-estima étnica, diríamos que é

inclusive histórico, os colonos espanhóis discriminaram e escravizaram os índios. A discriminação aos indígenas se deu durante cinco séculos, primeiro pelos espanhóis, logo pelos mestiços bolivianos, que depois de 1982, segundo Widmark (1999), o governo boliviano abandona o projeto unificador da sociedade boliviana e se dispõe a aceitar a diversidade dentro da unidade atual do Estado boliviano, a legislação os reconhece como indivíduos e não como comunidade étnica, implantando uma ideologia multiculturalistas, por exemplo, o índio “aymará” não precisa, mas negar sua origem. Porém esta problemática não foi resolvida na vida real, só nos documentos, o boliviano de etnia indígena “aymará” ou “quíchua” é discriminado pelos mestiços bolivianos quando chegam à cidade. Pelo que o imigrante boliviano traz o preconceito no seu inconsciente coletivo, e que ao se sentir diferente do outro se fecha em si mesmo.

Contudo não podemos deixar de lado, que os bolivianos apresentam a formação de grupo mais consistente que os outros dois países pesquisados Peru e Argentina. O que queremos dizer, é que estes grupos de bolivianos de primeira e segunda geração possuem referência étnica no Brasil, sabendo que dentro do grupo apresentam diferenças étnicas, que não entraremos a discutir porque não é nosso tema, onde os bolivianos canalizam tanto as necessidades pessoais quanto os interesses coletivos. Os bolivianos têm a consciência de pertencer subjetivamente à comunidade boliviana em São Paulo, ou seja, tem consciência de identidade cultural. Possuem suas redes sociais, econômicas, folclóricas, etc. Mas apesar de ser um grupo que tem instituições que os represente, não tem o poder social diante dos brasileiros, o que os leva a se fechar consigo mesmos e desenvolvem uma dinâmica intragrupal, só entre eles comemoram as suas festas patronais e tradicionais.

Pelo que concluímos que os bolivianos se organizam na cidade de São Paulo desenvolvendo atividades tradicionais de sua cultura, no Parque “Kantuta” e possuem consciência de sua identidade cultural, isto corroboramos nas respostas que decidem conservar seus costumes de origem ao mesmo aceitam os valores brasileiros, da mesma forma reconhecem que não tem poder nesta sociedade, pelo que diante dos brasileiros, aparecem como um grupo minoritário que se separam, fechando-se em si mesmos. Cujo estereótipo que o brasileiro tem dos bolivianos é que são indígenas pobres que vem

procurar emprego nas oficinas de costura até como escravos de outros bolivianos. A sociedade brasileira já os recebe com estereótipo negativo, discriminando-o. E este grupo afirma sua identidade com baixa auto-estima, recuando da sociedade brasileira e se escondendo.

Os peruanos, são imigrantes que não possuem instituições culturais que os representem e ao mesmo tempo em que possa ser uma referência cultural, se encontram mais dispersados na sociedade brasileira, se confundindo inclusive com os brasileiros. Os peruanos é um grupo que apresenta problemas para se agrupar e se relacionar entre eles mesmos, isto traz de Peru, por questões de segmento social, étnico, racial e econômico, no qual, o peruano se afirma a si mesmo desprezando o que imagina estar abaixo de si e voltando seu rancor invejoso para o que sente como estando acima de si.

Esta característica do peruano o separa de seu próprio conterrâneo, que apesar de sentirem falta de se afirmar culturalmente, só no começo procuram conterrâneos, mas logo se afastam e se inserem tão facilmente com os amigos brasileiros, que esquecem conservar sua cultura. Consideramos a este grupo é um grupo-em-si, mais objetivos, porque carecem de consciência que os permitam adequar sua identidade para ser mais ativa e seu fazer aos interesses da comunidade peruana. Os peruanos não têm consciência de grupo peruano, porque não realizam atividades para conservar a sua cultura, nem tem poder na sociedade brasileira, porém o que não deixa de ter é sua identidade peruana no Brasil. Apesar de que o grupo de peruanos não possui atividade de organização de grupo, nem poder para se impor como grupo na sociedade brasileira, porém o que tem é a sua identidade peruana, isto pudimos vê-lo, com as respostas deste grupo, aceitando conservar seus costumes de origem e aceitando os costumes brasileiros.

Os peruanos se desenvolvem na sociedade brasileira como uma comunidade que não possui organização que possa ser identificados facilmente pelos brasileiros, muitas vezes confundido como bolivianos pelas suas características raciais indígenas ou também porque os brasileiros generalizam os estereótipos dos países de América do sul, julgados como semelhantes os peruanos, equatorianos, bolivianos, países pobres e que vem a

procurar emprego no Brasil assim sejam escravizados nas oficinas de costura, essa é a realidade atual dos peruanos.

Mas temos os peruanos que vieram nas décadas de 70 ou 80 ao Brasil, pelas políticas de estímulo ao desenvolvimento científico e tecnológico, de tal forma que os peruanos aproveitaram este estímulo e vieram a cursar universidade, ou como técnicos, estes peruanos trabalham com brasileiros e sofrem preconceito, porque o brasileiro pensa que os poucos empregos que existem no Brasil tem que compartilhar com os peruanos, que aliás estes peruanos possuem a capacidade para pleitear uma vaga com um brasileiro. Ressaltamos que os peruanos que foram pesquisados na época era aquele grupo que vieram a estudar no Brasil, depois da pesquisa, estão chegando peruanos sem recursos para trabalhar e estão se dedicando a trabalhar em costura.

Os peruanos são diferenciados dos outros grupos minoritários do Brasil por sua história cultural da civilização do Império Inca, conhecida como um dos maiores impérios que as Américas conheceram antes da chegada de Cristóvão Colombo. E o lugar turístico de Peru é a ruína mística da cidade perdida, Machu Picchu que representa o ponto mais alto do Império Inca, e um dos maiores mistérios da Humanidade, que todo brasileiro deseja conhecer. Pelo Império Inca que os peruanos são diferenciados dos bolivianos, chilenos, etc. Os peruanos tem o estereótipo de indígenas para os brasileiros, de país pobre que vem a trabalhar, e quando o brasileiro o enfrenta num posto de trabalho, o discrimina. Quanto mais um peruano ascende num posto de trabalho mais tem que lutar com o preconceito dos brasileiros.

O grupo dos argentinos não tem por costume se relacionar com seus conterrâneos, esta comunidade não tem uma instituição que os represente culturalmente em São Paulo, porém existem os restaurantes argentinos, onde se encontram os amigos argentinos, sobretudo quando tem campeonato Mundial de Futebol, ou quando se comemora as festas patrióticas da independência, no mês de maio. Não é comum nos argentinos que moram no Brasil procurarem estes encontros, eles também ficam mais afastados dos seus conterrâneos e preferem se relacionar mais com os brasileiros, segundo os resultados da pesquisa. Os

argentinos não realizam atividades de organização de grupo, e não tem consciência de grupo, o que caracterizamos como grupos-em-si, muito mais objetivos e não apresentam projetos para o bem da sua comunidade cultural.

Embora os argentinos não tenham consciência de grupo cultural na cidade de São Paulo, não realizem atividades de organização cultural, porém eles possuem poder no Brasil, porque tem recurso histórico e cultural em sul-américa, este país sempre se considerou superior em cultura (culto), e educação em relação aos outros países deste continente americano, sobretudo ao Brasil. Os argentinos se apresentam aos outros com imagem construída de europeísmo que se encontram fora do lugar, cuja anedota de ser argentino é alguém que fala espanhol, gesticula como italiano e acredita que é inglês. E consideram aos brasileiros com o estereótipo de tropicalismo (afro-brasileiro), que são alegres, mas não tem garra para lutar por seus direitos.

Os argentinos se impõem aos outros grupos de imigrantes sul-americanos na cidade de São Paulo. Este grupo possui a identidade argentina, o que pudimos vê-lo nas respostas que os argentinos aceitam conservar sua cultura de origem e aceitam os valores brasileiros. E este grupo tem o poder na sociedade brasileira, que são as razões da formação de grupo que esta comunidade de imigrante tem nesta sociedade, porém são conhecidos por não possuir grupo organizados, só pelos seus restaurantes de “ Parrilladas Argentinas”. O estereótipo do argentino é que europeizado e arrogante para os brasileiros, se achando superior em tudo, até no futebol. O argentino se impôs nesta sociedade com essa imagem de arrogante, pelo que os brasileiros o respeitam, a diferencia dos outros países pesquisados.

A Psicologia Social estuda os homens e suas relações sociais, recuperando-o na interseção de sua história, ao mesmo tempo com a história da sociedade, o que nos permitirá compreender o homem como produtor de sua própria história. Levando em conta que a história se produz dialeticamente, através da contradição que ao ser superada produz uma nova sociedade, segundo Lane (1984). Esta pesquisa nos ajudou a compreender como se deu a dinâmica entre os imigrantes e os brasileiros, como os imigrantes vieram trazendo

uma marca cultural que ao ser confrontado com a cultura brasileira que é diferente pararam para pensar sobre sua identidade cultural, reafirmando-se a si mesma.

Da mesma forma estes imigrantes estão influenciando na cultura brasileira, ainda que não seja muito significativo, mas estão influenciando, assim por exemplo hoje é reconhecida e valorizada a língua espanhola pelo brasileiros, também é conhecido os restaurantes argentinos, o tango, a salsa, o merengue, etc. Já formam parte do cotidiano do brasileiro, pelo que a sociedade brasileira não é mais a mesma, se antes era multicultural pela chegada dos imigrantes japoneses, africanos, italianos, poloneses, libaneses, etc., hoje em dia está sendo mudada pelos imigrantes sul-americanos, sendo próximos eram desconhecidos pelo povo brasileiro, cuja barreira que sempre nos separou foi a língua.

A identidade social é o encontro e a relação dos grupos numa sociedade, neste caso é o encontro e relação de grupos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos na sociedade brasileira. Porém estes grupos devem possuir uma identidade grupal consistente para enfrentar a sociedade brasileira que é a majoritária, e dessa forma desenvolvem sua identidade social positiva ou negativa conforme estas relações. Tendo em conta que identidade social é a consciência que o indivíduo tem de pertencer socialmente a um grupo de imigrantes, que o diferencia de outro grupo que é brasileiro. Por outro lado, Tajfel (1982) nos aponta que para o indivíduo continuar pertencendo psicologicamente e objetivamente ao grupo é sentir-se bem nele, e que só vai perceber ao se comparar com outro grupo. Se o grupo não fornece condições adequadas para a preservação da identidade social positiva, o abandona psicologicamente e/ou objetivamente.

Através desta pesquisa podemos ver que o grupo dos argentinos além de não realizar atividades em pró de sua comunidade, possuem a identidade cultural e o poder de se impor na sociedade brasileira, pelo que concluímos que este grupo desenvolveu uma identidade social positiva diante dos brasileiros. Eles fazem questão de se apresentar como argentinos aos brasileiros e esta situação também foi percebida com os filhos de argentinos que falam nas duas línguas com os amigos brasileiros, para ser reconhecido pelo brasileiro.

O grupo dos bolivianos apesar de que realizam atividades sociais de sua comunidade cultural na cidade de São Paulo, tem a consciência de identidade cultural, mas como cultura não tem o poder de se impor diante dos brasileiros, além do mais, os brasileiros não os recebem bem, os discrimina, desenvolvendo dessa maneira, uma identidade negativa de sua comunidade cultural, isto podemos ver pelas respostas dos filhos dos bolivianos, que preferem falar em português com os brasileiros, para não ser percebidos. Os jovens imigrantes bolivianos de primeira geração não podem fugir, pelas suas características raciais são identificados imediatamente. Como apesar de ser um grupo mais consistente culturalmente, o problema é que este grupo é discriminado pelos brasileiros pela sua condição de pobreza e falta de higiene.

O grupo dos peruanos está mais em desvantagens que os outros dois grupos de imigrantes, não realizam atividade para o bem de conservar sua cultura, não tem o poder econômico ou cultural para enfrentar aos brasileiros, e o que tem é sua identidade cultural, como grupo não tem consistência, pelo que concluímos que a adaptação social deste grupo é negativa, não se sentem bem com a comunidade cultural peruana, e ele abandona psicologicamente e objetivamente ao grupo de peruanos, isto vimos nas respostas dos peruanos tanto da primeira e da segunda geração, preferem falar em português com os brasileiros, para não ser reconhecidos como peruanos, e preferem se relacionar mais com os brasileiros que com peruanos, para se dispersar na sociedade brasileira, deixando de lado sua cultura.

Esta situação se dá também pelo fato dos peruanos ser um depósito de ressentimentos e preconceitos, em que o branco despreza o índio, o índio despreza o negro, e assim em diante, onde cada peruano se afirma a si mesmo desprezando o outro peruano. Os peruanos resolvem esta problemática de segmento social, racial e econômico aqui no Brasil, porque os brasileiros os recebem bem a este grupo de imigrantes, e sobretudo eles entram na área acadêmica onde são reconhecidos e aceitos pelos brasileiros, preenchendo o vazio que trazem do Peru, no qual o índio, negro ou migrante rural são discriminados pelos limenhos. Como uma filha de peruanos nos comentou no questionário, que não existe maior preconceito que entre os peruanos.

Através deste trabalho vimos como se mobilizam e se interrelacionam estes três grupos de imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos com a sociedade brasileira, e como os brasileiros recepcionam aos imigrantes, que ao mesmo tempo os ajuda a se afirmar a si mesmos como identidade cultural. Os brasileiros aceitam e valoram aos argentinos, e este grupo afirma ainda mais sua identidade cultural no Brasil.

Os brasileiros não aceitam aos bolivianos, pelo que este grupo se fecha na sua comunidade, conservando seus costumes e separando-se da sociedade brasileira. E os filhos da segunda geração escondem sua etnia através da língua portuguesa. E os peruanos por serem mestiços, passam despercebidos entre os brasileiros, e como eles vêm com problema de aceitação do Peru, chegam predispostos a se encaixarem na sociedade brasileira com mais facilidades que os outros dois grupos de imigrantes. No começo são discriminados pelos brasileiros, depois conseguem se inserir com as amizades na faculdade, que são colegas com abertura a aceitar outras culturas. Por esta razão os peruanos com muita facilidade se dispersam entre os brasileiros se assimilando a cultura brasileira e ocultando sua origem.

Os imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos desenvolvem as diferentes estratégias de aculturação para ir se acomodando ao novo ambiente brasileiro até chegar à adaptação à sociedade brasileira, foi nossa preocupação desde o começo da pesquisa, analisado desde o ponto de vista da psicologia social. Concluímos que os argentinos apresentam uma adaptação sócio-cultural positiva, devido ao contato positivo entre as duas culturas a brasileira e a argentina. Por outro lado, os bolivianos apresentam uma adaptação de tipo econômica, porém uma adaptação psicológica negativa, eles tendem a se fechar nesta sociedade para evitar ser discriminados. E os peruanos apresentam uma adaptação de tipo sociocultural e uma adaptação psicológica negativa, porque tendem a abandonar sua cultura de origem e aceitar a cultura brasileira.

Para todos os imigrantes a desvantagem da imigração é a família, para os bolivianos e peruanos além da família é a falta de aceitação dos brasileiros, a estes grupos

de imigrantes. E por outra parte, a vantagem para os argentinos e bolivianos é o econômico e para os peruanos é o conhecer outra cultura e também o econômico. Ao finalizar todos os imigrantes da primeira e da segunda geração concordam em voltar ao país de origem, sendo que os filhos dos imigrantes da segunda geração nasceram aqui no Brasil, porém eles ficam divididos sentimentalmente, a metade da família aqui no Brasil e a outra metade se encontra no país de origem dos pais.

Depois que os grupos passaram por um processo de adaptação, de inserção e de aculturação, nada preenche o laço sentimental familiar, eles trocariam a vida do Brasil por morar lá no país de origem, embora o imigrante fica partido em dois, não fica totalmente feliz no Brasil nem ficaria totalmente feliz no país de origem porque aqui formou amizade brasileira, observando que os brasileiros são acolhedores, e as amigadas que deixaram no país de origem ou já esqueceram deles ou perderam toda uma vivência com eles, que não tem como preencher esse vazio. Porque o imigrante fez história aqui no Brasil e deixou de fazê-la no país de origem, esse é o vazio que não tem como preenchê-la.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, H. W. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista brasileira de Educação, No 5 e No 6, São Paulo, 1997.

ADORNO, T. & M. Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ALTAMIRANO, T. *Los que se fueron: Peruanos en los Estados Unidos*. Fondo editorial Pontificia Católica del Perú, Lima, 1990.

ALVIM, R., Gouveia, P. *Juventude anos 90. Conceitos, imagens, contextos*. Contra Capa. Rio de Janeiro, 2000.

BERGER, P. & Luckmann, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes. 1995.

BERNARDES & HOENISH. *Psicologia social nos Estudos Culturais. Perspectivas e desafios para uma nova Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERRY, KIM, MIND & MOK. Acculturation attitudes in plural societies. *Applied Psychology*, 38, 1987.

BERRY, J., KIM, YOUNG, AND BUJAKI. Acculturation Attitudes in Plural Societies. Canadá, *Applied Psychology: an International Review*, 1989, 38 (2) 185- 206.

BERRY, J. *A Psychology of Immigration*. Canada, Queen's University, *Journal of Social Issues*. Vol. 57. No 3. 2001, pp. 615 – 631.

BERRY, J. *Conceptual Approaches to Acculturation*. Canada, Queen's University. Mimeo apresentado em São Paulo, no simpósio Psicologia, Cultura E/Imigração em IPUSP, 2002.

BERRY, J. Migração, Aculturação e Adaptação. In: DeBiaggi S., Paiva, G. (orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004

BONASSI, M. *Canta América sem fronteira: Imigrantes Latino-americanos no Brasil*. Mestrado em Ciências Sociais, PUC/SP. 1999.

BONI. Luis, A. *A presença italiana no Brasil*. São Paulo, VIII, ed. Ítalo, 1975.

BRITO, F. Os povos em Movimentos: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In Patarra. *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. V1. Campinas, 1995.

CALAZANS, J., G. *O discurso Acadêmico sobre gravidez na Adolescência uma produção ideológica?* Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUCSP, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Ed. Livraria Pioneira, 1973.

CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHACON, V. *O Mercosul, A integração econômica da América Latina*. São Paulo: Scipione, 1996.

CHAUÍ, M. Senso Comum e Transparência. In: *O Preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996.

CHIARELLO, L. M. Políticas, Migratórias em América del Sur. Tendências y desafios. In: Serviços Pastoral dos Migrantes (org.). *travessias na Desordem Global. Fórum Social das Migrações*. Paulinas, São Paulo, 2005.

CIAMPA, A. *A Identidade Social e suas relações com a ideologia*. Mestrado em Psicologia Social, São Paulo: PUC/SP, 1977.

CIAMPA, A. Identidade. In: Lane, S. e Codo W. (org.) *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CIAMPA, A. *A história do Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COHENDOZ, M. *Gente joven: el sentido de una aporía*. Universidad Nacional de Centro de la provincia de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Sociales, 2006. www.er.uqam.ca/nobel/gricis/actes/bogues/cohendoz.pdf.

CROCHICK, L. *Preconceito: Indivíduo e Cultura*. São Paulo: Robel, 1997.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Baurú: EDUSC, 1999.

DÁVILA, L. Adolescencia y juventud: De las nociones a los abordajes. Cidpa Valparaíso, Chile, mimeo, 2005.

DEBIAGGI, S. D. *Changing gender roles: Brazilian Immigrant families in the U.S*. Boston University, dissertation for the degree of Doctor of philosophy, 2003.

DEBIAGGI, S. D. As implicates psicológicas da Imigração e o processo de aculturação: A imigração coreana para o Brasil. Mimeo, IPUSP, 2003.

DEGREGORI, C. I. Estado Nacional e Identidades étnicas en Perú y Bolivia. In Koonings e Silva. *Construcciones étnicas y Dinámica sociocultural en América Latina*. Quito: Abya-Yala, 1999.

DIDO, J. C. El ensayo y la identidad argentina. Universidad Nacional de La Matanza, Argentina, mimeo, 2004. WWW.ucm.es/info/especulo/numero27/ensa_arg.html.

DORIA, V. , Guerra, J. Juventud boliviana: Migraciones e Identidad. Mimeo, 2006. www.Domist.net/esp.

ERICKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1968.

FAUSTO, B. e DEVOTO, F. *Brasil e Argentina, Um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo, editora 34, 2004.

FREITAS, L. *E uma carreira profissional sólida se desmancha no ar*. São Paulo: Cabral universitária, 1997.

FURTADO, O . *As dimensões Subjetivas da realidade. Uma discussão sobre a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social*. PUC/SP, Mimeo, 1999.

GALLATIN J. E. *Adolescência e individualidade: Uma abordagem conceitual de psicologia da adolescência*. São Paulo: Harper & Row Ltda, 1968.

HABERMAS, J. *A inclusão do outro, estudos de teoria política*. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

HALL., S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A., 1999.

IANNI, O. *A idéia de Brasil Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JENKINS, R. *Social Identity*. London: Routledge, 1996.

JOAQUIM, M. S. *Preconceito e Discriminação: Identidade Negra e Latinoamericana*. Mimeo apresentado no Ulapsi de São Paulo em 2005.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: Novaes, R. e Vannuchi, P. (org.) *Juventude e Sociedade, Trabalho, Educação e Participação*. Ed. Fundação Abramo, São Paulo, 2004.

LANE, S., CODO, W. *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LANE, S., *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo, Unesp, 2001.

LINS RIBEIRO. *Argentinos e Brasileiros: Encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LLAJARUNA, H., G. *Adolescentes peruanos em São Paulo: A construção da identidade, e as estratégias de adaptação no processo de aculturação*. Dissertação de mestrado da PUC/SP, 2001.

LUMBRERAS, L. Segregación racista e marginalidad clasista. In: RIQUELME, H. *Buscando América Latina*. Ed. Nueva Sociedad, Caracas, 1990.

LUNA, F. *Breve historia de los argentinos*. Buenos Aires: Planeta, 2003

MANSILLA, H. C. F. La identidad colectiva boliviana entre los tradicionales valores particularistas y las modernas coerciones universalistas. La Paz, mimeo, 1998. www.bib.uab.es/pub/papers/02102862n56p246.pdf.

MARIÁTEGUI, J., C. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MARIÁTEGUI, J. C. *Textos Básicos*. Ed. Tierra Firme, Lima, 1991.

MÁRMORA, LELIO. *Migraciones: Prejuicio y antiprejuicio*. Mimeo, 1995.
http://news.daia.org.ar/img/migraciones_prejuicio%20y%20antiprejuicio.pdf.

MARTÍN-BARÓ, I. *Sistema, grupo y poder. Psicología Social desde Centroamérica II*. San Salvador: UCA, 1999.

MARTÍN-BARÓ I. *Acción e ideología: Psicología Social desde Centroamérica*. El Salvador: UCA, 2001.

MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Revista Young. Estocolmo: v. 4, No 2, 1996, p. 3-14.

MENDEZ, C. *La tentación del olvido: guerra, nacionalismo e historia en el Perú*. Mimeo, 2000. WWW. Cholonautas.edu.pe/modulo/upload/C%20mendez.pdf.

MONARDEZ, T. A. *Identidade étnica e aculturação do emigrante chileno residente na grande São Paulo, que emigrou após o golpe militar de 1973*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social pela PUC/SP, 1994.

MONTERO, M. *Ideología, Alienación e identidad Nacional. Una aproximación psicosocial al ser venezolano*. Caracas: Ediciones de la biblioteca de Caracas, 1991.

MORAL, V. M. *La construcción de la identidad psicosocial mediante la interacción social en una muestra de jóvenes y adolescentes de enseñanza secundaria*. Oviedo: Mimeo 1997.

MORAL, V. M. La juventud como construcción social: Análisis desde la psicología social de la adolescencia. Universidad de Oviedo, España, mimeo, 2006. www.psico.uniovi.es/reips/v3n1/aet1.html.

NUÑEZ, J. M. Migraciones en América. Visión Global: Discriminadas, pero necesarias. In: *Travessias na Desordem Global. Fórum Social das Migrações*. São Paulo, Ed. Paulinas, 2005.

OZELLA, O . *Adolescências Construídas. A visão da Psicologia Sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIS, M. J. *Cultura Juvenis*. Lisboa: Imprensa nacional casa da Moeda, 2003.

PELLEGRINO, A Las migraciones desde y en América Latina. In: *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. V1.Campinas, 1995.

PHINNEY, J. *Ethnic Identity in Adolescents and Adults: Review of Research*. California, Psychological Bulletin Vol. 108. No 3, 499 – 514.

PHINNEY, J. *Ethnic Identity, Immigration, and Well-Being: Na Interactional Perspective*. California, Journal of Social Issues. Vol 57. No 3, 2001, pp. 493 – 510.

PHINNEY, J. Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos. In: DeBiaggi, de Paiva (org.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PROTZEL, J. Juventudes Peruanas y Diversidad cultural, Lima, Perú, mimeo, 2006. www.felafacs.org/files/protzel.pdf.

QUIÑONES, V. H. Perú de los noventa: Buscando visa para un sueño. *Revista de la Comisión Católica Argentina de Migraciones*. No 41. Mayo, 1994. Pág. 28-32.

SALES, T. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: Sales e Rocha Reis (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, edit. Bomtempo, 1999.

SANDOVAL, SALVADOR. Identificações étnicas na migração. In: Toma, T., Debieux, R. Pacheco, R. (orgs.). *Psicanálise, Cultura e Migração*. São Paulo, YM, 2002.

SARBIN E SHEIBE. *Identidade Social*. Mimeo apresentado no programa de Psicologia Social na PUC/SP.

SEYFERTH, GIRALDA. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. In. : Mana, *Estudos de antropologia Social*. Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, abril, 1997.

TAJFEL, H. *Grupos Humanos e Categorias Sociais*. 1 e 2 vol. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

VARGAS LLOSA, M. Um caldeirão étnico e social. *Revista Horizonte, Geográfico*. Ano 12 No 65, Manaus, 2004, p. 38.

WIDMARK, C. Etnicidad y Estrategias sociales de aymarás urbanos en la Paz, Bolivia. In: Koonings e Silva. *Construcciones étnicas y dinámica sociocultural en América Latina*. Quito: Abya-Yala, 1999.

ANEXOS

Escala de aculturação

Esta escala é anônima, ninguém saberá sua resposta, por favor que seja a mais verdadeira possível, porque esta pesquisa pode ser prejudicada por falsas informações. (Marque, só uma alternativa de cada questão)

1. Com relação à linguagem, eu diria que:

- a) Para mim, é importante saber bem o português assim como saber bem o espanhol.
- b) É mais importante para mim, conhecer bem o português que conhecer o espanhol.
- c) Não é importante para mim, conhecer o espanhol nem conhecer o português.
- d) É importante para mim, conhecer bem o espanhol que o português.

2.- Com relação às tradições culturais, eu diria que:

- a) Eu acho que os conterrâneos de meus pais deveriam manter sua própria tradição cultural e não se adaptar ao costume brasileiro.
- b) Eu acho que os conterrâneos de meus pais deveriam se adaptar as tradições culturais brasileiras e não deveriam manter suas próprias tradições.
- c) Eu sinto que não é importante para os conterrâneos de meus pais manter suas tradições culturais nem se adaptar aos costumes brasileiros
- d) Eu acho que os conterrâneos de meus pais deveriam manter sua tradição cultural, mas também se adaptar aos costumes brasileiros.

3.- Com relação ao casamento, eu penso que:

- a) Eu estaria disposto em casar com um conterrâneo de meus pais assim como com um brasileiro.
- b) Eu me casaria exclusivamente com qualquer brasileiro que com um conterrâneo de meus pais.
- c) Eu não gostaria casar nem com um conterrâneo de meus pais nem com um brasileiro.
- d) Eu me casaria exclusivamente com um conterrâneo de meus pais que com um brasileiro.

4.- Com relação às atividades sociais, eu acho que:

- a) Eu prefiro atividades sociais do país de meus pais assim como as brasileiras.
- b) Eu gosto atividades sociais brasileiras.
- c) Eu não gosto ir para atividades sociais do país de meus pais nem atividades sociais brasileiras.
- d) Eu preferiria atividades sociais do país de meus pais.

5.- Com relação aos grupos musicais, eu:

- a) Eu gosto grupos musicais do país de meus pais assim como gosto grupos musicais brasileiros.
- b) Eu gosto grupos musicais brasileiros mais que grupos musicais do país de meus pais.
- c) Eu não gosto grupos musicais do país de meus pais, nem gosto grupos musicais brasileiros.
- d) Eu gosto mais de grupos musicais do país de meus pais que grupos musicais brasileiros.

6.- Com relação à amizade, penso que:

- a) Eu prefiro ter somente amigos brasileiros.
- b) Eu não gosto ter amigos conterrâneos de meus pais nem gosto ter amigos brasileiros.
- c) Eu prefiro ter amigos conterrâneos de meus pais.

d) Eu prefiro ter amigos conterrâneos de meus pais assim como amigos brasileiros.

7.- Com relação ao namoro minha preferência é:

a) Eu namoraria exclusivamente com um conterrâneo(a) de meus pais.

b) Tanto faz namorar um(a) brasileiro(a) ou namorar um(a) conterrâneo(a) de meus pais.

c) Eu namoraria exclusivamente com um(a) brasileiro(a) que com um conterrâneo(a) de meus pais.

d) Eu não namoraria nem com um(a) brasileiro(a) nem com um(a) conterrâneo(a) de meus pais.

8.- Com relação às leituras, eu penso que:

a) As minhas leituras preferidas são em idioma espanhol

b) As minhas leituras preferidas são tanto em português como em espanhol

c) As minhas leituras preferidas são exclusivamente em português

d) As minhas leituras preferidas não são nem em português nem em espanhol.

9.- Com relação aos programas de T.V.:

a) Eu prefiro assistir programas de t.v. a cabo tanto em português como em espanhol.

b) Eu prefiro assistir programas de t.v. a cabo exclusivamente em português.

c) Eu não gosto assistir programas de t.v. a cabo nem espanhol nem em português.

d) Eu prefiro assistir programas de t.v. a cabo em idioma espanhol.

10.- Com relação a vídeos:

a) Eu gosto assistir vídeos exclusivamente em idioma espanhol

b) Eu gosto assistir vídeos tanto em português como em espanhol

c) Eu gosto assistir vídeos exclusivamente em português

d) Eu não gosto assistir vídeos nem em português nem espanhol

11.- Com relação às notícias:

a) Me interessa ter notícias exclusivamente do país de meus pais que do próprio Brasil.

- b) Me interessa ter notícias do país de meus pais como me interessa ter notícias do Brasil.
- c) Me interessa ter notícias do Brasil somente.
- d) Não me interessa ter notícias do país de meus pais nem me interessa ter notícias do Brasil.

12.- Com relação às correspondências:

- a) Eu mantenho contato por correspondências (cartas, e-mail, e/ou telefone) exclusivamente com pessoas do país de meus pais.
- b) Eu mantenho contato por correspondências (cartas, e-mail e/ou telefone) tanto com pessoas brasileiras como do país de meus pais.
- c) Eu mantenho contato por correspondências (cartas, e-mail e/ou telefone) exclusivamente com os brasileiros
- d) Eu não mantenho contato por correspondências (cartas, e-mail e/ou telefone) nem com pessoas do país de meus pais nem brasileiros.

13.- Com relação a viagem eu:

- a) Eu viajo exclusivamente ao país de meus pais.
- b) Eu viajo dentro do Brasil como ao meu país de meus pais.
- c) Eu viajo só dentro do Brasil
- d) Eu não viajo nem dentro do Brasil, nem ao meu país de meus pais.

14.- Com relação ao jogo eu:

- a) Quando a seleção brasileira enfrenta o país de meus pais em um jogo, eu torço pelo país deles.
- b) Quando a seleção brasileira enfrenta o país de meus pais em um jogo, eu torço tanto pelo Brasil como pelo meu país deles.
- c) Quando a seleção brasileira enfrenta o país de meus pais em um jogo, eu torço pelo Brasil.
- d) Quando a seleção brasileira enfrenta o país de meus pais em um jogo, eu não torço por ninguém.

15.- Com relação a comunicação com meus familiares:

- a) Eu falo exclusivamente em espanhol com meus irmãos e meus primos (da mesma idade).
- b) Eu falo português e em espanhol com meus irmãos e meus primos (da mesma idade).
- c) Eu falo exclusivamente em português com meus irmãos e com meus primos (da mesma idade).
- d) E, então em que língua você fala?

16.- Com relação a linguagem com meus amigos:

- a) Eu falo em português e em espanhol com meus amigos (do bairro, faculdade, e/ou trabalho).
- b) Eu falo exclusivamente em português com meus amigos (do bairro, faculdade, e/ou trabalho)
- c) E então, em que língua você fala?
- d) Eu falo em espanhol com meus amigos (do bairro, a faculdade e/ou trabalho)

Questionário de informações gerais

Por favor, responda às perguntas com a verdade, não precisa mentir, ninguém vai ficar sabendo sua resposta, porém a mentira pode prejudicar o resultado da pesquisa.

- 1. Cidade onde mora:
- 2. Sexo: M..... F
- 3. Idade:
- 4. Lugar e país de nascimento:
- 5. Instrução:
 - Primário completo:
 - Ginásio completo:
 - Ensino médio:
 - Superior
 - Técnico:.....Curso:..... Instituição:
 - Universidade: Curso: Ano:
- 6. O que faz atualmente, estuda, trabalha?.....

7. Se trabalha, que função ocupa?
8. Quando você chegou ao Brasil?.....
9. Quantos anos você tinha?
10. Faz quanto tempo mora no Brasil?
11. Com quem veio?.....
12. A nacionalidade de seu pai?
13. A nacionalidade de sua mãe?
14. Com quem mora atualmente?
15. O que motivou a migração ao Brasil?
16. Porque seus pais escolheram Brasil?
17. Que tipo de documento tem no Brasil:
 RG.:
 RNE: Temporário: Permanente: Não tem:
18. Se você migrou, qual foi sua primeira impressão ao chegar ao Brasil?.....

19. Se você migrou, qual foi sua primeira impressão ao chegar a cidade de São Paulo?

20. Seus pais chegaram com a intenção de ficar no Brasil? Sim: Não:

21. Vieram por quantos anos?
22. Se eles ficaram no Brasil por mais tempo, porque?
23. Eles tinham parentes ou amigos no Brasil antes de vir? Sim:
 Não:.....
24. Vieram outros parentes ou amigos de seu país depois de vocês? Sim
 Não.....
25. Se imigrou, teve dificuldade de adaptar-se ao clima? Sim:
 Não:.....
26. Pensa que se adaptou bem ao Brasil?
27. Com que frequência costuma comer alimentos típicos do país de seus pais: muito
 seguido: as vezes: Nunca:
28. Gosta da comida brasileira, se é sim, porque? E se é não porque?
29. Sente falta de algum alimento do país de seus pais?
30. Qual foi sua primeira língua que aprendeu em casa?
31. Teve dificuldade para aprender o português?
32. Consegue escrever corretamente o português? Sim: Mais ou
 menos:..... Não:

33. E consegue escrever corretamente o espanhol? Sim: Mais ou menos: Não:
34. Quanto tempo demorou você para:
- a) compreender o português:
 - b) falar o português:
 - c) escrever o português:
35. Quanto tempo demorou você para:
- a) compreender o espanhol:
 - b) falar o espanhol:
 - c) escrever o espanhol:
36. Como aprendeu o português?
-
- E como aprendeu o espanhol?
37. Sua atividade de final de semana?
38. Pertence a alguma associação ou clube? Sim Não:
39. Que tipo de associação ou clube pertence?
40. E essa associação ou clube se relaciona mais com:
- a) conterrâneos de seus pais:
 - b) brasileiros:
 - c) de outras nacionalidade:
41. E quem levou você àquela associação ou clube?
42. Frequenta regularmente casa de amigos de que nacionalidade?
-
43. Pensa que os costumes brasileiros são muitos diferentes do costume de seu país de origem?
-
44. Quais?
-
45. Na sua opinião que costumes brasileiros devem ser conservados?
-
46. E do país de seus pais?
-
47. Na sua opinião que costumes brasileiros não devem ser conservados?
-
48. E do país de seus pais?
49. No futuro, que cultura passaria para seus filhos, a cultura brasileira, ou a cultura de seu país, ou ambas?
50. Porque?
-
51. Você se interessa pela política interna de Brasil?
- a) Muito:
 - b) Mais ou menos:
 - c) Pouco:
 - d) Nada:
52. Você se interessa pela política interna do país de seus pais?
- a) Muito:
 - b) Mais ou menos:

- c) Pouco:
d) Nada:
53. Discute esses problemas? Sim: Não:
54. Gosta de participar de reuniões políticas? Sim: Não:.....
55. Você se interessa pelos problemas e condições sociais que acontece no Brasil ?
.....
56. Você se interessa pelos problemas e condições sociais que acontece no país de seus pais?
.....
.....
57. Que problemas?
.....
58. Gosta estudar a história brasileira?
.....
59. Gosta estudar geografia brasileira?
60. Você se interessa pela cultura brasileira:
teatro:
Folclore:
Música:.....
Outros:
61. Freqüenta espetáculos? Sim:..... Não: Quais?
.....
62. Se você imigrou, acha que atualmente mudou o seu relacionamento com os brasileiros a comparação do momento quando chegou?
63. Teve ajuda de alguma instituição religiosa ou social, para adaptar-se ao Brasil?.....
.....
64. Por quanto tempo?
65. De quê forma?
66. Quê sugestões daria?
.....
67. Você acha que deveria existir mais ajuda para os imigrantes latinos que recém chegam?
.....
68. Quais são as vantagens da imigração?
.....
69. E quais são as desvantagens?
.....
70. Descreva com cinco adjetivos o país de seus pais:
Positivos: Negativos:
.....
.....
.....
.....
.....
71. Descreva com cinco adjetivos o Brasil:
Positivos: Negativos:

.....

.....

.....

.....

.....

72. Coloque três vantagens de morar em país de seis pais:

.....

.....

73. Coloque três desvantagens de morar em país de seus pais:.....

.....

.....

74. Coloque três vantagens de morar no Brasil:

.....

.....

75. Coloque três desvantagens de morar no Brasil:

.....

.....

76. Cinco qualidades de seus amigos da nacionalidade de seus pais:

.....

.....

77. Cinco qualidades de seus amigos brasileiros:

.....

.....

78. Voltaria a morar no país de seus pais? Sim Não

Porque?

.....

.....

79. Em tua opinião quanto preconceito há no Brasil contra os imigrantes de países latino-americanos?

.....

.....

80. Você já vivenciou alguma experiência de preconceito? Sim:

Não: Quais:

.....

.....

81. Por que pensa que há preconceito?

.....

.....

82. Os jovens, filhos de pais imigrantes são diferentes dos jovens brasileiros, em que?

.....

.....

83. Os jovens, filhos de pais imigrantes são parecidos dos jovens brasileiros, em que?

.....

.....

84. Há mais preconceito dos adultos brasileiros que dos jovens brasileiros contra os filhos de pais imigrantes latino-americanos, como você?

.....

.....

85. Quem é mais preconceituoso:

Adultos brasileiros são mais preconceituosos:

Jovens brasileiros são mais preconceituosos:

Adultos e jovens brasileiros são igualmente preconceituosos:

Não há preconceito nem em adulto, nem em jovens brasileiros:

Escala de Aculturación

Esta escala es anónima, por favor que las respuestas sean verdadera para que no perjudique la investigación. Marque sólo una alternativa.

1.- Con relación al lenguaje:

- a) Para mi es importante saber bien el português así como saber bien el español.
- b) Es más importante para mí, conocer bien el portugués que conocer el español.
- c) No me importa conocer bien ni el español ni el portugués
- d) Para mí es importante, conocer bien el español que conocer el portugués.

2.- Con relación a las tradiciones culturales:

- a) Yo pienso que mis compatriotas deberían mantener sus tradiciones culturales y al mismo tiempo, adaptarse a las costumbres brasileñas.
- b) Yo pienso que mis compatriotas deberían adaptarse a las tradiciones culturales brasileñas y olvidarse de sus propias tradiciones.
- c) Yo pienso que no es importante para mis compatriotas ni mantener sus tradiciones culturales ni adaptarse a la cultura brasileña.
- d) Yo pienso que mis compatriotas deberían mantener su propia tradición cultural y no deberían adaptarse a la cultura brasileña.

3.- Con relación al casamiento:

- a) No me gustaría casar ni con un compatriota ni con un brasileño.
- b) Me daría igual casarme con un compatriota o casarme con un brasileño.
- c) Yo me casaría exclusivamente con un brasileño, y no me casaría con un compatriota.
- d) Yo me casaría exclusivamente con un compatriota, y no con un brasileño.

4.- Con relación a las actividades sociales:

- a) Me gusta ir a las actividades sociales de mi país como ir a las actividades sociales brasileñas.
- b) A mi me gustan las actividades sociales brasileñas solamente.
- c) No me gusta ir ni a las actividades sociales de mi país ni a las actividades sociales brasileñas.
- d) Yo prefiero ir a las actividades sociales de mi país y no ir a las actividades sociales brasileñas.

5.- Con relación a los grupos musicales:

- a) Me gustan los grupos musicales de mi país así como también los grupos musicales brasileños.
- b) Me gustan solamente los grupos musicales brasileños.
- c) No me gustan ni los grupos musicales de mi país ni los grupos musicales brasileños.
- d) Me gustan los grupos musicales de mi país más que los grupos musicales brasileños.

6.- Con relación a la amistad:

- a) Yo prefiero tener amigos compatriotas así como amigos brasileños.
- b) Yo prefiero tener amigos brasileños solamente.
- c) No me gusta tener amigos compatriotas ni amigos brasileños.
- d) Yo prefiero tener amigos compatriotas.

7.- Con relación al enamoramiento:

- a) Yo me enamoraría tanto con un brasileño como enamoraría con un compatriota.
- b) Yo me enamoraría exclusivamente con un brasileño y no me enamoraría con un compatriota.
- c) Yo no me enamoraría ni con un brasileño ni con un compatriota.
- d) Yo me enamoraría exclusivamente con un compatriota

8.- Con relación a las lecturas:

- a) Mis lecturas preferidas son en el idioma español.
- b) Mis lecturas preferidas son tanto en idioma portugués como en idioma español.
- c) Mis lecturas preferidas son exclusivamente en idioma portugués.
- d) Mis lecturas preferidas no son ni en idioma portugués ni en idioma español.

9.- Con relación a los programas de televisión

- a) Yo prefiero ver programas de T.V. cable en idioma portugués y en idioma español.
- b) Yo prefiero ver programas de T.V. cable exclusivamente en idioma portugués.
- c) No me gusta ver programas de T.V. cable en idioma español ni en idioma portugués.
- d) Yo prefiero ver programas de T.V. cable en idioma español.

10.- Con relación a los videos:

- a) No me gusta ver vídeos ni en idioma portugués ni en idioma español.
- b) Me gusta ver vídeos exclusivamente en idioma español.
- c) Me gusta ver vídeos tanto en idioma portugués como en idioma español.
- d) Me gusta ver vídeos exclusivamente en idioma español.

11.- Con relación a las noticias:

- a) Me interesa tener noticias exclusivamente de mi país y no me interesa tener noticias del propio Brasil.
- b) Me interesa tener noticias de mi país como tener noticias del Brasil.
- c) Me interesa tener noticias del Brasil solamente.
- d) No me interesa tener noticias de mi país ni tener noticias del Brasil.

12.- Con relación a las correspondencias:

- a) Yo mantengo contacto por correspondencia (cartas, email, y/o teléfono) exclusivamente con personas de mi país.

- b) Yo mantengo contacto por correspondencia (cartas, email, y/o teléfono) tanto con personas brasileñas como de mi país.
- c) Yo mantengo contacto por correspondencia (cartas, email, y/o teléfono) exclusivamente con los brasileños.
- d) Yo no mantengo contacto por correspondencia (cartas, email y/o teléfono) ni con personas de mi país ni con brasileños.

13.- Con relación a viajes:

- a) yo viajo exclusivamente a mi país
- b) Yo viajo dentro del Brasil así como viajo a mi país.
- c) Yo viajo solamente dentro del Brasil
- d) Yo no viajo ni dentro del Brasil, ni viajo a mi país

14.- Con relación a los juegos:

- a) Cuando la selección brasileña enfrenta a mi país en un juego de fútbol, yo quiero que mi país gane.
- b) Cuando la selección brasileña enfrenta a mi país en un juego de fútbol, me da igual que gane uno u otro equipo.
- c) Cuando la selección brasileña enfrenta a mi país en un juego de fútbol, yo quiero que gane Brasil.
- d) Cuando la selección brasileña enfrenta a mi país en un juego de fútbol, no me importa quien gane.

15.- Con relación al lenguaje con mis familiares:

- a) Yo hablo exclusivamente en español con mis hermanos y primos (de la misma edad).
- b) Yo hablo en portugués y en español con mis hermanos y primos (de la misma edad).
- c) Yo hablo en portugués con mis hermanos y primos (de la misma edad).
- d) Y entonces ¿en qué idioma habla?.

- 16.- Con relación al lenguaje con mis amigos:
- a) Yo hablo en portugués y en español con mis amigos (del barrio, la facultad, y/o el trabajo)
 - b) Yo hablo exclusivamente en portugués con mis amigos (del barrio, la facultad, y/o el trabajo).
 - c) Y entonces ¿en que idioma habla?
 - d) Yo hablo en español con mis amigos (del barrio, la facultad y/o el trabajo)

Cuestionario de informaciones generales

1. Ciudad de residencia:
 2. Sexo: M..... F.....
 3. Edad:.....
 4. Lugar y país de nacimiento:
 5. Grado de Instrucción:
 - Primaria completa:
 - Secundaria completa:
 - Superior
 - Técnico: Curso: Institución:
 - Universidad: Curso: Año:.....
 6. ¿A qué se dedica actualmente, trabaja, estudia?.....
 7. ¿Si trabaja, que función ocupa?
 8. ¿Si inmigró cuándo llegó al Brasil?
 9. ¿Y cuántos años tenía?.....
 10. ¿Si inmigró, hace cuánto tiempo vive en el Brasil?:
 11. ¿Y con quién vino?.....
 12. ¿Cuál es la nacionalidad de su padre?.....
 13. ¿Cuál es la nacionalidad de su madre?.....
 14. ¿Con quién vive actualmente?.....
 15. ¿Qué le motivó emigrar de su país?.....
 16. ¿Y Porqué sus padres escogieron Brasil?.....
 17. ¿Su Registro Nacional de Extranjero (RNE) es:
 - a) temporario:
 - b) Permanente:
 - c) No tiene:
 18. ¿Si inmigró, cuál fue su primera impresión al llegar a Brasil?
-
-
-

19 ¿Si inmigró, cuál fue su primera impresión al llegar a la ciudad de São Paulo?
.....
.....

20 ¿Sus padres llegaron con la intención de quedarse en el Brasil?: Si No

21 ¿Vinieron por cuántos años?
.....

22 ¿Si se quedaron en el Brasil por más tiempo, porqué lo hicieron?
.....
.....

¿Ellos tenían parientes o amigos en el Brasil antes venir?: Si No

¿Vinieron otros parientes o amigos de su país después deUds.? Si No

¿Si inmigró, tuvo dificultades de adaptarse al clima?: Si No

¿Si inmigró, piensa que se adaptó bien al Brasil?
.....
.....

Con qué frecuencia conserva las costumbres alimenticias de su país: muy a menudo:
.....; a veces:; Nunca.

¿Le gusta la comida brasileña, si es sí, porqué; si es no, porqué?
.....
.....

¿Siente falta de algunos alimentos de su país?
.....
.....

¿Cuál fue su primera lengua que aprendió en casa?
.....
.....

¿Tuvo dificultad para aprender el portugués?
.....

Consigue escribir correctamente el portugués? Si Más o menos

No

¿Y consigue escribir correctamente el español? Si..... Más o menos.....

No.....

¿Cuánto tiempo demoró en:
comprender el portugués:
hablar el portugués:
escribir el portugués:

¿Cuánto tiempo demoró en:
comprender el español:
hablar el español:
escribir el español:

¿Cómo aprendió el portugués?
.....

Y ¿Cómo aprendió el español?
.....

¿Cuál es su actividad el final de semana?.....

 ¿Pertenece a una asociación o club?
 Si No
 ¿Qué tipo de asociación o club pertenece?.....

 ¿Y en esa asociación o club se relaciona más con:
 sus compatriotas:
 brasileños:
 de otras nacionalidades:
 ¿ Y, Quién le llevó a participar en aquella asociación o club?

 ¿Frecuenta habitualmente casa de amigos de qué nacionalidad?

 ¿Piensa que las costumbres brasileñas son muy diferentes que de su país de origen?

 ¿Cuáles?

 ¿A su parecer, qué costumbres brasileñas serían buenas conservar?

 ¿Y del país de sus padres?

 ¿A su parecer, qué costumbres brasileñas no son dignas de conservar?

 ¿Y del país de sus padres?

 ¿ En el futuro, que cultura pasaría para sus hijos, la cultura brasileña, o la cultura sus
 padres, o las dos?

 ¿Porqué?.....

 ¿Se interesa por la política interna del Brasil?
 Mucho: Más o menos: Poco:
 ¿Se interesa por la política interna de su país?
 Mucho: Más o menos:..... Poco:.....
 Nada.....
 ¿Discute esos problemas? Si No
 ¿ Toma parte de comicios o reuniones políticas? Si No
 ¿Se interesa por los problemas y condiciones sociales que sucede en Brasil?
 Si..... No

¿Se interesa por los problemas y condiciones sociales que sucede en el país de sus padres?

Si: No:.....

¿Qué problemas?

¿Le gusta estudiar sobre la historia brasileña?

¿Le gusta estudiar sobre la geografía brasileña?

¿Le interesa la cultura brasileña:

teatro:

folclore:.....

música:

Otros:

¿Frecuenta espectáculos? Si No ¿Cuáles?

¿ Si inmigró, siente que actualmente cambió su relacionamiento con los brasileños a comparación desde el momento que llegó?.....

¿ Si inmigró, tuvieron ayuda de alguna institución religiosa o social, para adaptarse a Brasil?.....

¿Por cuánto tiempo?.....

¿ De qué forma?.....

¿Qué sugerencias daría al respecto?.....

¿Piensa que debería existir más auxilio para los inmigrantes latinos recién llegados

¿Cuáles son las ventajas de la inmigración?.....

¿Y cuáles son las desventajas de la inmigración?

Describa con cinco adjetivos el país de sus padres:

Positivos:

Negativos:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Describa con cinco adjetivos Brasil:

Positivos:

Negativos:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Coloque tres ventajas de vivir en el país de sus padres:

.....

Dé tres desventajas de vivir en el país de su padres:

.....

y tres ventajas de vivir en Brasil:

.....

Dé tres desventajas de vivir en el Brasil:.....

.....

Cinco cualidades de amigos de nacionalidad de sus padres:

.....

.....

Cinco cualidades del amigo brasileño:.....

.....

.....

¿Volvería o iría a vivir en el país de sus padres? Si No

¿Porqué?.....

.....

.....

.....

En tu opinión hay preconceito en el Brasil de los inmigrante de países latino-americano?

.....

.....

.....

80. ¿Ud vivió alguna experiencia de preconceito? Si No

Cuáles.

.....

.....

81. ¿Por qué piensa que hay preconceito?

.....

.....

.....

82. Los jóvenes, hijos de padres inmigrantes son diferentes de los jóvenes brasileños, en qué?

.....

.....

.....

.....

83. Los jóvenes, hijos de padres inmigrantes son parecidos a los jóvenes brasileños, en Qué?

.....

.....

.....

-
84. Hay más preconceito de los adultos brasileños que de los jóvenes brasileños contra
Hijos de padres inmigrantes latino-americanos, como Ud?
-
-
-
85. Quiénes son más preconceituosos?
- Adultos brasileños son más preconceituosos:
- Jóvenes brasileños son más preconceituosos:
- Adultos y jóvenes brasileños son igualmente preconceituosos:
- No hay preconceito ni en adultos, ni en jóvenes brasileños:

CATEGORIZAÇÃO DA ESCALA DE ACULTURAÇÃO

1. Com relação à linguagem
 - A. Integração
 - B. Assimilação
 - C. Marginalização
 - D. Separação
2. Com relação às tradições culturais:
 - A. Integração
 - B. Assimilação
 - C. Marginalização
 - D. Separação
3. Com relação ao casamento:
 - A. Marginalização
 - B. Integração
 - C. Assimilação
 - E. Separação
4. Com relação às atividades sociais:
 - A. Integração
 - B. Assimilação
 - C. Marginalização
 - D. Separação
5. Com relação aos grupos musicais:
 - A. Integração
 - B. Assimilação
 - C. Marginalização
 - D. Separação
6. Com relação à amizade:
 - A. Integração
 - B. Assimilação
 - C. Marginalização
 - D. Separação
7. Com relação ao namoro:
 - A. Integração
 - B. Assimilação
 - C. Marginalização
 - D. Separação
8. Com relação às leituras:
 - A. Separação
 - B. Integração

- C. Assimilação
 - D. Marginalização
9. Com relação aos programas de televisão:
- A Integração
 - B. Assimilação
 - C. Marginalização
 - D. Separação
10. Com relação aos vídeos:
- A Marginalização
 - B. Separação
 - C. Integração
 - D. Assimilação
11. Com relação às notícias:
- A Separação
 - B. Integração
 - C. Assimilação
 - D. Marginalização
12. Com relação às correspondências:
- A Separação
 - B. Integração
 - C. Assimilação
 - D. Marginalização
13. Com relação às viagens:
- A Separação
 - B. Integração
 - C. Assimilação
 - D. Marginalização
14. Com relação aos jogos:
- A Separação
 - B. Integração
 - C. Assimilação
 - D. Marginalização
15. Com relação à linguagem com familiares:
- A Separação
 - B. Integração
 - C. Assimilação
 - D. Marginalização
16. Com relação à linguagem com amigos:
- A Integração

- B. Assimilação
- C. Marginalização
- D. Separação